

1027350

*Todos se apaixonam em*  
**HOLLYWOOD**

1027350

JOSIE  
BROWN



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

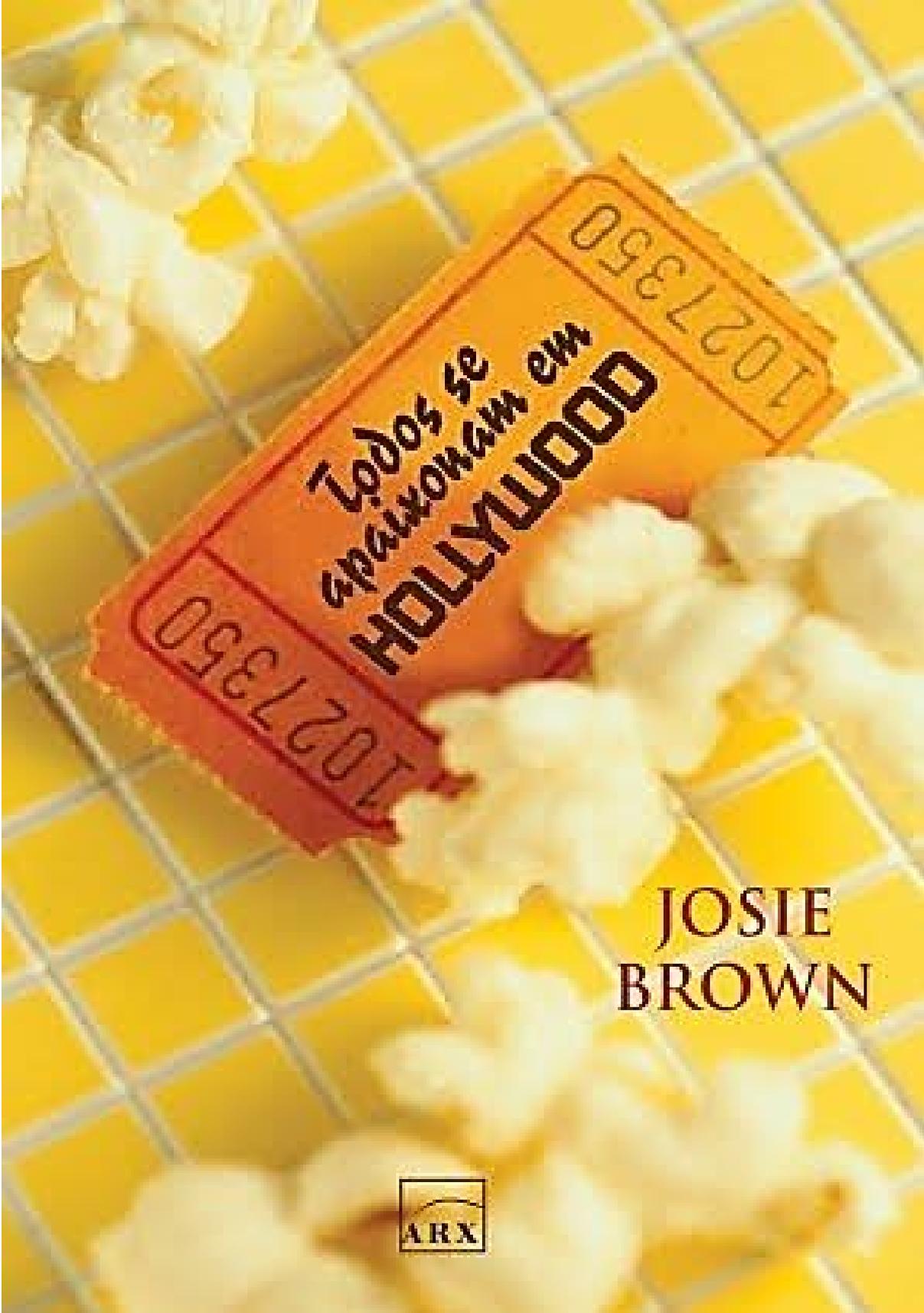
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



1027350  
Todos se apaixonam em  
HOLLYWOOD  
1027350

JOSIE  
BROWN





Todos se apaixonam em Hollywood

Josie Brown

# Sinopse

Ouvir mentiras em Hollywood é tão comum quanto encontrar estrelas consagradas pelas calçadas, e com Hannah não é nada diferente. Filha de um famoso ator, ela tem um dom especial para identificar as mentiras mais disfarçadas que ouve de quase todos os solteiros mais cobiçados da terra do cinema.

Até seu pai sofrer um ataque cardíaco e ela ter de deixar seus sonhos de estudar astronomia de lado para trabalhar como assistente pessoal de Louis Trollope, o astro do momento. Louis é tão egocêntrico e tão irresistível que Hannah precisa manter uma distância segura dele.

Para não se apaixonar, para não ser seduzida por seu charme, para não cair na tentação de ser mais uma a se deixar confundir pelo glamour das paixões de Hollywood.

Em menos de 72 horas, o mundo de Hannah desmorona: ela enterra o pai, a lenda do cinema Leo Fairchild; descobre que o namorado tem um caso com sua madrasta e é informada de que a herança que lhe permite dedicar-se à astronomia evaporou-se. Na terra do conto de fadas de Hollywood, Hannah está acostumada a circular em meio a estrelas como Jack Nicholson, Tom Cruise e Nicole Kidman, mas agora se vê obrigada a dar sua contribuição à indústria cinematográfica: consegue um emprego como assistente pessoal do mais novo galã impostado da Inglaterra, Louis Trollope.

Lançada de corpo e alma numa vida que nunca quis ter, em meio a suítes luxuosas, vôos internacionais, sessões de fotos para revistas de moda, paparazzi sedentos por escândalos e produtores viciados em cocaína, Hannah se dá conta de que as mentiras são ali a moeda de troca para o sucesso. E também que o amor só existe em filmes açucarados. Ou não?

Louis declara-se apaixonado por ela. Talentoso, egoísta e sedutor, ele lembra-lhe o pai - com algumas qualidades e todos os defeitos dele. Mas será que Hannah deve acreditar em Louis? Sobretudo depois de ela ter conhecido o roteirista Mick Bradshaw, um homem que parece - quase literalmente - caído do céu?

Unindo um retrato surpreendente de Hollywood com uma história de amor talhada para os tempos modernos, Josie Brown concebeu para este livro um enredo irresistível, ao mesmo tempo ácido e engraçado, realista e romântico, impossível de deixar de lado.



**Josie Brown** é jornalista, editora e autora de *Last Night I Dreamt of Cosmopolitans*, um bem-humorado dicionário sobre o mundo da moda, além de um guia de aconselhamento matrimonial que escreveu em parceria do marido. Josie mora na Califórnia.

*Para Martin,*

*a fonte de toda a minha inspiração e  
paixão.*

# Agradecimentos

A Helen Drake, que foi a primeira leitora deste livro e, desde sempre, sua mais ardente entusiasta. A Emily Kischel , cujos insights deram a Hannah sua mordacidade. A Bonnie e John Gray, Al yson Rusu, Angela e Tom Johnson, defensores inabaláveis desta história desde a primeira vez que a leram. Agradeço a todos por serem meus amigos queridos.

A Sharon Rusu e Guy Goodwin-Gil , minhas almas gêmeas na travessia, que gentilmente encontraram tempo em suas agendas lotadas para cuidar de minha gíria. Devo a vocês um excelente sauvignon cabernet de Sonoma. Entregue em mãos, é claro. Vamos nos encontrar em Ferney-Voltaire?

E a meus filhos, Austin e Anna, por seu amor constante e apoio fervoroso.

## *Órbita*

*A trajetória de um corpo em torno de outro devido à influência da gravidade.*

# PRIMEIRA PARTE

## Luminosidade

*Intensidade absoluta de luz.*

*A energia total irradiada no espaço, por segundo, por um objeto celestial como uma estrela.*

# Buraco Negro

Quando uma estrela consideravelmente maior do que o sol se exaurir de todo o combustível nuclear, sucumbirá para formar um buraco negro - "negro" porque luz alguma escapa a sua gravidade intensa.

Na Hollywood que você conhece, eis como o mundo termina: As calotas polares derretem.

Um meteoro atinge a Terra.

Ocorre uma invasão alienígena.

Na Hollywood que conheço, eis como meu mundo terminou: Enterrei o único homem que sempre amei: meu pai.

Descobri que meu namorado, com que estava fazendo dois anos, era um parasita mentiroso e infiel.

E o dinheiro que me tinha permitido ir atrás de minha única paixão - a astronomia - evaporara-se no ar rarefeito.

E tudo acontecera em menos de 72 horas.

Acho que devo começar do princípio. E, uma vez que esta história tem lugar na terra dos contos de fada, eu lhe apresentarei, primeiro, uma "versão

conto de fada", cortesia do jornal oficial de Hollywood, o Daily Variety:

## **MORRE O REI LEO**

Leo Fairchild, o mais carismático ator de cinema das últimas décadas do século XX, está morto.

Os comentários em Bel-Air são de que estava com sessenta e oito anos.

Fairchild não resistiu a um ataque cardíaco sofrido na noite da última terça-feira, em sua propriedade palaciana, Lion's Den — a Toca do Leão. A morte foi constatada à uma e cinquenta da manhã, no Cedars Sinai Medical Center, segundo o advogado do ator, Jasper Carlton. A quarta esposa de Fairchild, a ex-atriz Sybil a Lawson, e a filha, Hannah, estavam a seu lado. O corpo será velado hoje, e o público não terá acesso ao local.

— Leo Fairchild era um original autêntico — disse um consternado Jack Nicholson, com que Fairchild compartilhava cadeiras de pista nos jogos dos Los Angeles Lakers. - Tinha aquela alquimia mágica, indefinível, que convencia as platéias de que era seu herói, seu melhor amigo, aquele sujeito nobre que todos gostaríamos de ser... Leo X. Fairchild começou como ator infantil na década de 1940, trabalhando com diretores do calibre de William Wyler, John Hudton, Joseph L. Mankiewicz e Billy Wilder. Enquanto os holofortes da adoração se extinguem, com o tempo, para a maioria dos astros mirins, Fairchild — alto, louro e dono de uma beleza de feições másculas e queixo quadrado — atravessou a adolescência sem problemas, transformando-se em ídolo juvenil. Adulto, assumiu papéis que pareciam espelhar seu perfil de playboy e bom contador de piadas, pelos quais conquistou três Globos de Ouro e dois Oscar.

A estrela de Fairchild fulgurou na era autoral do cinema dos anos 1960 — quando protagonizou obras de François Truffaut, Bernardo Bertolucci, Francis Ford Coppola e Martin Scorsese — e continuou a brilhar no século XXI, sob a direção de cineastas como Quentin Tarantino, Spike Lee, John Woo e M. Night Shyamalan.

Fairchild deixa como legado uma grande influência sobre os atores mais jovens, alguns dos momentos mais memoráveis do cinema e - se os tablóides forem dignos de crédito - uma fileira de corações partidos... Tocante, de fato.

Mas não exatamente preciso — pelo menos, não na parte sobre como Leo morreu. Gostaria de fazer o correto, aqui e agora: Para começar, meu pai, Leo Fairchild, foi chamado para se encontrar com o Criador enquanto transava com a última paixão de sua vida - uma starlet de dezenove anos que fazia o papel de filha mais velha e estúpida em um seriado de humor da Disney Family Network — naquele lendário refúgio de celebridades, o Hotel Chateau Marmont.

O pessoal de lá conseguiu convencer os outros hóspedes de que os berros histéricos e agudíssimos que sua companheira emitiam eram, na verdade, os choramingos da cadelinha Minnie, de Sharon Osbourne, que — insistiu o staff — estava em uma suíte vizinha, em trabalho de parto sob a supervisão do mais renomado parteiro canino de Hollywood.

Depois para que se acalmassem, ofereceram aos hóspedes humanos uma suíte melhor, ou uma massagem completa, o que preferissem.

Ao agir assim, o staff manteve os hóspedes bisbilhoteiros ocupados enquanto a starlet — os guinchos abafados por goles tensos de um coquetel French 75 preparado por um perito — era rapidamente escamoteada da suíte de Leo, descia pela escada dos fundos e entrava em uma limusine Humvee.

Ao mesmo tempo, Leo era embalado e etiquetado pelo discreto pessoal do renomado Cemitério Hollywood Forever antes de dar seu último passeio em uma limo. (Há que se reconhecer esse mérito de Marmont: ninguém cuida da morte de uma celebridade como aqueles caras. Mais um exemplo de como a prática leva à perfeição). Em segundo lugar, é verdade que sua esposa atual, Synil a Lawson — uma ex-rainha da beleza que se considera atriz por conta de uma aparição em um filme para a TV nos anos 1990 —, estava na Toca do Leão, o palácio greco-romano de Leo, de tamanho obscuro, que ela insistira que fosse construído para os dois em Bel-Air. No entanto, considerando-se seu estado normal de inconsciência induzida pelos martinis, caso Leo tivesse realmente morrido ali, poderiam se passar outras dezesseis horas ou coisa assim até que ela, quem sabe, percebesse o que havia acontecido — e aqui vale um destaque para o "quem sabe", dada a propensão de Sybil a ficar em seus aposentos por dias sem fim e sua presunção de que quaisquer outros corpos prostados se encontrassem também sob os efeitos anestésicos de uma ultrajante ressaca.

E, para minha tristeza, eu também não estava ao lado de Leo. Com toda a franqueza, ele vinha me evitando descaradamente no último mês, com desculpas esfarrapadas deixadas em torpedos no celular por se esquivar de nossos jantares de quinta no Sunset Lounge. E, graças ao identificador de chamadas, podia ignorar meus recados consternados. Eu não conseguia imaginar o porquê disso, embora tivesse uma vaga idéia: Leo não sabia como me dizer que decidira passar para a frente o projeto que lhe fora levado por meu namorado, Jean-Claude, um produtor independente novato (embora amplamente financiado) de extração franco-germano-suíço-húngara.

Leo ficava alerta a qualquer homem/garotão que eu levasse para casa. Isso fazia sentido quando comecei a namorar. Afinal, como a maioria das

filhas, muitas vezes eu escolhia rapazes que eram os anti-Leos. Ao esgotar minha justa cota de indolentes, nerds e pseudo-intelectuais — nenhum dos quais ganhara mais do que um suspiro de escárnio de Leo —, "a ficha caiu" e passei a namorar atores de terceiro time: todos cidadãos bem-intencionados e batalhadores, mas, ainda assim, sujeitos os quais nunca seriam sequer coadjuvantes em um filme para a TV e no máximo representariam aqueles papéis que saem nos créditos como "Homem na loja de vídeo" em megaproduções que utilizam milhares de figurantes.

— Hannah, minha querida — dizia Leo, com um suspiro. — Se você for namorar alguém da Indústria, pelo menos encontre quem conquiste o direito de partilhar nosso legado.

**Tradução:** encontre um sujeito de quem Leo tenha orgulho de chamar seu genro.

Pensei que era o que estava fazendo quando comecei a namorar Jean-Claude: belo, saudável, europeu, formigando de vontade de se envolver na produção de filmes de pequeno orçamento, mas com conteúdo. No entanto, Leo julgou (embora não dissesse isso em muitas palavras) que Jean-Claude era outro traste europeu parasita em busca de um passeio grátis; que eu representaria a Lisa Marie para o Nick Cage de Jean-Claude.

Eu me negava a aceitar isso veementemente e me agarrava a Jean-Claude, com a convicção de que, algum dia, provaríamos que Leo estava errado.

Ironicamente, na noite em que Leo morreu, foi Jean-Claude quem me deu a notícia.

— Onde você está, Hannah? — perguntou, ríspido.

Fiquei aborrecida porque ele deveria saber a resposta: apenas três horas antes, cansado de ouvi-los se lamentar - ele e seus ex-amigos puxa-sacos com obscuro títulos de realeza e contas bancárias no vermelho - das mulheres esnobes de Los Angeles que passeavam pelo terraço da piscina no Skybar (especificamente, as damas que ignoravam suas cantadas), lembro-me bem de ter dito Jean-Claude que iria para o observatório Griffith com meu telescópio. Sempre que eu conseguia sair (o que, considerando a predileção de Jean-Claude por bares, significava cada noite da semana), ia à caça de planetas - isto é, procurar planetas não descobertos ao redor dos sóis de outras galáxias.

Meu presente alvo era a estrela-anã vermelha conhecida como UA Microscopium - ou "Mic", como a chamávamos -, que se movia pela galáxia atrás de sua estrela irmã, Beta-Pictoris, pela constelação de Saturno. Durante quase um ano eu passara cada noite ociosa grudada na ocular do telescópio, observando aquele retalho particular de céu de ébano e medindo cuidadosamente qualquer meneio ou vacilação que emanava de Mic, para provar que algum corpo celeste ainda sem nome - um novo planeta - estava, na verdade, a lhe fazer sombra.

Esse "hobby absurdo" (palavras de Jean-Claude, não minhas) era algo que ele me permitia com indulgência — particularmente se houvesse um atrativo para distraí-lo durante minha ausência.

Seu telefonema agitado pôs um fim àquilo tudo.

— É Leo — disse Jean-Claude, a voz sombria. - Acho que você deve vir pra cá o mais rápido possível.

— Para onde? O Skybar? — Eu estava confusa. Aquilo era um ponto de encontro de aspirantes a ser alguém, não um dos pubs que atores de fama, como Leo, frequentavam.

— Não... hum, na Toca do Leão — murmurou ele, em um tom alheio. — Olhe, não tenho tempo para explicar. Por favor... — engasgou —, venha já pra cá! — Então soltou um suspiro e desligou.

Eis como me dei conta de que meu pai tinha me deixado.

Não entrei no carro logo em seguida; em vez disso, continuei de olho em Mic. Parecia estremecer muito ligeiramente. Pelo menos foi o que imaginei. Por outro lado, em meio a todas as minhas lágrimas, era difícil dizer.

O velório de Leo foi realizado ao crepúsculo, no Crystal Garden do Beverly Hills Hotel. Os suaves raios do sol poente refletindo-se nas paredes de um rosa pálido do hotel proporcionavam um brilho saudável às feições das várias estrelas que compareceram.

Sem dúvida, isso foi muito apreciado.

Em consonância com as declarações de que Leo fora "uma ponte herdada do lendário fundador do teatro grego, Téspis, entre a era da Tela Prateada de Hollywood e uma época mais recente e mais crua na realização de filmes" (as palavras não são minhas, mas do Premiere), o comparecimento foi do tipo Quem é Quem em Hollywood: Barbara estava lá, (em seu clássico preto de Karan, é claro), assim como Nicole, Renée e Charlize (em trajes de luto providenciados por Prada, Lacroix e Marc Jacobs, respectivamente); os dois Toms (Hanks e Cruise); Nicholson, Pacino, De Niro, Scorsese, assim como os dois Stevens (Spielberg e Soderbergh), e ambos os Coen e os irmãos Farrel y. Também a vaguear por lá estavam cada ator em ascensão, gente do crime organizado, gângster/cantor de rap metido a ator, coelhinhas da Playboy, motoristas de limusine, garçons, gente que algum dia cruzara o caminho de Leo.

No púlpito, os elogios foram tocantes e numerosos. Cada um tinha uma história de "Leo".

Ambos os Toms se gabaram poeticamente por terem sido "descobertos" por Leo e falaram que o ter como mentor lhes mudara as vidas, enquanto Madonna soluçava, embora de olhos secos, "Ele foi como um pai para mim". (Claro, isso imediatamente deu credibilidade a antigos boatos de que os dois tinha sido mais do que "apenas bons amigos" no hiato romântico que houvera para ela entre Sean e Warren, no verão de 1989). A cabeça de todos meneou-se em um só compasso, a dar a impressão de que o "grand-père do cinema" (Newsweek) guiara, intimara ou forçara seu caminho até penetrar o coração de cada um que houvesse alguma vez pisado em um estúdio.

Ao aliviar a semicomatosa Sybil a da organização do funeral de Leo, eu ainda não me dera a oportunidade de admitir minha própria tristeza. No momento em que Warren e Gene começaram a relembrar uma embromação desastrosa de comportamento chocante que os três haviam tentado durante uma filmagem, na qual Leo fora mais uma vez o herói excêntrico, não pude me conter: deixei as lágrimas rolares livremente, junto com as de todos.

(Bem admitamos, a maioria dos olhos inchados na multidão provinha das muitas plásticas realizadas naquela semana. Mesmo assim, é o pensamento que conta). Depois de os últimos convidados se livrarem dos paparazzi e darem o fora em limusines requisitadas via controle remoto e os ditos paparazzi conseguirem seus instantâneos finais (inclusive alguns da discussão entre Sybil a e a diva juvenil da Disney, que Jean-Claude foi gentil o bastante para interromper), e após a exibição chorosa da Esposa nº Três, uma ex-diva de novela que demorou a sair (por ironia, assim que o câmara da CNN desligou seu equipamento), eu finalmente tive a chance de desabar de angústia.

Cambaleei para o chalé que fora alugado em conjunto com o Crystal Garden para recepção dos enlutados. A princípio, parecia que o pequeno, mas elegante espaço estava vazio. Ao acender a luz, percebi que não estava. Sybil a também resolvera buscar consolo ali. Eu sabia disso porque podia ouvir seus lamentos no quarto do chalé.

Suspirei. Eu não gostava daquela mulher. Enquanto tentou conquistar Leo, ela fora doentamente gentil comigo, como que para me ganhar como aliada naquela causa. Tinha minhas reservas quanto a ela, mas nunca as compartilhei com Leo, porque ele era adulto e deveria pensar com a própria cabeça com relação àquele assunto, com ou sem minha bênção.

Para meu desgosto, assim que se casaram, ela deu o melhor de si para impedir que ele e eu nos víssemos. Quando não conseguia, prontamente se escusava de nossas reuniões. Assim, para não se sentir sobrando, Jean-Claude fez questão de declinar dos encontros também, motivo pelo qual provavelmente nossos jantares de quinta eram tão agradáveis - isto é, até Jean-Claude fazer da missão de sua vida produzir o próximo filme de Leo, sendo esta a razão pela qual Leo tornara sua meta evitar as súplicas de Jean-Claude de todas as maneiras possíveis.

Por falar em Jean-Claude, pensei, onde estava ele? Os gemidos de Sybil a eram aflitivos. Desde o momento em que soubera da morte de Leo, Jean-Claude assumira para si a tarefa de oferecer o ombro para que ela chorasse, de maneira que eu realmente não podia culpá-lo por finalmente se safar dali.

Bati, hesitante, na porta do quarto. Nenhuma resposta. Tentei de novo, com um pouco mais de força. As convulsões de Sybil a só se tornaram mais altas.

Caramba, pensei. Acho que ela realmente amava Leo!

Foi onde me enganei. Abri a porta e, ao espiar o quarto, pude confirmar que, sim, Sybil a estava histérica de emoção - contudo, a emoção do tipo extasiado que só acontece quando se desfruta de sexo selvagem clandestino com alguém que faz de seu negócio tocar mulheres como se fossem violinos Stradivarius.

Aquele virtuose não era outro senão Jean-Claude.

Ambos me viram ao mesmo tempo. Foi como se nós três ficássemos suspensos em uma distorção de tempo e espaço. Então, em câmera lenta, o desejo em suas feições dissolveu-se em culpa. Mesmo assim, a expressão não era páreo para meu olhar de horror, tenho certeza.

Corri para a porta da frente, ignorando as súplicas de Jean-Claude, que lutava com as calças enroscadas nos pés. Ele me alcançou quanto eu destrancava a porta de meu carro.

— Hannah, por favor... — gaguejou. — Não é o que você está pensando!

— O quê, está maluco? — gritei. — Sei exatamente o que estava acontecendo ali.

— Eu estava apenas... consolando Sybil a! Não significou nada, juro!

— Pode não ter significado nada para você, mas ela com certeza estava se divertindo! Pode acreditar em mim, Jean-Claude, não foi representação. Sybil a não é tão boa atriz assim.

Ele concordou com um jeito resignado.

— Tudo bem, Hannah, você quer a verdade, terá: Sybil a e eu, nós nos amamos.

— Você... você o quê? Desde quanto?

— Não vou mentir pra você. Estamos apaixonados faz algum tempo. Estávamos apenas esperando... o momento certo para lhe contar.

— E para o Leo também? — cuspi as palavras.

Ele franziu a testa.

— Sim, íamos contar para os dois.

Eu não conseguia falar. Era como se algo tivesse arrancado a socos o ar de dentro de mim.

Finalmente, murmurei:

— Quando seria? Depois que ele terminasse seu filme?

Jean-Claude não respondeu.

— Bem, talvez quem sabe ele tivesse razão para não quere fazê-lo.

— Não tenha tanta certeza de que ela não o faria. Sybil a o convenceria.

Fechei os olhos por um momento diante da inferência: ela poderia convencer Leo a fazer algo de que eu não poderia.

— Na verdade, estávamos planejando para que fosse um meio de retorno para ela, também.

— Para Sybil a? — A ideia era tão absurdamente ridícula que ri, a despeito de minha raiva. — Ela não conseguiria atuar em uma propaganda barata! Casar com Leo a salvou de ter de se conformar com... com uma posição de apresentadora do canal de vendas pela TV!

— Você é cruel, Hannah. — Dizendo isso, ele se virou e voltou para o chalé.

Eu queria chamá-lo — não sei, acho que queria xingá-lo, maldizer os dois... ou, quem sabe, perguntar a ele o que eu fizera de errado para merecer aquilo.

Em vez disso, entrei em meu carro e lutei para colocar a chave na ignição, o que não consegui, vencida pela tremedeira em minhas mãos. Fiquei sentada ali, em silêncio, olhando as imponentes palmeiras espalhadas pelo gramado do hotel farfalhando com a brisa suave que soprava do oceano.

Meu celular tocou. O identificador de chamadas mostrou que era Jean-Claude. Um calafrio de esperança me percorreu. Quem sabe tenha sido apenas um mal-entendido, um pesadelo... Talvez ele tenha percebido o quanto me magoou, o quanto signífico para ela. Quem sabe... Atendi.

— Hannah, querida... Sybil a.

Quase deixei cair o telefone.

— O que você quer, sua cadela conivente?

— Só avisá-la — ronronou ela. — O testamento será lido amanhã, e se eu fosse você não causaria nenhum problema.

— Não me ameace, sua madrasta vagabunda de segundo time que só quer trepar.

— Puxa. Isso fere... você, caríssima, e amanhã vai descobrir exatamente o que quero dizer.

Desligou.

Era minha vez de chorar, e foi o que fiz: alto, com raiva, e só porque sabia que o coro dos dispositivos de irrigação distribuídos pelo gramado cor de esmeralda do hotel abafava meus soluços.

Os telefonemas de pêsames chegaram a noite inteira. Não importava de quem fossem - um dos muitos amigos de meu pai, conhecidos, inimigos, ex-esposas, antigas namoradas, namoradas recentes *etc.* - começavam do mesmo jeito: perguntando-me se havia qualquer coisa, qualquer coisa que pudessem fazer por mim... Muito, muito gentil.

Em questão de uma frase ou duas, contudo, ao se recordaram de quando tinham conhecido Leo, engasgavam. Depois a fungação começava, ponto em que os papéis se invertiam e era eu que passava a consolar quem ligara: "Tudo bem, Matt..."(ou Brad, ou Tobey, ou Meryl, ou Sharon, ou quem quer que fosse). "Oh, eu sei, eu sei. Ele era o maior. Sempre adorou você, também. Sim, falava de você o tempo todo... Sim, eu sei, ele era como um pai para você, também. Acho que podemos nos consolar com o fato de que, Leo sendo Leo, deve estar encantando uma multidão diferente agora..." Ou algo com esse efeito.

Em algum momento entre o segundo e o sétimo telefonema, abri uma garrafa de Château Lynch-Bages 2000 Paul ac (a regra básica de Leo: um bom anfitrião mantém em seu bar pelo menos uma garrafa de vinho de 100 dólares) e me permiti tomar um gole antes de atender a cada chamada que se seguiu.

O último telefonema veio por volta de dez horas da noite. A essa altura, a garrafa se fora fazia tempo e eu não mais me sentia na obrigação de atuar como a linha direta de Madre Teresa.

Portanto, deixei tocar. Finalmente me resignei ao fato e atendi.

— Hannah, fico contente de que esteja em casa. É Jasper.

Jasper Carlton é — era — o advogado de Leo. Também é o terceiro e único Carlton do venerável escritório de velhos advogados de Beverly Hills, o Franklin, Carlton, Gregory, Churchil, Carlton e Carlton, que ainda está vivo e

respirando. Como tal, em Hollywood, sua representação é como um patrimônio valioso, semelhante a comprar mil ações de Microsoft em 1982; em outras palavras, de ouro.

Senti uma imensa onda de alívio. Eu não sabia o que Sybil a tinha na manga, mas, o que quer que fosse, se havia alguém que poderia deslanchar um contra-ataque bem-sucedido, era certamente Jasper.

Havia outra razão para eu ficar contente em ouvir sua voz do outro lado da linha: eu ainda não tivera a oportunidade de agradecer Jasper por sua inabalável lealdade para com Leo durante todos aqueles anos, a despeito do comportamento errante de meu pai, incluindo os conflitos agora lendários com os chefes de estúdio, as questões públicas, o roubo fraudulento de propriedades pelas quatro esposas, seus inúmeros casos, até mesmo aquele que levava ao nascimento da "única, muito amada e incomparável filha" (meu mais infeliz apelido, cortesia da revista Star) com a única mulher com quem ele não se casara, Journey Sterling.

De muitas maneiras, Jasper não era o típico advogado de Beverly Hills, embora não fosse isso que suas roupas elegantes dissessem. Seus ternos podiam ser de Brioni (sua única concessão a uma base de clientes potenciais considerada moderna e avançada), mas seu coração era muito mais o clássico Brooks Brothers, e o demonstrava na formalidade e na honestidade com que tratava seus clientes.

— Jasper, estou feliz que tenha ligado - murmurei, minha voz falhando.  
— Mais do que qualquer um, você sempre esteve ao lado de Leo, e agradeço por isso.

Obviamente emocionado com minhas palavras gentis, Jasper suspirou.

— Não seja tão apressada em me agradecer, menina.

— Do que está falando?

— Cerca de dezoito meses atrás, quando você começou a namorar aquele sujeito francês... — Jean-Claude?

— Sim, esse camarada. Eu o vi no funeral hoje.

Ri, de um jeito desagradável.

— Bem, não precisa mais se preocupar com ele, Jasper.

— Eu sei — respondeu ele, enfático.

Fiquei vermelha como um pimentão, contente por Jasper não poder me ver pelo telefone.

— Como?

— Chegarei lá. Como comecei a dizer, cerca de uma ano e meio atrás Leo me procurou. Para mudar o testamento.

— Não entendi.

— Aparentemente, estava aborrecido, achava que esse rapaz estava tentando tirar vantagem de você. Sentia que para protegê-la, deveria fazer algumas mudanças em seu fundo de investimento.

— Que... que tipo de mudanças? — De repente, fiquei gelada. Sentei e me afundei na cadeira.

Graças a Deus havia uma cadeira atrás de mim.

— Seu fundo de investimento deveria continuar apenas até a morte dele.  
— Jasper deixou as coisas plenamente claras.

Eu não sabia o que dizer. Não sabia que Leo sentia uma aversão tão profunda por Jean-Claude.

Na verdade, eu presumira que tínhamos removido quaisquer que fossem os obstáculos que se postavam entre os dois homens em minha vida. Obviamente, estava errada.

E, mais uma vez, Leo compreendera a situação direito.

Jasper continuou.

— Bem, na semana passada, ele veio até meu escritório de novo, pedindo que eu fizesse a minuta de um novo testamento. Neste, você seria incluída de novo. Sybil a seria cortada.

— Acho que sei por quê... — murmurei.

— Sim, posso imaginar. Nem Sybil a nem Jean-Claude parecem ter uma grama de discrição nos corpos.

Então, Leo tinha descoberto! Baixei a cabeça, envergonhada de minha própria estupidez.

— Contudo, Hannah, ele nunca apareceu para assiná-lo.

— O quê? O que isso significa?

— Por enquanto, significa exatamente que a atual sra. Leo Fairchild herdará todas as suas propriedades. Mas você teria todo o direito de contestar esse testamento.

— Não consigo nem pensar sobre isso agora, Jasper. É... é tão prematuro.

— Eu sei, menina. Eu só queria que você estivesse ciente da verdadeira situação, antes que o testamento seja lido amanhã.

— Então era isso o que ela queria dizer... — Quem?

— Sybil a. Eu... eu descobri sobre os dois hoje, quero dizer, sobre ela e Jean-Claude. Ela me disse para eu não "causar problemas", caso contrário me arrependeria.

— Soa como se ela soubesse que terá de aceitar um acordo de algum tipo — retrucou ele, pensativo. — Mesmo assim, penso que, diante das circunstâncias, teremos de agir depressa.

Pedirei ao tribunal para bloquear qualquer que seja o patrimônio que exista. Porém, da maneira como sua madrasta vem gastando, poderá não haver muita coisa quando tudo estiver concluído. O que nos leva a uma questão muito importante: a quantas anda você em matéria de dinheiro?

Sorri um sorriso amarelo.

— Meu aluguel está pago pelo mês, mas sobram uns restos magros depois disso.

Não mencionei que recentemente eu gastara de maneira extravagante com meu novo conversível Beetle, com todos os acessórios mais irrelevantes, juntos com um guarda-roupa de verão de Fred Segal para combinar; ou que ainda estava pagando os 4 mil dólares emprestados para comprar meu telescópio, as lentes, o tripé e outras parafernálias para observar os astros.

— Não tenho sido exatamente muito frugal, acho. E você sabe que não conto com um emprego. Estava me concentrando em minha caçada a planeta.

Jasper pigarreou, o que interpretei como querendo dizer que ele enxergava meu projeto de astronomia como apenas mais um exemplo de trabalho desmiolado que enchia o tempo daquelas crianças privilegiadas para quem os pais constituíam fundos de investimento quando nasciam.

— Sabe digitar.

— Claro, devagar, com meus indicadores.

Seu silêncio falou como se tivesse mil decibéis.

— Vejo a mim mesma mais como uma pessoa sociável. — Reverti a bobagem com brilhantismo. — Você sabe, receber os melhores. E sou ótima com detalhes.

— Eu sei. Passou com louvor ao planejar o funeral de Leo. Não posso nem mesmo imaginar como as coisas teriam saído se aquela sua madrasta de miolo mole tivesse assumido as rédeas.

Sabe, Hannah, sempre senti que você era a única coisa na vida de Leo que o deixava orgulhoso.

Era sua âncora, quisesse ele admitir ou não isso para si mesmo.

Um nó se formou em minha garganta. As palavras gentis de Jasper fizeram-me ao mesmo tempo feliz e triste, ao pensar em Leo.

— Então, o que tem em mente, Jasper?

— Arranjei um novo cliente que precisa de alguma ajuda. Não se preocupe, não é um monte de trabalho de escritório. A empresária que tem pode se arranjar para lidar com esse tipo de coisa.

Em silêncio, esperei pelo golpe.

— O que ele precisa é de alguém que estabeleça links. Sabe como é, que possa sair para fazer coisas para ele, ajudá-lo a passar o texto, estar no set com ele para certificar-se de que terá tudo que precisa... — Quer que eu seja babá de um ator?

— Bem, sim, de certa forma. Seria sua assistente pessoal.

Não pude deixar de rir.

— Está falando sério?

— Francamente, sim, estou. É Louis Trollope. Aquele que chamam de o novo ladrão de corações britânico. É um Hugh Grant jovem, mas com uma pitada de Colin Farel .

— Colin é irlandês.

— Isso não interessa agora, minha cara. O que estou tentando deixar claro é que Louis é uma boa aposta agora, neste exato momento; o sonho erótico do mês. E você seria perfeita para a posição: não ficaria embasbacada, compreenderia a importância da discrição, não ficaria intimidada... — Concordo em gênero, número e grau. - Minha mente parecia reluzir em flashes, reproduzindo todas as disputas aos berros que tivera com Leo. Na maioria dos casos, eu aguentara o tranco, firme, para tristeza dele. Claro, essas ocasiões geralmente terminavam comigo a me esconder em um banheiro, a vomitar minhas tendências reprimidas de fugir, a me esconder e a chorar até dormir por causa de nossa teimosia que sempre se chocava uma com a outra.

— E — continuou Jasper — você já está familiarizada com atores e suas... bem, vamos chamar de suas "idiossincrasias".

— Não sei se isso é um elogio ou um tapa na cara.

— Nenhum dos dois. É apenas um fato de sua vida. Portanto, por que não capitalizá-lo?

Entendi seu ponto de vista, mas não gostei exatamente da coisa.

Certo, eu poderia lidar com fosse o que fosse que um ator em ascensão pudesse jogar em mim; se Leo não tivesse me dado nada mais, dera-me um lugar seletivo entre a notoriedade de alto perfil. Mas isso fora um inferno em vida. Agora que estava livre do fardo, por que haveria de querer reviver a história com uma cópia de papelão de Leo?

Não estava desesperada assim. Pelo menos, esperava que não.

Deixei escapar um suspiro alto. Aquela fora uma semana extenuante, e eu estava louca para que acabasse.

— Não sei, Jasper. Realmente não acho que eu seja talhada para isso. Mas obrigada por pensar em mim. — Minha falta de sinceridade era palpável, tenho certeza.

— Compreendo, minha cara, tenha certeza de que compreendo. Mas o dinheiro é decente, 6

mil por mês, e não será para sempre, apenas pelo tempo necessário para os bens de Leo serem liberados. Mais do que qualquer outra coisa, o tititi a respeito desse rapaz poderia ajudá-la a manter a cabeça ocupada. E ele não é um tipo ruim. Pelo menos, ainda não. Você poderia se divertir, na verdade. - Fez uma pausa. - Tire um dia ou dois para pensar no assunto.

Se mudar de idéia, telefone para Svetlana em meu escritório, e ela passará por e-mail exatamente o que você precisa saber sobre o emprego. Enquanto isso, farei o que puder para manter a viúva de Leo a distância.

— Você é muito amável por se preocupar comigo, Jasper. Mas não nutra esperanças. - Com isso, eu disse "até logo".

E tirei a tomada do telefone da parede, em protesto.

Então rumei para meu telescópio. Ao espiar pelas lentes, de repente me dei conta de que estava atordoada demais para ficar em pé e, assim, cambaleei para a cama.

**A boa notícia:** se tivesse ficado bêbada, pelo menos acontecera com uma garrafa de 100 dólares de tinto.

**A má:** fora, provavelmente, a última garrafa de vinho cara que eu bebera.

Eis aqui a parte em que você vai se inteirar de minha história pregressa.

Deixe-me começar dizendo que não é fácil ser uma criança para quem os pais fazem fundo de investimento. Primeiro de tudo, todos presumem que você é preguiçosa porque não tem que trabalhar para conseguir o dinheiro do aluguel.

Na maioria dos casos, isso é muito inverídico. Muitos de nós trabalhamos! A diferença é que normalmente trabalhamos em algo que não está atrelado a um salário. Quero dizer, muitas das crianças bem-nascidas são atores, artistas ou músicos batalhadores.

E uma porção de nós ocupa-se com coisas de caridade (em outras palavras, aqueles que não precisam trabalham de graça; são voluntários). Minha forma de contribuição é pesquisar em astronomia para a Universidade da Califórnia em Los Angeles, a UCLA: faço o mapeamento das estrelas recentes que são encontrados no centro da galáxia. Por ser voluntária, presume-se inicialmente que eu seja uma santa — isto é, até que as pessoas descubram que sou a filha de Leo Fairchild e mudem de idéia com base em outra presunção: a de que sou estúpida demais para usar minhas conexões familiares ou mercadejar meu nome ilustre para conseguir um emprego de verdade.

Bem, estão enganados. Não sou estúpida demais. Sou teimosa demais.

Talvez seja porque sempre senti que meu nascimento foi, na verdade, um acidente, o resultado de haxixe demais e camisinha defeituosa compartilhados por um homem com idade suficiente para não se meter em uma dessas (Leo estava com quarenta e dois, na ocasião) e uma garota jovem o bastante para ser sua filha - Journey, minha mãe, que tinha apenas dezenove.

Devo admitir que quando ele soube que seria papai, orgulhoso, tentou fazer a coisa certa. Na época, estava "entre esposas" (número Um e Dois), portanto, por quê não?

Mas, ora, era fim dos anos 1970, e uma cantilena murmurada em um bosque de sequóias do Monte Tam, ao pôr-do-sol, em frente a um bando de acólitos de pedra não fazia uma união — pelo menos essa foi a conclusão a que Leo chegou antes de meu primeiro aniversário. Assim, ele ofereceu a Journey sua liberdade ("Não era nosso carma, querida"), junto com uma generosa pensão para mim.

Ele acertadamente deduzira que minha mãe não era do tipo de "criar casos" na Justiça. Partiu de Los Angeles para a Califórnia do Norte sem olhar para trás. Na verdade, não teve estômago para aturar a cidade: seu colar de contas coloridas de hippie e seus valores da Nova Era destoavam da verdadeira Hollywood: a de mentiras, duplos sentidos e falsidade traiçoeira nos negócios.

Além disso, o olhar errante de Leo o magoava - mais do que o repúdio insensível à união dos dois.

Durante os primeiros dezesseis anos de minha vida, vivi com Journey em um pequeno barco que servia de casa, ancorado junto à beira-mar de Sausalito, um enclave pseudo-boêmio que acolhia os espíritos livres de braços abertos. Para uma criança, era um verdadeiro parque de diversões: nossos lares — feitos de qualquer coisa que conseguisse flutuar, desde rebocadores a barcaças

abandonadas — ficavam ancorados tão próximos que podíamos brincar de pega-pega saltando de um barco para outro.

Gostávamos que nossos pais fossem, durante a maior parte do tempo, crianças grandes também: artistas, músicos, escritores, poetas e ativistas que não tinham vínculos com horários de trabalho ou prazos de entrega, que riavam do conformismo e se desviavam das respostas da corrente principal de pensamento em favor de quaisquer e todas as alternativas.

Havia um senão, contudo: ao encorajar nosso próprio senso de liberdade, aventura e experimentação, esperavam que aceitássemos de todo o coração a recíproca por parte deles, também.

Quando entrei na adolescência, percebi que isso se tornava cada vez mais difícil para mim.

Para Journey, eu não era simplesmente sua filha, mas sua alma gêmea, amiga e confidente.

Havia a expectativa de que eu sempre estivesse ali: esmolando a seu lado no terminal de ferry quando os passageiros iam trabalhar no distrito financeiro de São Francisco ou vendendo, no Mercado de Pulgas de Marin City, o artesanato que ela fazia — velas mal-acabadas, pedras pintadas e brim transformado em bolsas — quando a pensão de Leo acabava, o que acontecia com muita frequência, particularmente depois de algumas das infames festas no barco, ocasiões em que a névoa espessa que subia da panela fazia pouco para obscurecer o acasalamento de esposos errantes ou outros amantes.

Quando fiz treze anos e perguntei a Journey se poderia juntar-se a ela em umas tragadas de maconha, ela fez um drama importante com meu pedido, insistindo em que promovêssemos um "bar mitzvah conjunto" para celebrar a

ocasião. Tudo de que me lembro foi como me senti doente depois e de como Journey estava chumbada demais para acordar e me conformar.

Em meu aniversário de quinze anos, eu estava de saco cheio desse estilo de vida. Tinha, agora, sede de saber mais sobre como os outros viviam — especificamente, sobre Leo, além daquilo que eu absorvera de seus antigos filmes, de recortes de jornais e de nossas poucas conversas de pai-e-filha em minhas visitas ocasionais a suas muitas casas no Sul.

Durante toda a minha vida eu tomara conta de Journey. Agora, queria que alguém tomasse conta de mim.

Ela não se mostrou tão aberta assim sobre minha intenção de viver com Leo, pelo menos antes que eu completasse dezoito anos.

— A despeito de ser um cabeça-de-bosta, ele é seu pai. Mas, mesmo assim... — Sei de tudo isso. Mas é também metade de quem eu sou. Eu não deveria dar a ele uma oportunidade de ser algo diferente, pelo menos para mim?

Nenhuma de nós imaginou que pudesse "nevar no inverno" ou que ele concordasse com meus planos. Quero dizer, quem gostaria de ter uma adolescente desajeitada, cheia de espinhas, com dentes desalinhados e cabelos de cão terrier perambulando pela casa? Principalmente quando a idade média de seu rebanho de namoradas peitudas, bronzeadas e louras era de vinte três anos - jovens o bastante para trocar roupas, CDs e segredos com a filha.

Uma pena teria sido capaz de derrubar tanto a Journey como a mim quando recebi um recado da assistente de Leo, Tammy: "Venha para Los Angeles". Journey comprou minha passagem para o sudoeste no dia seguinte.

A manhã em que voei de São Francisco estava fria e nublada. Uma hora depois, eu saltava de avião para o sol brilhante, meus olhos piscando para se adaptar à claridade enquanto eu entrava na limusine que Leo mandara para me apanhar. Sentia-me como uma borboleta libertando-se da crisálida.

Essa adaptação demorou três anos, e Leo fez dela uma experiência verdadeiramente reveladora: não apenas fiquei versada em escolher vinhos finos, amarrar uma gravata-borboleta e distinguir um belo script de uma porcaria como também aprendi a mentir com a expressão franca — para seu agente, seu último diretor, a imprensa, os chefes de estúdio e, mais importante, para as várias namoradas que ele sempre arranjava.

Leo ficou maravilhado.

— Doçura, você é farinha do mesmo saco: tal pai, tal filha. Uma mentirosa nata!

Embora seus elogios parecessem mais sinceros do que com duplo significado, não eram, de fato.

Também aprendi que eu, da mesma forma, não estava imune à duplicidade de Leo, que normalmente se manifestava quando eu mais precisava dele. Minha febre de 40 graus e a infecção causada por estreptococos na garganta não o impediram de ir ao jogo dos Lakers, embora ele tivesse proclamado que estava obrigado a "ficar até tarde no set" e mandado Tammy me levar ao hospital em seu lugar. (Ali estava eu, em meu leito de enferma, trocando de canais com o controle remoto, quando passei pelo Canal 9 no momento em que a câmera dava uma panorâmica na torcida do Lakers. E lá estava Leo, em sua cadeira de pista, bem perto de Jack). E, no meu décimo sétimo aniversário, ele perdeu a festa porque estava "em locação"

— em Palm Spring, eu soube mais tarde, com a mulher que em breve seria sua terceira esposa, a estrela de novelas.

E houve a ocasião em que ele surgiu na festa em meu apartamento depois de minha formatura no colégio, sumiu por uma hora e então reapareceu anunciando que tinha de ir embora porque precisava encontrar seu agente e um produtor no estacionamento da Fox. ao trocar meu maiô no vestiário da piscina, umas duas horas mais tarde, ouvi sem querer duas, digamos assim, "namoradas amigas minhas" compararem a performance sexual de Leo na banheira do condomínio.

A partir daí, passei a encarar com ceticismo tudo o que ele me dizia — o que não era fácil para nenhum dos envolvidos: Leo não estava acostumado a que os outros percebessem seus blefes, e eu estava acostumado a que os outros percebessem seus blefes, e eu estava magoada demais para me dar conta de que minhas inquirições enfáticas apenas exacerbavam o problema entre nós.

Em certo grau, mudar-me de sua casa ajudara nosso relacionamento. Ele era muito mais fácil de amar a distância — e bem mais tolerável quando nos encontrávamos.

Também descobri outra maneira de afogar minhas tristezas: embora não conseguisse acreditar que uma mulher gostasse de mim mesmo, independentemente de minha proximidade com Leo, eu sempre poderia contar com a atenção afetuosa das vendedoras da Rodeo Drive e da Melrose Avenue. Trate-me com amor, ame meu cartão de crédito — Leo pagava tudo —, esse era meu lema. Ambos aceitávamos o fato como uma relutante punição pela ausência paterna.

Minha tábua de salvação: a astronomia, que eu descobrira em um curso de extensão na UCLA.

Olhar para o céu de cobalto, observando milhares de minúsculos pontos brancos, e tomar ciência de que aqueles outros mundos estavam a milhões de anos-luz de distância, muito além de nosso alcance, colocava a fragilidade de nossa humanidade — e até a de Leo — de volta a uma perspectiva, para mim. Eis por que eu passava horas debruçada sobre o telescópio, na esperança de descobrir algo realmente espetacular.

Leo se deu conta disso. Certa vez me surpreendeu, ao me seguir a uma das plataformas de visualização do lado de fora do observatório. Eu estava tão concentrada em uma chuva de estrelas que não o ouvi chegar por trás de mim. E ele ficou ali, parado, observando-me em silêncio até que ergui os olhos.

Seria uma declaração no mínimo modesta dizer que meu pai tinha jeito com as palavras. Dita por ele, uma frase como "Passe o sal, por favor" ou outras frases mundanas em seus filmes.

Para mim, ele disse, simplesmente: — Você ensina a suas filhas os diâmetros dos planetas e fica admirado quando se dá conta de que elas não apreciam sua companhia.

— É lindo — gaguejei, ainda surpresa em vê-lo.

— Samuel Johnson disse isso. — Ele me deu um beijo na face e espiou pelo telescópio.

Foi a única vez em minha vida que senti que meu pai me compreendia absoluta e completamente.

Em seguida, ele se foi, tão inatingível para mim como qualquer supernova movendo-se pelo cosmo.

E ali estava eu, sozinha no planeta Terra, com aluguel atrasado, um pagamento do carro a fazer, a penhora iminente de meu telescópio e uma

enorme conta de Fred Segal prestes a aterrissar em minha caixa de correspondências.

Para não mencionar uma ação judicial em andamento.

Eu resistira às dificuldades com Leo e sobrevivera. Cuidar de Louis Trollope poderia ser assim tão ruim?

## Supernova

*Raro fenômeno celeste que envolve a explosão da maior parte do material de uma estrela, resultando em um objeto extremamente brilhante, de vida breve, que emite imensa quantidade de energia.*

O tribunal demorou exatas duas semanas para bloquear os bens de Leo de modo que o testamento em disputa pudesse ser revisado pelos seis meses seguintes (quisesse Deus que fosse só isso).

Contudo, levou menos de vinte e quatro horas para Sybil a realocar cerca de um quinto do patrimônio — o dinheiro escondido de Leo, as jóias de família e vários itens de menor valor guardados em cofre — para sua própria Neverland, uma Terra do Nunca particular, de onde nunca ressurgiriam outra vez.

No sétimo dia, levantei-me, recobrei o bom senso e aceitei a sugestão de Jasper.

Ora, convenhamos, antes tarde do que nunca.

Por solicitação minha, a Svetlana de Jasper marcou a entrevista com Louis Trollope naquela tarde, às quatro e meia em ponto, e depois mandou por um mensageiro a descrição formal do trabalho. Enviou também uma coleção de

artigos sobre Louis, assim como um pequeno recado de Jasper — uma citação que ele, obviamente, julgava que poderia me ajudar a colocar minha situação em perspectiva: *Se você deparar com uma parede, não dê as coitas e desista. Imagine como escalá-la, atravessá-la ou contorná-la.*

*Michael Jordan*

A primeira coisa que me passou pela cabeça foi perguntar a mim mesma se Michael Jordan seria cliente do escritório de Jasper, mas logo descartei essa idéia: não era do estilo de Jasper entusiasmar-se como uma líder de torcida pela palavras inspiradoras de um cliente-marca.

Mas se o recado tivesse partido do agente de Leo, Randy Zimmerman, da ICA (a International Creative Agency), eu não teria tido qualquer dúvida de que esse fosse o caso. Um par de tênis Nike, do meu número, teria vindo junto, acompanhado de um pedido lascivo para me observar experimentando-os sem qualquer outro traje.

Isso porque Randy era um porco completo. Nas muitas ocasiões em que falara disso com Leo, ele me respondera parafraseando seu presidente favorito, Franklin Delano Roosevelt (e, nem é preciso dizer, reforçando o sotaque): "Pode ser um porco, mas é meu porco".

De qualquer maneira, em Hollywood, a capacidade de negociar contratos de 20 milhões de dólares lhe confere esse tipo de lealdade.

A descrição das atividades de um assistente pessoal era claramente redigida por uma empresa de colocação especializada nesse tipo de trabalho, com pré-requisitos suficientemente assustadores para intimidar um candidato desqualificado, mas nebulosos o bastante para atizar uma pessoa ambiciosa e realmente capaz de lambar as botas de outra. Km parte, lia-se:

**ASSISTENTE PESSOAL:** *Procura-se candidato excepcional que possa aprimorar o estilo de vida e os objetivos criativos de nosso cliente. Deve ser responsável, flexível, um excelente solucionador de problemas, ter uma forte ética de trabalho e pautar-se pela honestidade. É essencial a capacidade de manter o mais alto nível de confidencialidade em todos os momentos. Será requisitado vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. As responsabilidades abarcarão uma ampla gama de deveres, enquanto supervisiona as questões complexas do estilo de vida de nosso cliente. O candidato precisa possuir a capacidade de lidar com obrigações múltiplas e, ao mesmo tempo, concentrar-se em cada uma delas. Se você é um excelente planejador com forte habilidade para a resolução de problemas e se sai bem em um ambiente dinâmico, então pode ser um grande patrimônio para este artista criativo. Contudo, deve estar preparado para enfrentar imprevistos.*

O que queria dizer aquilo? Que eu deveria ser treinada por algum grupo de operações especiais da polícia?

*Deve também dominar as regras de etiqueta no trato com pessoas dos círculos pessoal e profissional de nosso cliente — experiência em etiqueta europeia é um plus. Será responsável por todos os detalhes que permitam a nosso cliente se concentrar em suas atividades, a tempo e sem erros, e assegurem que suas necessidades criativas e pessoais sejam atendidas. Deve sentir-se confortável em trabalhar fora de casa, em área exclusiva de Hollywood. As atribuições incluem telefonemas, navegação na internet, planejamento de viagens e organização geral. Deve ter transporte seguro e habilitação de motorista. Disposição para viagens, conhecimento de cozinha light e de tarefas administrativas. É desejável possuir alguma experiência em treinamento pessoal e em design de interiores... Havia mais, a se estender quase tanto como o código de impostos dos Estados Unidos, mas não me importei com o resto. Basta dizer que uma combinação de Madre Teresa, Miss Elegância e Mary Poppins seria uma candidata perfeita — talvez.*

Quem era aquele cara, afinal? O papa?

E Jasper pensava que aquilo ali se encaixava com minhas habilidades? Valia a pena ir à entrevista só para provar que estava errado.

Minha entrevista com Louis Trollope aconteceria na casa dele, que ficava nas colinas de Hollywood.

Subi em ziguezague meu caminho pela Mulholland Drive e depois virei para o norte no Laurel Canyon Boulevard. Ia mais depressa do que deveria, mas só porque a casa era muito longe e meu Beetle estava andando só com o cheiro da gasolina. O sol de inverno já se punha e eu queria chegar lá e voltar o mais depressa possível, raciocinando que seria melhor descer a colina no embalo, ao entardecer, do que na escuridão.

As direções indicadas por Svetlana terminavam em uma pequena alameda sem saída à direita do cânion. Um portão alto de madeira bloqueava a entrada. Era uma residência típica de ator solteiro: um chalé de alvenaria caindo aos pedaços, com teto de telhas espanholas, escondido no fundo de um bosque de medronheiros e dominado por buganvílias. E, embora não parecesse mais do que adequada no quesito conforto, recebia pontos excepcionalmente altos pela vista de tirar o fôlego da cidade e do oceano além.

Apertei o interfone de segurança três vezes antes de conseguir uma resposta: alguma coisa trancada soou, mas terminava com "... amor".

— Perdão? — A última coisa que eu esperava era uma expressão de afeto. Rezei para que ele pudesse me ouvir melhor do que eu o escutava.

— Merda! — veio a resposta. A princípio, eu não sabia o que pensar. Minha pergunta o teria ofendido, de alguma forma? Ou ele tinha algum transtorno bipolar? Aquilo era alguma pré-

estréia de seu comportamento? — Sinto muito, amor, não quis dizer isso a você — continuou a voz. — De alguma forma eu... eu desliguei meu celular por engano. Porcaria! Por favor, suba.

Estacione em qualquer lugar.

— Tudo bem. — O Beetle estava em ponto morto e era de supor que conservasse seus últimos vapores de combustível. Esperei até que o portão se abrisse o suficiente para que o Beetle se espremesse e rastejasse em direção à casa.

Na garagem, havia uma Humvee, um Prius, uma Ferrari F430 de um vermelho profundo e uma Harley-Davidson personalizada VRSCSE V-Rod com o símbolo da águia gritando: os acessórios certos para se adequar a qualquer humor ou acontecimento. Aquilo era o básico em brinquedos de uma célébrité dans la mode do gênero masculino, a evidência de que Louis Trollope chegara, pelo menos, aos padrões de Hollywood.

A porta da frente estava escancarada.

— Olá? — chamei, do saguão.

A princípio, não o avistei. Ao seguir, resoluta, em direção à sala de estar, escapei por pouco de tropeçar em uma poltrona otomana de pêlo de camelo cáqui. Levou algum tempo para que meus olhos se ajustassem à fresca semi-obscuridade da sala. Com teto rústico com vigas, paredes escuras manchadas, enormes cadeiras de camurça e vários sófas de couro de tamanho acima do normal amontoados ao redor de uma mesa de café feita de galhadas de alce, sobre a qual havia pilhas de scripts, o chalé de Louis era claramente uma leitura do designer de Beverly Hills Dodd Mitchell para uma cabana de caça de um cavalheiro.

Finalmente consegui distinguir sua silhueta. E, embora Louis não dissesse uma palavra, percebi que estivera me avaliando desde o momento em que eu entrara, desfrutando claramente da oportunidade de observar sem ser observado — algo raro para ele, tenho certeza.

Agora que eu me encontrava ali, à sua frente, ele me dedicava sua completa e absoluta atenção: o equivalente a mil watts da energia não adulterada de um astro.

— Olá, também. Muito encantado em conhecê-la — disse oferecendo a mão a mim.

Tive de admitir, as revistas de celebridades não haviam errado em suas descrições de Louis Trollope. "É fácil entender o porquê de seu magnetismo..." (CQ), com "seu jeito que combina beleza rude e charme maroto..." (Ladies' Home Journal), dono de "espantosos olhos cor de lápis-lazúli que, quando focados em você, fazem-na sentir que é a única pessoa no recinto — para não mencionar as maçãs do rosto de provocar cobiça..." (Redbook), "... o mais atraente traseiro de qualquer lado do Atlântico" (British Vogue). Acima de tudo, "um perigoso sonho erótico!" (Cosmopolitan).

E lá estava eu, banhada pelo holofote de seu sorriso.

Teria sido fácil ficar embasbacada com sua cordialidade, mas minha intuição me avisou para não me acostumar a isso, ou poderia me queimar.

Apertei sua mão e, juro, quando o toquei, uma corrente de eletricidade percorreu todo o meu corpo. Tudo o que pude fazer foi tentar não me converter em um monte de geléia a seus pés.

Se Louis sentiu algo também, não demonstrou. Fiquei surpresa ao perceber quanto isso me desapontou.

O suave e insistente gemido de seu celular quebrou o encanto.

— Mas que maldição! Nunca pára! — resmungou ele de novo. — Por que o mundo não me deixa em paz?

Parecia que queria atirar o telefone contra o painel de vidros espessos em direção à piscina, na área externa. Depois pensou melhor; apenas suspirou e jogou o aparelho na pilha de almofadas aninhadas em urn dos imensos sofás, onde o zunido foi imediatamente abafado pelo assento de couro macio.

Não pude evitar sentir uma pontada de tristeza por ele, sabendo como sabia — caso seu desejo fosse concedido — o quanto haveria de lamentar esse dia.

— Jasper proclama que você é a resposta para minhas preces. — Sua voz era quente; as palavras, sedosas.

Corei, sem saber como responder.

— Tenho certeza de que ele disse isso apenas por gentileza — murmurei, com modéstia, — Deus, espero que não! Estou em uma enrascada. Diga que é meu anjo de misericórdia. Por favor.

Seus olhos fitaram os meus outra vez, com o que ele pretendia ser um olhar de dilacerar a alma.

— Bem... bem, eu... eu não sei se posso satisfazer todas as suas expectativas. Era uma descrição de trabalho assustadora.

— Besteira. Foi idealizada por uma daquelas agências que encontram zelador de zoológico para fedelhos mimados de Hollywood. — Ergueu uma sobrancelha e insinuou-se de um jeito sugestivo. — Nosso relacionamento seria um pouco mais restrito, casual. Você me conheceria na intimidade. Claro,

não quero dizer de uma maneira incestuosa. Mais como uma irmãzinha adorada, note bem.

(Meu Deus! Estava me paquerando!) Ao perceber que aquele seu charme surtira o efeito desejado, Louis deu uma risada conspiratória e depois me puxou para o sofá, a seu lado. Caí entre as almofadas — graças a Deus, não sobre o celular, que finalmente parara de gemer.

— As coisas estão ficando malucas por aqui. Estou terminando um filme agora e tenho proposta para mais três, e todos querem começar a produção imediatamente. E, para minha sorte, são grandes papéis, sabe? Por isso você é tão importante para mim.

E você me ganhou com "Olá, também"... Pare com isso! Aja com naturalidade!

Para quebrar aquele feitiço sobre mim, concordei com a cabeça, indicando que, se importava para ele, então importava para mim também, o que ele já assumira como certo.

— Um é o de protagonista na filmagem dos acontecimentos que antecedem a trilogia de O

Senhor dos Anéis: um arrasa-quarteirões instantâneo, claro. Mas estou morrendo de vontade de trabalhar com Brownstein, aquele garoto que fugiu de todas as propostas no Sundance deste ano, sabe? Ele e eu estamos conversando sobre algo pequeno, provocativo... mais inteligente do que o lixo usual oferecido pelos estúdios. — Seu rosto assumiu uma expressão distante. Então apareceu um sorriso de auto satisfação. — E, tenho certeza, você já ouviu os boatos de que estou considerando o papel de protagonista no remake da série Mad Max.

Concordei novamente, com entusiasmo, embora, na verdade, não tivesse escutado aquilo.

— Um clássico! O papel que revelou Mel Gibson — eu disse, como encorajamento. — Imagino que seria isso para você também.

— O que quer dizer "papel que revelou"? Eu já estourei. — O sorriso sumiu. Seus olhos assumiram um tom defensivo. De um jeito impertinente, emendou: — Sabe, Mel me queria para protagonista em A Paixão de Cristo.

— Ah, é mesmo? — fingi acreditar, mas por falta de habilidade para ser até mesmo participante de um reality show na TV, não creio que o tenha enganado. Na verdade, ele não poderia me culpar por duvidar da delaração. Quero dizer, ora essa: ele era muito brozeado e muito louro para Jesus, ainda que em uma versão digitalizada de Hollywood.

— Estou falando sério, juro! Mae aquele agente estúpido dele o fez mudar de idéia. Disse que eu era jovem demais para o papel. Aquele sujeito fez isso contra mim porque eu o dispensei no ano anterior! Pena que Mel não fez o mesmo. — Correu os dedos pelas madeixa douradas, fixadas com gel apenas o suficiente para que despencassam em frente na hora certa.

Com franqueza, eu nutria uma ligeira suspeita de que, mesmo quando o filme estava sendo feito, Louis já tinha os olhos no "Segundo Advento". Contudo, a diplomacia (e a angústia pelo cartão de crédito) me deu razões para manter a boca fechada enquanto Louis racionalizava sobre aquela ferroadada da sorte.

— Tudo bem. Não teria dado certo mesmo. Eu como Jesus! Que piada... Eu teria de representar totalmente dentro do Método, e isso seria o inferno, com toda a história de Cristo sendo tão pra baixo... sabe, aquela coisa toda da crucificação. — Parou, em busca de uma ênfase. — Além disso, a personagem

não tem potencial de sequência, certo? Quero dizer, para onde ir depois daquilo? Para A Ressurreição? Acho que não era meu carma ter o papel.

Uma frase extraída diretamente do livro de bolso de Leo. Ah, como certas coisas não mudam!

— Além disso, eu normalmente represento vencedores, sabe? É como os diretores me vêm.

Pelo menos é o que dizem no Hollywood Reporter.

Para provar minha empatia, saí-me com aquela frase pouco convincente de consolação: — Ora, bem, como dizem, "não vá acreditar nos próprios recortes de jornal".

— Por quê? O que você leu? O que ouviu dizer? — Louis ficou terrivelmente sério.

— Oh... ah, nada. Nada! Realmente.

— Pode me dizer, fique tranqüila, não vou ficar chateado. — Ronronava as palavras, mas aquele famoso sorriso se congelara. Estremeci inconscientemente.

— Nada, juro! Nunca nem mesmo olhei os tablóides. Ou os mercados, a esse respeito. — "Ora, ora, chega de brincadeiras e fogos", pensei.

Meu desconforto deve ter ficado evidente para Louis, porque de repente ele era o deus Sol outra vez, todo calor e sorrisos.

— Isso mudará bem depressa quando você trabalhar para mim.

Como se ou não soubesse! Uma de minhas primeiras lembranças de Tammy, a assistente de Leo, era a de suas mãos manchadas de tinta por ter

vasculhado pilha e pilhas de jornais atrás de artigos sobre Leo, que depois cortava e colava em um álbum.

"Para a posteridade, nenê", Leo murmurava para mim, com uma piscadela falsamente modesta. Depois, como uma desculpa para aquele ritual egocêntrico, emendava, naquele tom de aviso: "Meu legado é seu também, você sabe".

Sim, claro, certamente.

Mesmo que eu não acreditasse nele, o mesmo não devia acontecer com Sybil a, porque as únicas coisas que ela me havia liberado até aquele momento haviam sido os vinte e quatro álbuns de recortes de Leo — meio século de trabalho manual de Tammy. O motorista da limusine de Sybil a os jogara sem qualquer cerimônia na varanda da frente de meu chalé no Venice Canal, em uma manhã absurdamente quente para a estação. Eu estava na UCLA, de maneira que, quando cheguei em casa, naquela noite, riachos de cola já desciam em cascata pelos degraus, em pequenas poças grudentas o bastante para arrancar minha sandália esquerda do pé enquanto eu tropeçava no legado de Leo, no escuro. Os recortes amarelados tinham se grudado como gêmeos siameses. Alguns haviam se dissolvido em fragmentos de confete. Foi preciso uma semana para que a varanda perdesse aquela fragrância de cola da pré-escola.

Quando você trabalhar para mim, Louis dissera.

De repente, endireitei o corpo diante do significado daquilo.

— Perdão? — murmurei, educadamente.

Ele tomou meu estupor pelo choque que invariavelmente provocava nas massas, tudo no trabalho de um dia.

— Tenho uma intuição a seu respeito. Acho que vai dar certo. Está combinado, então? Não vai partir meu coração, eu espero... Partir seu coração? Se ele continuasse com aquele charme todo, teria de chamar uma ambulância para mim.

Não seja tola. É Leo outra vez.

No entanto, ali estava ele, praticamente a me implorar para aceitar o emprego. Contudo, por mais lisonjeiro que fosse, eu sabia no íntimo que Louis teria feito a mesma proposta para qualquer um que não fosse uma assombração de circo de duas cabeças que tivesse passado por sua porta.

Ao mesmo tempo, tinha me chamado de seu anjo de misericórdia.

Além disso, as contas do Beetle e de Fred Segal não esperavam por nenhuma outra mulher. E

os custos do processo contra as investidas de Sybil a também não seriam poucos.

Com relutância, meneei a cabeça, em um gesto de consentimento.

— Fantástico, amor! Absolutamente fantástico! — Ele praticamente luzia de satisfação. — A propósito, preciso que comece assim que possível.

— Tudo bem, certo. A que horas quer que eu esteja aqui amanhã?

— Não, quero dizer agora. Minha roupa suja está no quarto. Recolha tudo, como a boa menina que é, e leve-a para lavar a seco. Coloque em seu nome, é claro. Eu detestaria ver meus trajes íntimos no eBay. Isso aconteceu com Clooney, ouviu dizer? Depois, desça até o Ralph's e pegue um pouco de comida. Estou planejando uma pequena reunião para vermos aquela luta no pay-per-view. Apenas uns quatro ou cinco camaradas, nada muito grande. Sigo

a dieta zone, então tenha isso na cabeça quando for escolher o que comprar. Ah, passe em uma delicatessen e traga um pouco de cerveja.

Não era mais o cortejador atencioso. Ao dar por encerrada a conversa, a moratória ao celular terminou. O aparelho foi resgatado do lugar onde se aninhara entre as almofadas, aberto e discado enquanto Louis rumava para a piscina. Era como sua inquietação de pantera berrasse: "Tenho coisas a fazer, lugares a ir, gente para encontrar, portanto, dê o fora".

— Onde fica o quarto? — perguntei, com ironia e um tom meio hostil, esperando que a entonação enviasse a mensagem de "Posso ficar em seus calcanhares e ao alcance da voz, mas certamente não sou sua escrava!".

Nenhuma resposta. Eu não poderia dizer se fora o resultado de ele não me ouvir ou de estar me ignorando completamente.

— E... Ah, antes de eu sair, não deveríamos discutir os termos de meu emprego?... Colocando a mão sobre o bocal do telefone, ele se virou. Em sua face havia uma expressão de ligeira exasperação, destinada a me fazer sentir culpa por perguntar.

— Fale com minha empresária, Genevieve. Ela toma conta desse tipo de detalhe. A pessoa de Jasper deve ter o número.

Ele falara.

A "pessoa" de Jasper, ou seja, Svetlana. E, agora, eu era sua pessoa.

Concordei resignada, um gesto tão vazio como um beijo no ar, uma vez que ele já estava psicologicamente anos-luz distante de mim.

Oficialmente, eu fora puxada para dentro de sua órbita. E, sim, reconheço um buraco negro quando vejo um... Já fora da casa, repassei mentalmente o que

teria de fazer em menos de três horas:

**a)** levar a roupa de Louis à lavanderia de lavagem a seco em Ventura, antes que fechasse;

**b)** passar no Sunset Boulevard, no escritório da empresária de Louis, para pegar um pacote de cuidados (expressão de Louis, não minha), contendo tudo que eu teria de saber para administrar a vida dele;

**c)** parar no Ralph's de Beverly Hills para comprar os petiscos adequados a uma reunião para assistir a uma luta de boxe. Deveria levar em consideração o seguinte: zone (Louis), vegan ou vegetariana legítima (para um convidado) e carnívoro gourmet (para os outros dois ou três sujeitos). Presumi que com aquela descrição Louis quisesse dizer que qualquer coisa que tivesse mamado na mãe — vaca, búfalo, cervo, frango, pato ou avestruz criados soltos — seria ótima, desde que fosse assinada por um chef de renome, ou preparada em uma delicatessen da moda.

Assim que a festinha barulhenta de Louis estivesse em andamento, eu planejava dar uma espiada em seu pacote de cuidados e alimentação, de modo a saber exatamente o que deveria fazer durante as próximas duas semanas. Isso, claro, com base na presunção de que o Ser Supremo respondesse a minhas preces fervorosas e houvesse necessidade, para mim, de conhecer a agenda de Louis com essa antecedência.

Enquanto saía às pressas do Laurel Canyon Boulevard, disquei para Svetlana para pegar o número do telefone de Genevieve — algo que Louis não sabia de cor, pois usava a discagem automática de seu celular. Sendo a boneca que é, Svetlana repassou a chamada diretamente para o escritório de Genevieve; assim não precisei fazê-la enquanto manobrava pelas curvas da estrada. Depois de brincar de "adivinha" com a assistente de Genevieve e aguardar pelo que pareceram ser dez minutos, por fim fui considerada digna o bastante de ser transferida para ela.

— Graças a Deus você finalmente ligou! — rosnou Genevieve, como saudação.

— Sinto muito. Acabo de sair da casa de Louis. Só consegui ligar agora... — Certo, tudo bem, tanto faz. Olhe, venha pra cá imediatamente. Preciso sair às seis. Tenho de ir a um evento beneficente com Liza às oito... — Minel i? — perguntei, mais por educação do que interesse.

— Não, Doolittle — respondeu, em tom arrogante. — Claro que é a Minel i! Existe alguma outra?

O comportamento esnobe despertou o meu próprio.

— Ah, então diga a Liza que a Hannah mandou lembranças. Nós nos conhecemos na casa de meu pai quando estavam filmando Overture juntos.

Silêncio. Presumi que ela estava somando dois e dois. Quando fez a conexão, retrucou com uma doçura glacial:

— Ora, è claro! A menina de Leo. Jasper disse alguma coisa sobre sua possível necessidade desse emprego. Que tristeza sua perda. Mas não se preocupe: essa é uma cartada que você pode dar por enquanto... bem, pelo menos por um ano ou dois. Esteja aqui antes das seis, o.k.?

Novamente houve silêncio. Só que desta vez era por ela já ter desligado.

Fumegando de raiva, pisei no acelerador ao contornar o meio-fio. Então eu era a "menina de Leo", sem qualquer identidade própria? Que cadela! Necessitada desse emprego? Ah! Eles precisavam mais de mim do que eu deles.

E sobre a "cartada" da fama por associação... Bem, droga, tinha de admitir que ela estava certa. Eu tentara usar o mais velho artifício de Hollywood: mencionar gente famosa para me fazer de importante.

As lágrimas marejaram meus olhos. O que havia de errado comigo? De repente ficara tão apavorada com meu futuro a ponto de precisar me agarrar desesperadamente ao passado de Leo?

Incapaz de enxergar à minha frente, subi na guia e desliguei o motor. Do outro lado da estrada, a encosta da colina caía abruptamente, permitindo uma vista espetacular de Los Angeles. A despeito da espessa névoa de poluição, as luzes da cidade cintilavam — embora apenas até um ponto em que acabavam de repente, indicando onde a linha da costa do Pacífico começava e a civilização, como gostamos imaginar, terminava.

Eu poderia apenas me afastar, pensei, e começar de novo em algum outro lugar, onde ninguém me conhecesse... ... mas isso significaria deixar para trás todas as coisas que eram importantes para mim: meu pequeno chalé no Venice Canal, que eu agora chamava de lar; meu projeto dos astros; um ou dois amigos que tinha, que me amavam por mim mesma, independentemente de meu pedigree... E meu passado.

Porque, na verdade, eu jamais poderia me afastar de minha história com meu pai.

Por que é que haveria de querer isso? Só porque algum empresário de Hollywood tinha me magoado?

Para o inferno com isso!

Estava cansada de me esconder — de mim mesmo, daquilo que eu era, do que eu tinha potencial para ser. Era hora de usar minhas conexões, permitir que cada ás que eu tivesse na manga fosse posto em jogo.

E que diabos, sim, eu jogaria a carta de Leo! O fato de que ela fora o trunfo até esse ponto de minha vida significava que, de agora em diante, deveria ser jogada com base na necessidade — e certamente não para impressionar bagres que se alimentam dos rostos da indústria, como Genevieve Sei-Lá-do-Quê, Empresária das Estrelas.

Decidida, levei a mão para a chave do carro e acionei a ignição. O motor gemeu por um minuto e em seguida sacolejou até parar. Olhei para todos os mostradores digitais no painel até descobrir o problema.

Falta de gasolina.

Ótimo, pensei. Agora eu tinha de caminhar por todo o Laurel Canyon Boulevard e pelo Hollywood Boulevard até um posto de gasolina e depois voltar com um galão na mão.

Com um resmungo, pousei a cabeça no volante, e a buzina foi acionada com o peso. O som, que me fez dar um salto e me endireitar, ecoou pelo cânion. Era um lembrete nada sutil de que minhas ações futuras teriam tantas conseqüências quanto minha incapacidade de agir no passado.

Seria uma longa noite.

## Aglomerado Aberto

*Grupo de estrelas jovens, as quais foram formadas juntas, possivelmente ligadas pela gravidade.*

De má vontade, apanhei minha bolsa, saí do carro e o tranquei. Eu vestira, para a entrevista, uma saia preta curta e uma camiseta combinando, com uma sandália de tiras de salto baixo.

Não era exatamente um traje de caminhada. Sentindo que seria mais fácil seguir descalça do que com aqueles calçados tão delicados, tirei-os depressa. De pé no chão, comecei a atravessar desajeitadamente a estrada, imaginando se não seria mais seguro seguir contra o fluxo do tráfego. Assim, se eu fosse atropelada, pelo menos veria a pessoa que fizera isso.

Não demorou muito para alguém tentar. Foi então que uma motocicleta surgiu no alto da colina. Paralisei, sem saber se deveria continuar andando ou voltar. Antes que eu decidisse, o motoqueiro se desviou de mim, derrapou e caiu, sendo arrastado pelo asfalto e parando a pouco mais de metro e meio de mim.

— Oh, meu Deus! — Eu gritei. Eu não pretendia matar ninguém.

Só queria poupar meu par predileto de Jimmy Choos.

Ajoelhei-me sobre a forma encolhida, um homem de calças jeans e jaqueta de couro.

Assustada, lutei para abrir seu capacete. Ele afastou minha mão com um gesto brusco e o tirou sozinho.

— Deixa pra tá... Mas que diabos você está fazendo no meio da estrada, no escuro? — perguntou, furioso.

A despeito da cara feia, da barba de dois dias e do mau estado do capacete, ele sem dúvida tinha aparência decente: uns trinta e poucos anos, cabelos escuros, ondulados, uma compleição angulosa, profundos olhos castanhos.

Digamos, para pegar leve, que eu não o expulsaria da cama.

O Cara da Moto virou a cabeça lentamente de um lado para outro, como que para verificar que seu pescoço não estivesse quebrado. Ao se levantar, limpou a poeira da calça. Havia um enorme rasgo no joelho, por onde o sangue escorria.

Podia estar com mau aspecto, porém estava vivo. Uma sensação de alívio me invadiu, seguida por uma ligeira onda de indignação.

— Para ser franca, eu estava tentando chegar ao outro lado. A culpa não é só minha, não. Você devia estar a pelo menos trezentos por hora. Além disso, os pedestres também têm seus direitos.

— Pedestres normalmente não perambulam pelo cânion — retrucou ele, azedo, enquanto erguia a moto.

— Perambulam se ficam sem gasolina. — Fechei meus olhos, deixei escapar um suspiro involuntário e segui em passos lentos pela estrada. Agora

que sabia que o sujeito ainda estava respirando, eu poderia deixar de brincar de anjo da misericórdia e fazer o que tinha de fazer.

— Aquele Beetle ali?

— Sim.

— Ah... O Cara da Moto me avaliou por um momento, como se pesasse se eu valia ou não o trabalho de ser ajudada, considerando sua sorte comigo até o momento. Não sendo nenhuma tola, tentei mudar o voto a meu favor.

— Olhe, eu... eu realmente sinto muito, de verdade, por ter ficado no seu caminho.

— Tudo bem.

Seguiu-se o silêncio.

Ótimo, pensei. Então você quer que eu me humilhe? Certo, o.k., posso me rebaixar, se isso significar não andar seis quilômetros e meio colina abaixo e depois voltar antes que minha noite tenha ao menos começado.

— Eu não imagino... Quero dizer, seria muito se... — Se o quê? — Ele pendeu a cabeça para o lado e olhou para o relógio. — Droga! Meu relógio parou.

— Oh! Sinto muito. Olhe, eu... acho que lhe devo um relógio, não?

— Não. Esqueça isso. Um cara me vendeu na rua.

— Ah. Bem... A proposta está em pé se mudar de idéia. Diga... Ele passou a perna com o joelho ensangüentado sobre o assento da moto e depois ligou a ignição, acelerando o motor algumas vezes para ter certeza de que pegava.

— Diga!... — gritei acima do ronco do motor. — Seria demais... — O quê? — berrou de volta, com um sorriso enviesado. — Não consigo ouvir!

— Eu perguntei se seria demais pedir uma carona para descer a colina! Para pegar um pouco de gasolina... — Pô! — Ele parou por um momento e olhou para o céu. como se procurasse resposta em algum lugar na cauda da Ursa Maior.

— Olhe, sei que você ia na direção oposta, mas mesmo assim... seria um grande favor... — Um grande favor. — Ele olhou para trás, em minha direção. — Isso funciona sempre com você?

Asno f.d.p.! Para mim, era o bastante. Com raiva, dei de ombros e rumei colina abaixo. Podia senti-lo me olhando, mas não lhe daria a satisfação de encarar sua fuça nunca mais.

Ouvi o ronco da moto subindo a colina. Depois que o som se distanciou, ecoando pelo cânion, parei por um momento, totalmente derrotada. Maldição! O que mais poderia dar errado naquela noite?

Tinha descido cerca de um quilômetro e meio pela estrada quando mais uma vez escutei um ronco baixo de motocicleta. Estava escuro como breu agora. Mesmo assim, eu podia distinguir o farol se aproximando, subindo a colina. Quando chegou mais perto, vi que era o Cara da Moto de novo. Aparentemente, ele fizera a volta em algum lugar adiante no cânion e cortara pelo Hollywood Boulevard, em uma das ruas laterais que subiam e serpenteavam pela colina.

Uma lata com gasolina estava amarrada na traseira da moto.

Quando chegou a meu lado, ele parou.

— Suba — disse, impaciente. Mesmo assim, estava sorrindo.

Feliz e aliviada, concordei em silêncio e, tanto quanto era possível com aquela minissaia, subi comportadamente na garupa. Hesitante, passei meus braços em torno da cintura dele. Um minuto depois, estávamos em meu carro. Abri a trava do tanque, e ele inclinou a mangueira da lata para que a gasolina passasse diretamente para o tanque.

Peguei minha bolsa e tirei uma nota de dez dólares.

— Por favor, pegue. É... é o mínimo que eu poderia fazer, por todo o seu trabalho.

— Não, eu não me sentiria bem com isso. Além do mais, eu ainda não tinha bancado o Bom Samaritano nesta semana, então era seu dia de sorte.

— Pode apostar. Esta é o único acaso feliz que tive durante toda a semana.

— Coisa feia, então?

— Pois é. Meu pai acabou de morrer, minha madrasta está saqueando o patrimônio e comecei em um novo emprego. Puxa! Preciso ir embora!

— Ah... — Ele parecia realmente desapontado. — Precisa trabalhar? Agora?

— Pois é. Meu chefe é um verdadeiro feitor de escravos. Ei, mas quem sabe ele não me despeça por estar atrasada em minha primeira noite de trabalho? — Caí na risada e estendi a mão, em agradecimento. — Falando sério, obrigada. Não sei como lhe agradecer.

Ele tomou minha mão na sua. Uma corrente fervente correu por meu braço e meu coração começou a palpitar loucamente.

Duas vezes em um único dia! Como isso ora possível?

Puxei a mão, constrangida, o entrei no Beetle. O motor deu partida com um engasgo, mas o carro saiu do acostamento com facilidade. O Cara da Moto ficou parado ali, observando-me ir embora. Nada ansiosa para romper a conexão, acenei pelo espelho retrovisor. Depois, ao olhar para o relógio do carro, percebi que já passavam quinze minutos das seis!

Droga! Desci a colina a toda.

Só quando cheguei ao Sunset e que me dei conta de que não tinha perguntado o nome dele.

Cheguei ao escritório de Genevieve tarde demais para um encontro frente a frente, o que foi ótimo para mim. Sua assistente, que estava tão ansiosa quanto a chefe para continuar com sua própria agenda para a noite, era alta, bronzada além da conta para a estação e usava um jeans muito justo da Seven com um top em faixa que deixava a barriga de fora. Estendeu-me um saco de papel quase estourando e enxotou-me de volta para a rua.

— Tudo o que você precisa saber está aí dentro — murmurou, sem fôlego, ao trancar as pesadas portas duplas entalhadas. Sem olhar para trás, desceu o quarteirão, muito provavelmente para encontrar seus amigos em um bar "vitrine" na Strip — talvez o Ashton's, o Dolce, ou quem sabe o Concorde.

Sortuda.

Embora eu ainda tivesse a tarefa do Ralph's a cumprir, dei uma rápida espiada dentro do saco de delícias e descobri o seguinte:

- *Meu salário era de 4.166,67 dólares por mês, ou 50 mil por ano (se eu durasse todo esse tempo), pago a mim pela empresa de Genevieve. Após noventa dias, havia a possibilidade de um aumento que poderia me proporcionar 72 mil dólares anuais,*

*a depender darecomendação de Louis. Era um tanto desapontador, considerando que Jasper me vendera aquela peça com base no fato de que eu conseguiria 6 mil por mês. Bem, mendigos não podem ser seletivos, ponderei. Felizmente, antes disso Jasper daria um jeito na confusão do patrimônio, e a opinião de Louis sobre mim não importaria... a menos que eu quisesse.*

- *Um palm top para manter um controle digital da agenda de Louis, junto com um impresso de seu itinerário do presente momento e durante os doze meses seguintes. Eu tinha a importante missão de colocar tudo isso no dito aparelho. Nunca tendo usado um, imaginei que me custaria um ano só para descobrir como fazê-lo.*
- *Uma lista de alimentos de sua dieta zone, graças a Deus — embora possivelmente, devido a todos os devotos da zone nas proximidades, fosse provável que o Ralph's mantivesse uma relação de comidas e receitas em arquivo.*
- *Dois celulares — um cinza, outro vermelho — em meu nome, embora devessem ser usados apenas em chamadas para e de Louis. O cinza destinava-se a ligações de negócios, enquanto o número do celular vermelho era dado a poucos privilegiados admitidos na parte mais privativa de seu universo. Havia ainda a instrução para programar o celular de Louis com o número do telefone de minha casa e também com número do telefone vermelho, de modo que ele pudesse me contatar o tempo todo.*
- *Um catálogo digitado de todas as pessoas importantes na vida de Louis. Qualquer um daquela lista estelar que telefonasse a Louis deveria ser imediatamente transferido para ele.*

Dessa lista constavam:

- Jasper;
- O odioso agente Randy Zimmerman (sim, Louis partilhava tanto o advogado de Leo como seu agente. Haja déjà vu!);
- Genevieve;

- Sua preparadora de atuação, a renomada Cândida Sage; - sua relações-públicas, Monique Radcliffe; - sua nutricionista;
- "dr. Manny" (Manolo) Lipschitz, a celebridade entre os terapeutas das estrelas; - seu personal trainer;
- Seu quiroprático;
- Mickey Fairstein, o corretor das estrelas; - seu treinador vivencial, Eduardo Larken; - os vários membros de sua Patota; - e, claro, sua namorada atual, Tatiana Mandevil e, a übermodel franco-russa que estampara a capa da edição de trajes de banho da Sports Illustrated do ano anterior e cujo beicinho universalmente renomado se achava ao lado do sorriso benevolente de Louis em cada artigo de revista que eu espiara enquanto cavava informações "trollopeanas".

- *Uma lista de pessoas que, após uma chamada telefônica, deveriam ser informadas de que ele não estava disponível no momento, mas que retornaria a ligação tão logo fosse possível; eu deveria então perguntar a Louis se ele queria ligar de volta para tal pessoa e quando e seguir sua diretriz. Incluía certos diretores, produtores, atores do primeiro time, celebridades de todas as camadas sociais, assim como alguns jornalistas de renome e apresentadores de programas de entrevistas, inclusive Oprah, Diane, Katie, Jane e Barbara.*
- *Uma lista de pessoas que nunca teriam um retorno, chovesse ou fizesse sol. Claro, nunca saberiam disso. Naquela lista estavam The National Enquirer, The Globe, The Star, os staffs inteiros de produção e reportagem de Entertainment Tonight, Extra, Inside Edition; Joan e Melissa Rivers; o Weekly World News, e uma equipe variada de fãs e admiradores superagressivos. Alguém chamado "Sam" (nenhum sobrenome) também estava incluído (membro de turma anterior? Tiete extraordinário?)*

*Irmão com quem perdera contato?), as sim como as catorze namoradas que ele tivera antes de Tatiana (obviamente, adeus era algo que Louis levava a sério).*

Eu tinha um trabalho talhado para mim.

A passagem pelo Ralph's resultou em seis sacos de petiscos por impressionantes 485,23 dólares — pouco mais do que o gasto comum de uma noitada de um cara, eu achava.

A menos que fosse entregue por um par de prostitutas de terceira classe.

Não consegui estacionar na área da frente da casa de Louis porque ele não atendeu ao interfone quando o toquei, de modo que parei na rua. Peguei dois dos sacos e rumei para o portão.

Mesmo que Louis tivesse atendido, eu não teria conseguido estacionar lá dentro — a área estava tomada pelos brinquedos de menino dos amigos dele, parados de qualquer jeito atrás da coleção do dono da casa. Havia uma Lamborghini Murciélagó preta, uma Lotus Esprit amarela e a Hummer vermelha, reconheci, de Randy Zimmerman — gêmea de uma que Louis tinha. Até o ano anterior, Randy possuía uma Aston Martin Vanquish, igual à de Leo. A troca era um sinal de que o carro que Randy dirigia em dado ano espelhava sua idolatria a seu então principal cliente.

A porta da frente estava entreaberta. Mesmo assim, bati antes de entrar. Ninguém respondeu, mas consegui ouvir a voz do narrador da luta e os risos estridentes dos homens vindos da sala de estar.

Segui para a cozinha e coloquei os sacos no balcão. Ponderei se deveria ir ou não até o carro, então julguei que primeiro seria melhor tornar minha presença conhecida. Rumei para a central da festança.

O grupo na sala de estar de Louis parecia uma foto de sonho de capa de revista masculina, algo com a manchete "Astros em Ascensão em Jogo". Escarrapachados confortavelmente entre os sofás de couro e camurça estavam Ethan Blount, ex-diretor independente que há pouco se rendera a Indústria ao assegurar os direitos de filmagem de uma trilogia cult pertencente a um autor japonês de ficção científica; T.H.E. Mann, artista de hip hop notório por suas letras que falavam de sexo explícito e seu visual que virava tendência em trajés masculinos, e que transitara com sucesso em filmes de ação; Benneti Pieling, um jovem ator gostosão de sitcom de TV, cujo primeiro papel no cinema fora o contraponto cômico no último filme de Louis; e o sempre lascivo Randy Zimmerman.

E o Caro da Moto.

O Cara da Moto? Ali?

Ele também teve uma reação tardia de surpresa; então abriu um sorriso de orelha a orelha.

Incrível!

Desviei os olhos, mas não pude evitar sorrir também.

— Ah, finalmente, aqui está a dama mais importante em minha vida — exclamou Louis, com um floreio. Não se deu ao trabalho de se levantar, contudo. Apenas apertou o dispositivo quadro-a-quadro no controle remoto, para que a disputa da camiseta molhada do Man Show pudesse ser vista ao mesmo tempo que a lula de boxe.

— Pelas próximas vinte e quatro horas, pelo menos — comentou Randy, sarcástico.

— Ou até Tatiana saber que você disse isso acrescentou Bennett, soltando uma gargalhada, como se fizesse um teste para o papel de palhaço.

— Não ligue, querida. Estão com ciúmes porque você não é apenas capaz, mas bonita também, enquanto a assistente de Ethan é uma tecno-nerd como ele, a assistente de T é a esposa grávida do irmão sempre de olho, a namorada de Bennett nunca o deixará ter uma assistente, as de Randy não duram mais de um minuto e meio ou terminam na ala psiquiátrica porque ele é abusivo além da conta, e Mick não tem fluxo de caixa ou estatura para merecer uma Hannah. Bem, que pena, hein? Terão de admirá-la de longe.

Pelas expressões naquelas faces, ele passara a mensagem subliminar: podem parar; ela é toda minha.

— Além disso — concluiu Louis —, alguém tem de cuidar da minha roupa suja. Acreditem, não é algo a que Tatiana aspire.

Estava na ponta de minha língua dizer: "Está pensando o quê? Não é algo a que eu aspire também!". Em vez disso, sorri, simpática — e gemi por dentro. Na pressa de chegar a Genevieve antes da seis, eu me esquecera de deixar a roupa suja na lavanderia. Fiz uma anotação mental a mim mesma para fazer isso na primeira hora da manhã seguinte e implorar ao atendente que devolvesse no mesmo dia. Claro, eu pagaria a diferença pelo atendimento de emergência. Aquele emprego já estava me dando prejuízo!

— Hannah, venha conhecer meus amigos: Bennett Fielding, Ethan Blount, T.H.E. Mann, Randy Zimmerman e Mick Bradshaw.

Estremeci ao som do nome verdadeiro do Cara da Moto. Era quase como se aquela corrente que eu sentira quando ele apertara minha mão no Laurel Canyon Boulevard tivesse voltado no centro de minha espinha e, em um relâmpago, aberto caminho até meu coração.

(Pare com isso, Hannah! Ele está na órbita de Louis, o que significa que está fora de seu alcance).

Levou um instante, mas recobrei o bom senso e murmurei um educado "Prazer em conhecê-

los". Antes que eu pudesse me virar e sair, contudo, Randy resmungou: — Ah, eu conheço Hannah. Somos velhos amigos, não somos, doçura?

Sua entonação sugestiva eriçou os cabelos em minha nuca. De duas, uma: ou Randy esperava que eu desse o fora por estar muito constrangida para responder, ou esperava que ficasse lisonjeada por ele querer se sobressair com aquela fantasia.

Qual é, ele estava brincando? Toda aquela arrogância arrancou de mim um olhar que poderia tê-lo transformado em um picolé.

— Cara, isso não é jeito de tratar uma dama. — T.H.E. levantou-se e estendeu a mão. — Esses rapazes têm os modos de um bando de hienas. Não ligue, benzinho. E pode me chamar de T, se eu puder chamá-la de Hannah.

— Obrigada. Faça isso, por favor, e ficarei honrada de fazer o mesmo. — Sorri-lhe, desejosa de perdoar e esquecer aqueles boatos sobre ele ter golpeado a cabeça do chefe de sua gravadora com a pistola como maneira de expressar o "desapontamento" pela falta de promoção de seu último CD, ou que, apenas um nanossegundo antes de eu entrar na sala, ele tivesse comentado como gostaria de "dedilhar a calcinha fio-dental" da terceira concorrente da esquerda do Man Show.

— Preciso que me dêem licença. Vou buscar o resto dos petiscos.

— Precisa de ajuda? — perguntou Mick de forma casual, mas ainda com aquele sorriso de merda na face, o que tornou bem mais difícil para mim evitar

um trejeito estúpido.

— São apenas mais quatro sacolas — eu disse, hesitante. — Não é nada, realmente... — Não me importo. Preciso esticar as pernas, de qualquer jeito.

— Certo, tudo bem. Obrigada. — Fiquei contente em ver que os outros estavam preocupados com os comentários que precediam a luta enquanto Mick me acompanhava até a porta da frente. — Não posso acreditar que você estivesse a caminho daqui — falei.

— Eu é que não posso acreditar que você seja a nova assistente de Louis.

Simultaneamente, ambos dissemos: "Deveria ter visto a expressão em sua cara..." e caímos na risada diante daquela coincidência.

Estava escuro demais lá fora para enxergar qualquer coisa direito e pareceu absolutamente natural que Mick segurasse minha mão e me conduzisse até o portão. A meio caminho, chocou-se contra a Humvee de Randy e gritou: tinha batido o joelho com o corte aberto pela queda da moto.

— Puxa, eu... não sei como me desculpar o bastante por isso.

— Ei, foi só um arranhão, sério. Além disso, se eu não tivesse caído, teríamos nos conhecido sob circunstâncias totalmente diferentes. Isso pode ter mudado tudo. Destino, sabe?

Eu não sabia o que ele queria dizer com aquilo, mas gostei da maneira como soou.

— Acho que você tem razão — respondi, com cautela. Fiquei contente que estivesse escuro e ele não pudesse ver como ouvir aquilo me deixara feliz, porque eu ainda não estava pronta para que me desvendasse tão abertamente.

Além disso, ainda havia a questão de meu trabalho para Louis.

— Então, há quanto tempo conhece Louis? — perguntei da forma mais despreocupada que pude. Abri a porta do carro, apanhei duas sacolas e entreguei-as a ele. Peguei as duas últimas e tranquei o carro.

— Uns dois anos. Fiz o papel de médico em Fast Eddie, o primeiro filme norte-americano dele.

— É mesmo? Eu me lembro desse filme.

— Sim, e o papel dele se destacou. Aquela coisa de "Machão impetuoso toma Los Angeles".

— Soa como totalmente ajustado ao tipo.

— Parece ter dado uma virada nessa direção. De qualquer maneira, foi quando passamos a nos relacionar. Também escrevi Dead End, que ele estrelou.

— Eu sei. Acabou de sair, não é? É aquele que pode dar a ele uma indicação ao Oscar. Puxa, vocês dois têm um ótimo relacionamento: artista e "musa".

— Na verdade, não.

— Não são grandes amigos?

— Não. Quero dizer, sim, somos caras próximos, mas ele não é minha "musa". Escrevi esse roteiro há muitos anos, antes mesmo de conhecê-lo. Foi meu primeiro script, e tinha outro ator em mente para protagonista. Mas esse cara recusou minha proposta, e o papel ficou em uma gaveta durante um bom tempo. Louis o leu e pressionou o estúdio para fazer o filme.

Devo-lhe muito por isso.

Rumamos para a cozinha sem ser percebidos. A luta de boxe tinha começado, e xingamentos, berros e assobios enchiam a sala de estar. Abri uns poucos armários até descobrir aquele que continha os pratos e as travessas de que eu precisava e comecei a desembulhar as comidas preparadas. Mick pareceu não ter pressa de voltar para junto dos rapazes, o que foi ótimo para mim.

— Claro, sendo o amigo grato que sou, terei de dizer a Louis o que você realmente pensa dele.

Era assim tão óbvio? Virei-me, espantada.

— Como sabe o que penso?

— Você me disse, lembra? Na cena do acidente. Você o chamou de feitor de escravos. — E deu outro sorriso provocante.

Dei risada.

— Em quem acha que ele acreditará, em você ou em mim? — Pestanejei, agitando os cílios com inocência fingida.

— Boa pergunta — disse Louis.

Nem Mick nem eu o tínhamos ouvido entrar. Ambos o encaramos como duas crianças pegadas brincando de médico ou algo assim. Ele olhou para um, depois para outro, sem saber o que fazer de nosso joguinho.

— Eu não sabia que vocês dois se conheciam. Puxa, Hannah, você parece ser muito popular.

— Conhecemo-nos nesta noite — expliquei. — Infelizmente, ao descer a colina, fiquei sem gasolina, e Mick parou para me ajudar.

— Ah. — Louis voltou-se para Mick, intrigado. — Então, Hannah é a garota que você quase atropelou. Interessante.

— Sim, é ela. — Foi a vez de Mick ficar constrangido.

— Por quê? O que você disse para ele? — perguntei a Mick, confusa.

— Disse: "Quase atropeliei o melhor traseiro que já vi em muito tempo". Claro que, se eu soubesse que ele estava falando de você, Hannah, eu teria dito: "Que pena, porque você não pode tê-la, é minha". — Louis riu. — Quero dizer, apenas durante suas horas acordada. A última coisa que sou é um feitor de escravo, certo?

Eu sabia que o melhor era não responder honestamente. Com calma e precisão, peguei a bandeja arrumada e levei-a para a sala de estar.

Fiz o possível para ficar longe da sala de estar pelo resto da noite. Mesmo quando fui chamada para levar mais crepes de inhame com salmão defumado, pizza sem glúten coberta com tofu ou salmão da Colúmbia britânica (zone), com suco goji do Himalaia ou microchope Lagunitas para acompanhar, ignorei os comentários sarcásticos de Randy, a repentina atenção de Louis e, mais especialmente, os olhares significativos de Mick.

Para me manter ocupada, examinei a agenda de Louis do dia seguinte com um pente-fino, fazendo anotações conforme necessário: *5h: telefonema para acordá-lo; 6h: limusine para a Colúmbia Pictures; 6h30-7h: maquiagem, no prédio da K; 7h-18h: set de filmagem (Breakneck), estúdio 1002; 12h: almoço no camarim (zone!) e entrevista para o Entertainment Tonight com Mary Hart; 20h: pré-estréia do último filme de Ethan Blount, Tales of the Crystal Universe, no Arclight, no Sunset; 22h30: festa de lançamento do Crystal Universe na "Sala dos Mais Vips".*

Será que o cara não dorme?, pensei. Aparentemente, não, o que significava que eu também não conseguiria pregar os olhos pelos próximos dois meses. Ou ter tempo para meu telescópio, o que para mim era um crime ainda mais grave.

Com um suspiro, concluí que deveria, então, espiar a agenda de Louis para o resto da semana.

Eu teria de coordenar o seguinte:

- **Domingo:** Louis iria a Nova York, no jato particular do estúdio, para promover *Dead End*.
- **Segunda:** no começo da tarde, Louis deveria ser fotografado por Annie Leibovitz para uma capa da *Vanity Fair*; no começo da noite, deveria se reunir a James Lipton para uma entrevista no programa *Inside the Actor's Studio*, que seria gravado com uma platéia de estudantes de cinema e cinéfilos. (De modo que Louis pudesse preparar um arsenal completo de respostas e posturas de entrevista apropriadas — modéstia sem constrangimento, intensidade inabalável, cinismo calculado, talvez um olhar vago e distante que desse a entender um anseio doce-amargo. Monique, a relações-públicas de Louis, tinha separado vários DVDs de entrevistas anteriores do *Actor's Studio* para ele estudar. Incluíam as dos dois Toms, de Harrison, Johnny, Sir Ian, Benicio, Sir Anthony, Paul, Colin e o pináculo de todas as entrevistas de Lipton: a com Barbra. Eu tinha a missão de estudar as fitas e fazer anotações que pudessem ser de interesse de Louis).

- Fazer reserva para ele no Ritz Carlton e aceitar somente a suíte Ritz Carlton. (Ah, que maravilha. E se a suíte Ritz Carlton já estivesse reservada? Louis ficaria parado no saguão fazendo beicinho até que estivesse disponível? Ou, como sua "pessoa", deveria eu ficar parada ali e fazer beicinho em seu lugar?)
- Agendar Prudence K. para uma massagem no quarto. Chamar por "Barry" no balcão do concierge; ele saberia como encontrá-la. NÃO PEDIR POR MEIO DA CENTRAL TELEFÔNICA!!!
- (Hummmm...).
- Mandar enviar quatro dúzias de tulipas amarelas para Tatiana, no endereço de sua agência.
- Mandar servir um jantar romântico na suíte — zone, é claro. (Será que as refeições da zone conseguiriam ser românticas? Se não, deveria eu mudar o menu para um da dieta de South Beach? Quero dizer, South Beach soa mais romântico do que zone, então isso não significaria que tivesse um sabor mais sensual também? Difícil dizer).
- **Dia seguinte:** Louis voaria pela Virgin Air, primeiríssima classe, para Heathrow, onde completaria a produção da narração de seu último filme britânico, uma adaptação sombria de Rebecca, de Daphne du Maurier, com Louis estrelando no papel de Olivier/Maxim de Winter. Tira uma produção considerada de vanguarda, pois terminava com o personagem de Louis sendo finalmente julgado e enforcado pela morte de sua primeira esposa. (Era essa a idéia de Louis: "Atualiza o complô de certa forma, não acha? Além disso, toma o papel digno de um Oscar... bem, pelo menos um provável vencedor para Olivier,

certo?") (Será que iria me querer em Londres com ele? Pelo menos meu passaporte estava atualizado, graças à insistência de Jean-Claude de que, como namorada de um membro do jet set, eu sempre deveria estar pronta para uma excursão transcontinental a qualquer momento. Esse havia sido, aliás, outro ponto em que nosso relacionamento não correspondera a suas promessas: o mais longe para onde eu viajara com ele fora para Cabo San Lucas — e com minha grana, surpresa, surpresa...).

- Fazer reserva para Louis no Portobello. Aceitar somente o quarto Redondo! (Ah, o hotel dos astros de rock e dos fashionistas — o que significava que eu teria outra chance de brincar de "Minha celebridade é mais importante do que sua celebridade!". Será que o nome de Louis encabeçaria a fila? E qual seria minha punição caso não encabeçasse?)
- **Serviço de limusine:** Regency Limo, chamar por Alfonse. Não aceitar nenhum outro!
- Pedir a Alfonse para arranjar uma massagem no quarto com Ernestine J. (Considerando os rituais de massagem de Louis após os vôos, não deveria ser grande coisa conseguir os nomes e os números de telefone de suas massagistas favoritas de Barry e Alfonse para o computador de bolso. Não se esquecer disso, Hannah...).
- Serviço de limusine no dia seguinte para os estúdios de som da Notting Hill.
- Almoço zone.
- Parada para entrevista traçando um perfil para a Cosmopolitan britânica — "Um Homem para Todos os Gostos..." — que

aconteceria no King's Cross Studio, com uma sessão de fotos a cargo de Mert & Marcus.

- Voltar ao estúdio de gravação, até às seis da tarde.
- De Heathrow para o aeroporto internacional de Los Angeles, via Virgin.
- Limusine para casa.

Eu já podia ver que trabalhar com Louis colocaria um entrave absoluto em minha pesquisa de estrelas. O.k., talvez eu tivesse energia para dar o fora de mansinho naquela noite, depois da festa, pensei.

Contudo, primeiro as coisas essenciais. Chamei o serviço de limusine que as indicações de Genevieve estabeleciam ser a preferência de Louis e requisitei seu motorista predileto, Malcolm.

— Sinto muito, moça, mas Malcolm já está agendado para amanhã de manhã. Mas estará disponível depois, de tarde, para levar o sr. Trollope para a *première* e à festa posterior.

— Oh... — Eu estava em um dilema. Louis seria do tipo de ter um ataque de nervos com coisas assim? Acho que teria de descobrir do jeito mais difícil, no dia seguinte. — Por favor, mande o melhor substituto, então... alguém... ah... discreto.

Sim, certo, isso certamente acalmaria Louis!

Não obstante o fato de todos, exceto Randy, alegarem compromissos matinais no estúdio, a reunião de Louis só terminou às duas da manhã. Mick esticou a cabeça como a me chamar para dizer até logo e (acho) se desculpar, mas recusei-me a isso: fingi que estava ocupada em uma ligação para Londres ("Sim, sim, o sr. Trollope deseja ficar no quarto Redondo, claro, no vigésimo

oitavo andar. Por favor, reserve o quarto sob seu pseudônimo usual, E.A. Presley") e o dispensei com um aceno impaciente.

Minha mensagem era clara como cristal: o jogo acabara. Ambos havíamos perdido.

Louis veio dizer boa-noite quando eu estava lavando o último dos pratos e bandejas.

— Então, a que horas vai precisar de mim amanhã? — perguntei, animada.

Ele riu, como se a pergunta fosse uma piada.

— Você me encontrará aqui e irá comigo ao estúdio, é claro. Minha assistente sempre está incluída por escrito em meus contratos de filmes.

— Certo, claro. — Era uma manobra legal: minha presença no set assegurava que meu salário fosse coberto pelos produtores durante as semanas de filmagem. Uma poupança para o fundo de lucros e perdas de Louis.

O que queria dizer que eu, também, precisaria pular cedo da cama. Isto é, se fosse dormir, afinal. Seis da manhã estava apenas a três horas de distância. Se eu ultrapassasse cada semáforo entre ali e Venice, isso me tomaria, no mínimo quarenta minutos, e quarenta minutos de volta... Era... ridículo!

Como se lesse minha mente, Louis ofereceu: — Claro, você poderia dormir aqui... (Ah, saquei. Não!)

— Hum, olhe, Louis, se isso for para dar certo, então acho que deveríamos deixar algo claro desde... — Hannah, está tudo bem. — Uma sobrancelha arqueou-se para cima, contradizendo o semblante angelical.— Peço honestamente desculpas por aquele meu comportamento pouco

cavalheiresco esta noite. Foi muito, muito cruel por parte de meus amigos e, claro, de mim.

Você ainda não conhece meu temperamento, o qual, creia, torna o fato ainda mais inconveniente. — Parou e passou a mão pelos cabelos cuidadosamente aparados. — Olhe, estou sendo honesto: eu também quero que nosso relacionamento permaneça estritamente profissional. Já vi... bem, já vivenciei de forma diferente, e sei que nunca dá certo. Jamais.

Sua ênfase era reconfortante — e, tive de admitir, desapontadora, ao mesmo tempo. Ele prosseguiu:

— Sei que posso ser um bocado exigente. E, com tudo por que você tem passado nesta semana, tenho certeza de que a última coisa de que precisa é um cara irritado mandando-a pra cima e pra baixo dessa maldita colina quando lhe dá na telha.

Não pude evitar e caí na risada. Ele se juntou a mim, e pela primeira vez me senti absolutamente à vontade com Louis.

— O.k., olhe, precisaremos levantar em menos de três horas. Arrume-se e tire uma soneca na cabana. Tem tudo o que você possa precisar. Boa noite, mana.

Com isso, ele se inclinou, deu-me um beijo muito casto na testa e rumou para o próprio quarto.

Não precisou esperar por minha resposta. Já sabia.

A despeito das suntuosas amenidades da cabana (colchão de penas, travesseiros e acolchoados de plumas o lençóis de algodão egípcio de 700 fios na cama Dux 7007), remexi-me e virei a madrugada toda, remoendo minhas sensações confusas tanto sobre Louis como Mick.

Eis minhas conclusões:

Primeiro de tudo, eu não poderia negar que estava atraída por Louis. E, a menos que estivesse totalmente iludida, ele também mostrava sinais de atração — o que me apavorava, porque, pelas minhas normas, ele já tinha três lances contra si: nos últimos cinco anos, estivera envolvido com uma mulher diferente a cada três meses, em média; o fato de ter como namorada atual a modelo de trajes de banho número um do inundo, o que deveria ter me feito recuperar o bom senso bem depressa; e havia ainda o "fator ator".

Resultado: pegue o contracheque e evite qualquer possibilidade de inevitavelmente ficar com o coração partido.

A seguir, havia a questão de Mick: o melhor amigo de Louis não estava fazendo esforço algum para esconder que vira algo em mim.

Eu me importava? Droga, não!

Louis se importava? Droga, sim — e não hesitava em demarcar seu território.

Por acaso ele deveria realmente ter importância para mim? Não, na verdade, não... exceto pelo fato de que, por alguma estranha razão, eu me importava. Como se soubesse que Louis poderia... apenas poderia... não sei, talvez, gostar, gostar realmente de mim... (Não posso negar o fato de que você gosta de mim! Você realmente gosta de mim). ... em contraposição a Mick, que poderia, na verdade, cair de amores por mim.

Em meio a esses pensamentos, cochilei, com sonhos de homens em motocicletas a acelerar o motor loucamente em minha cabeça.

## Bem-vindo à Galáxia!

***Galáxia:** imenso sistema estelar que contém poeira, gás e bilhões de estrelas agrupadas pela gravidade. Galáxias são a unidade estrutural básica do universo.*

***Aglomerado globular:** aglomerado esférico de estrelas antigas encontrado com frequência nas galáxias.*

***Estrela anã:** estrela de massa relativamente baixa, tamanho pequeno e luminosidade média ou abaixo da média.*

A limusine estava atrasada.

E Louis, claro, estava injuriado. Isso, a despeito de eu tê-lo deixado dormir quinze minutos a mais. ("Quê... hora de acordar... já? Amor, não me enche o saco, vai. Seja boazinha... mais quinze minutinhos, tá?") A despeito de ter recusado o café da manhã que eu preparara — zone, é claro. ("Desculpe, amor, não sou um homem matinal... portanto, não leve isso pelo lado pessoal, certo, minha querida? Que tal algo mais simples, digamos... uma bela xícara de café Blue Mountain da Jamaica? O quê, não há nenhum em casa? Talvez você tenha de descer a colina e ver se o Ürth ou o Bean ou algo está aberto nesta hora infeliz...") E a despeito de meu aviso de que Malcolm não seria seu motorista. ("Quem você acha que sou, amor? Algum tipo de prima-dona de Hollywood? Besteira, no pior dos casos, você me levará na Ferrari... Como é

que é, não consegue dirigir um carro com câmbio manual? Isso não constava de sua desvão de emprego?... Oh, não? Não que fizesse diferença, amor porque você sabe que não posso viver sem você..." No momento em que o motorista chegou — alegou ter se perdido para encontrar a casa —, Louis estava azedo. Não disse uma palavra durante a viagem inteira até o estúdio. Quando finalmente chegamos lá, saltou antes que o motorista tivesse a chance de parar em frente ao camarim. Saltei também. Antes que a porta se fechasse em um baque, consegui entrar para acompanhá-lo.

Ele já se despia. Tirara a jaqueta de couro e a camisa e se virou em minha direção, os bíceps ondulados, o peito largo e os músculos definidos do abdome descobertos, a não ser pelo bronzeado luzidio, cortesia de suas vigílias diárias ao lado da piscina. Em Louis, essa perfeição não era apenas um clichê, mas o apogeu da arte de capa de novela romântica em carne e osso.

Fiquei parada ali, muda e constrangida diante de minha invasão em sua privacidade, e talvez por minha própria modéstia e tendo em mente que nada era culpa dele.

Com um sorriso maldoso, ele provocou: — Então, gosta de homens musculosos no café da manhã, não é, amor?

— Eu... sinto muito. Pensei que... Bem, pensei que talvez devêssemos conversar sobre o que o deixou tão aborrecido. — Ruborizei e me virei para sair. — Mas sei que você tem de estar pronto para sua primeira cena. Vou... vou esperar lá fora.

— Não, prefiro que fique. — Eu podia ouvi-lo puxar o zíper do jeans para colocar uma calça menos de astro de cinema/mais de policial, que usaria no set. — Ajude-me a repassar algumas linhas, o.k.? Poderia me ajudar com isso?

— O quê? — Dei uma espiada cautelosa. Ele se enrolava em um roupão e sorriu diabolicamente quando viu o alívio em minha cara.

— Aquele script. Ali.

Lancei-me para onde ele apontava. Um caderno ao lado do sofá.

— Que página?

— Está marcada. Aqui... Com graça felina, avançou para mim e parou tão perto que nossos rostos quase se tocavam.

Deslizou a mão sobre a minha (teria sentido que tremia?), escorregando até a página marcada com uma dobra, que eu não achara. Seu roupão abriu-se ligeiramente — o suficiente para que eu não pudesse evitar de notar o volume não tão pequeno em sua cueca cinza-escuro. Ao folhear com dedos desajeitado o script, deixei-o cair no chão. Quando ia apanhá-lo, seu braço enroscou-se em torno de minha cintura. Fiquei gelada.

— Por que está tão nervosa? Não vou despedi-la.

— Não é isso — balbuciei. — Eu só... só... — Está com medo de que eu faça amor com você, não está? — murmurou, provocante.

— Não! Absolutamente. — Sim, é exatamente isso!

— Se nós transássemos, aqui e agora — ele fez uma pausa, como se julgasse a idéia fascinante —, eu teria de despedi-la. Ambos dissemos isso, certo? E falávamos sério, não é?

— Claro, sei disso — gaguejei, confusa. — Hum..., Louis, olhe, eu não tinha o direito de entrar aqui assim. Só que eu vi que você estava bravo e sabia que era por acordar cedo, por causa do café da manhã, da limusine... — Não acha que tenho o direito de responsabilizá-la por tudo isso?

— Bem, sim... quero dizer, não. Isto é, como eu poderia saber que você fica mal-humorado quando não dorme o suficiente, ou que não toma café da manhã, ou que só bebe Blue Mountain, ou que Malcolm já estava reservado?

— Corrija-me se eu estiver errado, Hannah, mas não é esse seu trabalho?

— Sim, é, mas apenas há catorze horas. Então talvez você pudesse me dar um desconto!

Estávamos olhos nos olhos outra vez. Vi um milhão de expressões cruzarem seu rosto. Ele optou por uma de estóica indignação — uma escolha digna de um Oscar, devo acrescentar.

— Bastante justo — admitiu. — Mas conceda-me a mesma cortesia.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que, sim, compreendo que posso ser um pouco chato, particularmente quando é aquele "Deus nos acuda" de manhã. E, sim, não a avisei que não como antes do meio-dia, ou que não havia minha bebida preferida na casa. E não estou injuriado de perder meu motorista.

Bem, talvez um pouco ofendido se o perdi para algum executivo júnior a caminho do aeroporto ou seja o que for. — Parou para recuperar o fôlego. — Mesmo assim, passou por sua cabeça pelo menos uma vez que talvez, apenas talvez, não sejam essas coisas que tenham me irritado? Que pode ser que seja a ansiedade natural que estou sentindo por ter de carregar este filme vagabundo nas costas? E por saber que, se este é uma porcaria, então é muito provável que continuarão me oferecendo scripts cada vez mais inferiores e que, se o próximo também for uma bomba, e depois um outro após esse, minha carreira irá pro brejo? Tudo porque o dia de hoje, entre todos os dias, já começou errado, e por agora tudo estar virando um inferno e eu estar me sentindo uma

merda, o que significa que também pareço urna merda... Estava apavorado. E vulnerável. E, ah... tão humano.

Tudo isso a despeito do fato de que era Louis Trollope: ator, ladrão de corações, espécime perfeito de macho.

— Não, não, Louis, não parece! Parece... Bem, parece você! E você é... você é Louis Trollope, pelo amor de Deus!

Aquilo o paralisou. Com cuidado, virou-se e se olhou no espelho de corpo inteiro do camarim.

Será que viu o que eu vi? Louis Trollope, ombros largos, peito forte, quadril estreito, aquelas privilegiadas madeixas ligeiramente tosadas e aqueles olhos azuis penetrantes que continham, como declarado em O, "uma emotividade profunda de dar água na boca"?

Claro que viu. Ficou óbvio pela expressão de adoração em seus olhos ao avaliar o próprio reflexo no espelho.

Alguém bateu na porta.

— Sr. Trollope? Estão o aguardando no trailer de maquiagem.

— Obrigado. Já vou. — Louis inclinou a cabeça e sorriu escancaradamente. — Tem razão. Sou perfeito. E, não importa o quê, não devo deixar que nada, seja má sorte ou incidentes triviais ou incompetência dos outros, e isso diz respeito a você, minha querida Hannah, sua bela trapalhona, fique em meu caminho.

Com isso, puxou-me para perto, deu-me um beijo de parar o coração e seguiu para a porta.

Exausta, animada, apavorada, sentei-me. Como quem desaba.

Aquele não fora um beijo fraternal. E ele me chamara de bela.

Por outro lado, também me chamara de trapalhona. Trapalhona? Eu? Mus que arrogante, narcisista.. E, para registro, eu nunca, jamais disse que ele era perfeito.

Ele enfiou a cabeça pela porta.

— Claro, não vou aturar mais esse tipo de inconsistência. Seu período de experiência não pode ser para sempre, você sabe. Diante do ocorrido, faremos um trato: não descontarei o dia de pagamento por hoje, mas quaisquer outras transgressões serão consideradas. É justo, certo?

Agora, pegue o script, arranje outro Blue Mountain e depois me encontre no trailer de maquiagem em cinco minutos. Hum... Cinco é muito. Faça isso em dois.

Louis tinha razão: Breakneck, um filme noir sobre um tira corrupto dos dias atuais, tinha potencial para ser uma bomba de bilheteria.

Sim, contava com a vantagem de ter Louis como astro — graças a Randy, que o metera nessa um ano antes para preencher a agenda de Louis e, ao mesmo tempo, impulsionar a carreira em declínio de outro cliente, um diretor de terceira categoria com um histórico de filmes indecentes de adolescentes lascivos.

Em Hollywood, no entanto, timing é tudo. Logo depois, Louis estourou com Fast Eddie e sua carreira se firmou, de modo que a Columbia estava determinada a fazer o diabo para mantê-lo preso a Breakneck. Infelizmente para Louis, quando as tomadas começaram, quaisquer outros coadjuvantes de primeira classe que pudessem dar algum peso ao script já tinham contrato assinado em outro lugar — o que deixara Louis com um elenco de apoio

formado por intérpretes de segunda. Em outras palavras, os outros atores poderiam dizer que estavam em um filme de Louis Trollope, enquanto ele só poderia sorrir amarelo e tolerar a coisa — e rezar para que o estúdio segurasse o lançamento do filme até fevereiro, quando as notícias de que ele realmente conseguira as tão cobiçadas indicações ao Globo de Ouro e ao Oscar por *Dead End* dariam algum conteúdo àquele abacaxi ou permitiriam que *Breakneck* se tornasse um recado sutil aos votantes da Academia de que Louis também "pagara seu tributo" ao clube de Hollywood.

Eu disse intérpretes de segunda classe? Deixe-me esclarecer que os membros do elenco de Louis preenchiam toda a gama "classe B": Havia Simone Cavanaugh, que, nos anos 1950, fora uma mocinha charmosa e ingênua com um grande número de indicações ao prêmio da Academia exclusivamente por seus méritos. Sem nunca ter conquistado um, contudo, fizera o que todas as atrizes fazem quando chegam a uma certa idade: pegou todos os papéis oferecidos — absolutamente qualquer um, não importava o quanto o filme pudesse ser ruim — e arrasara nas cenas, na esperança de que o bicho da nostalgia picasse os membros votantes em número suficiente para dar a ela mais uma chance ao Oscar dourado. Para fazer isso com *Breakneck*, contudo, teria de convencer seus amigos membros da Screen Actors Guild de que seu papel de estrela de Beverly Hills alcoólatra e abandonada à própria sorte não era apenas uma repetição de sua personalidade e sua vivência.

Donnie Beaudry, agora cinquentão, sempre fora o "companheiro sombra", nunca o protagonista, e o era ali novamente, representando o parceiro de Louis em um esquadrão policial típico de Los Angeles. Donnie, definitivamente, fora um B, sem ter sequer chegado perto de um filme A. Mesmo assim, para crédito de Donnie, havia uma centena de títulos em seu currículo. O quê, você não se lembra de *Western Horizon* ou de *Café*

Califórnia? Talvez seja porque esses filmes nunca obtiveram público. No entanto, se você tiver um par de neurônios para queimar, vá até a amistosa locadora da vizinhança e verifique os filmes lançados apenas para vídeo. Você encontrará uma coleção de títulos com Donnie. Houve um jeito com o qual Donnie se enfiara na lista A, no entanto. Casara-se com ela: Bethany Revere, uma estrela com corpo de amazona e faixa preta em judô, a qual encontrara seu nicho representando papéis de "mulher aterrorizada que mais tarde se vingava chutando traseiros" e que mais recentemente vinha sendo preparada por "aqueles que mandam" para subir um degrau: salvar o mundo, digamos, em vez de apenas a própria pele. Quando indagada pelos tablóides curiosos (das maneiras mais gentis possíveis, obviamente) sobre o que vira em Donnie (que fizera uma ponta em um dos primeiros filmes dela para a TV), Bethany ronronara: "Vamos dizer apenas que ele tinha um toque muito lento...". Isso fizera, de imediato, os paparazzi saírem em busca das cafetinas de Los Angeles para saber se alguma de suas garotas poderia verificar — em off, é claro — se aquele toque muito lento era, na verdade, acompanhado por uma transa muito longa.

E, finalmente, Rex Cantor, um ator graduado e moldado pelo Actor's Studio que atuara em uns dois papéis de coadjuvante em filmes independentes aclamados pela crítica, mas cuja trilha para o estrelado em algum momento nos últimos oito anos se desviara de curso. Por quê? Era difícil explicar. Talvez tivesse dito "Não, obrigado" para muitos dos vários projetos que poderiam tê-lo catapultado para a lista A. Ou, talvez, tivesse permanecido com o agente errado por tempo demais. Ou, quem sabe, tivesse desenvolvido uma dependência às drogas que fizera os produtores de filme e suas seguradoras correrem na direção oposta. Sob qualquer ponto de vista, representar o cara mau em um filme de Louis Trollope só funcionaria se ele tivesse talento para

roubar a cena de Louis, o que conseguia (e talvez fosse essa a verdadeira razão pela qual Louis estava tão mordido).

Enquanto Louis representava suas cenas, fiquei em pé na área lateral, sempre de prontidão, celular cinza em uma das mãos, celular vermelho na outra, finalizando os arranjos para Nova York e Londres. Às dez e meia, as reservas do hotel estavam confirmadas, as tulipas de Tatiana, pedidas, e tudo corria bem no mundo — pelo menos bem o suficiente para que eu pudesse sentar por uns poucos minutos.

A animada assessora de imprensa de Donnie, uma bela loura peituda nutrida a milho do Meio-Oeste chamada Christy Tanner, ofereceu-me uma xícara de café e um croissant.

— Quer ficar lá conosco? — Apontou para uma mesa atrás do cenário em que dois outros assessores conversavam, bem longe do alcance audível de seus chefes.

— Claro, eu adoraria — exclamei, tomando um longo gole do café enquanto caminhávamos para lá. O único homem no grupo, Freddy Pugh, um rapaz negro e franzino e com cara de bebê que abraçava um cachorro de cara enrugada com coleira cuja fivela era enfeitada de pedras falsas, prontamente admitiu ser o "eunuco de Simone".

— E esta é Bette — chilreou, com doçura, ao me apresentar à cadela. É o bebê da senhorita Simone. E quero dizer bebê mesmo. Acredite em mim: troquei as fraldas de ambos.

A idéia de Simone Cavanaugh sob cuidados deixava bastante a desejar.

A outra assessora, Sandra Chapman, quarentona robusta e forte, com um sorriso hesitante, definiu-se como a "assistente executiva" de Rex.

— Ah, baixe a bola, Sandy! — Freddy suspirou. — Você é como todos nós: está ali para enxugar a testa e beijar o traseiro. Ou é beijar a testa e enxugar o traseiro?

Christy soltou uma risadinha astuciosa.

— Bem, falando por mim, não faço nem uma coisa nem outra, embora, devo admitir, Donnie realmente tenha me dado um beijo uma vez... — Conte, irmã! — exclamou Freddy, todo faceiro. — Estamos falando da nobre testa aqui ou de seu traseiro muito desejado?

Christy ficou ruborizada.

— Nada disso, verdade. O que eu quis dizer foi que eu... Bem, Bethany gritou comigo uma vez por deixar a temperatura da cera de depilação muito quente, e Donnie viu que eu estava chateada... E ele... Bem, foi gentil o bastante para me dar um beijinho... no rosto! — Parou, confusa. — Acreditem em mim, foi tudo muito inocente!

— Claro, benzinho — ronronou Freddy. — E, se você tivesse se oferecido para chupá-lo, tenho certeza de que ele a teria empurrado para baixo.

— Freddy, isso é... é absolutamente repugnante — disse Sandy. — Ao contrário de você, Christy e eu temos uma visão totalmente profissional de nossos trabalhos. Jamais ultrapassaríamos a linha limite com nossos patrões, certo, Christy? E eles sabem e gostam disso. Rex tem o mais honrado respeito por mim. Assim como tenho certeza de que Donnie tem por Christy.

Christy teve de pensar um pouco antes de concordar, "meio que" em dúvida, obviamente medrosa demais para admitir princípios menos nobres.

— Não se iluda, Sandy, velhota! Rex não está mostrando "respeito" por você. Ele não é um amor de pirulito desse jeito. Pelo menos, não com as

damas!

— E o que isso quer dizer? — sibilou Sandy.

— Quer dizer que Rex pode tratá-la como uma princesa — proclamou Freddy com um ar conhecedor —, mas só porque ele é o rei dos efeminados.

Ah, então essa era a razão para a carreira restrita de Rex! Agora, um bocado de coisas fazia sentido. Assim, Louis não tinha nada com que se preocupar, afinal.

— São apenas boatos maldosos — resmungou Sandy. — E, se gente como você continuar a incentivá-los, isso arruinará a carreira dele.

— Bem, querida, afaste-o de "gente como eu": onde há fumaça, há fogo. E seu rapaz tem fogo no rabo, queira você tomar conhecimento ou não. Mas não se preocupe, não serei eu aquele que vai expô-lo como homossexual. Aquela. minha velha diva, senhorita Simone, me mantém muito ocupado para perturbar outras pessoas.

— Mais incursões em caçambas de lixo? — perguntou Sandy, com condescendência.

— Não, desde que conseguiu este papel, ela moderou com isso. Por enquanto, de qualquer forma. Graças a Deus a mãe do diretor tinha uma queda por senhorita Simone. Tudo o que tivemos de fazer foi convidar a mãe dele para um chá e... voilà! Estávamos dentro. E, droga, sem dúvida é bem mais fácil surrupiar quinquilharias do assistente de estúdio do que das latas de lixo daquelas alamedas elegantes de Beverly Hills. Carros de patrulha demais, sabe? Alguns desses tiras de Beverly Hills devem fazer ronda de verdade, com os da Central Sul.

Bateu na enorme sacola a seus pés. Dei uma espiada dentro e vi várias garrafas de refrigerantes, sanduíches, sacos de batatas fritas e biscoitos enrolados em papel filme — certamente um jeito mais barato de comer em Beverly Hills do que descer até o Ralph's.

— Este papel acabou com nosso sono, não é, Bette? — continuou Freddy, aninhando a cadelinha no colo amorosamente. — Hoje em dia estamos de pé e ativos às três, compondo o rosto de senhorita Simone.

Ora, era curioso.

— Ela não se prepara aqui, na maquiagem? — perguntei.

— Está brincando! Só seu cabeleireiro, moi, sabe ao certo quantas pontas soltas sobraram naquela casca de ovo que ela chama de cabeça. Além disso, você pensa que essas garotas sabem como preencher aquelas crateras lunares no rosto dela? Senhorita Simone tem sua própria mistura de supercola. Quando termino o trabalho, ela pode muito bem passar por uma daquelas pseudo "Simone drag queens" lá do Micky's. — Freddy correu a língua pelos lábios sugestivamente. — Mas chega de falar sobre nós, querida. Fale-nos um pouco sobre você. E

sobre aquele bofe para quem trabalha, é claro.

Todos os olhos se cravaram em mim. Sentindo-me um pouco desconfortável, principalmente depois do que acontecera naquela manhã no camarim de Louis, gaguejei: — Bem, não há muito a contar. Comecei a trabalhar na noite passada.

Freddy esboçou um sorriso enviesado.

— Ele não perdeu tempo, perdeu?

— O que quer dizer? — perguntei, cautelosa. Considerando as insinuações sugestivas que rondavam a mesa, eu sabia que tinha de cortar quaisquer boatos pela raiz, e depressa.

— Oh, não leve Freddy a mal, Hannah — murmurou Christy. — Ele está apenas curioso... Bem, desde que Sam desapareceu... — Sam? — Agora era eu que estava totalmente confusa.

— Samantha. Você sabe, a última assessora de imprensa de Louis. Quero dizer, era, até dez dias atrás.

— Oh... — Então Samantha era o misterioso "Sam" que fora barrado de contato com Louis. — Ninguém me falou dela.

Ficamos todos sentados ali, em silêncio. Christy e Sandy trocaram olhares de desconforto, enquanto Freddy se inclinava com ar conspiratório.

— Bem, sem dúvida podemos ajudá-la nisso.

— Freddy... — advertiu Christy.

Freddy fez uma careta.

— Ela tem o direito de saber!

— Saber o quê? — perguntei, exasperada.

— Você tem razão. Ela tem direito — admitiu Sandy. — E certamente não ouvirá isso dele.

Aquilo bastou para mim. Levantei-me.

— Não tenho tempo para isso. Louis tem uma entrevista a dar para o ET durante o almoço... Os olhos de Christy estavam tão redondos como pires.

— Hannah, por mais que eu idolatre Mary Hart, isto é maior até mesmo do que ela. — Puxou-me de volta para a cadeira.

Senti meu coração disparar no peito.

— O.k., então, desembuchem — bufei rispidamente.

Como eu deveria imaginar, Freddy tomou a dianteira.

— Olhe, Hannah, só travamos conhecimento com Sam durante essas últimas quatro semanas de filmagem, certo? Mas viemos a conhecê-la muito bem, e nós, assessores de imprensa, temos de ficar unidos, compreende? Isso porque cada um parte do mesmo princípio: sabe, amar nosso trabalho. Bem, talvez não amar; mas, admitamos, é ótimo ser borrifado com um pouquinho de poeira das estrelas, entende o que quero dizer? Mas a realidade é esta: não somos tratados melhor... não, deixe-me reformular a frase... somos tratados bem pior do que este bicho feioso. Apontou para Bette. — E, não importa quanto façamos por eles, ainda nos tratam como cidadãos de segunda classe, como se estivessem fazendo-nos um favor por nos deixar cuidar deles.

Fez uma pausa antes de prosseguir: — Bem, Sam era a melhor das melhores, sabe? Eram ambos "do outro lado", do Atlântico, como dizem, e se conheceram quando ele conseguiu seu primeiro grande projeto com a BBC, lá em Londres. Ela era uma estudante que precisava de dinheiro, e ele estava provocando tititi por lá e precisava depressa de alguém; assim, ela assumiu o barco como sua assessora. Ela faria qualquer coisa para o Rei Louis, tanto que abriu mão de seus amigos e de sua família para vir pra cá. E, rapaz, ele era exigente! — Freddy respirou fundo. — Bem, isso não quer dizer que não "jogasse um osso" para ela de vez em quando. — Riu com sarcasmo. — Na verdade, era bastante pródigo com a "comida", se entende o que quero dizer,

pelo menos naquilo que se referia a Sam. Ela vivia para isso, não me entenda mal. Como eu disse, faria qualquer coisa pelo cara. Porque o amava.

— Aonde quer chegar, Freddy?

— Já vai entender, está bem? Veja, Sam pensou que poderia esvoaçar perto da chama sem se queimar. Sabe o que eu quero dizer? Sempre que ele estava entre os sabores do mês, e mesmo quando já estava fígado, Sam se fazia disponível para ele, embora dissesse a si mesma que não havia vínculos.

— Compreendo — eu disse, cordial. — Bem, gente, obrigado pelo aviso. Mas não se preocupem. Louis é apenas um trabalho temporário para mim, algo a fazer por alguns poucos meses para pagar o aluguel, apenas isso.

Christy suspirou e meneou a cabeça com ar solene, como se aquelas palavras despertassem uma lembrança distante.

— Sim, isso é o que todas dizemos — lamentou-se Sandy. — E na próxima semana é nosso nono aniversário.

— Você não é casada com Rex, Sandy, portanto não é exatamente um aniversário — caçoou Freddy.

— Bem, eu estou falando sério. — Levantei-me de novo e me virei para sair. — Estarei fora em sessenta dia, no máximo. Louis não significa absolutamente nada para mim. Tenho um projeto importante que quero completar e darei no pé no momento em que eu quiser.

— Tanto faz — disse Freddy, em um tom gentil e experiente. — Engraçado, era o que Sam dizia, também. Pretendia completar o último semestre da faculdade. Mas nunca voltou para lá.

Em vez disso, envolveu-se na vida dele e apaixonou-se. Até a semana passada, quero dizer, quando ele lhe pediu um favor: fazer um ménage com ele e um amigão. Ela fez, mas se odiou depois disso. Veja, tudo o que ela realmente queria era que Louis a amasse tanto quanto ela o amava. Mas, depois desse pequeno episódio, é claro, ele não poderia. Era a prova de que ela precisava.

Um amigão.

Mick?

Resmunguei alguma coisa sobre checar a equipe de câmeras do ET, acenei um adeus e me afastei o mais depressa que pude.

## Equilíbrio

*Situação em que mais de uma força age sobre um corpo, embora disso não resulte qualquer movimento em razão de a soma das forças ser zero.*

A banda contratada para a festa de estréia do filme de Ethan Blount na "Sala dos Mais Vips"

era desagradavelmente barulhenta, com um repertório de músicas desconhecidas tocadas com instrumentos desafinados.

Mas nada disso parecia incomodar a multidão, formada principalmente pelo pessoal batalhador do estúdio; de ator vivo que de fato atuara na última abominação cheia de efeitos especiais de Ethan não havia muita coisa. Estavam ali também diretores e roteiristas que precisavam circular para promover seus projetos e todos os costumeiros freqüentadores de uma boca-livre: uma Paris Hilton ou duas, um par de Toms Arnolds, uns poucos participantes de reality shows da TV. Havia ainda os membros do fã-clube de Ethan, fluentes o bastante em "Klingon" para terem decifrado o e-mail anônimo que continha informações "o quê-quem-quando-onde-como-por quê" da festa (a mensagem fora capturada por hackers dos computadores do departamento de promoção do estúdio e disseminada pela internet); e, é claro, os membros da Patota.

Isto é, estavam todos lá, exceto Mick.

Fiquei imaginando por que ele não fora e tentei pensar em um modo indireto de perguntar a Louis se ele sabia se Mick apareceria, mas depois pensei melhor. Não era uma boa idéia. Afinal, Louis não parecia ter notado a ausência de seu amigão.

Por outro lado, por que ele perceberia isso? Louis ainda estava tomado daquele ímpeto eufórico dos atores que acabam de caminhar pelo tapete vermelho — o som dos berros histéricos das fãs ainda a zunir em seus ouvidos, a luz dos flashes das câmeras dos paparazzi ainda a lhe queimar as córneas, sem falar na saliva respingada durante as perguntas dos repórteres sobre uma possível indicação ao Oscar por *Dead End*, ou sobre o que ele estava usando (um suéter Zanone, de gola redonda justa no pescoço, cinza-escuro acastanhado, sob uma capa de camurça cor de oliva com estampa escocesa, de Sean John, com jeans de Martin Margiela, todos escolhidos por seu personal stylist), ou sobre, é claro, seu relacionamento com Tatiana ("É verdade que estão planejando o casamento para o ano que vem?").

Tudo isso reafirmava aquilo que ele precisava desesperadamente saber: que ele (e não seu companheiro Ethan) era o Homem da Noite.

E, como tal, estava sendo incensado por todos os que tinham sorte suficiente para ficar ombro a ombro com ele, inclusive as muitas mulheres ansiosas, bronzeadas, esteticamente dignas de passar pela corda de veludo vermelho que continha a massa comprimida de gente que se acotovelava para fora da área delimitada no Sunset Boulevard.

Em tudo e por tudo, era uma celebração adequada para *Tales of the Crystal Universe*, que, como a maioria dos filmes de Ethan, deixava os críticos

perplexos com seu roteiro confuso e seus diálogos afetados, mas empolgava os fãs com efeitos especiais "nunca vistos antes".

Em algum outro universo — um no qual ele não fizesse tanto dinheiro realizando o que mais amava, isto é, arrasa-quarteirões tecnológicos —, Ethan teria sido relegado ao ostracismo por ser um nerd. Estando em Los Angeles, contudo, era aclamado como um Hollywood Power Ranger, um dos poucos escolhidos cujo conhecimento inato de magia tecnológica lhe permitia uma conectividade paranormal com a mais básica (embora muito cobiçada) de todas as platéias de cinema: adolescentes.

E, por ser Deus aos olhos dessa turma, também era reverenciado como divindade pelos chefes de estúdio de Hollywood.

Para azar de Ethan, porém — embora em conformidade com a crença dos Power Rangers —, ele fora fatidicamente atraído de forma doentia para as profissionais do boquete do Sunset.

Você quer saber o que é uma profissional do boquete do Sunset? Você conhece o tipo, pode acreditar: uma mulher cuja beleza física é por demais extrema para florescer em algum outro lugar do planeta que não ali, Hollywood.

Quando a profissional do boquete do Sunset não está circulando pelo boulevard com o qual compartilha o apelido, está desvirtuando a última moda, ao agir como cobaia para cirurgiões plásticos pioneiros, e — o mais importante para sua sobrevivência — aperfeiçoando a arte da felação (daí a razão de seu apelido do meio). Tudo de forma a cumprir sua verdadeira e única missão na vida: evoluir de uma vendedora da Rodeo Drive para uma Matrona de Malibu antes dos trinta anos.

Tal qual o campo magnético que puxa os planetas para dentro da órbita de um sol, a profissional do boquete do Sunset está sempre cercada por batalhões de Power Rangers.

Quando vai escolher um deles, ela cuidadosamente apanha como seu consorte o Ranger-Com-Maior-Probabilidade-de-Sucesso-na-Bilheteria.

Provocado e tentado, o Ranger escolhido sofre para ignorar todas as óbvias diferenças — mentais, emocionais e, na maioria dos casos, teológicas — que se interpõe entre ele. O clímax final uma vez que seu filme tenha superado todas as barreiras de som das bilheterias, ele obtém permissão para saracotear graciosamente pelo tapete vermelho com sua profissional do boquete do Sunset ao lado (vestida com uma abominação recortada e cubista de Versace com a qual nenhuma dominatrix com um mínimo de respeito por si mesma seria surpreendida).

E, se a profissional do boquete do Sunset for esperta o bastante para se manter ali — em vez de se juntar à fraternidade de coelhinhas da Playboy —, ela e seu Power ranger selarão, finalmente, seu compromisso, em uma extravagância nupcial suficientemente excessiva para merecer suas próprias quatro páginas desdobráveis no meio na People ou, melhor ainda, uma matéria na Us Weekly.

Claro, há um preço que o Hollywood Power Rager terá de pagar por esvoaçar tão perto do sol.

Posteriormente sua profissional do boquete do Sunset baixará seu decreto legal: sob nenhuma hipótese ele terá permissão de falar sobre negócios quando estiver perto dela.

Ela enxerga a cidade — o que os de dentro chamam de indústria do cinema — como "a amante", e não de forma equivocada. Contudo, a

profissional do boquete do Sunset nunca admitirá isso. Em vez disso, fará dos "assuntos de trabalho" algo constrangedor, como a homossexualidade era nos anos 1950 — nunca discutida, muito menos exibida em agradável companhia. Isso lhe permitirá demonstrar uma atitude de aborrecida indulgência: tudo bem que ele brinque com seus amiguinhos no estúdio para criar fantasias que como retorno lhe tragam o prestígio e o dinheiro de que ambos desfrutam (quero dizer, conseguiriam aquela mesa no Ivy se ele fosse um contador de primeiro escalão com franquia da empresa H&R

Block? Acho que não!). Mas não é legal falar sobre isso na presença dela.

Eis por que, eu logo descobriria, Ethan praticamente vivia na casa de Louis. Lá, fora do alcance dos ouvidos de sua profissional do boquete, Ophelia Randolph, podia falar de cinema, para alegria de seu coração.

Enquanto a banda dava sono, Ophelia postava-se ali, dominadora sobre ele, uma visão atordoante em um mini Pucci estilo vintage e sandálias Manolo Blahnik de tiras no tornozelos, de salto dez e meio, embora ostentando uma expressão de tédio estudado. Como assistente de Louis, eu fora considerada muito inferior para que ela conversasse comigo, e isso era ótimo para mim. Infelizmente, Ethan deixou escapar que eu era filha de Leo — o que, é claro, atiçou o interesse de Ophelia.

— Eu o vi umas duas vezes na Casa del Mar — esgoelou, só um pouco mais alto que a banda.

— Na verdade, acho que ele me pegou de carro lá, uma vez. Poderia ser?

— Ah, sim, sem dúvida. Por outro lado, você poderia ter deixado que ele a pegasse em qualquer lugar, até no mercado da Farmer, não é?

Para provar que ela não estava errada por ter me ignorado de início, enrolou-se em torno de Ethan como uma sucuri e puxou-o para uma banquetta onde T estabelecera sua corte, sabendo que, ali, ambos seriam apreciados adequadamente.

Ela não precisava ter se dado ao trabalho. Eu estava prestes a dar minha escapada para o observatório, onde poderia ficar mais uma vez entre as únicas estrelas que realmente me interessavam.

Rumei para Louis, na esperança de lhe atrair o olhar, dar-lhe um rápido adeus e avisá-lo de que estaria fora no dia seguinte — sábado —, embora fosse ficar disponível por telefone caso viesse a precisar de mim, e que voltaria à sua casa no domingo, a tempo de Malcolm nos levar para Van Nuys, à tarde, para o aeroporto, de onde partiríamos para Nova York. Também queria recordá-lo de que, como prometera, Malcolm ainda o esperava lá fora para levá-lo para casa — embora não houvesse qualquer problema em pegar uma carona caso quisesse uma, considerando a multidão de mulheres babando e ofegando em torno dele.

Apesar das inúmeras tentativas, não consegui fazer um que ele me visse em meio a toda aquela fumaça de cigarro e às cabeleiras estilizadas. Finalmente, desisti. Ao ver Randy parado de lado, olhando com inveja para Louis, pesei as probabilidades de que ele fizesse o favor de dar meu recado a Louis. Talvez suas normas de empresário o deixassem com algum tipo de responsabilidade fiduciária para entregar tais missivas a seus clientes. Meu palpite é que sim, embora eu também pudesse apostar que ele quebraria as regras quantas vezes parecesse adequado. Mesmo assim, era minha única alternativa.

— O que você quer? — Foi o cumprimento de Randy para mim.

Sem me abater por sua estupidez, sorri e comecei: — Bem, eu estava pensando em sair e... Seus olhos se estreitaram, e sua boca torceu-se afetadamente.

— Certo, boneca, eu lhe darei uma carona. — Colocou a mão em torno de minha cintura e me puxou com dureza, o que nos deixou nariz a nariz. Então, sibilou: — E será o passeio de sua vida.

Fora um longo dia, eu estava cansada até os ossos e realmente não precisava aguentar aquele tipo de aborrecimento. Em momentos assim, agradeço a Deus pela insistência de Leo em me ensinar os poucos golpes de jiu-jítsu que ele sabia, uma coisinha que aprendera no exterior ao fazer dois ou três filmes de samurai para poder pagar o sr. Leão da Receita.

Uma simples flexão de pulso deixou Randy de joelhos, a gritar como um porco. Eu lhe disse que só o deixaria ficar em pé depois que promettesse repassar meu recado.

Assustado, ele concordou, e então eu o soltei — para logo me arrepender: mesmo atordoado, Randy começou a desembuchar uma conversa maluca sobre como jamais percebera que eu era da turma do sadomasoquismo e como isso me tornava uma deusa a seus olhos e se era demais imaginar que eu, como ele, também frequentasse o Passivo&Dominante. Se assim fosse, como membro de cartão de platina do Threshold Club, ele ficaria encantado — não, ficaria honrado! — de me patrocinar para a próxima disputa "Amante da Loucura/ Sereia da Tristeza" do clube.

Aquele oferecimento idiota foi a cereja no bolo de meu dia.

Rumei para a porta.

Já estava quase fora quando senti uma mão em meu ombro. Sem humor para mais qualquer um dos jogos de Randy, estaquei; já me preparava para outra discussão quando ouvi a voz de Mick: — Ô, vaqueira! É o velho aqui. E prometo que ficarei de joelhos de boa vontade se prometer não me machucar.

Ao me virar, não pude impedir de me mostrar constrangida. Então ele presenciara minha pequena alteração com Randy!

Bem, aquilo era ótimo. Agora provavelmente ele pensaria que eu era algum tipo de psicopata que extraía prazer em machucar rapazes.

Como se lesse minha mente, Mick exclamou: — Deixe-me adivinhar. Randy mostrou seu habitual cavalheirismo e lhe disse algo absolutamente encantador.

Concordei, aliviada por ele ver a situação como ela era.

— Sim, e estou cansada demais para tolerar isso. Infelizmente, acho que minha reação deu a ele a impressão errada.

— Posso imaginar. Certa vez dei o azar de deparar com Randy em suas calças e seus apetrechos de couro. Pode acreditar: é uma cena difícil de esquecer.

Fiquei contente por ele não pedir mais explicações.

— Então, não vai ficar? — perguntou Mick. — Não veio com Louis?

— Sim, mas ele já está bem crescido, não? Malcolm está no controle remoto, portanto tenho certeza de que ele achará o caminho de casa de um jeito ou de outro. Aliás, isso me faz lembrar que preciso chamar um táxi.

— Não se incomode. Estou com minha moto. Eu lhe dou uma carona.

Não respondi de imediato. Eu tinha planejado voltar até a casa de Louis para pegar meu carro.

Depois iria para casa para me trocar e vestir um jeans antes de olhar as estrelas, o que, tenho certeza, soaria como uma mancada para um cara como Mick.

Ele descobrirá que sou uma maluca se eu lhe contar sobre a grande noite que tinha planejado.

Optei por ganhar tempo.

— Não deveria ficar aqui, por Ethan?

— Não, já falei com ele que preciso ir. Além disso, quando está com Ophelia ao lado, não tem nenhuma graça.

Não pude deixar de rir.

— É mesmo, tenho essa sensação também. Mesmo assim, o lugar está animado. Acho que você gostaria de ficar... A banda iniciou um refrão uivante que fez Mick tampar as orelhas.

— O quê? Não consigo ouvir você! — Meneando a cabeça, puxou-me gentilmente pela porta.

A rua estava cheia de gente vestida para uma noite de paquera na Strip. Em ambas as direções, por todas as quatro alamedas, carros se arrastavam lentamente, as pessoas a olharem lascivamente e a buzinares para a multidão de frequentadores de clube. Estava barulhento lá fora, também, mas pelo menos podíamos ouvir um ao outro.

Ele deixara claro que eu não me livraria dele facilmente — não que eu ligasse a mínima para isso.

Tudo bem, direi a verdade. Isso vai afugentá-lo.

— Agradeço a carona. Mas tenho certeza de que você sairia do seu caminho. Tenho de subir o Laurel e pegar meu carro na casa de Louis e, depois, passar em casa e trocar de roupa e, então, ir para... bem, para o Griffith Park. O observatório.

— Mas é tarde. Não está fechado?

— Há uma plataforma que a UCLA armou para sua nova pesquisa de planetas. Esse é meu verdadeiro trabalho.

Ele me encarou com um olhar incrédulo.

— Está brincando?

— Não, falo muito sério. Mas, desde que assumi este emprego com Louis, tenho estado tão ocupada que não venho mantendo minha pesquisa. Portanto, é agora ou nunca. — Suspirei. — Olhe, compreendo perfeitamente se você quiser cancelar a carona. Não se sinta obrigado a esperar.

Pelo canto do olho, vi um táxi parar e dele desembarcar um casal bêbado, às gargalhadas.

— Eu o vejo quando voltarmos de Londres, espero — completei.

— Olhe, vamos fazer um trato — disse Mick. — Você pára de tentar se livrar de mim, e eu lhe dou uma carona até a colina. Na verdade, se permitir, eu gostaria de ir junto em sua pequena expedição de observação às estrelas.

— Bem... certo. Mas... mas por que gostaria de fazer isso?

— Porque eu... Ah, sinto-me como um idiota por admitir isso agora, mas, tudo bem, vou dizer.

Só não ria de mim: embora eu viva aqui há vinte anos, nunca estive no observatório.

Eu ri. Com gosto. E ele também.

— Sinto muito — gaguejei —, mas posso acreditar que nunca estive lá. A maioria das pessoas em Los Angeles nem mesmo sabe que existe, o que é uma vergonha.

— Então não se importa de ser minha guia esta noite? Sorri.

— Ficaria honrada. É uma troca justa pela carona... E pela gasolina.

E (espero) por sua afeição.

Enquanto eu trocava de roupa em meu quarto, Mick — mantendo uma distância cavalheiresca em minha pequena e desconfortável sala de estar — bombardeava-me com perguntas sobre buscas de planetas e meu interesse pela astronomia.

— Que tipo de telescópio você usa?

— Um TeleVue NP-101. É portátil, mas robusto... cerca de onze quilos e meio. Tem um refrator APO de quatro polegadas. Uso uma peça de lentes monocêntricas Carl Zeiss, algo com uns cinquenta anos de idade, mas considerado um clássico entre os astrônomos por causa do design de duas lentes, diferentemente de muitos telescópios modernos, que têm até nove lentes. Isso proporciona um campo de visão mais estreito. Ou seja, significa que se vê mais transmissão de luz de objetos mais longínquos, coisa que os telescópios multilentes mais novos não conseguem.

— Puxa. Estou impressionado. Então, que estrela vamos observar?

— A UA Microscopium — respondi. — Mas ela é chamada de "Mic", para encurtar. Uma estrela anã vermelha. Isso quer dizer de baixa massa, como são oitenta e cinco por cento de todas as estrelas. Está a cerca de dezessete mil anos-luz de distância.

Também expliquei que cientistas tanto da Universidade da Califórnia em Berkeley como da Austrália suspeitavam que um planeta maior do que Júpiter e três vezes mais distante de sua estrela do que a Terra do Sol orbitasse Mic em algum lugar, dentro do disco expandido de poeira emanando cerca de duzentas e dez unidades astronômicas, ou trinta e dois bilhões de quilômetros — a partir da estrela em si. Todas as apostas eram de que esse planeta misterioso estivesse em alguma parte dentro das primeiras vinte unidades astronômicas mais próximas de Mic, se tanto. O objetivo agora era verificar essas suspeitas, e isso exigia observação constante por astrônomos amadores, como eu.

— Mic, hein? Como eu. Muito bom — exclamou. Depois, de certa forma embaraçado com o tom orgulhoso da voz, continuou: — Como é possível afirmar que um planeta está seguindo uma estrela?

Embora houvesse vários métodos, astrônomos amadores optavam por anotar oscilações — ou "nutações" — feitas pela estrela conforme puxava planetas com um campo magnético. No entanto, não sei se ele ouviu essa explicação, porque enquanto eu falava minha cabeça estava enterrada em um suéter de tricô muito justo que enroscara em um de meus brincos.

— Isso significa que a estrela precisa de vigilância constante, e não existem cientistas suficientes para fazer isso. Essa é a razão pela qual recebem de bom grado voluntários para preencher a folga. Se formos capazes de confirmar a teoria, todos ganharemos.

— Quanto tempo deve durar todo o projeto?

— É difícil dizer. Pode levar anos.

Aquilo arrancou um pequeno assobio da parte dele.

— Se você não confirmar a teoria, sentirá como se tivesse perdido seu tempo?

Parei, para organizar meus pensamentos em relação àquela pergunta e também para puxar o zíper de meu jeans desbotado predileto. E, como queria ver a cara dele quando eu desse minha resposta, peguei uma jaqueta do armário, abri a porta do quarto e fui para a sala. Lá, encontrei Mick espiando pelo meu telescópio, apontado diretamente para o buraco da fechadura da porta do quarto.

Pego em flagrante delito, ele ergueu os olhos, constrangido.

— Puxa, essa coisa é poderosa!

Arranquei o instrumento de sua mão e rumei para a porta.

— Para responder à sua pergunta: sim, é uma aposta no escuro, com probabilidades de se meter o pé pelas mãos. Acho que é exatamente como você se sente depois de escrever um script, à espera que alguns produtores optem por ele, observando-os a estudá-lo, passando-o de mão e mão apenas para voltar para a estante. Depois, quando decidem fazer um filme a partir dele, primeiro o reescrevem inteiro e após isso o revisam duas, três ou mais vezes, de maneira que deixa de ser seu script. E esse processo pode tomar um tempo muito longo, talvez uma década ou mais, coisa de louco, certo?

Ele concordou, frustrado.

— Esse é um bom argumento. — Apontou na direção do Beetle. — Vou dirigindo hoje. Entre.

Eis o que descobri sobre Mick enquanto observávamos, de forma revezada, a jovial anã vermelha girar e tremeluzir:

1. *Ele tinha nascido em uma pequena cidade no Missouri onde, afirmara, não havia sequer um arranba-céu. Em virtude desse fato, ponderei, era mais do que provável que sua cidade natal tivesse um belo firmamento para observar as estrelas.*

2. *Era alérgico a gatos (o que me deixou contente por não ter um).*

3. *Preferia escrever para cinema a escrever para TV. Embora tivesse feito ambas as coisas, provavelmente estaria mais rico se houvesse se firmado na televisão.*

4. *Sua mãe se preocupava com a alimentação dele. (Se estivesse por perto, na festa, teria ficado sossegada, porque ele confessara que comera sem parar)* 5. *Como eu, ele não suportava Ophelia e estava rezando para que Ethan resolvesse as coisas antes que ela convenientemente se esquecesse de tomar o anticoncepcional e jogasse com seu instinto natural de "fazer o melhor por ela". ("Ninguém cai nessa, cai? Achei que isso tivesse terminado com A Força do Destino, aquele filme com Richard Gere de 1982", eu disse, horrorizada. "Ah, você ficaria surpresa ao ver que esse truque é mais comum do que se pensa... e, por falar nisso, o filme está em DVD para alugar", explicou Mick).*

Eis o que Mick descobriu sobre mim (e, acredite, apenas porque perguntou):

1. *Quanto eu já tinha saudades de Leo.*

2. *Como estava zangada com Leo por me deixar antes que pudéssemos desfazer as desavenças entre nós.*

3. *Como me lamentava por não ter sido capaz de dizer a Leo o quanto eu realmente precisava dele quando tivera a chance.*

4. *Quanto orgulho eu esperava que Leo tivesse de mim ao fazer algo como aquilo — particularmente algo como aquilo, que não tinha nada a ver com aquela cidade.*

*Nenhum de nós mencionou Louis.*

Lá pelas cinco horas, havia luz suficiente no céu para nos convencer de que tínhamos forçado nossos olhos — e nossas vozes — o bastante por uma noite. A volta para minha casa foi feita em silêncio. Mick insistiu em me acompanhar até a porta e carregar o telescópio. Agradei e o informei de que agora sabia que valia a pena tirar um tempo para colocar massa de vidraceiro no buraco da fechadura de meu quarto.

Quando ele se inclinou para me beijar, não tentei impedi-lo. Nem ofereci resistência quando ele nos empurrou da soleira para dentro da casa e, muito gentilmente, puxou-me pela sala até meu quarto — e para minha cama.

E devo admitir: fui eu quem arrancou o botão de sua camisa ao puxá-la de sob o cinto. É

verdade, nos revezamos em arrancar os jeans um do outro, mas eu lhe darei crédito total pela rapidez com que tirou um sutiã meia taça sem costura da Victoria's Secret, e parabéns inquestionáveis por seu toque gentil ao puxar para fora minha tanga brasileira de renda e pelo jeito terno com que explorou cada recesso e fresta de meu corpo carregado de amor... ... até que o telefone tocou.

Em um reflexo, apanhei-o, embora Mick resmungasse.

Amor dói.

Amor não correspondido é uma porcaria ainda maior.

Claro, nada daquilo interessava a Louis, que estava em plena crise de nervos.

— Amor, onde diabos você se meteu? Liguei para seu maldito celular a noite toda!

— Eu não estava esperando... Quero dizer, desliguei-o depois que saí do clube. Estive... bem, eu... Louis, é sábado. Randy não lhe deu meu recado?

— Randy? Não, Randy não disse nada. Olhe, aconteceu... algo terrível aconteceu... — Havia uma ansiedade dolorosa em sua voz, que fraquejou antes que ele pudesse terminar a frase. — Preciso de você.

— Agora? Mas... nem são seis horas ainda!

— Por favor, Hannah. Olhe, eu... explicarei quando chegar aqui.

Desligou.

Olhei para o teto, pensando o que significava mais para mim: minha obrigação para com Louis ou minha atração por Mick.

Mick tomou a decisão por mim. Levantou-se, vestiu-se e me deixou sem nada mais do que um beijo na testa.

E um coração partido.

Levei exatos trinta e oito minutos para voar de minha casa até a de Louis.

Nesse meio-tempo, Louis de alguma forma encontrara forças para se recompor: estava vestido impecavelmente, barbeado e cantarolando uma das canções de T enquanto mastigava um bolo de aveia de baixo teor de carboidrato junto com seu copo de suco de grapefruit. Nem mesmo ergueu os olhos de sua Variety quando entrei correndo.

— Mudança de planos — disse, com um sorriso radiante. — Estamos de partida para Nova York imediatamente.

— O... k. — Minha mente correu em um milhão de direções. De repente, estava com dor de cabeça. — Terei de chamar o serviço de jato e informá-los. E mudar a reserva do Ritz. E o pedido de tulipas, acho. Ah.. Posso perguntar o que aconteceu? Você parecia bastante aborrecido quando desligou, quarenta minutos atrás.

Poderia ele deduzir por minha entonação que eu estava um bocado irritada? Eu esperava que sim.

— De repente bateu uma saudade imensa de Tatiana. Sabe como é quando se está enamorado? Quando não se consegue ficar longe um segundo a mais?

— Sim. Conheço o sentimento — resmunguei.

Tecliei o número de reserva para o jato particular do estúdio no celular cinza e saí da sala.

## Penumbra

*Literalmente, meia-luz. Refere-se, com mais frequência, à sombra externa lançada durante eclipses.*

É verdade — para atores, pelo menos — que o mundo é um palco. E, já que minha atividade principal me colocava no centro da primeira fila no mundo de Louis (aparentemente, a descrição de emprego não estava mentindo quando falara em vinte e quatro horas por dia, sete dias na semana), havia uma parte dele que ansiava por um constante aplauso em pé de minha parte.

Bem, quanto ao que me dizia respeito, naquela manhã ele não conseguiria.

Eu ainda fumegava de raiva quando Malcolm nos apanhou e nos levou até a pista particular de Van Nuys. Aquilo impediria Louis de tentar conquistar minha afeição? Estranhamente, não, de jeito nenhum. A princípio, ele estava um pouco aborrecido, mas resolveu demonstrar isso da melhor maneira que sabia: com erótica displicência.

— O que você acha de deixarmos de lado essa indiferença glacial, hein, amor? De onde venho, chamamos isso de preliminares estimulantes.

Ao ver que essa tática não funcionara, ele decidiu, então, ignorar meu beijo completamente, presumindo que poderia me engambelar para perdoá-lo.

Nos quarenta minutos de viagem de sua casa a Van Nuys, ficou tagarelando: sobre as fofocas da Indústria, das palhaçadas da turma depois da festa... Tentou até me "encher a bola", dizendo que sentira minha falta na "Sala dos Mais Vips".

— Eu esperava que você ficasse por lá e me salvasse de todas aquelas mulheres excitadas e ansiosas. Não que eu a culpe por achar isto aqui matinal demais, que foi o que você fez... Quisera eu poder fazer o mesmo, mas não se conseguem as coisas nesta cidade pondo o relógio para depois das oito da manhã. — Esperava conquistar um mínimo de reconhecimento de minha parte. Nada feito. Palavra alguma passou pelo sorriso educado porém gélido em meus lábios.

Louis sorriu, disposto a não desistir facilmente.

— Você saiu tão cedo que eu tinha certeza de que havia dormido bastante até a hora em que telefonei de manhã.

— Ah, claro. Eu sempre me levanto antes do sol — resmunguei. — Se quer saber, Louis, estive fora a noite toda, também, cuidando de alguns... assuntos pessoais.

— Claro. Compreendo. — Deu um tapinha de simpatia em minha mão. — Hum. Mick deve ter feito o mesmo. Eu não o vi, mas Randy disse que ele esteve lá, pelo menos por algum tempo.

Você o viu?

Perguntou de um jeito bastante inocente, mas, pela maneira como seus olhos se cravavam nos meus — como dois mísseis ativados pelo calor —, suspeitei de que já soubesse a resposta.

Se não, tenho certeza de que o rubor em meu pescoço confirmou tudo. Mesmo assim, respondi, da forma mais indiferente que pude: — Sim, eu o vi.

O resto do trajeto foi feito em silêncio.

A limo seguiu até a pista, parando perto da escada que descia da porta da frente da aeronave.

Fomos saudados pelo piloto e pelo co-piloto, ambos com jeito de terem sido contratados pelo departamento de elenco do estúdio, de tão perfeitamente que se encaixavam em seus papéis de aeronautas, com as costas eretas e os olhares sérios. Depois de um bate-papo simpático a respeito do quanto tinham apreciado o último filme de Louis e das condições do tempo que poderíamos encontrar na rota para Nova York, eles ajudaram Malcolm com a bagagem.

Quando embarcamos, Louis insistiu para que eu fosse primeiro. Depois, bastante solícito, firmou minha mão quando cheguei ao degrau do topo. Ignorando a paquera atenciosa da comissária, apresentou-me a ela como "a única mulher em minha vida sem a qual eu não conseguiria fazer nada" (o que a fez praticamente curvar-se em uma reverência diante de mim).

Pelo que eu podia ver, o jato do estúdio, um Boeing 737-800 modelo "executivo", era equipado com todos os acessórios possíveis e imagináveis: um (exigido) bufê zone a ser servido assim que atingíssemos a altitude de cruzeiro em porcelana Wedgwood padrão "Jóias da Imperatriz", de Vera Wang; um bar abarrotado, com Brut Réserve a gelar em um balde de cristal de Wil iam Yeoward para champanhe; um sofá embutido e quatro poltronas, personalizados, da Collezione-Divani, todos revestidos de couro tão macio que você poderia jurar que fora marinado em manteiga por um mês antes de ser costurado a mão; a indefectível sala de projeção, com um sistema digital de alta

definição e uma filmoteca que incluía cada novo lançamento disponível, bem como cada filme que o ator em trânsito fizera e cada obra-prima do cinema assinada pelo estúdio; um saguão na parte traseira com uma mesa de jantar de mogno projetada por Michael Graves cuja altura era ajustável eletronicamente e que no momento se encontrava acertada para acomodar o típico protagonista masculino, que tem — de acordo com a maioria dos departamentos de divulgação dos estúdios — um metro e setenta e oito (embora, se a mesma fonte não tivesse vergonha em admitir, estava na verdade mais para um metro e setenta e três, e isso esticando); e, por último — mas de maneira alguma não menos importante — , uma "suíte master" para o cansado viajante do mundo, suíte esta que ostentava uma cama redonda de colchão de plumas tamanho cal king.

A comissária de bordo, apropriadamente chamada Caresse, era uma amazona de um metro e oitenta, de cabeleira negra, vestida de maneira a tornar qualquer vôo de artista de Hollywood menos estressante, quando não absolutamente desfrutável. Seu uniforme incluía um macacão agarrado ao corpo de jérsei de Lycra desenhado por Versace, com boné de jornalista combinando (ambos com o logo do estúdio). Tinha uma tendência a parar em uma proximidade provocadora e exalava um cheiro tão excitante de almíscar que qualquer VIP a bordo não se importaria por ela agir assim. Falava em um tom de voz suave, murmurante, a emanar de lábios arredondados em um provocante beicinho úmido. Recebera aulas para atuar como chef, casa Louis esquecesse um pouco sua dieta e concedesse a si mesmo a indulgência de querer, digamos, uma tilápia grelhada com manteiga de lima do Chile. Era treinada em shiatsu, assim como em manobra de Heimlich e ressuscitação boca-a-boca. E, finalmente, seus seios eram inflados com tanto do requisito silicone que poderiam ser qualificados como dispositivos de flutuação. Eu não tinha dúvida de que Louis se agarraria a eles se, Deus nos livre, nosso vôo

terminasse em um mergulho na água. (Tenho certeza de que ele estava desapontado pelo fato de aquele trecho de nossa viagem ser sobre terra). Confesso que fiquei aliviada quando vi tantas diversões proporcionadas pelo estúdio, já que eu não estava com a mínima disposição para brincar de criada de Louis. Pouquíssimo sono — para não mencionar coitus interruptus — era algo que me deixava um tanto emputecida.

Antes da decolagem, ele insistiu para que eu me esticasse no sofá.

— Assim você tira uma soneca se quiser, amor — murmurou.

Encantada com aquela doçura, Caresse me lançou um olhar de inveja que dizia: "Você é muito, muito sortuda!".

Com um aceno pétreo, acomodei-me no sofá como se fosse sua dona e peguei a edição mensal da Esquire que Caresse tinha deixado, cheia de dedos, sobre a mesa de café. Ela tinha consciência de quanto a capa — que mostrava Louis em um terno branco Armani sem camisa e quatro modelos vestidas como freiras de minissaia a rezar a seus pés, com a manchete "Por Que as Mulheres Veneram este Cara, e Não Você" — seria apreciada pela preciosa carga do estúdio.

Estalando a língua de espanto diante de minha apatia, Caresse comiserou-se com Louis, que fingia um martírio humilhado, da melhor maneira que sabia: depois de sugerir que ficássemos à vontade, ela discretamente lhe entregou um cartão contendo seu número de celular e, então, saiu com um jeito de gueixa para a cozinha.

Como se o fato de ele estar de posse daquele cartão tivesse importância para mim!

Ou que ele ligasse a mínima se eu me importasse.

Louis reconheceu minha mal disfarçada risada diante daquela comédia del'arte contemporânea com um sorriso astuto e uma ligeira inclinação de cabeça. Dei de ombros e voltei para minha revista.

Sua D.D.A. — doença de déficit de adoração — era agora tão forte que ele decidiu assumir uma tática mais diplomática para conquistar meu perdão. Depois de afundar a meu lado no sofá (perto o suficiente para ter marcado muitos pontos naquela parte do exame de comissária de vôo do estúdio), ele pigarreou e começou sua nova jogada com um tom sério.

— Hannah, meu amor, já que este é um vôo de quatro horas... — Cinco horas, doze minutos e quarenta e dois segundos, para ser exata.

— Sim, certo, excelente colocação. Seja como for, espero que, em algum ponto desses trezentos e doze minutos e quarenta e dois segundos você descubra em seu coração um jeito de pôr de lado qualquer razão que possa sentir como justificada para estar desapontada comigo... — Sinto muito. Você disse alguma coisa? Devo ter cochilado. Em meu sonho, era um sábado preguiçoso e nublado, e eu estava contente pelo fato de ter conseguido um dia de folga de meu senhor e mestre.

Ele suspirou e, então, deixou pender a cabeça, envergonhado (ou fingindo que estava?).

— Tem razão. Sou um bastardo egocêntrico. Não tinha absolutamente o direito de arruinar seu único dia de folga. Quem penso que sou, afinal? Diga-me a verdade: estou me tornando um daqueles pretensiosos inseguros e egoístas que existem em todo Lugar de Hollywood, não estou? — Procurou em meu rosto por algum traço de perdão.

Bem, sim, claro, ele era tudo isso, e muito mais... razão. pela qual só a idéia de que Louis sentia que precisava de clemência, de mim, entre todas as

pessoas, colocou aquele sorriso muito almejado em meus lábios.

Contente de ter obtido a resposta que procurava, Louis praticamente reluziu. Ele era amado!

Mais uma vez, as coisas estavam em seus lugares.

Ou assim pensou ele. Mas eu não o deixaria se safar assim tão facilmente.

— Vamos dizer que eu fiquei um pouco surpresa diante de sua mudança de atitude. Bem, mesmo que eu não aprecie, tenho certeza de que Tatiana apreciará.

— Quem... Ah, claro, minha amada.

— Se você é quem diz... — Puxei o cartão com o número do celular de Caresse do bolso de sua camisa.

— E tenho certeza de que pegou o cartãozinho da Miss "Café, Chá ou Eu?" por piedade, certo?

— Ora, se não pegasse, ela teria ficado triste, não teria?

— Puxa, quanta consideração de sua parte!

— Combina com o território. O que é o símbolo sexual sem sexo?

Indiferente, tirou o cartão de minha mão. Ia enfiá-lo no bolso de novo, mas, então, pensou melhor. Em vez disso, tirou a carteira do bolso de trás e colocou-o lá.

— Eu não poderia lhe dizer, Louis. Nunca um animal assim atravessou meu caminho. Moro em Hollywood, lembra?

Foi a vez de Louis rir.

— Eis por que estou me apaixonando por você, Hannah. Não tenho de açucarar nada para você, porque já conhece as jogadas, não é?

Ri também. Sim, Louis, se alguém conhece a jogada, sou eu — o que é a razão para eu me recusar a jogar o jogo.

O avião começara a taxiar. Encorajado pela minha resposta, Louis tentou outro elogio — se é que aquilo poderia ser chamado assim.

— Você tem um belo sorriso. É verdade que há um bocado de espaço entre os dois dentes da frente, mas, falando pessoalmente, acho que em certas situações isso pode ser um patrimônio valioso.

— Obrigada, acho. — Qual é, eu por acaso era um cavalo? Dentes muito espaçados, um patrimônio? Mas, conforme brotou em mim que aquele comentário poderia ser menos equino do que carnal em sua inferência, ruborizei bem mais do que um bocado. Ao ver que me derrubara de meu pedestal, ele riu com gosto. Cheia de pudores, redargui: — Se quiser me manter sorrindo, então vai rever aqueles DVDs que a Monique mandou, os das entra istas do Actor's Studio. De acordo com ela, o último ator convidado que estrelou um filme patrocinado pelo estúdio sentiu que, ao abaixar as cuecas, ga nharia mais simpatia de James Lipton do que com algumas anedotas bem escolhidas. Ela assegurou a eles que nenhuma palhaçada semelhante aconteceria de sua parte, mas... Bem, você de fato tem uma reputação de irreverente. Pense nisso apenas como outra daquelas obrigações de "símbolo sexual".

(Na verdade, as palavras exatas de Monique para mim foram: "Enquanto estiverem gravando, certifique-se de que Louis mantenha o pinto dentro das calças. Quero dizer tanto figurativamente como literalmente"). Ele resmungou.

— Mas há um jogo de futebol do Manchester marcado para hoje. e podemos captar via satélite! — Então, parou, atingido por alguma idéia mais atraente. Com um sorriso malicioso, contrapôs: — Tenho uma sugestão: deixo o jogo de lado e vejo as fitas, sob uma condição.

— E qual seria?

— Que joguemos nosso próprio joguinho entre cada entrevista. Vamos dizer, Vinte Perguntas.

Você tem de responder a qualquer coisa que eu perguntar.

Louis, curioso a meu respeito? Hum... Certo, era lisonjeiro. E assustador. E muito emocionante.

Esperei ser uma atriz suficientemente boa para ocultar o fato de que estava contente por ele se interessar por isso.

— O.k. De acordo. Mas tenho de avisá-lo: não será nem a metade emocionante como o jogo do Manchester, tenho certeza. Na verdade, a qualquer momento que ficar entediado, como imagino que ficará, encerraremos, e você poderá trocar de canal e ver o placar do Manchester.

— Não acho que vá me entediar — provocou.

— Veremos. A propósito, tenho uma condição também.

— Fale.

— Que eu possa fazer uma pergunta para cada uma que responder.

Ele reclinou-se, pensativo.

— Por que não? Não tenho nada a esconder.

— Nem eu — retruquei, com um pouco menos de pompa. — Quem vem primeiro, Depp ou Del Toro?

As primeiras três perguntas não foram tão ruins. Na verdade, devo dizer que ambos descobrimos que eram mais interessantes do que as fitas. Ele quis saber de mim: (1) do que eu mais gostava a respeito de minha infância (minha resposta: crescer à beira d'água); (2) qual fora minha primeira impressão de Los Angeles (isto é, se era agitada, quente — o clima; e fria — a respeito do povo); e (3) o que estaria fazendo se não estivesse servindo de babá (suas palavras) para ele? (Caçando planetas, em tempo integral!) Achei suas perguntas bastante sérias, tanto que as usei com ele. A princípio, ele evitou dar respostas, acusou-me de trapacear, mas eu não quis saber: — 'Trato é trato, lembra? — recordei-o.

Diante disso, ele deu de ombros e cedeu. (1) Suas melhores lembranças de infância eram "entrar de penetra no cinema com meus amigos"; (2) quando pusera os pés pela primeira vez em Los Angeles, pensara "que estava no céu: o sol, as palmeiras, todas aquelas aves de bela plumagem..." (também conhecidas como as belas coisas jovens que não conseguiam resistir a ele).

A terceira pergunta — o que estaria fazendo se não fosse um ator? — não foi tão fácil de responder. Olhando para as nuvens através de uma das janelas da cabine, ele murmurou: — É provável que eu fosse um sujeito preguiçoso e desprezível que não servisse pra nada, como meu velho.

Percebendo a piedade que, tenho certeza, lera em minha expressão, ele deu de ombros e virou-se para a tela da televisão.

— Quantos mais desses temos de ver?

— Muitos. Nunca terminaremos todos eles. Quem sabe possamos assistir a mais dois antes que o avião aterrisse? Isso deixaria Monique tranqüila de que

tanto sua posterioridade como o posterior estejam seguros e a salvo.

— Vivo para servir — disse ele, secamente. — Desta vez, o que me diz de tirarmos as perguntas do caminho primeiro?

— Bem, eu não... — hesitei. Era muito mais confortável ter o Louis feliz e brincalhão por perto do que o sombrio e amargo sujeito que eu vira de relance. — Se quiser, podemos pular totalmente a parte das perguntas.

— Seja boazinha.

— Tudo bem, certo — concordei, cautelosa. — Então, o que quer saber?

— O que diria a seu pai, sabe, se ele ainda fosse vivo?

Louis observou-me intensamente enquanto eu lutava com as palavras.

— Eu... eu acho .. bem, acho que gostaria que ele soubesse que estou bem e que sinto a falta dele terrivelmente. E que... que o perdôo.

— Por quê?

— Por quê? Por que o quê?

— Por que você o perdoa? Pelo quê?

Parei de novo, não apenas confusa sobre como explicar aquilo, mas também surpresa por Louis de alguma forma se importar com isso. Ele aparentemente se importava, pelo menos o bastante para me fazer pensar que eu poderia ser honesta com ele, se quisesse... .. e, sim, era exatamente o que eu queria: ir em frente e dizer a ele o que nunca tivera a chance de dizer a Leo.

— O.k., lá vai: eu o perdôo por não me dar a primazia.

— Primazia?

— Sim, me colocar em primeiro lugar à frente de todas as esposas idiotas e de todas as amantes vadias; à frente de seu contrato desprezível com o estúdio, ou daquele diretor cheio de si. E, acima de tudo, à frente de sua fachada.

— Fachada?

— Sim, sua... Sabe, reputação. Como um mulherengo. Isso é tudo o que eu realmente sempre desejei dele. Vir primeiro. Apenas uma vez.

Pronto, eu desembuchara.

— Então, você queria que ele a colocasse à frente da carreira... — Sim — respondi, desafiadora. — O que há de errado com isso? Toda criança não merece isso?

— Bem, certo ou não, certamente julgamos que merecemos, ora essa, não é? — Ele riu, com ironia. — No meu caso, eu estava em segundo em relação a uma garrafa de Guinness.

Ri, a contragosto, com ele, e depois ambos ficamos sentados, quietos, pelo que pareceu uma eternidade.

Por fim, muito suavemente, ele adicionou: — Aquele seu velho deve ter sido um aprendizado daqueles, hein?

Nosso joguinho provocara uma tal descompressão na cabine que eu não ficaria surpresa se as máscaras de oxigênio caíssem do teto.

— Minha vez — disse eu, na esperança de que minha pergunta fosse a brisa de ar fresco necessária antes que chegássemos a Nova York. — Está ansioso para ver Tatiana quando chegarmos ao hotel?

— Deus, espero que não! — exclamou Louis, com horror. — Nunca digo a ela onde vou ficar.

Que piada isso seria!

— Por quê? O que quer dizer? — Eu estava confusa. Fizera tudo o que Louis me pedira: encomendara as flores para ela, providenciara para que fossem entregues junto com o bilhetinho "Minha querida, estou contando as horas! De seu ??????" (esta última palavra, que eu passara por mensagem de texto à floricultura, para assegurar que fosse escrita corretamente, queria dizer príncipe em russo)... eu até fornecera à sua agência nossa hora de chegada ao hotel. E agora ele não queria vê-la? Estava com medo de uma tocaia de paparazzi?

Era essa a razão pela qual preferia que Tatiana ficasse longe do hotel?

— Gosto de relaxar primeiro. Ela não entenderia. Não contaram a você?

— Quem? Contar o quê?

— Genevieve. Sobre minha rotina. Sobre como preciso de uma massagem quando chego.

— Ah, sim! — Deixei escapar um suspiro fundo de alívio. — Claro, sei tudo a esse respeito. Está tudo providenciado, por meio de Barry. Do jeito que você gosta.

— Essa é a minha garota! — Deu um tapinha em meu braço, mas deixou a mão. — Você conhece mesmo as jogadas.

— A... acho que sim. — Dei de ombros. Imaginava que sua massagem de chegada era um ritual de boa sorte ou algo assim. O de Leo era dar nove tacadas de golfe, descalço, no Bel-Air Country Club. Vai entender... Havia a

possibilidade de que a agenda atribulada de Tatiana não lhe permitisse estar no hotel no meio da tarde, portanto resolvi deixar o assunto de lado. E, se estivesse lá, talvez eu pudesse arranjar uma massagem para casal para os dois. Tinha certeza de que Louis gostaria disso.

— Você tem direito a uma última pergunta — declarei, animada. — Diga lá.

— Qual é seu ideal em um homem?

— Meu ideal? É... Essa é uma pergunta engraçada.

— Engraçada por quê? — A despeito da atitude casual que demonstrava ao folhear a *Esquire*, tive a sensação que ele fazia a análise de cada palavra que passava pelo espaço entre meus dentes.

Fazendo uma pausa conforme pesava o que diria, finalmente respondi: — Quero um homem que coloque seu coração e sua alma em nosso relacionamento. Gosto de homens... — hesitei — ... que não tenham medo de falar o que pensam, que sejam honestos.

Ou, como você coloca, quero que ambos sempre saibamos a jogada. — Dei-lhe aquele sorriso de dentes abertos do qual, segundo ele, gostava tanto. — E você?

— Bem, para ser franco, acho a honestidade em relacionamentos superestimada.

— Não me diga!

— Não, falo sério! Embora toda mulher que conheço proclame que quer exatamente o que você acabou de descrever, descobri que, na prática, preferem as belas mentiras.

Principalmente em Hollywood. — Enquanto eu levava um tempo para digerir o comentário, ele emendou: — Acho que deveríamos continuar por mais uma rodada.

— Não podemos. Estamos prestes a aterrissar. — A queda acentuada na altitude de vôo coincidia com uma ascensão na intimidade de suas perguntas, e eu considerava ambas um tanto desconfortáveis.

Mas Louis não se deixou impedir.

— Farei uma rápida — disse, apressado, e depois me encarou nos olhos ao me perguntar: — Está com uma queda por Mick?

— O quê? — Eu podia sentir minhas orelhas a se tornarem constrangedoramente vermelhas.

— O que quer dizer com isso? Nem mesmo conheço Mick.

— Tem razão. Não conhece. Por outro lado, você gostaria de pensar que me conhece.

Não tinha certeza sobre como responder àquilo. Estava na ponta de minha língua dizer: "Eu o conheço como um livro aberto!". Mas não o fiz. Em vez disso, dei-lhe a resposta que ele queria ouvir: a pílula açucarada.

— Pensei que conhecesse. Mas acho que realmente não conheço.

— Exatamente. E essa é a questão. Ele é um arrogante, igualzinho a todos nós, machos, amor.

— Endereçou-me aquele seu sorriso deslumbrante. — Estou dizendo isso a você porque eu não gostaria, jamais, que alguém a magoasse... Eu estava prestes a perguntar por que ele julgava que Mick poderia me magoar quando Cresse entrou na cabine. Carregava dois travesseiros de pluma de ganso. Ao

notar o ligeiro gesto de Louis, ela se inclinou a seu lado e enfiou um sob sua cabeça. Conforme seus seios roçavam sua testa ligeiramente, ele lhe sorriu, embora eu presumisse que ainda estivesse falando comigo, quando disse:

— ...quero dizer, o que eu faria sem você?

## Cometa

*Objeto congelado em uma órbita independente em torno do Sol.*

Há inúmeras características que fazem a suíte do Ritz Carlton ideal para uma noite (ou, no caso em questão, uma sessão de cinquenta e nove minutos por 1.800 dólares) de deboche indecente. E, embora cada amenidade seja única em sua capacidade de induzir ao romance, juntas elas criam a ambientação absolutamente perfeita para quem queira se acasalar como cães raivosos no cio.

O.k., bem, talvez como poodles de boa aparência e excelente pedigree.

Por onde começar? Primeira coisa a considerar, há sua vista incomparável do Central Park. A vista da imensa janela panorâmica do vigésimo segundo andar de sua suíte de dois quartos, magnificamente emoldurada pelas cortinas de brocado, complementa o cenário opulento da mobília do quarto, em tons de cinza-escuro acastanhado, rosa pálido e verde-musgo, e certamente torna o clima romântico!

Romântico o bastante para deixá-la em brasas, você me pergunta?

Sem dúvida. Particularmente se não for você — mas, digamos, um estúdio de Hollywood — que estiver pagando a conta.

E, se essa vista ainda não tiver soado sua campainha da sensualidade, tente a luxúria em uma das duas banheiras de mármore enquanto se ensaboa com contas para banho de Frédéric Fekkai. Depois se enxugue nas toalhas felpudas de algodão egípcio antes de se enrolar em roupões macios e cair em uma das duas camas tamanho king arrumadas com lençóis Pratesi, em padrão jacquard, de algodão de 700 fios. Para estimular ainda mais o ânimo, o hotel convida a acender tantas velas perfumadas Frette você queira, espalhadas pelo quarto. Ou a ligar o sistema stereo da Bang & Olufsen e tocar uma canção, de acordo com a ocasião, escolhida da seleção de CDs do quarto, cada um deles selecionado por seu sucesso em encorajar os hóspedes a "deixarem rolar" (como determinado por inspeções frequentemente conduzidas por eles mesmos, os hóspedes).

E se nada disso funcionar? Bem, existe sempre a miríade de pornô disponível via cabo, que pode ser vista pela tela widescreen de 32 polegadas do sistema de home theater integrado ao Beo Vision Avant da Bang & Olufsen.

Embora tudo isso fosse novidade para mim, não era para Prudence K., que, como "massagista"

regular de Louis durante suas viagens a Nova York, desfrutava de todas as amenidades que o hotel oferecia. Graças a Louis (e a outros da lista A, VIPs e CEOs sem limites de despesas), a suíte do Ritz Carlton era seu segundo lar. Na verdade, enquanto esperava por Louis, Prudence K. fizera uso até do kit de barbear da Floris, que proporcionou os acessórios necessários — uma lâmina pequena porém supereficiente e um creme de barbear ultra-espumante perfumado — para retocar sua depilação à brasileira.

Que dia recompensador teria a equipe de controle de qualidade do hotel se avaliasse as opiniões de Prudence K. sobre os colchões tamanho king, padrão Silver Dream Euro Pil owtop, da Stearns & Foster, eram firmes o

suficiente para maratonas sexuais; ou sobre quanto o acabamento de Teflon, imune a manchas no protetor de colchão, resistia bem àquela potente combinação de sêmen, suor, fluido vaginal e eau de toilette no aroma Glow, de J. Lo; ou sobre qual seria o efetivo fator de ranhuras a que se incorreria ao se ajoelhar nos tapetes orientais de lã felpuda.

Tudo isso, e mais, era domínio daquela criatura — ou assim eu deduzi no percurso de elevador que fizemos juntas do décimo oitavo andar até meu quarto, um cubículo perto da suíte, que corporificava o apelido mais comercial de "quarto de hóspede" ao descrever seus míseros — e, de certa forma, menos opulentos — cento e trinta metros quadrados.

— Pô, não dá para fazer nada neste caixote ferrado! — bufou Prudence K., com escárnio, ao avaliar a cama muito mais insignificante.

Uma vez que aquele deveria ser o local de encontro com Louis — graças à minha eficiência em confiar o paradeiro dele à amada Tatiana, que o esperava sentada, descansando os pés calçados em sandálias Rive Gauche de salto com tiras de cetim nos tornozelos, no saguão íntimo mas ainda assim muito público destinado aos VIPs, enquanto o sempre vigilante Barry informava a temeridade da situação a um Louis extremamente irado e a mim —, rezei para que esse fosse mesmo o caso, diante do fato de que eu também dormiria naqueles lençóis.

Eu, com certeza, não poderia contar com qualquer simpatia da parte de Louis acerca da questão. Ao ver o beicinho petulante de Tatiana no sofá do saguão, uma reprodução de Duncan Phyfe, ele sibilara entre os dentes "Que droga, Hannah, pensei que você conhecesse a jogada!" para, então, seguir em passos lentos em direção ao "rosto que pôs em evidência milhares de capas de revistas" e envolver a namorada nos braços. Depois, com um ligeiro aceno, me expulsara para limpar a merda que eu fizera.

Após deixar Prudence K. instalada, disparei para a suíte de Louis, onde ele já estava com Tatiana, e tagarelei algumas mentiras sobre a editora de fotografia da Vanity Fair precisar encontrar-se logo mais com ele para escolher o guarda-roupa para a sessão daquele dia.

— Devo ir com você? — murmurou de forma quase ininteligível a sempre aborrecida Tatiana, em um sotaque eslavo. — Aquela mulher não sabe quase nada a respeito de luz! O fotógrafo que ela escolheu para mim me fez parecer um cadáver!

Isso vindo de uma mulher-menina cuja pele de alabastro era tão tristemente esticada sobre a compleição óssea de um metro e oitenta e quarenta e sete quilos que suas fotos no desfile de Jean Paul Gaultier inspirado em Auschwitz haviam trazido lágrimas aos olhos dos sobreviventes do Holocausto, vejam só!

— Não! — ambos, Louis e eu, exclamamos, em uníssono. Ao me endereçar um sorriso hostil, ele continuou.

— De forma alguma, minha querida. Ela é muito temperamental, e eu jamais a deixaria exposta a tamanho tormento. Não se preocupe, que cuidarei disso sozinho. A Hannah — com um aperto de ferro, Louis me empurrou para fente, para dentro de sua toca lasciva — ficará mais do que feliz em lhe fazer companhia enquanto você espera. Deve levar quinze minutos, se tanto.

Com isso, deixou-nos as duas para que travássemos conhecimento; isto é, Tatiana ficou estudando suas unhas, pintadas com base fosca Velum nº 3, com aquele olhar de tédio famoso mundialmente, enquanto eu tentava não olhar... demais.

Como se fosse possível.

Evidentemente, era fácil ver por que Louis se apaixonara por ela, mesmo que aquela paixão, como todas as outras, durasse apenas uns poucos meses. Tatiana era muito mais bonita em pessoa do que em suas famosas fotos, parcialmente nua, feitas por Mario Testino, provavelmente porque, em 3-D e em cores, ao vivo, aqueles agudos olhos verdes agissem como um caleidoscópio emocional sempre mutante, a despeito do semblante plácido de seu rosto de beleza rara.

Particularmente quando pensava em Louis, como, era óbvio, durante os cinquenta e dois minutos anteriores à inquisição a que me submeteu, não tão indiferente assim, sobre o próprio assunto em questão.

— Você, "Seja Lá Qual For o Seu Nome Que Já Esqueci", trabalha para Louis faz quanto tempo?

— Apenas dois dias.

— Ah, é? Como conseguiu o emprego? — A frieza em sua voz não deixava nada à imaginação quanto a suas suspeitas de como eu teria conquistado aquele feito magnífico.

— Fui recomendada a ele por Jasper Carlton.

Ela bufou uma aprovação resmungada. Mas, creia, aquela exclamação gutural dissipou qualquer possibilidade de relacionamento amigável.

Não que eu pudesse culpá-la por nutrir dúvidas. Pelo que tinha visto de Louis nas últimas quarenta e quatro horas, se eu fosse sua namorada, não confiaria nele do outro lado da porta a menos que concordássemos em usar uma tornozeleira eletrônica.

Eis talvez por que ela saltou para pegar o telefone quando tocou. Ficava do outro lado da sala e, graças a Deus, cheguei primeiro. Atribuo minha vitória

à probabilidade de que ela não comesse fazia uma semana e, em consequência, não tinha energia para algo mais do que uma corrida curta.

— Sim — resmunguei bruscamente ao telefone, rezando para que não fosse Louis dizendo que estava "todo amarrado", literalmente, e que por isso não conseguia se livrar e que eu precisaria continuar mais um tempo de plantão.

— Oi, Louis! É Cresse. — Para demonstrar que se sentia tão confortável em terra como no ar, nossa solícita comissária de bordo então ronronou: — Precisa de alguma companhia?

— Não, obrigada. Está tudo nos conformes — retruquei de volta e em seguida desliguei.

— Quem era? — perguntou Tatiana, suspeitosa.

— Ninguém. Nada importante. Apenas da recepção, para verificar se tudo está o.k. Com o quarto, quero dizer

Tatiana não disse nada, mas pesou e mediu cada palavra que saiu de minha boca, como um detector de mentiras a registrar cada nuance diferente.

Teria eu dado alguma dica sobre a verdade? Não pensei assim até que Louis irrompeu pela porta, uns trinta e sete minutos mais tarde.

— Finalmente! Que martírio sem lenitivo! — resmungou, ao tomar o rosto granítico de Tatiana entre as mãos e lhe dar um demorado beijo. — Hannah não a entediou demais, não é, amor?

— Absolutamente — murmurou Tatiana. — Posso compreender por que a mantém por perto, Louis.

— É mesmo? — Ele riu, cauteloso. — E por que seria?

— Porque, querido, ela é muito inteligente para se apaixonar por você.

Considerando tudo o que havia transpirado nas últimas duas horas, eu presumi que Louis ficaria aliviado em ouvir tal observação, mas a maneira como ergueu a sobrancelha esquerda indicava que não era esse o caso.

Felizmente, Tatiana não percebeu. Havia um espelho bem perto, à mão, tudo de bom para monitorar o efeito que ele fazia ao envolvê-lo nos braços. Imediatamente, contudo, ela o empurrou.

— Louis, meu amor, deixou aquela mulher chegar muito perto de você? Está fedendo a Glow!

Tome um banho e depois faremos amor... Ah, e você, "Cujo Nome Eu Nunca Lembro", pode ir agora, o.k.?

Sim, o.k., vadia, considere-me fora daqui!

Recuei para as entranhas do hotel e para o conforto (putz!) de meu cubículo. Encontrei Prudence K. ainda com os pés calçados de Manolo Blahnik postados em minha cama.

— Louis disse para você me dar cobertura — falou, ao enfiar as mãos em um par de luvas negras de couro ornadas com cashmere.

— Ele... ele o quê?

— Disse que você daria minha grana.

Agora eu compreendia como ela fazia jus ao nome.

— Quanto?

— Mil e oitocentos.

— Você deve estar brincando!

— Não brinco em serviço. E, acredite, ninguém nunca reclamou. —  
Lambeu os lábios lascivamente.

— É, posso imaginar. Ah, aceita cartão de crédito?

— Visa, MasterCard, Amex. Nada de Discover Card. Você não encontra este tipo de mercadoria em uma loja de departamentos, compreende? — Riu da própria esperteza. Não era a primeira vez, tenho certeza. De sua bolsa listrada Kate Spade ela tirou um terminal sem fio de cartão, passou meu Visa e o devolveu com um impresso para eu assinar.

— Acho que ele espera que eu some isso a meu relatório de despesas — eu disse, pensando em voz alta.

Prudence K. estalou a língua com um ar de simpatia.

— Não, acho que não. Ele disse algo sobre você ter fodido a coisa toda, e por essa razão sairia de seu pagamento.

E, com um aceno de sua mão enluvada by Gucci, saiu pela porta antes que eu terminasse de falar:

— Serviço de quarto? Preciso de uma troca de lençóis de cama... agora!

A verdadeira editora de fotografia da Vanity Fair não estava usando Glow. Tampouco estava satisfeita com o comportamento abusivo de Louis para com o renomado fotógrafo-celebridade da revista, ou com sua paquera escancarada à estilista, à maquiadora, à cabeleireira e à estagiária do diretor de arte — provavelmente em situação ilegal, porém certamente deslumbrada ("Para seu próprio bem, querida, você precisa baixar a dose de Viagra de seu patrão...") —, ou com a maneira como ele criticou, antes de ver, a iluminação do fotógrafo ("Pô, quem esse cretino pensa que é, Brad Pitt? Isso não me acontecia desde que aquele cadáver franco-russo que chamam de supermodelo

teve a ousadia de fazer a mesma coisa e depois choramingar para meu editor quando eu lhe disse onde meter seu fotômetro...") Como sua assistente, era meu dever administrar tudo aquilo, mas, uma vez que era a mim que vinha a punição por seu comportamento ultrajante, fique seriamente em dúvida se estava apta para o emprego.

Mesmo assim, eu tinha de fazer uma tentativa. Enquanto a equipe da VF ajustava a próxima tomada, segui Louis até o vestiário, onde sua troca de roupa já estava separada: um traje de caubói urbano estiloso, cortesia de John Galiano. Era perfeito para a fantasia surreal na qual uma modelo, amarrada com tiras de couro estrategicamente colocadas, seria marcada por Louis com um falso ferro em brasa com suas iniciais.

Ao me ouvir entrar, Louis suspirou: — O que você quer, Harmah?

— Louis, acho que precisamos esclarecer o que aconteceu no hotel.

— Ah, você acha, é? — perguntou, com um sorriso sombrio. — Não tem com que se preocupar. Não vou despedi-la por causa de sua mancada.

— Oh... — Eu não sabia se estava aliviada ou desapontada. — Por... por que não?

— Não sei. Vamos apenas atribuir isso à minha natureza magnânima. — Riu com ironia. — Claro, no começo fiquei uma fera. Tinha todo o direito de ficar, não acha? Mas, depois — ele abriu um largo sorriso insolente —, transar com Prudence K. em sua cama enquanto Tatiana esperava a vez dela foi... Bem, vamos dizer... O amor de uma... mulher gostosa, ou várias, no caso em questão, tem o dom de deixar seus sucos fluindo, entende o que quero dizer?

Não, eu não entendia. E também não queria que ele entrasse em qualquer detalhe, considerando que eu, realmente, teria de dormir naquela cama.

Sozinha.

Senti um formigamento subir pela espinha quando ele avançou sobre mim. Parou tão perto que eu podia sentir o calor de seu hálito em minha face.

Lentamente, pegou o ferro de marcar e o examinou.

— Sendo franco, amor, estou ficando um meio entediado com Tatiana. Quero dizer, se não estivesse, então por que sentiria necessidade de "uma massagem" toda vez que chego à cidade? A verdade é que ela não me compreende. Acariciou meu rosto com o ferro de marcar de um jeito lento e gentil.

— Não como você me entende.

— Ah, eu não sei, Louis — gaguejei, nervosa. — Acho que, depois desta tarde, ambos estamos perfeitamente de acordo que eu na verdade não "conheço a jogada".

— Nada disso... Penso que sim. Creio que sabia exatamente o que estava fazendo. — Seus olhos eram hipnóticos.

— E... o que viria a ser?

— Encorajar Tatiana a ver que, quanto mais cedo ela for embora, mais cedo eu também posso ir. Estou certo?

Mesmo naquele estado "meio em transe", eu tinha consciência de que testemunhava um perfeito exemplo do movimento de Hollywood na Teoria da Gravitação Universal de Newton: o que estava deprimido — no caso, o ego de Louis — poderia ser inflado apenas se aqueles a seu redor estivessem dispostos a soprar ar quente em quantidade suficiente para dentro dele.

Eu estava com vontade de fazer bico? Não tinha escolha. Um Louis feliz resultava em um mundo mais feliz. Sorri, incerta.

— O.k., acho que tem razão, Louis. Deve ter sido um ato falho.

— Era o que eu suspeitava — concordou ele, com ar esperto. — Amor, veja, ninguém espera que você seja perfeita, nem mesmo eu. Mas não pode ir se intrometendo em meu quarto, não importa o quanto isso seja tentador.

Intrometer-me em seu quarto? Enlouqueceu?

— Olhe, sei que só quer me fazer feliz — continuou ele, proferindo as palavras como se considerasse todas as possibilidades — e não tenho dúvidas de que em breve se tornará uma profissional no assunto. Mesmo assim, da próxima vez que houver algum esquema envolvendo minha vida amorosa, é só perguntar. Eu não mordo... a menos que você insista nisso. — Com um jeito brincalhão, cutucou-me com o ferro de marcar, indicação de que eu tinha agora uma desculpa para sair.

Conforme me lancei para a porta, ele exclamou: — Por que não discutimos algumas novas regras básicas durante o jantar, depois destas fotos? Faça uma reserva em algum lugar. Mas não escolha um onde sejamos vistos... hã... interrompidos. Os paparazzi e os rastreadores estão sempre à espreita no saguão. A visita de Tatiana os deixou alertas. Melhor: vamos pedir serviço de quarto. Ambos vamos querer nos recolher mais cedo, certo?

Eu não. Pelos menos, não naqueles lençóis. Estaquei. Estaria ele insinuando... Perturbada, dei meia-volta.

— Hum, Louis, acho que não... — Sabe, Hannah, esse é seu problema: você não acha. Mas tudo vai mudar... assim que me conhecer melhor. Aliás, o

que me faz lembrar: ligue para Barry. Diga a ele que não preciso de Prudence K. esta noite. Prudence K. outra vez? Ele não precisaria? Por que não?

Assim como todos os louvores do Actor's Studio, o de Louis consistia em várias cenas de atuações suas em teatro, na BBC e no cinema, interrompidas de quando em quando por comentários lisonjeiros do sempre obsequioso sr. Lipton.

A platéia jovem, constituída de atores iniciantes, diretores e futuros garçons de carreira, tinha total consciência de que testemunhava a história em andamento. Sabiam reconhecer um provável vencedor do prêmio da Academia quando viam um e, portanto, dedicavam-lhe atenção intensa, arrulhavam e murmuravam com incredulidade e surpresa — tudo nos momentos certos.

Louis, sempre o performer consumado, não os desapontou. Suas respostas de uma modéstia sem constrangimento, proferidas com intensidade inabalável e por vezes impregnadas de um cinismo calculado (e, em uma ocasião, de um olhar vago e distante que indicava um anseio doce-amargo), pareceram surpreendentes para alguém de sua idade — não que alguém na platéia pudesse dizer que idade era essa, realmente: o filtro usado nas luzes de Klieg, parcialmente obscurecidas, que brilhavam no palco, davam a ele um rosado adolescente que aparava uns quatro, talvez seis anos, da idade proclamada em sua biografia oficial.

Em pé nos bastidores, ao fundo, testemunhando seu triunfo, soltei um suspiro de alívio. O Dia Infernal finalmente terminara, eu esperava.

O pulsar silencioso do celular vermelho frustrou minhas esperanças. Ao abri-lo, encontrei uma mensagem de texto à minha espera.

**Mick B: Saudades. Como estão as coisas?**

Mick! Uma onda de saudade me invadiu quando me lembrei de como me sentira confortável em seus braços. Nunca poderia passar uma mensagem de texto com o que estava sentindo, então como responder? Prefiri dizer a verdade — em certo grau.

**Hannah F: Interessantes. Exaustivas. Saudades tb. Keria k vc estivesse aki.**

**Mick B: Estou.**

Tentei esquadrihar a platéia, mas era difícil, já que, de onde eu estava, só conseguia enxergar as costas das pessoas, e a única iluminação vinha do palco. Conforme o foco mudou de direção, percebi que Mick não estava na platéia, mas em pé, logo atrás de mim — como descobri quando passou os braços em torno de minha cintura.

Por mais feliz que eu estivesse em vê-lo, também me deixou ansiosa o fato de ter a ele e a Louis tão perto ao mesmo tempo. Mas o jeito com que ele roçou o nariz em meu ouvido me conscientizou de que eu — ou Louis — teria de superar isso.

Ele murmurou:

— Então, Louis não a empurrou lá de cima do Ritz Carlton?

— Quase. Entre ele, Tatiana e... — Deixe-me adivinhar: Prudence K.?

— Você conhece Prudente K.? — Era mais do que um pequeno desapontamento que ele conhecesse a peça. Porém o que realmente imaginei foi: o quanto ele a conhecia?

— Louis gosta de compartilhar suas conquistas — explicou Mick, com um sorriso caricato.

Falava apenas em sentido figurativo ou literalmente? Eu quis perguntar. Mas não poderia.

Porque, depois, eu teria de aceitar qualquer que fosse a resposta que ele desse por meio de seu significado manifesto.

Voltei-me para o palco, onde Louis respondia às perguntas da platéia. Uma aspirante a atriz, com o tipo de patrimônio que certamente a levaria ao elenco de uma novela em horário nobre, com ou sem um diploma da Actors Studio Drama School, perguntou, ofegante: — O que busca em uma protagonista?

A platéia riu de ansiedade. Arqueando uma sobrancelha, Louis respondeu com uma risadinha sensual:

— Uma mulher que traga seu coração e sua alma para o projeto. Gosto de mulheres... — hesitou, de maneira provocante — ...que não têm medo de falar o que pensam. Fator primordial: minha perfeita protagonista sempre conhece as jogadas.

Com isso, seus olhos esquadrinharam a sala, zerando em mim — e em Mick.

A entrevista estava terminada.

No trajeto de volta, na limusine, Louis fez de tudo para mostrar a seu amigo como estava contente em vê-lo — e ignorou-me completamente.

— Cara, que legal você estar aqui. E aí, pronto para ver os pontos turísticos?

— Tanto faz, meu chapa — retrucou Mick, evasivo. — Ei, mas não quero atrapalhar seus planos. Com Tatiana.

— Está a caminho de Paris enquanto conversamos — disse Louis, sem qualquer emoção.

— Ah. Que pena. Bem, então o que diz se déssemos uma chegada em alguns clubes? — Virou-se para mim como quem pede desculpas, mas eu o ignorei. Como eu, ele não tinha peito para se confrontar com Louis. E, pelo andar da carruagem, éramos nós aqueles que teriam de entender o fato.

Ou esquecer um ao outro.

— Tenho uma ideia ainda melhor. — Louis agora tinha uma razão para se dirigir a mim. — Diga a Barry que mudei de idéia... diga para ele conseguir que Prudence K. esteja aqui de pronto. — Então, voltou-se para Mick. — Quer um pouco de ação, certo? — Ao ver a hesitação de Mick, Louis

emendou: — Lembra-se dela, não é? Ei, não esquenta, foi no estúdio.

Finalmente chegamos ao hotel. Empurrando a porta da limo com uma das mãos para abri-la, disquei o número de Barry com a outra.

— Hannah, espere... — disse Mick e, em seguida, voltou-se para Louis. — Olhe, cara, eu... eu passo. Pensei, sabe, que você estaria comprometido e que eu poderia fazer companhia a Hannah... — Pensou, hein? Bem, você tinha razão apenas sobre uma coisa. Tenho um compromisso. Com Hannah. Certo, amor?

Ambos me encararam, esperando por minha resposta. Olhei de um para outro, pesando o choque e a mágoa de Mick, e a irritação e a ciúmeira de Louis.

Foi então que todos ouvimos a voz imprecisa de Barry ao telefone: —  
Posso ajudar?

Eu me sentia confusa, zangada e aborrecida. Mais do que qualquer outra coisa, estava cansada até os ossos. Joguei o telefone para eles, rumei para a porta da frente e não olhei para trás.

A camareira se esquecerera de trocar meus lençóis. Mas eu estava zangada demais para ir para cama, então isso não mais importava, afinal.

## Paralaxe

*A diferença angular na direção aparente de um objeto visto de dois diferentes pontos de vista.*

Pela manhã, eu decidira que, se tinha de poupar tanto minha sanidade como meu salário, precisava ter aquela conversa com Louis sobre nossas "regras básicas".

Só que seria eu quem as estabeleceria. E ele teria de conviver com elas.

Regra nº1: nada mais de jogos de adivinhação. Ele teria de começar a ser honesto comigo com relação ao que queria. E, se fosse o caso de uma prostituta, ele teria de chamar seu alcoviteiro por si mesmo. Eu estava fora do negócio.

Regra nº 2: nada mais de declarações ambíguas. Se saísse de sua boca qualquer coisa que transparecesse a mínima conotação sexual, eu sairia porta afora tão depressa que ele não saberia o que o atingira.

Regra nº 3: aquilo era algo improvável, mas senti que justificava tê-lo como uma cláusula de segurança. Se algum de nós se apaixonasse pelo outro, eu tiraria o time de campo. Por quê?

Porque ele era um cara fofoso, e eu, uma mulher com uma história marcada no que dizia respeito a homens fofosos, a começar por meu Querido Papai. Apenas isso. Sem hostilidades.

Nunca tive a oportunidade de estabelecer as novas regras básicas, porque Louis me desancou antes que eu abrisse a boca para qualquer outra coisa que não fosse um ovo quente com torrada de centeio.

A verdade que isso foi feito da maneira mais gentil possível. Depois de me convocar para seu quarto palaciano e insistir para que eu tomasse uma xícara de chá de camomila e me servisse do desjejum zone já disposto por um criado que se retirava (com um sorriso insolente, sabe lá Deus por quê), Louis começou a me contar que não dormira a noite toda (estava na ponta de minha língua dizer que isso era culpa de Prudence K., não minha, mas pensei melhor e fiquei quieta) e ficara tão aborrecido com meu "comportamento irracional" que telefonara e agradecera a Jasper por ter lhe arrumado uma "pirralha mimada de Hollywood que presumia que seu trabalho fosse comer e beber à custa minha e do estúdio"... A propósito, tinha eu o direito de convidar "meu namorado" para fazer isso também?

— Meu o quê?

— Não banque a santinha, Hannah. É tão inconveniente... Quero dizer, imaginou o quê, quando convidou Mick para vir aqui? Deveríamos estar trabalhando, lembra?

Eu não estava bancando a santinha. Estava lívida.

— Ei, espere um minuto! Em primeiro lugar, eu não chamei Mick. Foi ele quem apareceu. Faz parte de sua Patota, lembra? Não da minha. E, em segundo lugar, sua idéia de trabalho... Ah!

Deve estar brincando! Foi você que... Ora, não venha me dizer que não estava planejando... que me pediu para chamar o "serviço de quarto" e para... dispensar Prudence K., deduzindo que iríamos "nos recolher cedo"... Ora, você queria... não é?... — Queria o quê?

Ondas de emoção perpassaram por seu rosto: primeiro, de raiva; depois, de confusão, seguida de incredulidade e, finalmente (para meu constrangimento), de um ar de riso.

— Não acredito que pensou... Você pensou que eu... eu queria que nós...  
— Fez uma pausa.

Então, com polidez condescendente, continuou: — Hannah, fico lisonjeado por ter pensado em mim dessa maneira, mas a verdade é que você não é meu tipo.

Não seu tipo.

— Eu... não sou? — Aquilo escapou antes que eu tivesse a chance de pensar no que estava dizendo. Qualquer mulher que respirasse não era seu tipo? Como se eu me importasse! Mas me importava.

Quero dizer, se eu não fosse seu tipo, então tipo de quem eu era?

Fiquei magoada. E constrangida. E zangada. Mesmo assim, com toda a dignidade que pude reunir, levantei-me calmamente.

— Bem... isso não é consolo! Vou... arrumar minhas coisas. Preciso verificar os vôos de volta para... para Los Angeles.

— Olhe, Hannah, eu não pretendia magoá-la... — Não estou magoada! Na verdade, estou de certa forma aliviada.

— Aliviada? — Nada se moveu no rosto de Louis, a não ser aquela sobrancelha denunciadora.

— Claro — retruquei, indiferente. — Se eu julgasse que você poderia se sentir atraído por mim, ora, eu teria de pedir demissão. Quero dizer, não haveria jeito de eu poder fazer este trabalho... certo? — Ri, esperando que não soasse um riso histérico, como eu me sentia. Por outro lado, um débito exorbitante no cartão de crédito e taxas a vencer têm o dom de provocar essas coisas em uma pessoa. — Encare a realidade, Louis: você vive para partir corações. Mas, sabe, o meu já foi partido, de maneira que não há como você me magoar.

Portanto, deixe-me esclarecer que poderei ficar tranquilo e nunca se preocupar em ferir meus sentimentos, o.k.? Não que alguma vez eu vá lhe dar uma chance, porque estou fora. E, presumo, com alguma indenização decente.

Eu já estava no elevador quando senti sua mão em meu ombro. Ele me fez dar meia-volta e tocou meu queixo de maneira que eu olhasse diretamente dentro daqueles seus belos olhos.

— Olhe, acho que ambos interpretamos mal o que aconteceu na noite passada. O que diz de começarmos do zero? É apenas um emprego, certo, como você disse. — Quando me viu menear a cabeça, em dúvida, emendou: — E você tem razão sobre outra coisa: sei que parto corações, magôo as pessoas. É o motivo pelo qual quero você por perto.

— Não entendi.

— Formamos uma equipe excelente porque você, como colocou de forma tão eloquente, não pode ter o coração partido. E, já que a última coisa de que preciso é uma assistente que se apaixone por mim e complique as coisas, esse atributo por si só já a torna inestimável para mim.

De alguma maneira distorcida, aquela lógica fazia sentido... se fosse verdade.

Era, no que dizia respeito a Louis. Ele deixou isso muito claro pelo modo como presumiu que meu próximo passo seria: Fazer o que precisasse, fosse o que fosse.

— Agora, vá telefonar para o motorista da limusine e dizer a ele para estar lã embaixo em dez minutos. — Com um sorriso, deu-me um gentil empurrão para dentro do elevador, que esperava.

Antes que a porta se fechasse completamente, Louis exclamou: — Ah... Hannah, uma coisa a mais: peça a ele para nos encontrar na porta lateral, aquela que dá para a Sexta Avenida.

— Por quê?

— Vamos dizer que é a melhor maneira para termos uma saída tranquila. Veja, eu, hã... tropecei em umas duas fãs no saguão na noite passada... depois de sua pequena cena melodramática. Parece que estavam esperando por horas para me ver, sabe? Não queria desapontá-las, certo? Bem, uma coisa levou a outra, e perguntei se queriam tomar um drinque... em meu quarto. — Sorriu, diante da lembrança. — Você não imagina, foi um inferno convencê-las de que a festa acabara... Mick, aquele bastardo, não serviu para coisa alguma.

Não consegui tirar-las de minhas mãos! Bem, o mensageiro do hotel me informou que elas ainda estão esperando no saguão. Acho que esperam um bis, entende o que quero dizer? Não faço a menor questão de lágrimas. Gostaria que toda garota tivesse o coração tão duro como você, amor.

Quando voltei ao meu quarto, havia duas dúzias de rosas amarelas à minha espera. O cartão dizia: "Não queria atrapalhar seus planos. Ainda com

saudades de você. Sinto muito".

Ah, é? Bem, eu também sentia.

O que, acho, infla minha reputação de ser uma melodramática de coração duro.

O transcorrer de nosso vôo foi tão rotineiro quanto eu poderia ter desejado.

Usei a palavra "rotineiro"? Considerando como tinham sido as últimas setenta e duas horas, acho que o termo se ajusta. Claro, Louis trocou números de telefone com uma dupla de comissárias de bordo da Virgin. E, naturalmente, bateu papo com a garota sortuda que estava sentada do outro lado do corredor, perto dele — alguma jovem atraente com um título —, e marcou de encontrá-la mais tarde, naquela noite, em algum clube noturno europop da moda.

Por outro lado, foi o perfeito cavalheiro. Na verdade, mostrou-se... bem, humano.

Por exemplo, insistiu para que eu ficasse com o assento na janela.

Depois, quando cochilei, cobriu-me com uma manta.

E, quando acordei, peguei-o a me fitar, com uma expressão de imensa tristeza nos olhos.

— O que... algum problema? — Endireitei-me. Haviam feito algum tipo de anúncio de que o vôo estava na iminência de um desastre? Teria ele perdido a chance de ganhar um Oscar?

Ou teria mudado de ideia sobre eu trabalhar para ele e procurava as palavras para me despedir com delicadeza?

Ele esboçou um sorriso e apontou pela janela: — Olhe lá fora.

Abaixo de nós, conforme descíamos para quinze mil pés, pude divisar um rio fluindo por um terreno de um verde luxuriante.

— É o Tâmis — disse, com saudade. — Lindo, não é? — Inconscientemente, pousou a mão sobre a minha.

Não a tirou dali pelos quinze minutos seguintes, até que foi anunciado pelo intercomunicador, de uma maneira britânica muito polida, que estávamos autorizados a pousar e que, portanto, deveríamos colocar nossos cintos e fechar as bandejas que serviam como mesa.

Existem muitas maneiras com que eu poderia descrever a turma britânica de Louis, formada por dois de seus amigos de infância de Manchester — o corpulento e animado Andy e o raivo Jim; Nigel, um ator de seus dias de BBC facilmente reconhecível como um frequentador do West End — o bairro londrino centro da moda e do teatro — com base em sua capacidade de representar personagens da série de variedades *Yes Minister*: e o irmão de Louis, Chaz, que, infelizmente para ele, não tinha nada da beleza daquele. Uma turma amistosa? Sem dúvida.

Aduladora? Definitivamente, se se considerassem os termos que usavam para falar a Louis de sua sorte em ter a mim como assistente ("Já vi que continua sendo mimado" e "Que cara de sorte você é... ter essa boneca para acompanhá-lo por aí...").

Certamente não eram do tipo de fazer concessões só porque ele se tornara famoso.

O que, vim a perceber, era só o que Louis queria. Queria? Troque para precisava.

Instantaneamente, a atitude de astro sumiu. Em seu lugar, um ser humano feliz, gracioso e quase modesto emergiu, um que insistiu em carregar suas malas (em vez de me fazer percorrer o local e implorar a um carregador do aeroporto para fazer isso), brincou com seus amigos sem sentir a necessidade de escarnecer deles e, com a polidez absoluta digna de "Puxa! Nossa! Poxa!", assinou autógrafos para fãs admirados que se aproximavam. Eu estava começando a gostar daquele Louis. Até que seu irmão mencionou o pai, e tudo foi para o brejo.

— Que se foda, o que aquele pé no saco quer? — resmungou Louis, quando Chaz deixou escapar que o "velho" aparecera para ver a mãe deles.

— O de sempre — retrucou Chaz.

— Diga a ela que eu tomarei conta dele.

Nada mais restara do sr. Bom Rapaz. Louis, o Filho Pródigo, estava em casa.

— Diga você mesmo. Ela veio de Manchester. Está esperando por você naquela bela suíte que sua garota reservou. E Kathy e sua prole estão com ela também.

Estaria Ernestine J. — como solicitado por mim em uma era mais inocente e estúpida — também ali, pronta, desejosa e capaz de proporcionar a Louis sua "massagem" de boas-vindas ao lar?

Aquele pensamento atingiu tanto a Louis como a mim no mesmo exato instante. Toda a cor que sumiu de seu rosto fluiu para o meu, porque eu podia sentir as orelhas ardendo em fogo.

Ao olhar para nós, Chaz soltou uma risadinha irônica.

— Foi muita gentileza de Hannah sugerir que se encontrassem aqui. Puxa, é uma festa legal de boas-vindas ao lar! — Ele e os outros caíram na gargalhada. — Não se preocupe, irmãozinho, os meninos aqui e eu ainda nos lembramos com carinho daqueles seus "pequenos rituais".

Quando mamãe mencionou que estava para chegar, fizemos um favor a você e fomos verificar se o quarto estava, digamos, "apresentável".

Soltando um visível suspiro de alívio, Louis endereçou um olhar que afirmava: Você se livrou do gancho... por enquanto.

— Aquele seu motorista cafetão, o Alfonse, está guardando sua coisinha charmosa e sortuda sã e salva, na limo — disse Nigel, com rispidez. — Enquanto você e Chaz se encontram com a família, os rapazes aqui e eu levaremos a fulaninha ao pub, dobrando a esquina. Ah, a propósito, isso me lembra: acho que ela ficará satisfeita com umas duas garrafas e uma libra esterlina ou duas, certo? Não? O quê? Mil libras? Pô, ela é de alta classe, hã? Bem, então... é melhor eu pegar seu cartão de débito. Vai querer mantê-la feliz até que possa se encontrar conosco, não é?... Oh, ah, obrigado, Hannah. Puxa, você é um arraso!

— Então é você que está tomando conta do meu menino agora?

Edie Trollope, uma mulher com ar frágil de boneca de porcelana, cujos olhos de um azul pálido não se afastavam do rosto do filho mais jovem enquanto ele abraçava a irmã, lutava para controlar os sobrinhos agitados e provocava o irmão com brincadeiras, era capaz de transmitir preocupação, reminiscências doce-amargas e orgulho maternal, tudo naquela simples pergunta, pronunciada na cadência diferenciada de suas raízes nortistas.

Louis nunca teria fã mais ardorosa.

Sorri, constrangida. Considerando todos os meus deslizes quanto ao encontro, uma descrição mais adequada seria de que seu filho e eu apenas nos tolerávamos. E era tudo.

Quem sabe.

Mas como dizer isso a uma mãe que babava de amores pelo filho? Não se diz. Motivo pelo qual, em vez disso, respondi:

— É um ator maravilhoso. E é uma honra trabalhar para ele.

Relutante, Edie forçou-se a desviar os olhos do mais amado de sua prole para me fitar diretamente.

— Você é bem parecida com Sam.

Eu não sabia se, na cabeça de Edie, isso era uma boa coisa ou não. Considerando a tristeza em sua voz, contudo, eu poderia imaginar que ela via o fato como um infortúnio. Por alguma razão, importava-me que ela não presumisse que Samantha e eu deveríamos sofrer o mesmo destino; para ela, o mais importante era que Louis estivesse em melhores mãos, mais capazes.

— Eu não saberia dizer — respondi, educadamente. — Não conheci a antiga assistente de Louis. Embora ouça que era bastante eficiente. Espero que Louis ache o mesmo de mim.

Eu imaginara que isso a deixaria apaziguada e que ela poderia então retornar à alegria de exultar com todas as coisas de Louis. Mas não foi o que aconteceu. Em vez disso, ela me examinou ainda mais de perto antes de dar seu veredicto: — Ela era. E meu palpite é que ele achará. — Edie suspirou fundo. — Pena.

— Oh? Eu... eu sinto muito, não entendi o que quer dizer.

— Meu filho é muito parecido com o pai... Foi então que Louis nos encarou, como se soubesse que era o assunto em foco. Com um sorriso misterioso, desvencilhou-se da confusão de meninos ruidosos que se atracavam a ele de brincadeira. A despeito das dimensões cavernosas da suntuosa suíte, seu andar arrogante o colocaria a nosso lado em frações de minuto. Ao perceber isso, sua mãe concluiu a frase com umas poucas palavras bem escolhidas... — Sendo assim, minha cara, eu lhe darei o mesmo conselho que dei a Sam: não fique grávida, ora. Pois Louis, Deus o ajude, não é do tipo de ficar a seu lado se você engravidar. Se alguém tivesse me avisado para fazer o mesmo quando eu era apaixonada pelo pai dele, eu hoje não seria uma velha tão amarga.

Ao sentir os braços de Louis a envolvê-la pela cintura, Edie permitiu-se mergulhar, mais uma vez, em sua firme adoração.

— Quer tomar um café?

A pergunta de Louis me pegou de surpresa. A suíte estava finalmente tranquila, já com Edie, Kathy e as crianças acomodadas em segurança no trem de volta a Manchester (uma viagem de três horas que prometia ser altamente carregada graças a todas as ideias pecaminosas que Louis colocara na cabeça dos meninos sobre como poderiam "deixar sua mãe de cabelo em pé"). Ernestine J., notoriamente sobrecarregada de compromissos, pagamento na mão, havia desertado, depois de ser tratada pelos rapazes com um apetitoso prato de salsichas e batatas com cerveja; e, juntamente com Chaz, os colegas de Louis tinham ido cumprir quaisquer obrigações que pudessem enterrar seu caminho e impedir que ficassem com o Rei dos Atores mais tarde, naquela noite.

O que significava que Louis e eu estávamos absolutamente sozinhos.

Ele contava com a concessão de um descanso de um dia, para aliviar o jet lag — do qual eu sem dúvida me ressentia, embora ainda estivéssemos no começo da tarde. Tinha presumido que Louis também se sentisse cansado, mas me enganara. Estava pronto e animado para sair.

Ah, meu reino por uma Ernestine J.!

— Hum... café... — Bem, se alguma coisa iria me impedir de desabar, seria isso. — Hum... Tem de ser Mountain Blue da Jamaica? Porque, serei honesta, não sei onde encontraremos isso nesta cidade... — O que acha que sou? Algum tipo de imbecil ou algo assim? Bolas, não! Apenas... só uma xícara de algo preto. Qualquer coisa. — Pegou nossos casacos. — Na verdade, deixarei a seu critério.

— Não, este é seu território. Deixarei que você escolha. Porém, se eu vir um lugar de que eu goste, pararemos.

— De acordo. — Ele sorriu, achando divertido. — Poxa, faz muito tempo que não mostro Londres a alguém. Poderá ser interessante.

Com ele, foi. Não paramos no elegante Kensington, ou no Chelsea de gente bonita, ou no Mayfair "oh-que-maravilha", ou mesmo no Notting Hill tão em moda. Não, a Londres de Louis estava centrada no Soho nu e cru, ainda dotado — como nos dias de Louis — de uma atmosfera boêmia, habitado por aqueles à margem da cultura, da arte e, principalmente, da notoriedade.

— Não era o que eu tinha imaginado — murmurei, afinal apertando os olhos para olhar a janela do prédio sebozo de três andares, sem elevador, onde ele morara, na Frith Street.

Enganada pelas nuvens da manhã, eu havia esquecido meus óculos escuros, uma inconveniência. (Não Louis. Os dele estavam sempre ali, um disfarce nem sempre bem-sucedido para o inevitável tapinha no ombro que precedia a pergunta sem qualquer sinceridade: "Você não é... sabe... ele?") Embora eu não pudesse ver seus olhos, a voz, suave com as lembranças de um tempo há muito deixado para trás, colocava seus sentimentos em perspectiva.

— Para um cara de Manchester que estava indo depressa para lugar nenhum, foi um tremendo passaporte para a liberdade. Meu colega de apartamento era Nigel. — Riu. — Ainda lembro o quanto foi patético e longo o tempo que custou a ele para me tirar o sotaque de Manchester, para me fazer falar de um jeito menos... bem, o que chamamos de "manconiano".

— Meneou a cabeça, admirado. — Devo ter melado pelo menos quarenta audições antes de pegar o jeito da entonação britânica adequada. Foi foda! Eu era uma besta naquela época, pronto para desistir e ir para casa, em Manchester, cada vez que me diziam para dar o fora.

Muito polidamente, é claro. Costumavam ficar tão zangados que não conseguiam enxergar além de meu sotaque.

— Foi apenas uma questão de tempo, certo?

— Sim, tem razão. — Deu um longo suspiro. — Diabos, aqueles foram tempos gloriosos! Eu trabalhava para livrar o rabo e desfrutava de cada maldito momento daqueles! Puxa, olhe a seu redor! — Apontou para a rua, que fervilhava de exuberância juvenil vestida em jaquetas de couro, jeans rasgados, macacões coloridos e cabelos ainda mais coloridos. — É quase perfeito, não é?

— Sim. É perfeito. — Realmente era. Porque, naquele exato momento, Louis era perfeito.

Estava tão aberto. E honesto. E real. Eu estava apreciando demais o Louis verdadeiro. E estava orgulhosa dele, orgulhosa agora de ser uma parte de sua história.

Ficamos lá por algum tempo, apenas observando o carnaval da vida de rua do Soho — as conversas pesadas, as vadias, as afrontas, os vendedores de rua, todos ainda ali, ainda muito uma parte de Louis —, até que uma nuvem mais uma vez encobriu o sol.

— Hora para aquele café agora, você não acha? Acomodamo-nos em um de seus antigos pontos habituais, o Bar Itália, um estabelecimento modesto aberto vinte quatro horas, uma quadra abaixo de seu velho apê. Pelo jeito como ele bebeu o espesso líquido do espresso que o garçom colocou na frente dele, era óbvio que gostava daquilo ainda mais do que o Blue Mountain.

Ou talvez fosse por estar de volta à antiga vizinhança, o que gostava tanto.

Em questão de uma hora e meia, estava proclamando que era devido à companhia: a mim.

Mas tenho certeza de que era apenas porque eu lhe emprestara um ouvido interessado enquanto ele falava sobre a primeira produção em Londres para a qual fora escalado (*Ashes to Ashes*, de Harold Pinter), a primeira vez que conseguira elogios rasgados da crítica (*The Invention of Love*, de Stoppard) e o espetáculo que o fizera ser notado pelos produtores norte-americanos (uma produção do West End da peça *Speed the Plow*, de David Mamet).

— Eles procuravam por um britânico que pudesse falar com sotaque norte-americano. Ora, que diabos, fomos acostumados aos filmes deles! Não conheço um cara que não pudesse falar como se tivesse crescido em Orange County, e acho que tive sorte de ser o primeiro que viram — explicou Louis, em um perfeito resmungar de O.C. — E pensar que eu quase rejeitei o Mamet

para outro revival de Júlio César. Ah! Onde estaria minha vida se eu tivesse feito isso?

— Você não teria feito sucesso "do outro lado do Atlântico", provavelmente. Era seu destino.

Entendo dessas coisas. Estudo as estrelas.

Passamos das xícaras de café para as canecas de cerveja por volta das quatro da tarde, tempo não oficial da happy hour na cidade. O volúvel sol britânico, agora totalmente envolto em nuvens densas e pesadas, tinha o mérito pela mudança. Eu não estava acostumada com as espessas cervejas escuras inglesas (muito menos com as leves e pálidas norte-americanas), e podia sentir minha língua a ficar com mais saburra a cada gole.

— Para parafrasear o Bardo, "a culpa, cara Hannah, jaz não em nossas estrelas, porém em nós mesmo, se somos subalternos". — Olhou para mim por apenas um segundo e, em seguida, desviou os olhos. Seu sorriso descuidado, contudo, não conseguiu desaparecer tão depressa.

— Você é uma bonequinha estranha para os padrões de Hollywood, sabia disso?

— O que quer dizer com isso? — Mais tarde tentaria dizer a mim mesma que fora a cerveja que me deixara tão beligerante, mas, claro, não caí nessa. A verdade é que eu me aborrecera por ele estar tão certo, por tantas razões: eu não era mesmo a típica garota atraente de Hollywood, uma Barbie de Malibu ou uma surfista da Califórnia. Ainda assim, nenhuma mulher gostava que o óbvio fosse jogado em sua cara: que ela não se adequava.

Louis quase engasgou com a espuma de tanto rir com minha reação.

— Não me entenda mal. Você sem dúvida é bonita... o bastante.

O bastante? Qual é, agora havia um padrão a ser alcançado?

Claro, em Hollywood sempre existe um padrão... — Não estou sendo grosso. Sério. E não no mau sentido, absolutamente. Na verdade, acho que sua... aparência comum é sua característica mais atraente.

— O quê? Não entendi. — O fato de que eu não era bonita o bastante para Hollywood me tornava atraente? Para Louis?

Ele tomou outro gole de sua cerveja antes de responder.

O que estou tentando dizer é que você... bem, você não é plástica. Sabe, não é fake, uma tapeação. — Inclinou-se para perto. Tão perto que eu podia sentir seu hábito em meu rosto.

Era quente. E agradável. Tanto que senti que valia a pena ficar alerta.

— Você tem lábios reais, não do tipo de boneca que faz bico de sopro. É verdade, seus olhos poderiam ser um pouquinho maiores... — Parou para me avaliar mais cuidadosamente. — E

seus cabelos... Bem, com franqueza, gosto do fato de que sejam... desse tipo de cor castanho amarelado. Embora talvez você pudesse usar um pouco mais vermelho também... — Apertou os olhos para ter certeza, mas não havia muito mais luz entrando pelas janelas do café. — E, preciso dizer, acho estimulante ter finalmente encontrado uma mulher em Los Angeles que não passe cada minuto acordada em algum salão ou não tenha uma entourage de estilistas trotando atrás dela. O jeito como você deixa os cabelos soltos, em desordem, é muito Botticel i... bem, o.k., é mais como enfiar o dedinho na tomada, mas parece que funciona. Em você, de qualquer forma.

Bufei tão forte que a cerveja saiu por meu nariz.

— Obrigada. Isso é justamente o que eu precisava: a confirmação do Mais Gostoso Macho da Cosmopolitan de que sou um fracasso total.

— Acho que você sabe que não é bem assim. — De repente, sua voz ficou séria. — Você é... de verdade. Certo, seu nariz pode ser também um pouco... "petulante" é a palavra, certo? — Contornou a petulância com um dedo esticado. — E é óbvio que esses seios são seus de verdade... — Sua mão se imobilizou, mas seu olhar, não. — ... uma delação clara de que você é toda natural... quero dizer, espero que pelo menos isso... Sacudi minha cabeleira "botticel ianna" e o avisei: — Cuidado, bonitão. Está pisando em terreno minado.

— Ah, e eu não sei? — Recostou-se na cadeira, mas não relaxou. — E gosto do jeito como você sempre joga para tentar algo novo, mesmo que, como descobrimos, tenha uma propensão em arruinar as coisas. A maioria das mulheres em Los Angeles preferiria jogar com segurança.

Depois, há esse seu hábito muito charmoso de falar o que pensa, mesmo nas ocasiões mais inapropriadas. Hum... e acho adorável que não se preocupe em marcar seu rosto ao rir. O que é verdadeiramente mais incrível é você rir de si mesma.

Gemi alto, ao pensar nas rugas que ele estava contando nos cantos de meus olhos. O que realmente estava distribuindo: agrados ou insultos? Eu estava tonta demais com a cerveja para dizer.

O que quer que fosse, no entanto, era demasiado constrangedor para ouvi-lo continuar.

— Já chega! — Antes que aquela dissertação enveredasse mais uma vez para o assunto de meu sorriso de dentes separados, ou de como eu andava com os pés para dentro, ou de como minhas pernas eram esqueléticas, meus

cotovelos, muito ossudos, meu traseiro, muito arrebitado... — Como um conhecedor dos mais belos bumbuns, posso assegurar que o seu é empinado de uma forma verdadeiramente bonita. — Fez uma pausa e inclinou-se para o lado da mesa. — Mas, para ter certeza absoluta, posso sugerir que nos apressemos de volta ao Portobel o para medir a distância dele do chão?

— Tenho uma ideia melhor. — Praticamente ronronei a ele, — O que me diz de completarmos nosso jogo das Vinte Perguntas?

Ele pestanejou duas vezes.

— Pensei que tínhamos acabado.

— Não, na verdade, não. Você se esqueceu de responder à última pergunta.

— Refresque minha memória.

— No avião, você me perguntou o que eu considerava serem os traços do homem ideal. Mas nunca respondeu a essa pergunta você mesmo.

— Ora , eu sou o homem ideal. Para toda mulher, é claro — Tenho certeza de que pensa que é, mas sabe muito bem que não é o que estou perguntando! Quero que descreva a mulher ideal.

— Lembro-me de ter respondido a essa mesma pergunta no Actor's Studio.

— Não, respondeu a uma pergunta sobre sua protagonista ideal. E, se eu me lembro direito, roubou minha resposta quando falou. Portanto, agora é hora da resposta verdadeira.

Louis se levantou devagar e fez um gesto ao garçom, pedindo a conta, mas eu deixei evidente que não me mexeria até que ele respondesse. Depois de

estender ao rapaz uma nota de 50

libras esterlinas, ele sentou-se de novo, tomou mãos nas suas e me olhou diretamente nos olhos.

— Mas acabei de dizer, Hannah querida, quando descrevi você.

As conversas que tiveram lugar a cada quinze minutos mais ou menos, das oito às onze da manhã seguinte, entre mim e o diretor de Rebecca, Dorian Lancaster (nunca Dragomir Levanat), obviamente um imigrante croata plenamente anglicizado, foram um manual de introdução quase completo para as frases mais pitorescas em gíria britânica contemporânea.

Tome, por exemplo, martelada de arrasar, que quer dizer absolutamente inaceitável ("é uma martelada de arrasar que aquele bastardo de seu patrão picuinha detone essa última sessão de dublagem!"). Depois, os termos que manifestavam frustração... uma gíria para testículos... e uma expressão que descreve uma doença venérea incontrollável... Dorian usava todas da seguinte maneira: "Pô! Esse cara é tão doidão que algum dia vai acordar e descobrir seus bagos cobertos por algum cancro galopante!".

Mas a única frase que Dorian berrou que não precisava de tradução era algo que, para todos os efeitos, queria dizer: se Louis não aparecesse logo, o cronograma de pós-produção de Rebecca estaria "fodido" a ponto de o estúdio ameaçar abandonar o projeto.

Louis poderia ser culpado? Não. Eu poderia. Outra vez. Droga!

Eu estava embriagada demais para me lembrar de ter caído na cama na noite anterior.

Contudo, lembrava claramente que nosso táxi também apanhara o resto dos colegas de Louis enquanto voltava ao Portobel o e que, mesmo em meu

estado deplorável, eu conseguira o solene juramento de Louis — para não mencionar os de Chaz, Nigel, Andy e Jim — de que ele estaria em seu quarto, sozinho, o mais tardar à meia-noite, para assegurar que estivesse de olhos brilhantes e animado quando fosse despeitado, às sete horas da manhã.

Obviamente, tinham mentido para mim.

Louis mentira para mim.

Algo me dizia que eu também deveria dar àquela sua última resposta às Vinte Perguntas o devido crédito: o tamanho de um grão de sal.

Às seis e cinquenta e nove da manhã, depois de tomar uma chuveirada que acabou com a ressaca de minhas madeixas à Botticelli, eu mesma telefonara para o quarto de Louis para acordá-lo. E, embora não estivesse em pânico depois do trigésimo quarto toque, ficara histérica no momento em que os nós de meus dedos começaram a sangrar de tanto baterem em sua porta — gentilmente a princípio, depois de maneira mais frenética conforme cada minuto passava.

Às sete horas e vinte e dois minutos, até mesmo Ernestine J., enrolada em um dos lençóis de Louis, teria sido uma visão bem-vinda.

Depois de conseguir na recepção uma chave extra do quarto e dar uma vasculhada na suíte de Louis para ter certeza de que ele não estava deitado de cara, para baixo, em um bolo de prostitutas, começara a ligar para hospitais, para o celular de Chaz e para cada discoteca vinte e quatro horas que o gerente do hotel sugerira.

Finalmente, localizara Nigel em seu apartamento.

— Louis? Sei não. O metido me encheu o saco e saiu soltando fogo pelas ventas — resmungou.

Depois de muitas garrafas de Guinness, a pronúncia da BBC de Nigel fora esquecida. O que sobrara era puro dialeto londrino.

— Por quê? O que aconteceu?

— Não sei ao certo. Ele desapareceu por uma hora e depois voltou para o pub já de cara cheia e a choramingar que seu pai estava se encostando em sua mãe outra vez. Então, quando eu falei da peça que estava fazendo no West End, ele disse alguma coisa sobre querer voltar a fazer ele mesmo um pouco de teatro. Aí eu ri e disse: "Não, não pode, não a menos que levante a cabeça e tenha brio nos Estados Unidos". Aquilo o enfureceu. Disse que estava cansado de pedir desculpa para todo mundo por ser um sucesso. Depois o maldito cu-doce me acusou de chamá-lo de vendido, disse que eu era um miserável pretensioso e saiu como um rojão.

— Sinto muito, Nigel. Tenho certeza de que foi conversa de bêbado e que ele não falava sério.

— O diabo que não! Acontece toda vez que ele vem para casa, o bastardo inseguro. Mas acho que é essa a razão de você estar aí.

— Por quê? O que quer dizer com isso?

— Você sabe, para pegá-lo quando ele cai e erguê-lo de novo. Pô, posso ver claramente que isso é um trabalho de tempo integral. Bem, melhor que seja você e não eu. Espero que seu salário valha a pena. Saco! Desculpe, preciso desligar. Esqueci que tinha ensaio hoje.

Com um clique, ele se foi.

Quando Louis finalmente ressurgiu — umas três horas mais tarde —, estava de ressaca, acabado por falta de dormir e reclamando irritado sobre a inexistência de um café decente em Londres. Convencio a tomar um banho

quente, fumegante, mandei um mensageiro até o Starbucks mais próximo para pegar um "copo" de qualquer coisa remotamente semelhante a seu favorito Blue Mountain (agradeço aos deuses do marketing corporativo por sua estrita obediência às normas de conformidade), coloquei Alfonse de prontidão para nossa partida iminente e telefonei à Cosmopolitan britânica para transferir a entrevista e a sessão de fotos para o começo da noite, a fim de que Dorian não se matasse — ou ao Louis — quando fosse hora de irmos embora para o compromisso com a revista.

— Oh, mas que pena... — fungou a editora, em uma entonação similar àquela usada no infame lamento sobre o annus terribilis da rainha Elisabeth, em 1992, em pronunciamento aos súditos, na televisão, sobre a separação de Charles e Diana e o incêndio no castelo de Windsor.

— Monsieur Mert e Marcus tinham planejado retornar para casa em Ibiza. no começo da noite... mas verei o que posso fazer.

— Monsieur Trollope lhe será eternamente grato — resmunguei.

Louis, a se enxugar com uma toalha enquanto tomava seu Starbucks tamanho grande, estava ao alcance do ouvido e berrou "Pro diabo que serei! Deveriam esta satisfeitos por eu ter concordado em conversar com aquele farrapo fodido...", antes que eu pudesse desligar.

Tarde demais. Ela bateu o telefone, mas não antes de deixar escapar um hummm puf que dizia tudo.

— Espero que você não venha a lamentar a forma como ela vai descrevê-lo.

— Quando eu lhe tirar as calcinhas com meu charme, ela não vai lembrar por que estava brava comigo, em primeiro lugar — respondeu, despreocupado.

Eu, porém, não estava de acordo. E, para seu próprio bem, Louis precisava superar quaisquer fantasmas que visse ali, nas ruelas londrinas, caso contrário queimaria o filme com todos em Londres.

O que queria dizer que eu teria de fazer com que ele livrasse a cara. À custa de alguém.

E sabia bem quem seria o cordeiro a ser sacrificado desta vez.

— Falei com Nigel... — Aquele metido? O que ele disse?

— Ele... pediu desculpas.

— Verdade? — Louis estreitou os olhos em uma fenda cautelosa.

— Sim. Estava preocupado com que você pudesse ter levado alguma coisa pelo lado errado.

Não disse do que se tratava; só que esperava que fosse superada.

Louis concordou com relutância.

— Terei de pensar nisso. Para ser honesto, estou cansado de ouvi-lo me implorar por ajuda com sua carreira. Não há jeito de ele fazer sucesso em Hollywood. Iriam comê-lo vivo.

Com um suspiro de exaustão, voltou para o quarto, para se vestir. Ao passar por seu reflexo no espelho do foyer, parou e analisou a própria imagem.

— Realmente, preciso fazer uma limpeza na casa; sabe, afastar o carma ruim e toda aquelas outras bobagens da Nova Era da Califórnia. Acredito mesmo nessa merda, você sabe.

Colocou o polegar e o dedo médio sobre uma ruga de expressão na testa e alisou-a suavemente.

— Infelizmente, Mick é outro que tem se pendurado em mim com peso demais. Acho que deveria ter me livrado dele há muito tempo, também.

Ao captar meu olhar incrédulo no espelho, emendou, com malícia; — Mas, bico calado com esse aí, o.k., amor? É para isso que eu lhe pago, certo?

Seus olhos me percorreram de cima a baixo lentamente, como se avaliando meu valor, também.

Então, deu de ombros e seguiu em frente.

Nada mais precisava ser dito sobre meu papel na vida de Louis. Ou o papel de qualquer outra pessoa, na verdade.

— Final feliz! — declarou um aliviado Dorian em um inglês perfeitamente compreensível — Simplesmente adorável! — ofegou a editora britânica da Cosmopolitan, depois de ficar sem seu par de Blahniks tirados por Louis e, felizmente, não as calcinhas.

— Impressionante! — murmurou sua editora de fotografia depois de ver as polaroids de Louis feitas por Mert e Marcus, de perfil, sem camisa, com aquele seu sorriso avassalador intacto, Eu sorri também, talvez de forma mais contida, porém não menos maliciosamente. Pois tinha encontrado a chave para manter Louis feliz: Apenas deixá-lo fazer o que quer que desejasse. E encher a cara de remédio, com a devida frequência. Não a dele; a minha mesma.

Pessoalmente, eu começaria naquela noite. Em razão de todos os seus compromissos terem milagrosamente sido concluídos antes do horário, Louis insisdu para que ambos tirássemos a noite de folga, de modo que pudéssemos descansar antes do vôo de volta, no final da manhã do dia seguinte.

— Parece ser uma boa ideia — respondi, com um longo bocejo. — Acho que vou cair na cama.

Se eu me desvencilhasse dele agora, poderia ir até a Galeria Nacional. Por sorte, aquela era a única noite em que a galeria permanecia aberta até as vinte e uma horas, e agora, mais do que nunca, eu queria ver Vênus e Marte, de Botticelli. Precisava de uma pedra de toque, um meio de aferir minha velha vida, e arte e astronomia estão eternamente entrelaçadas.

Como, aparentemente, estavam os anéis revoltos dos cabelos de Vênus e os meus próprios.

Depois disso, iria a um bar.

— É exatamente o que pretendo fazer — disse Louis, sorrindo com ar inocente. — Vejo-a pela manhã.

Eu, por outro lado, o veria apenas uma hora mais tarde, na Galeria Nacional! Ali, onde nenhuma câmera era permitida, em uma alcova ignorada por um público desinteressado em Nicolaes Maes, Louis beijava, acalentava, repreendia e depois beijava apaixonadamente outra vez uma mulher muito triste, por demais assustada, de aparência doce, quase da minha idade: Samantha.

Eu soube disso porque, mesmo à meia voz, Louis não deixava de lhe exclamar o nome, enquanto lhe negava o amor que ela implorava.

Fiquei hipnotizada com aquela pantomima por quase meia hora. Finalmente, conforme ele a acalentava, curvada e soluçante, nos braços, e lhe acariciava os cabelos, saí hesitante de trás da estatueta em que estivera escondida e rumei para a porta da frente.

Em meu trajeto de saída, um segurança meneou a cabeça com ar simpático, aparentemente com a impressão de que eu estivesse comovida por tudo o que vira.

Realmente, tinha razão; o que me emocionara foram o cuidado e a emoção que Louis era capaz de demonstrar a alguém que obviamente amara certa vez.

Ou, caso contrário, era um maldito de um ator, razão pela qual eu não me atrevera a cair de amores por ele. Contudo, por que ainda me sentia atraída por ele?



## Periélio

*O ponto de menor afastamento de objeto em seu movimento de translação em torno do Sol.*

A despeito de ter nascido e sido criada na Califórnia, nunca acreditei muito nos critérios convencionais de minha terra natal.

Por exemplo, creio que é possível envelhecer com graça sem a necessidade de injetar colágeno, silicone, solução salina, urina, placentas animais, bactérias ou outros organismos estranhos em meu rosto, testa, bunda ou peito. E não embarco na teoria de que morte é uma opção. Ou de que um psiquiatra é um mal tão necessário em sua vida quanto um telefone celular.

E, embora seja suficientemente visionária para aceitar a lógica por trás de como e por que corpos celestiais seguem órbitas predeterminadas, realmente não consigo crer que nosso futuro seja definido por algo além das decisões conscientes que tomamos.

E, uma vez que nunca consideraria consultar um psiquiatra, talvez devesse ter me dado conta de que trabalhar para Louis seria a coisa mais irracional, ilógica e perturbadora que eu poderia fazer naquele ponto de minha vida. Em vez disso, ignorara quaisquer pistas que o universo me enviara de que ficar dentro da órbita de Louis seria uma viagem tão turbulenta como a que eu

fizera com Leo, de modo que agora só me restava rezar para que Jasper recuperasse minha herança em breve. Muito, mas muito em breve.

— Aguarde um pouco, menina — aconselhou Jasper — Alguma coisa pode surgir qualquer dia desses.

Em outras palavras, se meu processo tinha um script, poder-se-ia dizer que estava encalhado no infernal Departamento de Desenvolvimento.

Até que meu pára-quedas dourado se abrisse, eu teria de impedir que as exigências infantis, erráticas e egoístas de Louis me deixassem louca.

Foi naquele mesmo instante que me dei conta de que a única maneira de preservar minha sanidade era me convencer de que Louis não passava de um empregador com o desejo de ser feliz, rico e bem-sucedido em seus empreendimentos profissionais.

Com isso em mente, minha missão era fácil: ajudá-lo a atingir essas metas.

Em outras palavras, tornar-me a perfeita assistente pessoal: eficiente, criativa e indispensável... .. e totalmente imune aos encantos de Louis. Por três meses, nenhuma tarefa foi leve ou pesada demais, e a última delas incluiu assegurar que Louis não desejasse quaisquer confortos de luxo, inclusive a última Humvee H2 SUT do revendedor — que me fez trocar duas vezes, só porque "o banco não se ajusta do jeito certo, amor. Veja o que podem fazer a respeito. Essa é minha menina". As tarefas mais estressantes eram aquelas que tratavam de encaixar na agenda seus compromissos com:

• *Cândida Sage, a diva dos preparadores de atuação, a qual cobrava somas ultrajantes de Louis para ridicularizá-lo por ter "a memória emocional de um Neanderthal" e o aninhava nos fartos seios quando ele desabava de medo de que ela tivesse razão e ele fosse, na verdade, uma fraude ao atuar;* • *Daniela Cross, sua nutricionista anoréxica, a quem peguei*

*vomitando no lavabo depois de ter enfiado uma caixa de biscoitos zone pela goela; • Max Banks, o lascivo quiroprático que convencera Louis de que ver pornografia era um excelente relaxante muscular. Para mim, o fato de sua loja contar com um estoque de DVDs do gênero era uma pista óbvia de que ele mantinha um negócio paralelo mais lucrativo do que o de estalar costas;*

*• Billie Buck, o personal trainer, um gay enrustido que controlava com ternura os exercícios de levantamento de peso de Louis, mas que fazia beicinho de ciúmes cada vez que Louis entrava em detalhes vívidos de suas conquistas femininas da noite anterior; • e o "dr. Manny" (Manolo) Lipschitz, celebrado terapeuta das estrelas, sem formação acadêmica, que tirava plena vantagem das inseguranças de Louis como ator, assim como de sua raiva pelo pai, encorajando-o a "descontar sua mágoa nos outros — amorosamente, é claro" e, depois, dando "permissão" a Louis para perdoar-se pelo comportamento de menino mau.*

Pior ainda, na verdade o dr. Manny teve a audácia de me pedir para moer Valium e colocá-lo no café de Louis antes que ele filmasse suas cenas.

— Isso poderia acalmá-lo e aliviar sua ansiedade quanto à performance — disse o dr. Manny, com a língua presa, cuspendo tanto em mim como na lapela de sua camisa de camurça (ou, como fazia questão, de chamois) uma fina película de saliva.

— Mas ele não corre o risco de desmaiar?

— Não. Brando nunca desmaiou. Embora ficasse um pouco paranóico depois. Deixarei algumas receitas para você também, só para o caso.

Dispensei ambas as recomendações. E, finalmente, eu também tinha a atribuição de supervisionar Lourdes, a empregada mexicana de Louis (a quem Louis acusava de furtar sua despensa da zone, quando, na verdade, era sua

nutricionista vomitadora que surrupiava a comida que ele lhe pagava), e a equipe de jardinagem da Guatemala (que, alheia ao fato de que eu entendia espanhol, travava numerosas discussões interessantes e de certa forma convincentes sobre se Louis era realmente um cafetão, com base no número de mulheres seminuas que perambulavam pela casa).

Além disso, livrava-o de alguns compromissos ridículos que firmara com aqueles que, de alguma forma, ultrapassavam a linha de frente do Time de Louis — Monique, Genevieve e Randy.

E aprendi depressa a enxotar a Patota quando esta queria que Louis saísse e jogasse enquanto deveria estudar um script ou descansar um pouco para se sair bem no set na manhã seguinte.

Tornei-me, aliás, adepta de jogar roleta-russa — o codi-nome de Louis para mentir a Tatiana — sem gaguejar de culpa. Conforme Louis explicou, a verdade apenas a deixava aborrecida com ele, o que, por sua vez, deixava-o aborrecido comigo. Mesmo assim, não importasse em que fuso horário telefonasse, Tatiana instintivamente cronometrava suas chamadas enquanto ele cruzava o Sunset com seus amigos — ou com alguma bela bajuladora que apanhara. O saldo de nossas trapaças foi que obtive um ótimo domínio de palavrões tanto em russo como em francês.

Eu poderia dizer com honestidade que gostava de meu papel na vida dele: o de porteiro. Mas, acredite, nem sempre era fácil manter o garanhão em seu estábulo — mesmo quando ele sabia que ficar ali era para seu próprio bem.

E eu? — aposto que você quer saber. Eu conseguia ter algum tempo livre, longe do hospício de Louis? Para ser franca, se eu estivesse com sorte, isso acontecia uma noite por semana.

Quando sabia que Louis estava fora, jogando com a turma, eu saía e olhava as estrelas — as verdadeiras. Geralmente, fazia isso com Mick.

Depois, voltávamos para minha casa e nos permitíamos o sexo mais terno que eu já tivera.

Com meus telefones desligados.

Louis sabia de nosso rendez-vous? Eu não tinha dúvidas quanto a isso, embora considerasse que ele nunca se inteiraria do fato nem por Mick nem por mim. Contudo, era evidente nos comentários insultuosos que dirigia a mim ("Você está um pouco abatida, Hannah. Teve uma noite tumultuada? Talvez prefira dormir aqui... na cabana, claro...") e na maneira como provocava Mick em minha presença ("Tem visto aquela boboca de quem você usava e abusava? Qual era o nome dela? Sherry? Cheri? Cherry? É isto! A virgem, certo? Quê, esse não era o nome dela? Ah, tudo bem ela não era virgem também, era?").

Embora Mick e eu conversássemos sobre tudo — os roteiros em que ele trabalhava, meus testes e tribulações com cálculos estelares, política, comida a que éramos alérgicos, os livros que estávamos lendo —, mantínhamos distância do tópico "Louis".

Claro, Louis jamais acreditaria nisso. E pensar de outra forma o deixaria paranóico quando nos via juntos — a ponto de eu quase desejar ter aceitado a proposta do dr. Manny das receitas.

Mick escolheu outra maneira de resolver o problema. Evitava qualquer reunião da Patota que pudesse nos colocar na presença de Louis ao mesmo tempo. Como desculpa, dizia ter algo a escrever ou um compromisso tarde da noite com tal diretor ou aquele produtor.

Louis ria de um jeito cáustico — e depois descontava em mim seu desagrado por ter sido dispensado pelo amigo.

— Melhor ficar atenta, Hannah. Mick não é o escoteiro inocente que você pensa que é. Perto dele, sou praticamente um lírio. Confie em mim.

Eu não conseguia acreditar. Ao mesmo tempo, nunca perguntei a Mick, diretamente, se as insinuações irritantes de Louis eram verdadeiras. Acho que os avisos de Louis conseguiam o truque: eu ficava com muito medo daquilo que Mick poderia responder.

Durante aqueles noventa dias, passei a ter pleno controle da vida profissional de Louis. Por exemplo, sempre que a equipe de Louis telefonava com um pedido de participação em algum evento da mídia, ou uma exigência sobre sua agenda, ou uma consideração sobre um possível papel, eu apenas dizia alegremente: "Parece interessante!". Depois, pesava o impacto do projeto na "Tela Grande" dentro de uma visão global da carreira de Louis, acrescentava aquilo que Jasper sabia ser a realidade de sua situação financeira e fermentava com o que me recordava de Leo dizer serem as três razões mais importantes na escolha de um papel ("o diretor tem colhões, o script tem alma e o elenco de apoio é o melhor do ramo"). Então agia de acordo. Algumas vezes eu passava a bola com veemência. ("Louis invariavelmente se encanta com pequenas distrações. Sinto muito, mas não vai dar, querida.") Em outras ocasiões, eu recusava, mas fingia uma relutância que deixava a porta aberta para propostas mais atraente. ("Puxa, que pena! Louis gostaria de fazer, mas está com um problema nesse dia/ manhã/ noite/ mês/ milênio.") Ou, então, concordava em sentar para discutir — embora cautelosamente. ("Vá lá, está na tela de radar de Louis. Mas primeiro ele quer ter certeza de que dará a aprovação final em cópias/

fotos/ script/ guarda-roupa..." ou "Louis não gosta da ideia — pelo menos, não como foi apresentada. Contudo, fez uma contraproposta e me permitiu sentar e discutir isso com você, não, ele não comparecerá. Sim, ele se mostrou veemente quanto a isso. Prefere que Louis diga isso pessoalmente a você? Não? Achei que não... ) Enquanto Monique aprendeu a conviver com isso e Genevieve resmungava reclamações, mas invariavelmente aceitava, Randy ficou uma fera diante da ideia de que eu me tornara um amortecedor indestrutível entre ele e seu cliente número um.

— Aquela cadela vai arruinar sua carreira! Não sabe distinguir as tetas de um buraco no chão quando vai lidar com Tom, ou Arny ou qualquer um naquilo que realmente importa. Droga, quando o Harvey puser as mãos nela, vai lhe arranjar um novo cu — disse para Louis, enquanto malhavam na sala de ginástica da casa de Louis.

Randy não imaginava que eu pudesse estar em algum lugar onde fosse capaz de ouvi-lo. Eu o escutei, realmente, quando seus latidos raivosos foram carregados pela brisa que a sala de ginástica partilhava com a sala de visita da cabana, que eu agora usava como Central de Comando quando montava acampamento em "território" de Louis.

— Meu Deus, Randy, você está agindo como uma garotinha ciumenta! Além disso, está completamente enganado em relação à Hannah. Ela tem a natureza de uma barracuda voraz e agressiva como você! — Os pesos de Louis rangiam um contra o outro em intervalos certos. — Ela conseguiu com que Amy concordasse com minha oposição a qualquer coisa que não seja uma turnê distante da mídia para Breakneck. E praticamente deixou Tom maluco com a ideia de ter sinal verde para a sequência de Moulin Rouge comigo como protagonista — por mais de vinte milhões, devo acrescentar, e uma porcentagem igual àquela que pagarem a Baz Luhrmann.

Ouvi em seguida um baque, o que indicava que ou Louis mudara os pesos dos aparelhos, ou Randy tinha acabado de desmaiar.

Supus que fosse o primeiro caso, porque em seguida Louis emendou: — Quanto a Harvey, ora, outro dia ele me disse que, se Hannah não fosse minha pequena, ele a queria para si; disse que foi ela quem convenceu o pai a estrelar o primeiro filme dele que deu lucro. Vá lá, ele certamente tem uma queda por Hannah. Tal como eu. — Louis deu uma risadinha. — Ei, cara, não fique tão preocupado! Com Hannah vigiando os negócios, ambos temos mais tempo para jogar. E pense só no que posso fazer com esses dez por cento que estou poupando porque ela está fazendo meus contratos, e não você.

Os dez por cento de Randy.

Os mesmos dez por cento que eram seu único propósito para permanecer com Louis, em primeiro lugar. Como se ambos não soubessem disso. O ranger parou novamente, o que era o jeito de Louis dar a entender que estava pensando seriamente naquela ideia.

Supus que Randy também — a menos que, desta vez, tivesse desmaiado.

Não tinha. Em vez disso, perguntou: — Então, hã... O que está realmente acontecendo aqui? Ah, entendi: ela finalmente o deixou que tirasse a calcinha dela, hein?

A resposta: silêncio, exceto pelo ranger dos halteres.

Era assim?

Louis não negaria?

Claro que não. Por que haveria? Era exatamente o que Louis queria! Ele partira do fato de que o cérebro de Cro-Magnon de Randy presumira que a

razão pela qual eu me matava para tornar sua vida tão fácil era fruto de absoluta adoração e anseio sexual.

— Bem, era hora. Achei que você estava perdendo o velho toque Trollope. Merda, não dou a mínima se você a mandou fazer algum dos acertos de bosta mijada em seus contratos... poupe-me de entregá-los a meu assistente pra dar cobertura, sabe o que quero dizer? Só não me aporrinhe por causa de minha porcentagem, o.k., cara? Isso magoa. Faz-me pensar que tudo o que conseguimos até aqui é algum tipo de — não sei — arranjo indiferente de negócios. Ambos sabemos que não é assim... certo? Cobrimos a retaguarda um do outro, lembra?

Portanto, não se preocupe, ficarei de olho nela como um falcão, pra ter certeza de que não vai deixar qualquer migalha na mesa.

— Sei que ficará, Randy. Você é o meu homem — disse Louis, para acalmá-lo.

— Sou, porra!... Falando nisso, posso compartilhar de alguma dessas "atuações" de Hannah, também?

Meu coração deu um salto, tanto pela sugestão doentia de Randy como por imaginar como Louis responderia.

— Por que não pede a ela você mesmo? Hannah, amor, o que você acha da proposta de Randy?

Então, ele sabia que eu ouvira cada palavra! Meu primeiro instinto foi fugir de vergonha. Em vez disso, optei por confrontá-los, armada apenas com minha fúria por ser uma mulher escarnecida com tamanha libertinagem e certa de que Randy estava mais mortificado do que eu.

Uma metralhadora AK-47 teria deixado o cenário completo.

Depois de ver o faiscar de meus olhos, Randy resmungou alguma coisa a respeito de estar atrasado para uma reunião na DreamWorks e rumou hesitante para a porta.

Isso me deixou cara a cara com meu opressor e pagador de salário.

— Isso foi gozado, não foi? — comentou Louis, rindo. Arrancou a camiseta suada, enxugou o pescoço e as costas com ela, jogou-a em um canto para que Lourdes (ou eu) a pegasse e rumou para a piscina.

— Gozado? Gozado? Qual é, está brincando comigo? — Arquejando, sufocada, eu o segui. — Você deixou que ele me denegrise! E depois permitiu que pensasse que nós... que nós... O

que é isso, Louis? Que mais posso fazer para provar a você que... — Provar o quê, amor? Que você é a melhor assistente pessoal que eu poderia ter? Que preciso de você para sobreviver? Que não saberia o que fazer sem você? — Ele parou.

Lentamente, voltou-se e me olhou diretamente nos olhos. — Ora, você já comprovou isso, Hannah,

Suas palavras arrancaram o ar de meus pulmões.

— Eu... eu comprovei?

— Claro, amor, claro! — Tomando minhas mãos nas suas, ele me puxou para uma das muitas cadeiras duplas de ferro batido que se espalhavam ao lado da piscina.

— Minha querida, caríssima Hannah, você realmente pensou que eu não sabia que você estava por dentro de minha piadinha com Randy?

Riu, como se qualquer outra presunção fosse absurda.

— Aquele saco de vento metido a besta! Não passa de um cafetão, alguém com quem passar o tempo enquanto estou fincado aqui, neste glamouroso purgatório. E, agora que tenho você, eu o mantenho por perto para dar umas risadas.

Claro, havia outra vantagem em apertar tanto os grilhões de Randy: agora Randy espernearia, imploraria e bajularia de forma ainda mais patética do que quando estava com Louis.

E Louis achava esses traços particularmente atraentes em velhacos.

— Ora, você vale dez dele! Mas sabe como é: não posso dar uma mijada nesta cidade sem um agente, certo? E, já que são todos farinha do mesmo saco, é melhor eu permanecer com um incompetente conhecido — mesmo que tenha de ser sugado na maldita comissão — e deixar você vigiando a retaguarda para mim. Você é meu anjo. Não há ninguém mais em que eu possa confiar.

Gentilmente, puxou-me para mais perto dele até aninhar minha cabeça em seu peito.

— Juro, Hannah, não sei o que faria sem você. Admita, querida, precisamos um do outro, não é?

Senti seus lábios roçarem minha testa.

Em um reflexo, ergui a cabeça. Nossos olhos se encontraram por um instante. Então, os dele desceram para meus lábios, como que antecipando seu próximo movimento.

Estava imaginando se eu permitiria que ele fizesse isso.

Eu também.

Subitamente, eu não tinha mais qualquer certeza de como me sentia; não estava mais zangada? Sim, claro que estava. Então, por que me encontrava tão apavorada também?

E excitada?

Então, pensei em Mick.

— Mas o está acontecendo aqui?... — murmurei.

Louis estreitou os olhos, examinado-me em busca de alguma indicação sobre se o sortilégio que lançara fazia efeito sobre mim.

Ao perceber que eu desviava o olhar, percebeu que não.

Seu aperto em mim se afrouxou. Então ele se levantou devagar. Ao se espreguiçar languidamente, as poucas gotas de suor que ainda se agarravam a seu abdome rijo e bronzeado reluziram ao sol. Quando se afastou com aquele patenteado andar de pantera, bradou por sobre o ombro:

— Então, estou perdoado por minha brincadeirinha imprópria à sua custa?

Concordei com a cabeça, um sim resignado. O que mais eu poderia dizer?

Ele tinha razão. Precisava mesmo de mim.

E estava certo, além disso, ao dizer que eu precisava dele também.

Pelo menos, eu precisava, por enquanto.

A cena final de Breakneck foi rodada uma semana mais tarde, nem um dia antes. Quando o assistente de direção exclamou "Está terminado", houve um suspiro coletivo de alívio.

Considerando todas as histrionices que tinham acontecido nas filmagens durante os últimos dois meses — os crescentes ataques de estrelismo de Louis, o visível consumo de cocaína por Donnie em pleno set, as aparições inesperadas de dois dos "sócios"/ amantes de Rex em seu camarim no mesmo dia e a briga de unhas que se sucedera, a evidente cleptomania de Simone e a exasperação cada vez maior do diretor com isso —, a festa de encerramento por certo seria um barulho dos diabos.

Uma vez que Randy representava tanto o astro como o diretor, foi convidado também.

Que sorte, que boa estrela a minha.

Tão logo nossos patrões se refestelaram com seus rituais de brindar com o elenco e a equipe e distribuir presentes de "lembre-se de mim quando chegar a hora do Oscar", a Gangue dos Quatro — o apelido que Christy, Sandy, Freddy e eu tínhamos dado à nossa pequena congregação — pegou duas garrafas de Bouvet Brut da mesa dos profissionais de cena (não exatamente um espumante top, mas aquela também não era exatamente uma produção top) e rumou para um canto sossegado no imenso estúdio à prova de som. O jeito como Christy abriu a primeira garrafa — com uma sacudidela, um giro e o estouro da rolha — mandou metade do conteúdo por sobre nós, mas, quando entornamos a outra metade, não ligamos a mínima. Estávamos todos aliviados pelo fato de que a produção houvesse terminado sem que alguém tivesse sido rebaixado, colocado na lista negra ou assassinado. Contudo, ao mesmo tempo, estávamos também melancólicos diante da ideia de que não mais nos veríamos com tanta frequência.

— Terei saudades de cada um de vocês — soluçou Sandy, a postura sóbria em farrapos depois de meros dois copos de plástico de Bouvet Brut.

— Então vamos fazer um pacto! — esgoelou uma Christy de voz arrastada, sempre a escoteira.

— Uma vez por mês nós nos reuniremos! Nada de "se" e ou "mas".

— Puxa, que droga! — Freddy soltou um soluço ao colocar um pouco de espumante no pires de Bette, a cadela de fraldas. — isso sempre acontece: todo mundo promete que vai conciliar as agendas, mas nunca acontece.

Não havia jeito algum de a previsão desastrosa de Freddy conseguir me abater.

— Vamos lá! — provoquei. — Não somos "todo mundo". Somos a Gangue dos Quatro, lembra?

Eu não sentia tristeza por boas razões: tomara três copos de champanhe e, tão logo Louis desse o fora com Randy, estaria livre para ver Mick em nosso ponto de encontro predileto: o píer de Santa Mônica. Dali, veríamos o pôr-do-sol e esperaríamos até Vênus aparecer, logo à direita da Lua. Depois, voltariamos para minha casa e faríamos amor. Seria uma noite perfeita, seguida de meu primeiro dia de folga em uma semana.

Despejei o resto do champanhe nos copos.

— Vamos erguer um brinde, ao amanhã!

— Brindarei, mas para alguma outra coisa — resmungou Freddy. — Amanhã, todos os diabos podem escapar do inferno. Simone vai gravar o show de Penn & Tel er.

— Por quê? Vão cortá-la pela metade ou algo assim? — perguntou Christy, dando risadinhas por causa do champanhe.

— Qual é, está brincando? Vão rasgá-la em pedacinhos e cuspi-la fora. Você sabe que tentaram levar Rex àquele show. Claro, eu vetei — fungou Christy.

— É? Bem, estou tentando fazer o mesmo, mas aquele morcego velho está irredutível. Não sacou que aqueles dois palhaços têm sede de sangue... — Não são palhaços, Freddy — corrigiu-o Christy gentilmente —, são mágicos.

— Oh, são palhaços, com toda a certeza. E, se puserem aquelas pequenas "idiossincrasias"

dela no ar, isso a liquidará aqui nesta cidade. — Enxugou uma lágrima fingida.

— Toda essa fofoca com as celebridades está tomando um rumo fora de controle! — Sandy meneou a cabeça, zangada. — Por mim, teria de haver uma proibição desses shows de "info-entretimento" e daqueles websites obscenos de fofocas! Fiz Rex pedir a seu advogado para enviar à celebdish.com uma carta de cessação e desistência. Aquele blog inteiro é dedicado a espalhar o boato de que ele é gay! Mas o advogado não fez isso! Disse que poderia trazer á tona uma situação complicada, gerar conflitos e ferir sensibilidades que Rex poderia lamentar... porque teria de provar que era hétero! Pode imaginar?

Freddy quase engasgou com seu champanhe, e Christy tomou vários goles enormes do dela. Todos olhamos para Sandy.

— Sandy — comecei —, você não tem nem um pouco de curiosidade sobre o motivo de Rex... ter sempre tem aqueles rapazes... de quem gosta de "ser o mentor"... bem, você sabe... — O

que Hannah está tentando dizer, Sandy, doçura, é que Rex tem se exposto — concluiu Freddy.

— Encare a realidade, coração. — Não até ouvir dele mesmo — resmungou ela enquan. to saía, pisando duro. — Vagabundo — resmungou Christy. — Todo mundo tem recebido más notícias assim. Ei, mas não eu! — Voltou-se para nós, empolgada. — Adivinhem? Donnie quer me dar uma força em minha carreira. Não é ótimo?

— Mas o que isso quer dizer? — perguntei, cautelosa.

— Que ele acha que tenho potencial. Diz que a primeira coisa que eu deveria fazer é ficar conhecida lá fora. Sabe, me promover. E ele será meu mentor, como Rex faz... com seus "sócios".

— Posso apostar que ele será — disse Freddy, gargalhando.

— Não ria. Estou falando sério. Olhe... — Christy correu o zíper de seu casaco de tricô. Por baixo, usava uma camiseta fina, colada à pele, até o meio da barriga, de corte francês, que mal envolvia seu peito e nada fazia para esconder as sombras dos mamilos escuros dos seios fartos achatados. Nela havia um brasão com o logo do Ta-Ta's. Embora os hambúrgueres do restaurante mal dessem para um bocado, o mesmo não se podia dizer dos seios de suas garçonetes, o que, desgraçadamente, era sua principal atração.

Não consegui evitar, mas cravei os olhos nela.

— Mas você nem mesmo trabalha no Ta-Ta's!

— Tudo bem, Donnie é dono de um pedaço daquilo.

— E agora quer ser dono de um pedaço de você também — resmungou Freddy.

— Não seja estúpido — retrucou Christy, fazendo bico. — Não vou trabalhar lá. Sou muito importante para Donnie para isso. Estou só jogando

em seu time de softball . Veja, eles representam todos os tipos de companhias — estúdios de cinema, estações de rádio e televisão, até as coelhinhas da Playboy —, portanto conseguirei todos os tipos de exposição. — Soltou uma risadinha ao pensar nisso. — Ele diz que tudo o que tenho de fazer é ser capaz de acertar uma bola e correr para as bases. Estão empolgados, porque, no segundo grau, eu era uma lançadora talentosa!

Jogou o braço para trás para um arremesso de aquecimento e depois fez uma bola imaginária voar. Sua camiseta subiu com o movimento, expondo um seio pesado e redondo, junto com a barriga já nua.

— Mas, Christy, não se sente um pouco... hã... exposta?

— Ah, eu sei: jogar sem um sutiã não é a coisa mais segura a fazer — admitiu ela.

— O que quero dizer — continuei — é que isso pode não ser um passo tão grande assim em uma carreira... — Ah, deixe-a em paz, Hannah. Com certeza, ela é uma garota crescida. Aposto que pode tomar conta de si mesma muito bem.

Ao som da voz de Louis, ergui os olhos só para encontrá-lo hipnotizado pelos seios de Christy.

Satisfeitíssima com sua atenção, Christy ficou vermelha como uma pimenta.

Inconscientemente, empinou o peito ainda mais.

Hora do show. Fechando a mira nela, Louis sorriu, correu a língua pelos lábios e rumou naquela direção.

A última coisa de que eu precisava era Louis partindo o coração de Christy.

— A festa terminou tão cedo assim? — perguntei alegremente, ao agarrá-lo pelo braço e empurrá-lo para trás, na direção da mesa em que os outros atores ainda se reuniam.

— Não cedo o bastante — murmurou. — Então Donnie está fazendo algum investimento, hein? Camarada esperto.

— Virou-se para trás para dar uma segunda olhada em Christy. — Escute, por falar nas coelhinhas da Playboy, Randy e eu vamos para a Mansão agora. Hef está dando uma festa de pôquer. Você não acha que sua amiguinha ali poderia gostar de... — Sinto muito, ela já tem planos.

— Ah, é? Vocês, garotas, vão sair para uma noitada na cidade? — Seus olhos se voltaram para mim. Observou-me enquanto eu fazia uma careta.

— Não decidimos nada — respondi, cautelosa.

— Entendi. Bem, se mudar de ideia, sabe onde nos encontrar — disse, indiferente. — Se não, então, venha cá, tome um drinque por mim, de qualquer forma. — Puxou uma nota de 100

dólares da carteira e estendeu-a a mim.

— O quê? Puxa... Obrigada, Louis. É muito generoso de sua parte. — Enquanto eu olhava para a nota, ele fechou a mão em torno da minha.

— Só um pequeno símbolo de minha afeição. Por tudo o que você tem feito. — Sorriu com ar angelical. — E... Ah, Hannah, eu disse a Genevieve para aumentar seu salário. Para 100 mil Caramba, cling-cling!

Louis estava dobrando meu salário?

Pela primeira vez desde que Leo morrera, senti como se uma bigorna tivesse sido tirada de minhas costas. A renda extra me permitiria abater boa parte de minhas dívidas.

— Puxa! Louis, eu... eu não sei como agradecer a você!

— Tenho uma sugestão: que tal um beijo de obrigado?

— Ele inclinou-se para mais perto, os olhos semicerrados. — Bem... Eu pensei... — Pensou o quê?

— Que nós... que tínhamos decidido manter as coisas, sabe como é, apenas amistosamente.

— O que há de mais amigoso do que uma beijoca no rosto entre amigos?

Um beijinho não faria mal. Faria?

Não. Claro que não. Éramos adultos.

Tal como Christy.

Concordei, relutante. Ele baixou a cabeça até a minha e tocou suavemente meu rosto com os lábios.

Meigo.

Com habilidade, escorregou os lábios sobre os meus. Ofeguei, o que ele tomou como um sinal para explorar mais a profundidade de minha alma — e de minha boca — com a língua.

— Merda! — Saltou para trás, afastando-me antes que eu tivesse a chance de fazer o mesmo com ele.

— O quê? — perguntei, sem saber o que tinha feito e por que Louis subitamente se aborrecera comigo. Quando abri os olhos, vi Bette correndo

para longe com um gingar engraçado. Louis sacudia a barra da calça e esfregava a sola de seu mocassim Bruno Magli de 300 dólares pelo chão.

De mais de uma maneira, levava uma lavada. Por outro lado, lá estava Mick, em pé logo atrás dele. Sabendo que o filme fora concluído e presumindo que Louis estivesse a meio caminho do palácio do prazer de Hef a essas alturas, Mick pensara em me surpreender, indo até o estúdio.

Surpreendera. E eu o surpreendera também. Suspirei e depois rumei para fora, para encontrar uma toalha para Louis.

— Foi apenas um meigo e inocente beijinho de agradecimento! — Eu estava mentindo.

Também argumentava em prol de minha vida, que precisava tão desesperadamente da presença de Mick nela. — Não, não foi. Com Louis, nada é inocente. Mick acertara em cheio.

Mesmo assim, eu não admitiria; não para ele, e certamente não para mim mesma.

— Ele sabe que é diferente quando se trata de mim. Temos um pacto. É a única maneira do dar certo. Mick meneou a cabeça, incrédulo. — Caia na real! Você realmente acredita que esse seu pequeno pacto esteja funcionando? — Acredito que sim. Caso contrário, eu estaria fora de lá! Ele me encarou como se quisesse acreditar em mim, e assim eu fui em frente, para o que julgava ser o ponto mais convincente de todos: — Além disso, você é o melhor amigo dele. Ele não ousaria tentar qualquer coisa comigo, só por essa razão. Ele soltou uma risada cáustica.

— Ora, você não sacou? Isso só o faz desejá-la muito mais.

— Mas eu não desejo a ele. — Coloquei meus braços em torno da cintura de Mick. — Desejo você. Preciso de você. Ele é apenas meu emprego... Puxei-o para mais perto de mim, na esperança de que ele me beijasse. Beijou.

O beijo foi duro, profundo, e apagou qualquer coisa que restasse de Louis e que ainda se agarrasse a mim.

Então o telefone tocou.

Mick soltou-me e me lançou um olhar que me desafiava a atender. Parei.

Mas tinha de fazê-lo.

Ele meneou a cabeça e virou-se.

— Estou surpreso por você ainda não ter me ligado.

— Jasper? — Ao me ouvir dizer aquele nome, a tensão sumiu da expressão de Mick. — Aconteceu alguma coisa errada?

— O quê, está brincando? Está tudo certo! — disse, rindo. — Louis não lhe disse?

— Disse o quê?

— Para me telefonar. Aquele f.d.p.! Encontrei-o por acaso no fim do dia, ontem, no Ivy. Tinha acabado de voltar do tribunal. Acabou, Hannah. Sybil a concordou com o acordo.

Jasper liberara minha herança. Agora, eu poderia pedir demissão.

— Que... que notícia maravilhosa. Ouça, Jasper, estou com Mick aqui. Podemos... podemos conversar amanhã?

— Certamente. Mande um oi para ele. E me telefone antes do meio-dia. — Desligou.

Fechei o celular. Então, Louis sabia desde o dia anterior.

Eis por que me dera o aumento.

Porque precisava de mim.

Mick esfregou o nariz em minha nuca.

— Quais são as novidades de Jasper?

— O acordo foi aprovado.

— Não á ótimo?

— Claro que é. — Forcei minha boca em um sorriso, antes de me virar e encará-lo. — Como podemos celebrar?

— Eu sei: vamos redigir juntos sua carta de demissão. — Rumou para uma mesa. Ao descobrir uma folha de papel, tirou a caneta do bolso e começou a rabiscar, conforme raiava: — Caro Louis, é com grande pesar... não, vamos riscar isto... é com grande alívio que finalmente posso lhe dizer o que penso de verdade de suas tolices queixosas, egoístas... — Ei, ei, ei, não vamos falar de Louis. — Peguei o papel, amassei-o em uma bola e joguei-o na lata de lixo.

— Você está certa. Vamos falar sobre nós. Sobre como tiraremos umas longas férias e iremos a algum lugar onde haja uma praia deserta... — Eu... Mick, não posso.

— O que quer dizer com isso?

— Bem, eu... não posso pedir demissão agora.

— Por que não?

— Porque há muita coisa acontecendo. Conseguimos sinal verde para Killer Instincts e temos uma turnê promocional inteira para... — "Nós" não temos sinal verde, e "nós" não temos uma turnê promocional. Louis tem. — Afastou-me de mim.

— Bem, eu administro a vida de Louis para ele. E não posso apenas me levantar e sair. — Segui Mick até a sala de estar. — Não seria justo para com ele.

— Admita, Hannah. Você adora ser o centro do universo de Louis. Simplesmente adora o fato de que ele não pode fazer xixi sem você.

— O.k., tudo bem, admito. — Eu estava aliviada. Talvez Mick compreendesse, afinal. — Gosto disso. E sou boa no que faço. E Louis me aprecia por ser boa!

— Louis nunca apreciou alguém em sua vida inteira. Você quer dizer Samantha, não é? Eu gostaria de ter dito isso em voz alta, mas não o fiz. Em vez disso, exclamei: — Ter minha herança reintegrada significa que não tenho de ficar se eu não quiser.

— Mas é esta a questão: você quer!

— Sim. Por enquanto.

— Tudo bem. Ótimo. — Agarrando o capacete da moto, Mick rumou para a porta.

— O que quer dizer? O que é ótimo? Aonde você vai?

— Lá fora. Tomar um pouco de ar fresco. — Desceu ruidosamente os degraus da frente e depois subiu de volta. — E, a propósito, você nunca pedirá demissão.

— Ah, é? O que o faz ter tanta certeza?

— Porque conheço Louis um pouco melhor do que você conhece. Você não vai se demitir, porque ele a despedirá primeiro.

Mick não teve a chance de bater a porta atrás de si: eu a bati primeiro.

E, agora que eu poderia, mais uma vez, permitir-me o luxo de um Château Lynch-Bages 2000

Paul ac, não havia ninguém na casa.

O Bouvet Brut teria dado conta do recado.

# SEGUNDA PARTE

## Nebulosa

*Aglomerado de estrelas, distante demais para ser visto isoladamente, que se assemelha a uma nuvem de poeira de fraca luminosidade. Algo difícil de entender ou definir.*

## Perturbação

*Situação em que um corpo celeste se desvia de uma órbita predeterminada, normalmente sob a influência gravitacional de outro objeto celeste.*

"Houston, temos um problema..."

*Jim Lovel*, astronauta, a bordo da Apollo 13

A mesa habitual de Jasper no Ivy ficava aninhada no único canto eternamente sombrio do jardim do restaurante — o que, tenho certeza, era a razão principal para os comentários de que o lendário advogado da indústria do entretenimento nunca suava, não importava qual fosse o acordo pendente, a despeito de seu gosto por impecáveis tempos de lã leve. Foi onde o encontrei quando cheguei (pontualmente, claro) para nosso encontro, que incluiria ainda Louis e Randy.

Quero dizer, até Randy — que fora apanhar Louis mais cedo naquela manhã para um jogo de golfe com Mick e Ethan no Bel-Air Country Club — telefonar para dizer: — Ei, diga ao velho que estamos atrasados. Os imbecis do clube se enganaram com o horário da nossa partida. Um povinho atrapalhado pra cacete. Louis está uma fera. Perdi bolas a manhã toda só pra deixá-lo contente, portanto aguentem aí e cooperem até que a gente apareça, o.k.? Isso deve ser fácil pra você: é só choramingar sobre os velhos bons

tempos, quando o papai estava vivo... Estava na ponta de minha língua dizer que eu não sabia que Randy tinha alguma bola para perder. Mas preferi apenas desligar e dar o recado a Jasper, que sugeriu que então fôssemos em frente e fizéssemos nossos pedidos.

— É, aquele quarto buraco é uma tarefa difícil... — comentou Jasper, com uma piscadela. — Tudo bem, Hannah. Assim poderemos conversar em paz, sem ter de ouvir Louis choramingar sobre os papéis que está perdendo para Jude ou escutar as tolices de Randy. Ambas as coisas fazem mal para a digestão.

Entre me ouvir recitar a agenda de Louis para o próximo trimestre, discutir o status de algum dos próximos projetos dele ou se servir do renomado bolo de carne do Iyy, Jasper aceitou a deferência de Barry, Les, Bryan e algumas das outras poderosas e influentes figuras da Indústria que pararam em nossa mesa. Um aperto de mão de Jasper era como um toque de Midas, que assegurava consideração futura àqueles que reconheciam seu valor na "Terra das Reverências".

Se Louis possuísse um cérebro, não teria tido a ousadia de dispensar aquele almoço com Jasper, pensei, com tristeza. Como se lesse minha mente, Jasper disse: — Sabe, Hannah, ainda me surpreendo com a quantidade de talento que esta cidade atrai... e depois mastiga e cospe. Poucos atores são capazes de manter uma carreira por mais do que alguns anos, e isso só se tiverem sorte. — Apontou discretamente para as outras mesas, onde a elite de Hollywood cortava seus filés de atum com a mesma precisão atenta com que talhava seus acordos. — Você compreende como esses camaradas operam. São como os anunciadores do Juízo Final: em um ano, todos clamam por Tom, ou Brad, ou Matt, ou Jude... e agora Louis... para estrelar seu próximo blockbuster. Então, no ano seguinte, é um novo conjunto de nomes: sujeitos

que são descritos como o novo Tom, Brad, Matt, Jude... ou Louis. — Pegou a taça de vinho, tomou um gole e depois me fitou diretamente nos olhos. — Aceitei Louis porque senti que ele tinha potencial para realizar essa proeza por um longo tempo. Agora... bem, não estou tão certo.

— Não desista dele, Jasper. — Não sei por que senti a necessidade de defender Louis, mas o fiz. — Para ele, tudo isso é novidade. Não percebeu ainda o que não deveria fazer ou o que pode prejudicar a carreira dele. É um dos caras mais talentosos daqui; a câmara simplesmente o adora. É por isso que tantos diretores querem trabalhar com ele.

— Todos eles são talentosos. O problema é que nem todos são espertos o bastante para saber como jogar o jogo. Ou para apreciar aqueles que o jogam por eles. — Sorriu com ar experiente.

— Sempre admirei sua capacidade de manter tudo isso em perspectiva, de perambular por entre essa porcaria toda e sair incólume do outro lado.

— Bem, eu não diria que estou incólume.

Ele concordou.

— Estou começando a ver isso. Então, minha cara, por que optou por fincar pé no emprego?

Pensei que estaria fora em um piscar de olhos, para se concentrar em seu projeto de estrelas e outras coisas mais... digamos... perenes. — Riu. — Espero que não se sinta obrigada a ficar por lealdade a mim ou algo do tipo.

— Fico feliz em ouvir isso, Jasper. Mas, com toda a honestidade, não é esse o caso.

Ele me encarou.

— Não posso imaginar que ache isso mais empolgante do que julgava quando Leo estava vivo.

Ri.

— Não, a única coisa que não sou é fascinada pelo estrelato, se é o que você quer dizer.

— Ah... Compreendo. — Seu sorriso triste me deixou ruborizada.

Ora, ele acha que estou apaixonada por Louis — Não é o que você pensa. Não há nada, nada íntimo, acontecendo entre Louis e eu. Esse é o único jeito de uma relação como a nossa poder funcionar, e ambos sabemos disso.

— É bom ouvir isso. Mesmo assim, sempre senti que um relacionamento satisfatório, profissional ou não, funciona em muitos níveis.

Muitos níveis.

— Bem, seja o que for que Louis e eu temos certamente se ajusta nessa descrição também. É

um pouco como uma casa maluca de parque de diversões: muitas portas que levam a lugar nenhum. — Ri, mas não havia humor na risada. — Não sei, Jasper; acho que é uma crença irreal de minha parte presumir que pelo menos uma dessas portas vá levar a... bem, não sei o quê.

— Aprovação? Confiança? Lealdade? Absolvição, talvez?

— Sim. Todas essas coisas.

— Hannah, Louis não pode lhe dar o que você não obteve de Leo.

Sempre voltávamos para aquilo.

Bem, se Louis não poderia, então quem poderia?

— Talvez não. Por outro lado, quem sabe eu esteja à espera porque, no momento, é mais fácil lidar com a vida de Louis do que se concentrar na minha própria.

— Se é você quem diz... — Você fala como Mick.

— Sujeito inteligente, esse Mick. A propósito, como ele tem andado?

Embora a pergunta fosse feita de forma bastante casual, eu sabia que não era bem assim: o todo-poderoso Jasper, que tudo sabia e tudo via, tinha total ciência de que havia "problemas no Paraíso". Afinal, representava Mick também.

— Está ótimo — respondi, animada. — Não compreende totalmente por que preciso disso neste momento em minha vida, mas aceita.

Na verdade, minha decisão de permanecer com Louis deixara meu relacionamento com Mick em uma situação indefinida. Não matara nossa atração um pelo outro, pelo contrário: nosso sexo estava pleno e excitante como nunca. Mas havia uma crescente... sensação de urgência... ... como se ambos esperássemos que o outro virasse a situação completamente.

Eu contava com o surgimento, a qualquer instante, do sinal de que as previsões de Louis sobre Mick estavam certas, enquanto Mick antecipava meu exílio permanente em Camp Louis.

Assim, ambos nos agarrávamos ao que esperávamos obter um do outro: Aprovação. Confiança. Lealdade. Absolvição, talvez.

Não que eu pudesse contar alguma dessas coisas a Jasper. Portanto, em vez disso, eu disse: — Estamos vivendo um dia de cada vez.

— Acho uma ótima idéia. Na verdade, é uma filosofia maravilhosa para lidar com tudo em sua vida, inclusive seu emprego. Principalmente pelo fato de você não ter tido tempo de se enlutar por Leo. Por que você não tira uma folga? Louis pode sobreviver por uns poucos dias sem você, acredite. Além disso, poderia ser a melhor coisa que já lhe aconteceu. E a Mick também, se permitir que ele a acompanhe.

Conforme meneei a cabeça, uma lágrima pingou em uma de minhas patinhas de caranguejo.

Jasper me estendeu seu lenço, que eu usei para enxugar outra gota salgada em minha face.

— Você tem razão, Jasper. Devo isso a Leo. E devo isso a mim mesma.

E devia isso a Mick.

Não podia esperar para vê-lo, para lhe contar pessoalmente.

Como previsto, os rapazes não apareceram. De volta à casa de Louis, passei a tarde reorganizando sua agenda, para encaixar os outros compromissos que ele também tinha dispensado: a prova de roupa para Kil e Instincts e uma reunião com um dos diretores indicados ao Oscar no ano anterior para discutir se os estilos de trabalho dele e de Louis eram "compatíveis" (pelo jeito, Louis simplesmente concluíra que não eram).

Onde estava Louis?

O telefone tocou e saltei para pegá-lo, presumindo que fosse Randy retornando uma das várias mensagens que eu deixara desde que saíra do almoço com Jasper. Mas era Ethan: queria saber por que Louis não aparecera no Country Club.

— Você não estava com ele esta manhã? Mas Randy ligou e disse que o jogo tinha sido atrasado!

Silêncio.

Em Hollywood, ou se é um gênio criativo, ou um excelente mentiroso que se rodeia de gênios criativos e os usa para avançar em sua subida pela escada da "Tinseltown" — a cidade do ouro falso, o brilho falso. Sem deixar dúvida de qual talento possuía, Ethan tossiu, nervoso, e em seguida gaguejou: — Hã... Bem, fui chamado ao estúdio. Puxa, acho que jogaram sem mim... Hum, estão precisando de mim no set, agora. Peça apenas para ele me ligar. — E desligou.

Quando o telefone tocou outra vez, eu estava com a paciência esgotada. Era Freddy, que, como previsto, tentava administrar as consequências desastrosas dos quinze minutos de "infâmia" de Simone no Penn & Tel er.

— Eles venderam o programa como "a definitiva história de terror de Hollywood"! Aqueles mágicos malucos a incentivaram a mostrar todos os seus atos de diva, e ela foi pintada como uma psicótica patética! — gemeu Freddy. — É o fim da linha para milady Cavanaugh. Agora, ela e a vira-lata comerão ração de gato da mercearia Trader Joe's!

— Olhe, Freddy, tenho certeza de que não é tão ruim assim. Quero dizer, pouca gente deve ter visto. É tarde da noite e pela TV a cabo, certo?

— É, você tem razão. E não é exatamente A Família Soprano. — Ele suspirou. — Meu, a coisa poderia ter sido bacana!... — Freddy, me desculpe, tenho de manter a linha desocupada. Tivemos uma pequena emergência aqui também. Por que não nos encontramos mais tarde? Pensaremos em uma maneira de encarar o assunto de modo diferente.

O "Denny's Central Casting", no Sunset, perto da Highland, assim apelidado porque provia a alimentação da maioria dos atores antigos de filme B e do destaque da semana, era o ponto de encontro habitual da Gangue dos Quatro.

— Ótimo. Vou ligar para Sandy e Christy — disse Freddy. — Faço qualquer coisa para não ter de injetar placenta de ovelha no traseiro da velha, que é o próximo item em minha agenda.

Fiquei pálida.

— Isso não tem de ser feito no consultório médico?

— Que nada — respondeu ele, indiferente. — Senhorita Simone pagou-me um curso de cosmetologia. Saiu mais barato do que gastar duzentos paus para cada pulo no médico. E sabe o que acho? Pode se tornar minha profissão alternativa... se eu conseguir me acostumar a olhar traseiros velhos e enrugados o dia inteiro.

Nada mais precisava ser dito.

Eu estava contemplando minha própria sorte quando ouvi o carro de Randy parar em algum lugar. O Corvette C6 — um empréstimo para test-drive de um dos muitos concessionários que supriam o vício de Randy por automóveis — era baixo, o que tornava difícil para Louis — descabelado, estressado e obviamente entorpecido por muitos uísques on the rocks — se encolher e levantar sem perder o equilíbrio. Enquanto Randy saltava, Louis passou por mim cambaleante e seguiu para seu quarto, onde desabou na cama. Passou a mão pelas madeiras reluzentes mais uma vez e depois olhou vagamente para a piscina infinita a ondular do lado de fora de sua janela.

Eu o segui, mas não disse nada. Por dez minutos esperei que ele me reconhecesse, mas no "Décimo Primeiro Minuto" ficou claro que continuaria fingindo que eu não estava ali. O.k., eu poderia conviver com isso. Mas ele não poderia ignorar as obrigações para com a carreira.

— Sentimos sua falta no Ivy.

Aborrecido, ele resmungou;

— Não se preocupe comigo. Já almocei.

— Eu sei. Posso sentir o cheiro.

Ele me encarou com seu olhar encoberto pelo álcool.

— E daí? Por acaso é da sua conta, santinha do pau oco?

Por que ele estava procurando motivo para discussão? Eu não estava com a mínima disposição para aguentar seus jogos infantis. Abri a boca para dizer alguma coisa quando ele emendou, venenosamente: — Sabe, Hannah, se pelo menos você estivesse onde deveria estar... — Onde eu... o quê? Do que você está falando? De estar com Jasper? Louis, eu estava lá!

Ele agarrou minha mão e puxou-me para baixo, a seu lado.

— Lá não, Hannah! Aqui! A meu lado!

Ali, com o rosto tão perto do meu que eu podia sentir seu hálito quente e recendendo a bebida, fiquei sentada quieta, por um minuto, e então perguntei: — Louis, qual é o problema? O que aconteceu hoje?

Ele meneou a cabeça.

— Nada. Não, não é verdade, Hannah. Tudo está... está tudo errado.

— O quê? O que é?

Ele se virou para me encarar.

— Sou um asno. Um completo imbecil! Você não acha que sei disso?

— Não acho. Escute, Louis, Jasper não ficou aborrecido assim... — Dane-se Jasper! Não é sobre Jasper! — Seus olhos se arregalaram de incredulidade por eu não poder ler sua mente. Ao mesmo tempo que suas palavras brotavam em uma torrente de pensamentos quebrados, ele ofegava: — Meu pai fez exatamente a mesma coisa! E minha mãe sempre disse que eu ia... Ah, droga! Meus fã! Quando souberem... vão comer minhas entranhas! Ah! Que me importa se pensarem que sou um bastardo, uma fraude... Droga! Eu não mereço... Estava tendo um surto!

Deveria lhe dar um copo d'água? Chamar uma ambulância?

Droga, por que eu não usara aquela receita de Valium que o dr. Manny me dera?

Por que não aceitara aquelas malditas recomendações?

Inconscientemente, passei meu braço pelo pescoço de Louis e afaguei-lhe os cabelos.

— Ah, Louis, Louis — murmurei. — Escute, seja qual for... o que for que esteja sentindo... vai dar certo! Ficaré tudo bem!

Conforme seus arquejos diminuía, senti Louis desabar em meu braços. Logo respirávamos como um só. Sem erguer a cabeça, agora aninhada em meu ombro, ele murmurou: — Graças a Deus, você está aqui. Nunca lhe disse realmente o quanto... o quanto você significa para mim.

Senti seus braços me envolverem. Gentilmente ele me puxou para baixo, o tempo todo a me banhar com beijos suaves até que, finalmente, sua língua

entreabriu meus lábios. Meu coração saltou no peito. Ele deve ter sentido isso também, porque abriu os olhos. Não mais estavam cheios de dúvidas. Au contraire — ele sabia exatamente o que queria: A mim. De bandeja.

Mas, por enquanto, a cal king bastaria.

Como teria sido fácil: eu poderia ter me reclinado de costas, fechado os olhos e deixado seus dedos fazerem o passeio ao longo de meu vestido de seda Anna Sui. Depois, ao descobrir que meu sutiã Damarí tinha um fecho na frente, seus dedos longos e atrevidos poderiam vaguear ainda mais gentilmente por entre meus seios e livrá-los de seu esconderijo rendado. Assim que meus mamilos estivessem libertos, sua língua poderia tê-los estimulado até provocar um frenesi. Depois, aquelas suas mãos sempre laboriosas poderiam começar o árduo processo de desamarrar meu jeans Frankie B. fechado por cordões (Droga! Era melhor ter colocado um cinto de castidade de uma vez! Por que eu tinha colocado aquela calça justo hoje?), para que seus lábios pudessem então fazer a mesma coisa... Depois, de manhã, ele poderia encontrar uma razão para me desapontar facilmente.

A despeito de todas as declarações maravilhosas, ele realizava essa proeza exatamente agora.

E absolutamente sem nenhum reconhecimento por tudo o que eu fizera por ele naqueles últimos meses.

Empurrei-o para longe, com firmeza.

— Louis, NÃO. Nós... nós não podemos.

— Droga, Hannah! Por quê não? — Era um garotinho mimado cujo brinquedo novo lhe tinha sido tirado.

— Porque não dá certo! Você sabe disso! Ambos sabemos disso! Temos de sustentar o pacto e manter as coisas entre nós em um nível estritamente profissional.

Saltei da cama. Ele me olhou como se fosse pular sobre mim. Recuei dois passos.

Como ele entendeu que aquilo era um convite para continuar, jamais saberei. O fato é que ele avançou até que eu estivesse encurralada contra a parede.

— Não posso. A verdade é que... Hannah, estou me apaixonando por você.

— Ah, Louis, putz.

Colocando as mãos de cada lado de meu rosto, ele murmurou: — Falo sério, amor! É verdade, estou. Nunca encontrei alguém como você, que tome conta de mim como você. Não dá para continuar... apenas assim.

Com uma das mãos, apertou a minha contra a parede e a segurou ali enquanto se inclinava para me beijar... ... portanto, eu o esbofetei com a outra. Com força. Esfregando o queixo, gritou de dor: — Droga, Hannah!

— Como pôde fazer isso comigo? — esbravejei. — Com Mick?

— Como eu pude fazer isso ao Mick?

Louis me encarou. Então começou a rir descontroladamente.

— Qual é a graça? — perguntei, indignada.

— Mick. Essa é a graça. — Sua boca se torceu em um sorriso cruel.

— O que tem Mick?

— Seu senhor Arrogante-e-Cheio de Si, seu Grande Cavaleiro. Aposto que você não sabe onde ele está neste exato momento... e com quem!

— Ora... e por que isso é tão importante? — O simples fato de falar em Mick me fez querer esconder a cabeça de vergonha, só de imaginar o que ele pensaria se tivesse me visto com Louis instantes antes... e deduzido o quanto eu gostava da brincadeira.

— É importante porque estou cansado dele postado entre nós, Hannah — berrou, furioso. — Estava falando sério sobre nós! E, acredite ou não, Mick não merece você.

— Sei que acha difícil de crer, mas ele não é nada parecido com você. Nunca me deu qualquer razão para... para duvidar dele. Encare isso, Louis, você está com ciúmes. De nós. — Eu? Com ciúmes? — Ele bufou. — Olhe, Harvnah, aceitarei seja lá o que for que queira pensar de mim.

E, se quiser manter as coisas em nível "profissional", então tudo bem, certo, ótimo! Mas gosto de você o bastante para me preocupar com que não seja magoada. E Mick irá magoá-la.

— Pode parar, Louis — exclamei, séria. — Não estou a fim de aguentar seus jogos.

— Amor, isto não é um jogo — resmungou. — Se não acredita em mim, vá ver por si mesma.

Mick está no Hotel Bel-Air. Na suíte Courtyard. E, creia, não está aprimorando suas tacadas de golfe.

Com o resto de dignidade que pude reunir, rumei para a porta. Louis se voltara para o espelho e avaliava a marca bastante visível dos dedos estampada em sua face.

— Ah, e, amor... da próxima vez que quiser jogar duro, vamos trocar de papel, o.k.? Isto é. se você não se importar em ficar por baixo, porque eu sempre insisto em ser o dominante.

Questão de ego, acho. — Embora sacudisse os ombros em uma atitude de desdém, seus olhos não se afastavam do espelho. — Droga, preferiria que você tivesse jogado limpo e avisado que me esbofetearia. Acho que abalou um dente! Quando voltar, se tiver em condições, telefone para o consultório do Bil Dorfman e marque uma consulta na primeira hora da manhã, o.k.?

Pedi ao valet do Hotel Bel-Air para manter meu carro no meio-fio, já que eu não demoraria.

Tinha coordenado muitas das entrevistas de Louis na suíte Courtyard — era sua favorita —, portanto sabia seguir a alameda estreita do jardim que serpenteava pela rica flora do hotel até terminar na entrada do boudoir. Fui em direção às portas duplas francesas que davam para o pátio com terraço privativo, Como eu suspeitava, tinham sido deixadas abertas, para se aproveitarem as leves brisas de outono.

A voz de Mick podia ser ouvida lá de dentro. Não consegui distinguir o que ele dizia... apenas que soava... bem, delicado e gentil.

Semelhante a como soava quando fazíamos amor.

Isso, porém, não foi suficiente para me preparar para o que vi ao espiar pela porta: Mick na cama, aninhando Samantha, que jazia nua em seus braços.

Embalando-a, ele lhe beijava a testa com ternura. Atônita e transtornada, cambaleei de volta para a alameda, para logo depois desabar, ofegante.

Por que eu fora tão estúpida a ponto de acreditar que ele gostava de mim?

Não sei se foi pela sensação de traição ou pela raiva contra mim mesma por ter acreditado que Mick fosse diferente de Louis — ou de Jean-Claude, ou até mesmo de Leo, a esse respeito —, mas, de súbito, uma onda de náusea me invadiu. Conforme eu vomitava toda a minha mágoa, todo o meu sofrimento e as patinhas de caranguejo sobre urna das roseiras de um branco imaculado, veio-me o pensamento de que eu devia desculpas a Louis. Comecei a marcar aquela consulta ao dentista no minuto em que voltei ao carro.

— O maior problema do Denny's — reclamou Christy — é não servir álcool.

— Concordo em gênero, número e grau — exclamei, empurrando meu prato de omelete intocado.

Depois do que eu lhes contara sobre o que vira naquela tarde, ninguém me culpava por ter perdido o apetite. Contudo, minha promessa de pedir a Jasper para escrever uma carta de cessação e desistência à rede Showtime, em defesa de Simone Cavanaugh, tinha restaurado o de Freddy, que liquidou a porção de torradas francesas em uns poucos e rápidos bocados.

— Bem, se viver com aquela velha diva me ensinou alguma coisa — disse ele, com uma piscadela maliciosa —, é que é tão fácil levar um copo "para viagem" para dentro de um restaurante como tirar um de lá. — Ao fuçar na sacola na qual carregava sua companheira constante, Betle, surgiu com uma garrafa térmica. — Quem quer um coquetel?

A Gangue dos Quatro engoliu a água dos copos para dar espaço ao Cosmopolitan preparado com perícia. Sandy ergueu o seu: — Bem, um brinde à senhorita Simone. Que possa sobreviver até outra exposição de sua vida patética... e que venham outras exposições, pelo menos para lhe conceder a satisfação de ter holofotes sobre ela.

— Bravo! Apoiado!

— Acho que aquilo que Donnie diz é verdade: não existe publicidade ruim — exclamou Christy.

— Donnie é um idiota — exclamou Freddy. — Ele só se dará conta disso quando for pego com as calças nos pés e os advogados de Bethany rasgarem alegremente seu contrato pré-nupcial.

Ela corou ligeiramente.

— Donnie não é assim. É muito fiel a ela! Havia um leve desapontamento em sua voz? Eu não queria estar ali, não naquele dia.

Não depois do que eu acabara de ver de Mick. Foi quando todos os olhos se voltaram para minha sacola da Dooney & Bourke, da qual, mais uma vez, o zunido insistente de meu celular se ouvia, como tocara a noite toda. Embora o identificador de chamadas mostrasse o número do persistente Mick, todos à mesa pestanejaram em um ato reflexo. Assistentes pessoais são o equivalente no século XXI dos empregados das colônias do século XIX, que serviam seus patrões em troca de comida e acomodação. Assim, era de nosso instinto saltar quando convocados.

Bem, que pena. Naquele momento, eu estava magoada demais para confrontar Mick com o óbvio e ouvir quaisquer mentiras que ele tivesse de contar. Em vez disso, optei por afogar minhas mágoas dentro de um casulo de amizade verdadeira.

Entornando meu Cosmopolitan, acrescentei meu próprio palpite: — Freddy tem razão. Você é uma boba em confiar nele. Ou em qualquer "ele".

Christy fungou, ainda não convencida.

— Olhe, Hannah, sei que você teve um dia difícil... — Difícil é pouco... — exclamei, despejando o resto do conteúdo da garrafa térmica em meu copo. — São todos uns babacas. E, quanto maiores são nesta cidade, mais sentem que podem nos usar. — Hesitando por causa de um soluço, emendei, com ar magnânimo: — Chego a sentir pena da Samantha, aquela bobona! Bem, ela que fique à vontade para tê-lo.

Sandy e Christy trocaram olhares de culpa. Ao observar o intercâmbio, pousei meu copo na mesa.

— Qual é? O que foi?

Christy parecia estar prestes a berrar.

— Nós sabíamos, Hannah. Por favor, não nos odeie!

— Sobre ela... e Mick?

Divisei as meadas de seda de nosso casulo da amizade se dissolvendo com minhas lágrimas de raiva.

Ao perceber minha reação, Sandy acrescentou depressa: — Não, não! Não sobre isso. Só que... que ela chegou a cidade anteontem. Disse que estava aqui para "resolver as coisas". Não falamos nada porque... bem, porque pensamos que teria de passar por você de qualquer jeito, para chegar a Louis... Ela, porém, não agira assim. Preferira passar por Mick.

Ou, mais exatamente, preferira Mick.

Christy a interrompeu.

— Ah, meu Deus! Você não acha que Mick... que ele é... — Que ele o quê?

— Você sabe: o outro cara? No ménage à trois de Louis.

Não, eu não sabia com certeza... até aquele momento. Ao perceber que a cor sumia de meu rosto, Freddy deu um gentil aperto em minha mão.

— Agora que você sabe, tem de se afastar deles. De ambos. — Afagou o pescoço de Bette. — Olhe, boneca, pode não ser fácil, mas isso evitará que você se junte a Simone no Centro Betty Ford em um quarto duplo, pois só Deus sabe que o Rei Louie é pão-duro demais para pagar um particular na Sanctuary House.

— Não se preocupe com isso, Freddy. Mick não poderá negar aquilo que vi com meus próprios olhos, portanto isso resolve as coisas com ele. Quanto a Louis... bem, ele e eu temos um entendimento sobre aquilo que eu estou disposta a fazer e a não fazer, se ele me quiser por perto.

— Só para registrar — acrescentou Christy, solenemente —, Donnie e eu temos um acordo semelhante.

— Ah, aposto que vocês têm... — murmurou Freddy, por entre os dentes.

— É importante para nós que saibamos estabelecer um limite — insistiu Christy —, principalmente agora, que vamos trabalhar juntos, como parceiros.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Sandy.

— Donnie está produzindo um filme, e ele diz que há um papel perfeito para mim — exclamou ela, entusiasmada. — Não é muito grande, mas também não é só uma ponta. Tudo bem, porque é um filme pequeno. Independente. — Jogou a cabeça para trás, com orgulho. — Filmaremos minhas cenas à noite, para que isso não interfira em meu trabalho do dia... Bethany ficaria aborrecida... Mas não sei se esse esquema funcionará, se haverá tempo suficiente, porque as filmagens não serão feitas aqui.

— E serão feitas onde? — perguntou Sandy, desconfiada.

— Chatsworth.

— Christy, doçura, Chatsworth fica apenas a trinta minutos de Los Angeles. É no vale.

— Ah, é? Bem, e como é que eu ia adivinhar? Donnie fez parecer como se fosse do outro lado do mundo.

Freddy bufou e torceu o nariz.

— É uma analogia adequada, pelos nossos padrões de cidade, afinal.

— Por quê? O que quer dizer? — Perplexa, Christy deu uma mordida em um pedaço de língua.

Franzi a testa.

— É onde a indústria do pornô está baseada. Ela engasgou.

— Oh... não. — Alguma coisa errada? — Não! Bem, sim. É que... Donnie mencionou que eu... que eu poderia ter de fazer uma... uma cena de nudez... mas me assegurou que seria filmada com muito bom gosto.

— Como assim?

— O diretor, Harry Dickson, é bem conhecido! Ele conquistou todos os tipos de prêmio.

— Direi o que ele conquistou — murmurou Freddy. — Ouviu falar de As Cuecas Quadradas do Bob Esponja ou Escada 69?

Christy estreitou os olhos.

— Hã... não. Na verdade, não. Deveria?

— São alguns dos filmes que ele dirigiu. E você tem razão: conquistaram prêmios, mas não um Oscar qualquer. Estamos falando de prêmios da Adult Vídeo News.

— Como sabe disso? — Enquanto Christy enrugava a testa, tentei não rir alto.

— Bem, queridinha, acontece que tenho um namorado em "Holly Porn", como chamam aquilo ali. Ele era uma das... hã... "estrelas" de Escada 69. Até ganhou um prêmio por esse aí. Ele pode não declamar Shakespeare ou Ibsen, mas, com o tipo de talento que tem, não precisa abrir a boca. Outros fazem isso... para ele.

Christy engoliu em seco de forma audível.

— Pode apostar! E você não acreditaria no tamanho de sua "estatueta".

## Lunático

*Aturdido ou distraído por um sentimento romântico; afetado por insanidade; maluco.*

As boas-novas sobre *Kil er Instincts* — o suspense psicológico que Louis estava rodando em uma locação remota nas profundezas da mística floresta Klamath, no Oregon, junto às margens do rio Rogue (ou rio Maroto, Traíçoeiro) — eram que atendia a todos os critérios de Leo para se tornar um blockbuster: um diretor de primeira, um roteiro excelente e um soberbo elenco de apoio.

As notícias ainda melhores eram que minha partida imediata com Louis me permitira deixar Mick para trás — ainda que temporariamente —, assim como toda a mágoa que ele me causara.

Não que ele não tentasse falar comigo, telefonando-me pelo menos quatro ou cinco vezes por dia desde o incidente no Hotel Bel-Air. No começo, as mensagens que deixava eram cheias de inocência ("Ei, linda, não tínhamos um encontro? Diga àquele seu patrão que você encerrou o trabalho por hoje e vem pra cá..."). Rapidamente mudaram para uma leve preocupação pelo fato de eu não estar respondendo ("Linda, onde está você? Telefone, estou preocupado...").

Em seguida, seu aborrecimento por minha falta de consideração em dar um retorno foi rapidamente substituído por uma suspeita hostil ("Puxa, Louis deve estar deixando você realmente ocupada. Tudo bem, entendi o recado"). E, finalmente, veio a contrição ("Hannah, por favor, ligue para mim. Não sei o que eu fiz, mas, seja o que for, acho que tenho o direito de saber! Não deve ser algo que não possamos superar...").

Ah, é?

Seu último contato, enviado no décimo primeiro dia depois do incidente no Bel-Air, fora uma mensagem de texto em que simplesmente perguntava: Que diabos aconteceu???

Eu estava realmente aliviada pela mudança de cenário — não que o set de *Kill er Instincts* fosse algum piquenique. O critério de Louis para fazer o filme — a presunção de que seria uma chance para alguma sacanagem com sua protagonista, Marcel a Kingston, associada a oportunidade de trabalhar com seu ídolo, o lendário ator britânico shakespeariano e recentemente sagrado cavaleiro Sir Barnaby Chadwick — dissolvera-se completamente na primeira semana de filmagem, como as brumas da manhã que amortalhavam o bosque em que a produção montara acampamento.

Tudo isso aconteceu devido a uma série de mal-entendidos por parte de Louis: o primeiro deles, o de que a bela e voluptuosamente bem-dotada Marcel a, cujo senso de humor era tudo de mais delicioso ao ser expresso naquele seu modo de falar chiado, doce e gutural ao mesmo tempo, o acharia irresistível como ele a julgava. Ela não achou.

Sendo lésbica, não poderia mesmo. Louis foi prontamente informado desse fato pela própria assistente pessoal de Marcel a (que, a propósito, era também sua amante, muito, muito machona), aborrecida por ele ter se

oferecido para passar o texto com a atriz no trailer dela e, em seguida, sugerido que ela poderia retribuir o favor passando a língua por seu corpo.

— Droga, por que aquele imbecil do Randy não me avisou? — exclamou um desapontado Louis, depois de ser escoltado de volta a seu trailer (a seu pedido) por dois musculosos carpinteiros que, felizmente, passavam perto do trailer de Marcel a no momento em que a assistente avançava em Louis com os punhos fechados. A risada de escárnio e incredulidade de Marcel a ainda podia ser ouvida ecoando pelos imponentes pinheiros ponderosa.

— Por quê? — perguntei. — Você mudou de ideia quanto a fazer o filme?

Eu poderia afirmar que estava na ponta de sua língua dizer que sim. Porém, sabendo que eu o julgaria mal por fazer isso, Louis apenas deu de ombros, indiferente.

— Que diabos, não, claro que não... Pô, que desperdício! Diga, não acha que eu poderia... nããã! Esqueça. Já consegui algumas conversões antes, mas, poxa, elas parecem não durar... Estava endireitando o colarinho, que fora desarrumado durante a alteração com a assistente de Marcel a, quando outro pensamento o penetrou.

— A propósito, veja se pode conseguir o nome do relações-públicas de Marcel a com aquela vaca que a mantém guardada. Qualquer um que possa cuidar da tampa desse segredo deveria estar em minha folha de pagamento, não acha? Não que eu tenha algo a esconder da imprensa, certo? — Lançou-me uma piscadela. — Mas não se sinta como se precisasse ir "além do dever" para obtê-lo, entende o que quero dizer?... Hum, isto é, a menos que Marcel a esteja envolvida. Depois me informe. Desse jeito, pelo menos eu posso ficar de olho.

Eu sabia o nome e o informei disso ali mesmo, mas pela sua expressão não era de alguém que ele conhecesse.

Antes que as filmagens terminassem, outras vozes se juntariam à minha em um coro de "Valha-me, Deus! por causa do comportamento lunático de Louis.

Inclusive a de seu ídolo, Sir Barnaby Chadwick.

Sir Barnaby conquistara seu título de cavaleiro à moda antiga: uma peça no venerado teatro Old Vic e uma produção televisiva da BBC de cada vez. Quando adolescente, a primeira experiência de teatro legítimo de Louis fora a interpretação eletrizante e imponente de Barnaby de Hamlet, de Shakespeare — de acordo com Louis, a razão pela qual ele escolhera ser ator e concordara em fazer *Kil er Instincts*. Barnaby seria o pai do personagem de Louis.

Era também o motivo pelo qual Louis vinha deixando suas inseguranças levarem a melhor sobre ele. A última coisa que queria era perder aquela oportunidade de impressionar seu ídolo. Assim, depois de se apresentar a Barnaby, Louis começara a fazer piadas ferinas à custa de todo mundo — Marcel a, o roteirista do filme, Begley Holt, e até mesmo um dos muitos produtores. A seguir, partiu para a agressão verbal ao diretor, Ben Grisham, na frente de toda a equipe, por permitir que figurantes — muitos deles oriundos do local das filmagens — puxassem conversas com os atores principais.

Sua audácia teve o efeito oposto em Barnaby: o homem imponente, porém afável, de fala mansa, que sempre saía de seu caminho para tratar o elenco e a equipe com uma deferência apreciativa, empalidecera visivelmente e se retirava para seu trailer a cada intervalo.

Desnecessário dizer que isso afetou Louis. Fez com que ele trabalhasse ainda mais arduamente para provar que era um astro com A maiúsculo.

O elenco e a equipe, todos eles uma centena mais ou menos, concederam-lhe de bom grado aquele A maiúsculo. Faziam isso, de fato, cada vez que o chamavam de "Asno" pelas costas.

Não me tratavam melhor, uma vez que eu cumpria as ordens de Louis. Todo começo de dia ele me mandava negociar um novo conjunto de exigências irracionais, sempre mais ultrajantes do que as feitas anteriormente — isso com Ben, um diretor lendário pela maneira perspicaz com que lidava com seus atores e que apreciava lealdade sem disputa daqueles com sorte o bastante para fazerem parte de sua equipe.

Para minha imensa tristeza, com o tempo, Ben começou a abominar me ver. Não era o pedido por certas iguarias dos restaurantes prediletos de Louis em Los Angeles que o faziam fechar a cara antes mesmo que eu abrisse a boca ou a exigência de Louis por um trailer maior, mais ostentatório do que os dos outros atores, decorado com, nas palavras de Louis, "o necessário para transformar aquele buraco horrível em um ambiente habitável", inclusive uma cama Cal-King Dux com lençóis de 700 fios e quatro colchas de cashmere, além de, é claro, um aparelho de ginástica. O que tirara Ben do sério fora o desejo impulsivo de Louis por uma remessa diária de água do frígido lago da cratera dos tempos pré-históricos, que ficava a cento e noventa e quatro quilômetros de distância, para ser usada em seu banho diário, já que sua "oxigenação"

supostamente lhe conferia incríveis propriedades curativas e antienvelhecimento.

— Ele quer sentar, pô, em água gelada? Por acaso isso é algum jeito da Nova Era para encolher aquele seu pau que dizem ser do tamanho de um mamute, ou algo do tipo? — berrou Ben, correndo a mão pelo que restava de seus cabelos grisalhos. — Puxa, esse seu patrão é um pé no saco! Olhe, não

acredito em atirar no mensageiro, portanto vou ser honesto com você: sintá-se livre para pegar um balde e tirar tanta "água especial" quanto precisar do rio ali. — Apontou com a cabeça para o furioso Rogue, nove metros adiante. — Quer saber? Pode até falar para ele que eu lhe disse para fazer isso, se quiser. A essas alturas, realmente não me importo! Droga, Clive era minha primeira opção para este papel. E adivinhe? O projeto atual de Clive foi postergado. De modo que, se Louis der no pé, será uma mão na roda para mim.

Claro, eu me importava. Assim como todo o Time de Louis, que me culparia se eu permitisse que Louis se ofendesse o bastante para sair por causa de alguma maldita água de lago.

Portanto, concordei resignada diante da alternativa, mordi minha língua para não falar ali do outro pedido de Louis e rumei, eu mesma, pela estrada em busca desse pedido — ou, para ser mais exata, deles: dos índios yahooskin, conhecidos pelo misticismo de elevação espiritual (para não mencionar o erotismo inato) de seus encantamentos. Louis surgira com esse seu último desejo sem pé nem cabeça depois de conversar com o membro mais rechonchudo e saudável e, definitivamente, mais lunático do serviço de catering local.

— Os mantras deles são afrodisíacos! Ah, e mais importante, podem ajudar a realinhar os chacras. — Suspirara, como que exausto só de pensar em passar outra noite em perturbação cármica.

— Louis, você deve estar brincando! Onde supõe que eu possa encontrar esses... esses... Qual é o nome deles?

— Ya-hoo-skins — declamara, pacientemente. — Tente a lista telefônica local.

— Sob o quê, "tribos indígenas"? "Nativos americanos"? "Tribos nativas"?

— Sei lá, Hannah, por que acha que eu deva saber? Tente o Google... E me escorraçou porta afora, impaciente.

— Eu gostaria pelo menos de duas dessas pessoas aqui o mais tardar às dez, toda noite, assim que possível. Devem ficar pelo menos uma hora. Isso exorcizaria o carma negativo deste lugar esquecido por Deus... particularmente se os cânticos forem feitos por mulheres... sim, acho que seria melhor... e virgens, de preferência.

Oh, por certo. Nada como não ter algo melhor para fazer do que transformar seu trailer em um harém de menores de idade!

Em vez disso, eu tentaria conjurar dois dos velhos chefes tribais na esperança de que Louis mudasse de ideia em questão de uma noite ou duas. Fim da história.

Tomei emprestado da produção um veículo de tração nas quatro rodas e dirigi por vinte e dois quilômetros e meio de curvas fechadas até o local mais próximo com uma linha telefônica e uma lista local, uma minúscula loja do interior conhecida como Gas-n-Gulp.

Aquela traiçoeira ruela de terra poderia ser a estrada menos trafegada pelos outros, mas eu vim a conhecê-la intimamente. Talvez fosse o rio, ou suas quedas d'água trovejantes, ou os penhascos adjacentes, ou os altos pinheiros que rodeavam a locação — ou, quem sabe, o carma ruim de Louis —, mas alguma coisa estava interferindo em meu celular, e raramente eu conseguia compreender os telefonemas frenéticos que recebia quase de hora em hora de Randy, Genevieve e Monique. Achei mais fácil verificar uma vez por dia pela linha da Gas-n-Gulp, o que me custava um dólar por minuto cobrado pelo

dono da loja, esperto o suficiente para reconhecer uma anta desesperada quando via uma.

Ele riu com escárnio quando perguntei se conhecia algum yahooskin disposto a ir ao set à noite e cantar.

— Ei, você bebeu? Aquele cassino deles faz toneladas de grana. Se quisessem, eles poderiam financiar vários filmes!

Meneando a cabeça, incrédulo com minha ingenuidade, ele escreveu o número de telefone do conselho tribal e então foi cortar um pedaço de torta de ruibarbo para o único outro cliente no pedaço, um sujeito calvo e barbudo que tinha entrado não muito depois de mim.

Do outro lado da linha, a mulher do conselho tribal pareceu levar a sério meu pedido por cantadadeiras — isto é, até que eu, timidamente, emendei que, a despeito da hora tardia em que deveriam aparecer, era preferível que fossem mulheres menores. Depois de me chamar de psicopata e me ameaçar com um processo, ela desligou.

Eu poderia agora dizer a Louis que eu fizera o que pude para honrar seu pedido.

Em seguida, tive de apaziguar um Randy muito agitado, que me avisou que "o pessoal de Marcel a botara a boca no trombone, ameaçando divulgar alguns boatos constrangedores sobre Louis se ele fosse a fonte de qualquer sujeira, de qualquer extensão, a respeito dela..."

— Olhe — retruquei de volta —, não sei de que diabos estão falando. O.k., é verdade que ela o rejeitou. Mas você conhece Louis... Acha que ele há de querer que alguém saiba o que aconteceu? Além disso, mal fala com alguém

no set, nem mesmo com Ben! Aliás, Marcel a teve suas razões... — O.k. — Randy bufou. — Ei, ela já abordou você? Seja honesta agora.

— Não seja nojento, Randy, ou vou desligar — respondi, furibunda.

— Tudo bem, só estava imaginando, não faz mal perguntar, certo? Mas escute, Hannah, a bola está na sua mão. Louis precisa dessa jogada. Se Marcel a se encher e der no pé, Louis entrará pelo cano. Jasper já levou uma descompostura de Ben, portanto fique em cima pra que Louis mantenha o trato.

Ao desligar, resmunguei e desabei em uma cadeira na parte da loja considerada o "restaurante": um par de mesas instáveis rodeadas por algumas poucas cadeiras de plástico, onde o dono da loja preparava casseroles com quaisquer mercadorias enlatadas cujo prazo de validade fosse expirar naquele mês.

Na mesa seguinte, estava sentado um sujeito careca e de barba. Ostentava um bronzado de homem das docas e usava uma camisa xadrez tão justa na barriga larga que os botões lutavam para não estourarem. Eu o vira antes. Na verdade, muitas vezes. Engolindo o melancólico prato do dia junto com qualquer que fosse a torta descongelada, ele fingia ler a mesma revista que carregava todas as vezes: alguma publicação vagabunda sobre pesca com isca artificial, que estava sempre virada na mesma página. Isso me fez imaginar se ele se mantivesse, na verdade, de ouvido atento a meus comentários exasperados, bastante constrangedores, com o Time de Louis.

Por outro lado, talvez eu estivesse errada. Quero dizer, eu também não o vira rondando a mesa dos artesãos de palco?

Consciente de que o encarava, ele ergueu os olhos e abriu um sorriso largo, obviamente a me reconhecer também.

— Da filmagem, certo? — disse, como se lesse minha mente.

— Sim. — Era ótimo ver outro guerreiro da Indústria. — Sou Hannah.

— Prazer em conhecê-la. — Esticou a mão após enxugá-la na calça cáqui.  
— Jerry.

— Muito prazer, Jerry. — Tomei a mão com cautela. Por que ele estava ali e não no set, como todo mundo?

— A coisa está ficando cabeluda lá, não? — comentou, com ar conspiratório.

— Ah, não sei — respondi. — O esperado, sob as circunstâncias, acho.  
— Pelas risadinhas reprimida que seguiam o rastro de Louis (e, conseqüentemente, o meu), eu aprendera a ser cautelosa com todos no set, inclusive com os outros assistentes pessoais. Não quebraria essa regra agora, mesmo que estivesse longe daquela insanidade, nem que fosse por uns poucos minutos. — Por quê? O que quer dizer?

— Nada. Nada mesmo. — Sorriu, amistoso. — Seu patrão a mantém de prontidão, hein?

Cantadeiras índia menores de idade? E aquela briga que teve com Marcel a... foi por causa de quê, hein?

Não respondi. Alguma coisa não cheirava bem, embora eu não soubesse dizer exatamente o quê.

Como se sentisse minha preocupação, ele abriu outro sorriso e emendou, depressa: — Tenho que dizer, no entanto, que passei a ter um bocado de respeito por você.

— Ah, é? Como assim?

Mesmo depois de tudo o que você ouviu e viu? Eu realmente queria saber.

— Ora, o cara é um... um gênio atuando! Um verdadeiro profissional! Vai ser o próximo... não sei, o próximo Russel, acho. Não acha isso?

— É provável.

— Bem, há um jeito de ele alcançar o pique de Russel.

Piscou para mim.

— O que quer dizer? — perguntei, com frieza.

— Ei, doçura, tem de admitir, seu homem, o Louis, conseguiu uma bela reputação... na cama, quero dizer. Ora, é o único lugar em que ele até deixa Russel envergonhado... certo?

— Olhe, tenho de voltar. — Rumei para a porta.

— Ei, hã... Acha que poderia me dar uma carona de volta?

Hesitei. Por alguma razão, eu não me sentia confortável com ele perto de mim, embora não soubesse por quê. Olhei para a bomba de gasolina. Adiante dela estava o velho caminhão pertencente ao dono do Gas-n-Gulp, o que obviamente era um carro alugado.

O carro de Jerry.

Assim, por que ele precisava de uma carona?

Um calafrio correu por minha espinha. Por um minuto, fiquei parada ali, como se considerasse seu pedido. Então me volvei para ele.

— Tudo bem... vamos lá! Mas, hã, olhe, estou sem grana, portanto você se importaria muito de me emprestar seu celular? Meu serviço é ruim aqui em

cima. Não consigo um sinal. — Corri a língua pelos lábios, fingindo vergonha, e depois sorri, toda inocência. — Só levará um segundo. Prometo! Se eu não fizer essa chamada, Louis ficará uma fera, porque é muuuito importante!

Ele hesitou por um momento e em seguida sorriu. — Claro — disse, entregando o telefone a mim. Vi imediatamente que era um celular com câmera. Ergui um dedo, com ar concentrado, fingi discar um número e caminhei lentamente para a porta da frente. Ao olhar de relance para trás, percebi a expressão de desapontamento em seu rosto porque eu ficaria fora do alcance de seus ouvidos. Ele acenou, contudo, para indicar que concordava em me conceder aqueles poucos segundos de privacidade.

Quando cheguei a meu carro, tinha conseguido ver as últimas cinco ou seis fotos que ele tirara — de Louis, Marcel a e Barnaby, mas também umas duas de Louis comigo. Como eu suspeitava: Jerry era um paparazzo.

E ouvira tudo o que eu dissera. Sobre Marcel a. E as cantadeiras.

Para não mencionar todos os outros telefonemas que lhe tinham caído nos ouvidos durante os últimos dias. E não me surpreenderia saber que, no mínimo, pagasse o dono da loja por quaisquer informações interessantes que tivesse perdido.

Gemi. Não era de admirar que o pessoal de Marcel a estivesse em pé de guerra!

Furiosa, arranquei o cartão de memória do celular, enfiei-o em minha meia e dei partida no motor. Ao ouvir o ronco, Jerry correu para a varanda da frente do Gas-n-Gulp. À medida que eu me afastava, ele descia aos tropeços os degraus e seguia em ziguezague para meu jipe.

Joguei o celular de volta a ele.

— Obrigado! — exclamei, alegremente, enquanto acenava e fazia o retorno em U.

Quase passei por cima dele quando Jerry momentaneamente se jogou sobre o capô de meu jipe e se chocou com o pára-brisa.

— Sua vaca! — berrou. — Cadê o cartão de memória?

— Tarde demais. O vento levou — respondi, com indiferença, ao virar o volante bruscamente para lançá-lo para fora.

— Espere! ESPERE! — Ele arquejava e certamente não estava acostumado ao exercício físico que fazia. Meti o pé no freio e engatei a ré, fazendo-o rolar para fora do capô. Se avançasse, eu o atropelaria. Mas, antes que pudesse engatar a marcha, ele ficou de joelhos. Recuperando o fôlego, bateu em minha janela.

— Trégua! Trégua! Falo sério!

Não abaixei o vidro, mas gritei através dele.

— Por que deveria acreditar em você?

— Porque... porque sei o que isso vale para você, doçura! — Enfiou a mão no bolso e puxou o que parecia ser um maço de notas.

Era difícil para Jerry parecer tão legal como esperava, ainda mais com aquelas migalhas de torta grudadas em sua barba grisalha. Eu gostaria de ter ficado pálida, mas acho que nem mesmo aquela reação visceral o convenceria de que eu não poderia ser comprada.

Ele colocou uma pata suada na maçaneta de minha porta. Não pude evitar estremecer de repulsa.

— O que diz de termos uma conversinha? — disse ele sorrindo, com ar de encorajamento.

Desviei os olhos, suspirei e então desci o vidro da janela, mas só parcialmente.

— O.k., o.k. Mas escute, Jerry, seja lá o que diga, não pode voltar para me assombrar!

Entende?

— Sem problema! É certeza.

Dei de ombros, como se ainda não estivesse convencida.

— Podemos apertar as mãos?

— Qualquer coisa que a faça se sentir bem, querida. — Esticou a mão pela janela.

Fechei o vidro e acelerei.

Seus gritos assustaram os passarinhos nas copas das árvores. Em algum lugar antes que eu fizesse a segunda curva, ele finalmente caiu no acostamento.

Cheguei ao set justamente quando o elenco estava no intervalo para o almoço. Depois de saber que eu não conseguira suas cantadeiras, Louis rumou para seu trailer — e lá ficou pelo resto da tarde.

— Peça desculpas por mim, amor — disse, com um bico. — Talvez eu me sinta melhor amanhã... Diga àquele maldito diretor que farei minha parte de improvisado.

Eu estava relutante em falar isso a Ben. Tudo em que eu pensava era na centena de membros do elenco e da equipe de braços cruzados, sem fazer

nada.

E apontando os dedos médios para o trailer de Louis. — Por favor, Louis — murmurei, descontrolada. — Você não pode fazer isso! Ben está com a paciência dele por um fio com suas exigências. E Randy disse... — Com a paciência dele por um fio, foi isso o que você disse? Ora, aquele asno me tem à sua disposição, aqui, no meio do nada. Não admira que chamem isso aqui de Portão do Inferno! E

ele ousa reclamar de minhas necessidades como artista?

— Você não é nenhum artista. Ora, você não passa de um idiota!

Tanto Louis como eu nos voltamos na direção da porta do trailer. Ali se postava Barnaby Chadwick. Seus olhos de azul cobalto falseavam de raiva, e sua postura régia quase desafiava Louis a contradizê-lo.

Louis, absolutamente ciente de que a fúria do velho homem era mais legítima do que a sua, ficou branco, mas manteve a boca fechada.

Satisfeito ao ter a atenção de Louis, Barnaby continuou: — Não banque a prima-dona, rapaz! Que diabos, a vida é muito curta! Não só ela mas também sua chamada "carreira". — Estava agora nariz a nariz com Louis, — Até o presente momento, tudo o que você tem para mostrar é uns poucos históricos da BBC, um ou dois independentes bem escolhidos e, admita, duas ou três bombas. Estou certo? — Ao observar Louis se tornar vermelho como um pimentão, Barnaby prosseguiu: — Não entende? Certo, você tem Dead End, e seu desempenho foi excelente. Mas é apenas um filme. Compreende? Ora, mesmo que seu estúdio seja capaz de comprar cada voto que estiver à venda neste ano, você ainda estará frito, em um piscar de olhos, se estragar tudo agora. E a troco de quê, hein? De alguma conversa fiada da Nova Era? — Riu de um jeito cáustico. — Você só é uma lenda aos trinta e dois anos se estiver

morto. E certamente não precisa chegar aos cinquenta para ser alguém que já foi célebre.

Louis fechou os olhos e cerrou os punhos. Conhecendo-o do jeito como conhecia, eu podia ver que estava lhe custando um bocado controlar as muitas emoções que o perpassavam.

A raiva abandonou os olhos de Barnaby enquanto ele suavizava o discurso.

— Serei honesto, Louis: eu estava ansioso para trabalhar com você. Mostrou uma performance incomparável em *Dead End*. Eu não via uma atuação assim desde... bem, desde que o pai dela estrelou *Tomfoolery*. — Voltou-se para mim e inclinou a cabeça em um ligeiro cumprimento. — Hannah, é uma honra para mim ter feito parte daquele elenco. Fico feliz de ter esta oportunidade para lhe dizer isso.

Eu havia me esquecido daquilo! Por isso Barnaby me procurara logo quando havíamos chegado. Na ocasião, seu sorriso largo tinha me atingido como algo familiar, mas até agora eu não conseguira recordar por quê: eu o conhecera tempos atrás, quando tinha oito anos e fora visitar meu pai no set do único filme que eles haviam feito juntos.

— Leo era um prodígio, é verdade. Mas era também estúpido o bastante para pôr tudo a perder. E por quê? Porque não confiava em seu talento e tampouco confiava na posteridade para apreciá-lo. Assim, em vez disso, vai ser lembrado por ter uma reputação de pretensioso, forjada em ouro maciço, e pouco mais.

Louis me encarou, como se precisasse de minha confirmação de que eu me sentia do mesmo jeito. Sem pensar, inclinei a cabeça em reconhecimento.

Pobre Leo.

Pobre Louis.

Ao observar aquele intercâmbio, Barnaby esboçou um sorriso débil. De repente, o ar pareceu esvaír-se de seu corpo, como se ele fosse um boneco de assoprar que tivesse sido furado e começasse a esvaziar. Lentamente, ele se virou para sair, mas, no momento em que chegou à porta do trailer, tremia tanto que eu tive certeza de que cairia.

Tanto Louis como eu saltamos para ajudá-lo. Louis o alcançou primeiro. Ao colocar a mão no ombro dele, Louis resmungou algo que eu não consegui ouvir. Fosse o que fosse, Barnaby encarou Louis no olho, concordou e depois deu um tapinha em seu ombro.

Conforme ele descia mancando os degraus do trailer, notei que uma multidão tinha se reunido a poucos passos de distância. Era óbvio, pelos murmúrios e olhares curiosos, que o discurso de Barnaby fora ouvido através das paredes finas.

Louis ainda estava postado atrás de mim. Inconscientemente, colocou a mão em meu ombro.

Quando o fitei, percebi que seu olhar não se afastou de Barnaby até que ele estivesse fora da vista.

A assistente de Marcel a estava de pé no meio dos curiosos expectadores. Não conseguia tirar os olhos de Louis e de mim.

De fato, olhava diretamente para mim — e sorria, se alguém pudesse chamar aquilo de sorriso.

O mais provável é que mostrasse os dentes.

Que ótimo, pensei, justamente o que precisávamos: um pequeno ajuste de contas, para pagar na mesma moeda.

O cadáver frio de Barnaby foi descoberto pela assistente de produção que fora designada para ele, mas somente depois que a garota — uma tímida e doce universitária que estava ali para preencher seu estágio de especialização em estúdio de cinema — batera a porta no mínimo umas cem vezes, chamara pela janela outras vinte e então reunira coragem para entrar no trailer do grande e reverenciado ator.

Atordoada com o acontecimento, ela decidiu mudar sua especialização para algo menos estressante — digamos, contabilidade — e prontamente deixou tanto os rincões do Oregon como quaisquer esperanças de uma carreira na indústria do cinema atrás de si.

Ao convocar o resto da equipe e do elenco, todos abalados para uma reunião, Ben explicou que, de acordo com o médico do set, Barnaby tinha morrido em algum momento durante a noite. O médico-legista local estava a caminho, e nesse meio-tempo ninguém deveria entrar no trailer de Barnaby. Ben assegurou a todos que, por mais que preferisse fechar o set por motivo de luto, ele sabia que Barnaby teria apreciado que continuassem o trabalho, a despeito daquela tragédia. Ah, e nada com que se preocupar, porque ele e os produtores já tinham feito contato com aqueles que consideravam substitutos aceitáveis — não que alguém pudesse de fato substituir o reverenciado ator. Enquanto esse ator não chegasse, as cenas nas quais seu personagem não aparecia teriam prioridade... Em outras palavras, o show precisava continuar.

Porém, não para Louis, parecia.

Sem nem mesmo esperar para ouvir os finalmente de Ben, Louis, rosto acinzentado e olhos encovados, caminhou lentamente até um dos muitos

motoristas da equipe, que meneou a cabeça, pegou a gorjeta que Louis lhe estendeu e depois entregou a Louis uma chave.

Enquanto Louis saltava em um jipe, corri até o homem.

— Diga-me — perguntei, quase sem fôlego —, Louis disse aonde vai?

— Direi. — O rapaz riu, insolente. — Acha uma bela garrafa. — Ao ver minha expressão de desgosto, emendou: — Não se preocupe. De jeito nenhum eu o deixaria chegar a algum lugar perto do passo Grant, ou a algum outro onde pudesse se meter em confusão. — Esboçou um sorriso. — Por estar com Ben faz tantos anos, tenho muito respeito por ele para deixar que isso acontecesse. Mandei seu menino para um lugar a pouco mais de uma hora daqui, o Marial Lodge. Confie em mim, ninguém o reconhecerá lá.

Eu lhe agradei, peguei a chave de outro jipe e fui procurar por Ben, para poder suplicar pela vida profissional de Louis.

Com relutância, Ben me concedeu vinte e quatro horas para realizar um milagre. Na vigésima quinta hora avisou-me, estaria telefonando para o agente de Clive.

Em outras palavras, ninguém — nem mesmo Louis — era insubstituível.

Cheguei à pousada no meio da tarde. Fim de outono que era, Louis não tivera dificuldade para conseguir um do dois quartos que a hospedaria possuía, e eu não tive problema em ficar com o outro.

Depois de jogar minha mala na cama, criei coragem para enfrentá-lo. Sabia que não seria agradável. Tão ruim como seu humor depois do encontro fortuito com seu pai, ou semelhante ao dia da decepção com Mick e Sam, eu não sabia. Em qualquer caso, eu tinha de fazê-lo entender que a morte de Barnaby não era sua culpa.

E que sua carreira dependia de ele superar qualquer insegurança que nutrisse a esse respeito e alguma coisa mais que o estivesse consumindo.

Como Barnaby dissera, só Louis poderia impedir-se de ser alguém que um dia foi famoso.

Encostei meu ouvido à parede divisória entre nossos quartos. Nenhum som.

Talvez ele tivesse resolvido tirar uma soneca. Se fosse o caso, não deveria eu deixá-lo dormir?

Ou quem sabe ele tivesse desmaiado em um estupor alcoólico. Isso fazia da questão sono X

despertar definitivamente um caso de se jogar uma moeda no ar e ver o que aconteceria.

Por outro lado, poderia ele ser capaz de fazer alguma asneira, como cortar os pulsos?

Meu coração saltou para a garganta diante da ideia de que ele pudesse morrer. Mas, em seguida, a voz calma da razão se fez ouvir: Nada disso, não Louis. Se ele sobrevivesse, ficaria furioso quando recuperasse a consciência e descobrisse que tinha cicatrizes em seu corpo.

Mesmo assim, eu não poderia correr o risco. Saí para o corredor. Relutante em bater, resolvi tentar a maçaneta.

A porta se abriu. Mas não havia som algum além dela. Meu coração batia tão forte que eu ficaria surpresa se conseguisse ouvir algo, afinal. Dei uns poucos passos e tentei ver alguma coisa, qualquer coisa, na vasta penumbra que envolvia o quarto escuro, mas não consegui distinguir nada.

Principalmente a cama, na qual fui desajeitada o bastante para trombar.

— Pare ou atirarei. — O tom de sua voz, embora abafado era tenso o suficiente para eriçar os cabelos em minha nuca.

— Louis, sou só eu, Hannah. — Parei, apavorada.

Ele tinha um revólver? Então tinha planejado tirar a própria vida!

Tentei manter a voz firme.

— Então, hã... Onde arranjou a arma?

Ele acendeu a luz com um rápido estalido.

— Puxa, Hannah. Acreditou nisso! Meu Deus, é o truque mais velho da cartilha! — disse ele, rindo causticamente. Depois fechou os olhos bordejados de vermelho, como se estivesse cansado demais para uma conversa educada. — Bem, fico contente de ver que ainda tenho o velho toque Trollope.

Uma garrafa meio vazia de Dewars estava sobre o criado-mudo. Obviamente ele estivera dormindo.

E bebendo. E chorando.

A não ser pelo lençol enrolado em torno de suas pernas, ele estava nu. Enrubesci.

Contudo, sentia-me aliviada por ver que estava bem.

— Claro que você tem. — Gentilmente, sentei-me na beira da cama. — Louis, olhe, sei o que está pensando... — Sei que sim, Hannah. E é por isso que eu a amo: porque, com você por perto, eu não tenho de pensar. Você faz isso por mim.

Seu sarcasmo me fez pestanejar.

— Não! Não foi isso o que eu quis dizer.

— Não me importa o que você quis dizer. — As palavras jorravam dele como uma torrente. — O que você quer dizer não me interessa. Nada interessa. Não agora.

— Por que não?

— Porque eu... — Engasgou-se com as palavras. — Matei Barnaby.

— Não, não, Louis! — Debrucei-me sobre ele. — Não matou!

— Você estava lá! Viu o que aconteceu!

— Sim, eu estava lá... e o vi ficar zangado e colocar você em seu lugar, fazê-lo perceber que tem muito a perder quando age como um babaca! Mas você não o matou!

— É verdade, posso não tê-lo machucado fisicamente, mas todas as minhas asneiras monumentais... provavelmente foram muito fortes para o coração dele... Puxei Louis para perto de mim. Ele enterrou a face, agora novamente molhada de lágrimas, em meu suéter de angorá e acariciou-o devagar com a mão, pelo que pareceu uma eternidade.

Depois de uns poucos minutos, contemporizei: — Olhe, Louis, não vou mentir a você: as coisas têm estado muito estressantes no set nessas últimas duas semanas. E... você é parte do motivo disso. Porém... — conforme parei, fitei-o diretamente nos olhos — ... não podemos concordar com segurança que o gosto de Barnaby por Gauloises e filés poderia ter alguma coisa a ver com seu ataque do coração?

Ao perceber a verdade daquilo que eu dissera, ele ergueu os olhos, soltou uma risadinha cavernosa e concordou.

Continuou a afagar meu suéter.

E seus olhos não se afastaram de meu rosto.

De repente, notei que os olhos de Louis eram do mesmo tom de azul dos de Leo.

Aquele impressionante azul-turquesa.

Que irônico.

Suavemente, emendei:

— Seria maravilhoso se pudéssemos poupar aqueles que amamos de si mesmos, na maior parte das vezes. Mas não podemos.

Isso, por seu turno, liberou um influxo de outras lembranças de meu pai, e eu comecei a chorar.

Foi a vez de Louis me acalantar; e de chorar comigo. E de me beijar inteirinha, como eu tantas vezes antes sonhara que ele faria.

E depois, de me desnudar, lentamente, amorosamente, desesperadamente.

E de traçar cada curva e elevação e depressão de meu corpo com suas mãos, depois com seus lábios, em seguida com sua língua.

E, para mim, de lhe fazer o mesmo, antes de explodir junto com ele — dentro de mim.

De novo.

E novamente.

E tantas outras vezes, em tão pouco tempo: Puxa, meras vinte e duas horas.

Porque, lá pela vigésima quinta, um Louis muito sóbrio estava de volta ao set: de olhos claros, renovado, relaxado e pronto para trabalhar... ... comigo — a única pessoa, como ele havia confessado tão ardentemente naquelas vinte e duas horas, sem a qual ele não poderia viver — a seu lado.

## Buraco-de-Minhoca

*Ponte de Einstein-Rosen; conexão no espaço-tempo entre dois pontos de um mesmo universo.*

Bem-aventurança absoluta.

Cada dia das quatro semanas seguintes de nossas vidas assumiu uma qualidade semelhante à de um sonho.

Ao raiar do dia, aninhados juntos no trailer de Louis, nossos sentidos eram despertados: pelas conversas lamentosas entre as corujas que pairavam nos galhos das árvores; pelos raios de sol que aqueciam nossas faces e nossa cama; e, mais certamente, pela aura almiscarada de nosso amor da noite passada.

Uma vez acordados, o inevitável acontecia: nossos corpos tinham fome — obsessiva e incontrolável — de se juntarem outra vez. Nossos lábios, sedentos de paixão, só conseguiam ser saciados com a luxúria líquida que fluía de um para o outro. Meus dedos, a instigar a ponta de seu pênis com carícias suaves, eram instantaneamente recompensados por seus esforços quando, centímetro a glorioso centímetro, um Louis de membro duro se enterrava febrilmente dentro de mim com um zelo obsessivo que despertava minha alma

e me provocava lágrimas de alegria. Ah, doce, louca, venturosa delícia! Em outras palavras, todos os boatos eram verdadeiros:

Louis Trollope era um amante fantástico.

E agora, era meu amante.

Só meu.

Enlevados, vivíamos também entusiasmados para continuar com o resto de nosso dia: juntos, nós nos arrumávamos depressa e aparecíamos no set logo cedo, onde Louis se mostrava cortês, atento, preparado, profissional, perspicaz e inspirador — para a admiração respeitosa de todos os que observavam.

Depois, quando Ben concluía a última cena do dia, assistíamos às gravações digitais não editadas.

Foi durante uma dessas sessões que Louis percebeu que aquela poderia ser a melhor performance de sua carreira. Pelo canto do meu olho, eu o vi a me observar. Quando me virei para fitá-lo, ele apertou minha mão e murmurou: — Eu não conseguiria fazer isso se não fosse por você.

Depois de ver as cenas, sequestrávamos um ao outro no trailer de Louis para mais um ditoso ato de amor... .. seguido por uma caminhada tarde da noite pelos bosques negros, comigo a levar uma lanterna enquanto ele carregava meu telescópio até a beira d'água, onde o rumorejar do rio era a sinfonia que acompanhava nossa observação às estrelas.

Longe de quaisquer luzes da cidade, o espesso manto estrelado era multiplicado por dez além do que estávamos acostumados a ver em Los Angeles. Estendia-se de uma tal maneira que parecia flutuar ao longe, levando-nos com ele. Depois de ajustar o telescópio, eu convidava Louis para olhar

enquanto discorria sobre ciência e mito, nossa base racional para sua existência.

Enquanto ele aprendia sobre as estrelas, eu aprendia sobre ele: sua infância pobre, miserável, em uma casa dominada por um pai que afogava seu amor e suas tristezas em garrafa após garrafa de uísque; a frustração de sua mãe com a situação precária e a resignação final a ela; os medos e inseguranças de Louis à luz de seu talento inato, de sua beleza excepcional; a culpa pela própria boa sorte.

— Ah, com certeza, tenho sorte. Sou abençoado — comentou ele, em um tom de dar pena. — Mas algumas vezes nossas bênçãos são também nossas maldições. — Virou-se do telescópio para me encarar. — Nunca sei se meus amigos me amam por mim ou por minha fama. As mulheres que conheço somente vêem Louis, o astro, e não Louis, a pessoa. Diabos, mesmo quando sou um monstro para elas, me amam ainda mais! Parece que não conseguem obter o suficiente desse Louis.

— Acho que está enganado. Penso que ficam tristes perto desse Louis, mas guardam a esperança de um vislumbre de seu eu verdadeiro: o Louis que está aqui comigo, neste exato momento.

Ele pensou naquilo por um momento e depois meneou a cabeça, admirado.

— Hannah, como sabe que este é o meu eu real? Eu mesmo não sei disso! Na verdade, duvido muito que seja. — Virou-se de volta para o telescópio. — Você faz aflorar o melhor em mim.

Infelizmente, o resto de minha vida faz aflorar o pior.

Quisesse eu admitir ou não, Louis estava com a razão. O que levantou a questão: aquele Louis, meu Louis maravilhoso, desapareceria, como as estrelas ao alto, sob os quentes e brilhantes holofotes de Los Angeles? Não se eu pudesse impedir.

Já tínhamos deixado claro aos demais nossa intimidade um com o outro. Não que nossos sentimentos pegassem de surpresa o elenco e a equipe de *Killer Instincts*: envolvimento amoroso em locações eram parte e parcela do processo de fazer cinema. Mesmo antes da morte de Barnaby, quaisquer das incursões inocentes que eu fizera ao trailer de Louis — para levar-lhe o jantar ou ajudá-lo a se preparar para as cenas do dia seguinte — tinham deparado com não mais do que uma sobrancelha erguida ou, nos piores casos, uma piscadela maliciosa e um aceno de cabeça. Além disso, com a lendária reputação de Louis como um garanhão insaciável, o verdadeiro choque para os outros seria que tivéssemos um affair, mas que ainda não fora consumado até então.

Mesmo assim, não estávamos preparados para a saraivada da mídia com que nos defrontamos no dia seguinte ao término de *Killer Instincts*.

Seriam as doze mensagens de voz que Monique deixara no celular vermelho no dia da festa de encerramento alguma indicação?

Talvez.

E quanto às trinta ou mais mensagens frenéticas de Tatiana, uma mais esganiçada do que a outra, que surgiram no decurso daquelas vinte e quatro horas finais?

Será que eu nem mesmo suspeitara que telefonariam para divulgar isso?

O.k., vou admitir: ambos éramos um pouco inclinados à negação. Eu me convencera de que manter o Time de Louis em uma base de "precisar saber" sobre nossa situação permitiria a Louis o tempo de que necessitava para se concentrar no papel de uma vida... .. e, quanto a mim, para fazer o mesmo, em meu papel de uma vida inteira: O de única e exclusiva mulher de Louis.

Razão pela qual eu não retornara os telefonemas de Tatiana também.

Ou sugerira que Louis o fizesse. Essa política terminou no momento em que a limo de Malcolm pegou o asfalto. Por solicitação de Monique, ele entregou a Louis um envelope pardo cheio de recortes de revistas e tablóides das últimas semanas. Todos eles tinham instantâneos pouco nítidos dele — comigo.

Jogando-os sobre o banco, Louis riu de um jeito desagradável.

Um deles o mostrava me abraçando, obviamente tirado durante um dos intervalos no set. A manchete dizia: "Filha de Leo Fairchild é a nova namorada de Louis".

Outro, que devia ter sido tirado com um filtro noturno, mostrava-nos aos beijos junto ao rio. O

roupão que eu usava tinha caído de meu ombro, permitindo ao fotógrafo captar Louis a empalmar meu seio nu, embora o editor da foto tivesse colocado uma tarja preta sobre o mamilo. O título berrava: "Tara britânica no rio Rogue: Louis e nova namorada em noite de sexo ao ar livre".

Por que Louis achava aquilo engraçado estava além de minha compreensão.

Conforme eu corria os olhos pelos artigos, notei que nenhum deles mencionava o entrevero com Marcel a, embora ela aparecesse em algumas

colunas laterais, nas quais seus vestidos dignos de "tapete vermelho" eram elogiados ao máximo.

Então Jerry conseguira seu objetivo, afinal. Tendo sido banido do set por minha insistência, só havia uma pessoa que, eu sabia, tinha interesse em ajudá-lo: a assistente de Marcel a.

Sua recompensa: Marcel a ficara no "armário", juntamente com todas as suas roupas de alta-costura.

A capa de um terceiro tablóide mostrava o que parecia ser Louis empurrando um irado Barnaby para fora de seu trailer, comigo a olhar os dois. O título anunciava: "Morte misteriosa de Barnaby: por causa do novo amor de Louis?"

Ao ver esse, Louis franziu a testa enquanto se recostava no banco de couro da limo e batia a mão no pedaço de papel.

— Esses bastardos ficaram loucos? Estão insinuando que eu acabei com Barnaby? E por sua causa?

Eu sabia o que ele queria dizer. E, claro, estava tão ultrajada com a insinuação quanto ele.

Porém, mesmo assim magoava vê-lo colocar a coisa daquele jeito: como se eu não valesse a briga.

Ao chegarmos à casa de Louis, fomos recebidos no portão por um bando de paparazzi enlouquecidos, berrando perguntas enquanto disparavam os flashes.

— Louis, seu novo enfeite de braço conhece algum canto tribal?

— Então, Louis, quando Barnaby disse "detonar", você pensou que ele falava literalmente?

E depois se seguiu esta:

— Aqui, Hannah! Queremos dar a Tatiana um bom flagrante de quem estava seguindo a trilha de Louis enquanto ela desfilava em Paris!

Nem ela nem eu alguma vez sonháramos que eu me prestaria a esse papel.

Impassível, como sempre, Louis permanecia pronto para seu close-up: o semblante anguloso, diabolicamente belo, posicionou-se em um olhar penetrante que fazia amor com as câmeras mesmo enquanto resmungava pelo canto da boca: "Dê o fora daqui, Malcolm. Agora!".

Eu, por outro lado, parecia Bambi capturado pelos faróis de uma enorme jamanta de dezesseis rodas que perdia o rumo, fora de controle, e esmagava sob os pneus qualquer resto de privacidade que eu tinha em minha vida. Voltando-se para mim, Louis disse: — Monique avisou sobre isto?

Com ar culpado, meneei a cabeça.

— Eu... eu acho que a equipe estava fofocando sobre nós no Oregon. É minha culpa, Louis. Eu deveria ter falado com Monique. Mas nunca sonhei que seria uma coisa desse tamanho, então ignorei... Acho que pensei que seria melhor se ficássemos concentrados em sua performance.

— Dei um tapinha no ombro de Malcolm. — É melhor você nos levar para o escritório de Randy. — Depois me virei para Louis. — Vou ligar para a empresa de segurança particular e pedir que tirem esses palhaços daqui.

Também liguei para Genevieve e para Monique e direi a elas que nos encontrem no escritório de Randy.

— Chame Jasper primeiro. Quero ver que recurso legal posso usar para parar com essa bobagem.

Pousei a mão sobre a dele. Esperava que ele fosse corresponder com um aperto de conforto.

Em vez disso, ele a puxou ligeiramente para longe da minha e olhou pela janela outra vez.

Embora não demonstrasse, estava aborrecido.

— Sem dúvida Tatiana sabe sobre nós, também.

Meu estômago revolveu-se. Eu testemunhara o jeito com o qual Tatiana espiava os tablóides, analisando cada foto dela e de Louis — ou, em relação a isso, qualquer uma outra, particularmente alguma que pudesse ser concebida como competição por seu amor.

Nossa lua-de-mel acabara.

Aquilo significaria que nosso relacionamento, também?

O conselho de Jasper foi o seguinte: não dê munição. Não negue. Dessa maneira, as manchetes do tablóide de hoje tornar-se-ão bem depressa o lixo inútil de amanhã.

— A menos, Hannah, que você possa afirmar sob juramento que não era seu seio e que não estava beijando Louis.

Meu silêncio falou por mim.

— É isso o que quero dizer — continuou Jasper. Então ele se calou, mas eu sabia o que pensava: eu tinha feito a única coisa que jurara não fazer:

sucumbir ao encanto de Louis. — Ameaçarei com alguma coisa, não se preocupem. Apenas não esperem milagres à luz da verdade.

Qual era a verdade sobre nós?

Eu não parecia mais saber. E não conseguia imaginar que Louis tivesse ideia. Pelo jeito como passara o braço em torno de minha cintura quando entramos no escritório de Randy, ou dava tapinhas em meu traseiro, como que demarcando território, ou me lançava ordens como quem joga confetes, era menos do que implícito que me via como sua... ... sua o quê?

Namorada? Assistente pessoal? Bem móvel? Todas as alternativas anteriores?

Não que isso tivesse qualquer importância para o restante do Time de Louis. Quando entramos no escritório de Randy naquela tarde, ele, Monique e Genevieve não pareceram dar a mínima sobre se Louis e eu estávamos ou não apaixonados um pelo outro.

Tudo com que se preocupavam era se Louis estava feliz. E, mais importante, com que tirássemos o máximo da situação de forma a colocá-lo em uma evidência ainda maior do que aquela na qual estava antes.

Motivo por que Randy concordava com a recomendação de Jasper — mais ou menos.

— Que se dane o que os tablóides estão dizendo. O fundamental é que nosso homem está em cada uma dessas malditas capas! Merda, não podemos bancar esse tipo de publicidade! — Jogou as últimas People, In Touch e Us Weekly sobre a mesa. — E a Fox está em êxtase! As vendas de ingressos pra Dead End voltaram a subir. Já estão no terceiro lugar nas bilheterias.

Nada mal pra um filme que foi lançado já faz doze semanas. — Deu um tapa nas costas de Louis e depois me lançou uma olhadela que me fez me encolher. — Só lamento que o fotógrafo não tenha pegado os dois fazendo a coisa em estilo cachorrinho sobre o toco de uma sequóia! Pense só como essa manchete seria interpretada.

Genevieve, Monique e eu empalidecemos com a crueza de Randy. Percebendo que seria melhor mudar de assunto, Genevieve tocou em um ponto tanto ou mais sensível.

— Estou recebendo telefonemas a cada quinze minutos de Tatiana. — Olhou para Louis. — Ela diz que ninguém está retornando as mensagens em sua linha particular. — Então me encarou de um jeito enfático. — Como quer que eu lide com isso?

Louis sorriu e seguiu-lhe o olhar até mim. — Não se preocupe, Genevieve. Agora que estamos de volta à civilização, Hannah cuidará disso. Certo, amor?

Enquanto ele alisava meu braço, vi Genevieve e Monique se entreolharem. Randy, por outro lado, relinchou alto: — Pô, eu gostaria de ser uma mosca na parede pra ver essa!

Eu? Contar a Tatiana? De jeito nenhum! Nem nos quintos dos infernos.

Quando a reunião terminou, tentei puxar Louis para longe dos outros a fim de que pudéssemos discutir mais aquele assunto em particular, mas Randy o alcançou primeiro. Não consegui ouvir o que Randy disse, porque foi falado em um tom muito baixo. A reação de Louis foi soltar uma gargalhada sonora e menear a cabeça em uma negativa. Mais tarde, quando estávamos de volta à limusine, perguntei a ele o que Randy dissera.

— Acredite ou não, amor, ele lhe fez um elogio.

— Você tem razão. Acho difícil acreditar. — Encarei-o de frente. — Então, o que foi?

— Ele disse que aquelas fotos provam que você não é uma cadela frígida, afinal de contas. Ah, Hannah, eu sabia que você tomaria isso pelo lado errado! E não, nós não vamos dar meia-volta com o carro para que você possa enchê-lo de hematomas... Além disso, ele adora esse tipo de coisa. Querida, vamos para casa! Você pode preparar-me o banho e depois se juntar a mim na banheira. Isso a deixará feliz, certo?

A banheira teria de esperar, porque Tatiana não podia. Ouvimos o telefone da casa tocando já enquanto Malcom manobrava para estacionar na entrada da frente, abria a porta de trás do carro e levava nossa bagagem para dentro.

Mais uma vez tentei convencer Louis de que o mínimo que ele poderia fazer era telefonar a ela e lhe dizer que as coisas estavam terminadas entre os dois.

Ele deu uma boa razão para discordar de mim: — Amor, confie em mim. Conheço Tatiana melhor do que você. Se eu pegar o telefone, ela vai me implorar para vê-la. Mesmo que eu dissesse não, ela estaria em nossa soleira em um piscar de olhos ou, pior ainda, pediria para eu encontrá-la no Bel-Air. Eu... eu não poderia fazer isso.

Traria de volta muitas lembranças.

De quê? Eu gostaria de saber. Deles juntos, fazendo amor? Ou dele com Samantha?

Nunca havia perguntado a ele como soubera sobre Samantha e Mick, mas agora não era a hora. Eu tinha de tomar uma decisão em relação a Tatiana; se eu continuasse insistindo para que Louis lhe telefonasse, correria o risco de que sua culpa o jogasse de volta aos braços dela.

Contudo, se eu telefonasse para ela, teria de enfrentar sua ira, bastante justificada. Afinal, eu sabia o quanto ela amava Louis. E também sabia o quanto ele acreditava nesse amor.

Portanto, essa seria minha penitência, raciocinei: eu teria de ouvi-la me dizer que vadia conivente eu era.

Além disso, eu não seria capaz de suportar se Louis sucumbisse de novo a seu encanto... .. ou escapasse do meu. Eu morreria se o perdesse. Sabia disso.

Assim, disquei o número dela.

Louis ficou observando silenciosamente eu pedir à assistente para colocar Tatiana na linha. Ele nada disse ao ouvi-la me xingar em russo e em francês. Olhou em outra direção quando eu afastei o fone do ouvido enquanto, na linguagem humana do sofrimento, ela urrava e soluçava.

Abaixou a cabeça enquanto eu murmurava, por vezes seguidas, que eu sentia muito por aquilo tudo estar acontecendo e que eu esperava que um dia ela pudesse nos perdoar.

Ao desligar o telefone, desabei em seus braços. Ele me carregou para a cama, despiu-me e fez amor comigo.

Depois, enquanto eu me curvava, em posição fetal, ele abriu a água da banheira. Então, tomando-me no colo de novo, gentilmente me colocou na banheira para que pudesse esfregar a esponja quente e ensaboada em mim.

Finalmente, enrolou-me em uma toalha e carregou-me de volta para a cama.

Eu ainda me sentia suja.

Quando acordei, uma hora depois, ele já fora para a Fox, para começar a pós-produção de *Kill and Instincts*, mas havia um bilhete no criado-mudo: "Você comprova seu amor por mim de todas as maneiras. Agradeço a Deus por ter você a meu lado".

Também pedia que eu levasse minhas coisas para a casa — e não para a cabana.

A maior parte de minhas roupas coube em um grande baú velho que eu salvara dos bens de Leo. Era muito *démodé* para Sybil a cobiçá-lo. Para sorte minha, ela não o jogara fora antes do acordo. Leo o usara em todos os seus muitos safáris, e o baú também tinha rodado o mundo com ele.

E o trouxera são e salvo para casa. Eu esperava que fosse operar a mesma magia para mim quando rumasse para meu novo lar.

Arrastei-o do quarto e para a sala de estar até que tropecei em algo que não deveria estar em meu caminho: Mick.

Eu não o ouvira entrar. Mas pude ver, por sua postura, que não iria embora ou me deixaria sair até que conseguisse algumas respostas.

Para colocar a bola em jogo, lançou a revista *People* a meus pés.

— É verdade? — A dor em sua voz rivalizava-se com a que eu acabara de ouvir de Tatiana. Mas eu não mentiria a ele.

— Sim. — Mesmo assim, mantive a cabeça erguida. — Sinto muito. Sobre nós.

— Em relação a isso, poderia pelo menos me dizer que diabos aconteceu?

— O que aconteceu? Quer saber o que aconteceu? — que ousadia a dele!

Até então, eu não o tinha confrontado sobre Samantha. Bem, agora poderia, de uma forma que o magoaria como ele me magoara.

— Louis e eu nos apaixonamos.

— Louis, apaixonado? Está brincando comigo? — Encarou-me como se eu tivesse ficado louca.

— E não acredito que você o ame, também, tanto assim! — Furioso, inclinou-se para mim. — Ou estava me enrolando esse tempo todo, para deixá-lo com ciúmes?

— Enrolando você? Quem... quem é você para me acusar de enrolá-lo? — Comecei a puxar o baú outra vez. — Saia da minha frente. Tenho de levar isto para a casa de Louis.

— Por que a pressa? Está de babá vinte e quatro horas por dia, sete dias na semana, agora? — Empurrou minha mão para longe do baú. — Ou está com medo de que ele possa encontrar outra pessoa para lhe fazer companhia se você ficar longe durante muito tempo?

— Como se atreve? Louis mudou, Mick. Nós mudamos. Você não entenderia.

— Sim, posso apostar. Ele é simplesmente um cara normal, não é? Bem, você percebeu que esse seu excelente sujeito nem mesmo está aqui para lhe dar uma mãozinha? — Ele teve de voltar ao estúdio. Caso contrário, estaria aqui.

Assim que eu disse isso me arrependi. Louis, ajudar-me a mudar? Mais provável seria que tivesse insistido para que eu chamasse um serviço de mudanças.

Ou que simplesmente comprasse o que quer que eu precisasse e mandasse a conta para Genevieve. Mick soltou uma risada dura.

— Isso é uma piada! Posso apostar que ele nunca nem pediu para ver sua casa.

— Que diferença isso faz? Por que haveria de querer vir aqui?

— Porque, se tivesse querido, isso significaria que desejaria saber tudo sobre você, em vez do que você pode fazer por ele. — Mick agarrou minha mão para forçar-me a encará-lo. — Significaria que ele a ama pelas razões certas, Hannah, e não por seus costumeiros motivos egoístas.

Puxei minha mão em um safanão.

— Quem é você para dizer quais são as razões certas para ele se apaixonar? Ou para mim?

Ele recuou, chocado.

— Pensei que soubesse que razões eram as certas... uma vez.

— Eu também. — Sentei-me no baú. — Olhe, Mick. sei na verdade que eu não era o que você realmente queria.

— O que a faz dizer uma coisa dessas? Foi porque ele lhe disse isso e você quer acreditar nele?

— Sim. Não! Isto é, quero dizer, se houve uma vez um tempo em que você sentiu que me amava, então quem sabe tenha sido pela razão errada.

— E que razão seria essa?

— Talvez se sentisse atraído por mim só por causa daquilo que eu significava para ele.

Mick me encarou, como se não acreditasse nos próprios ouvidos. Depois, riu, incrédulo, sem qualquer alegria.

— Hannah, você está completamente enganada. Em primeiro lugar, você não significa nada para ele!

— Não, Mick, é você quem está enganado. Sobre Louis. Sempre esteve! Ele realmente me conhece. E eu o conheço agora também. Na verdade, sei tudo sobre ele, o bom e o mau... que é mais do que posso dizer sobre você.

— Isso significa o quê?

— Significa que... que você realmente nunca me contou a verdade!

Ele pareceu confuso.

— A verdade? Sobre o quê?

— Sobre... sobre Samantha. — Ali estava. Eu dissera.

— Samantha? — Ele fez cara de quem não estava entendendo nada. — Você sabe sobre Samantha?

— Claro que sei! O que você acha que eu sou? Uma idiota?

— Não sei, depende. O que você pensa que sabe? — Bem, sei que você teve um encontro com ela, no Hotel Bel-Air.

— Eu? Um... o quê?

— Você fez amor com ela! Lá, na suíte Courtyard. Eu vi vocês dois... —  
Você nos viu... fazendo amor?

Agora era eu que estava confusa.

— Não... Bem, não exatamente! Quero dizer, você estava... você estava abraçado a ela. E eu... eu sei que ela estava nua na ocasião. É verdade, não é?

Ele pareceu indignado. Mas não respondeu. Em vez disso, perguntou: —  
Diga-me, Hannah, primeiro me responda: como soube que eu estava lá com Samantha?

Eu hesitei, mas é claro que ele sabia.

Louis.

— Vá em frente e acredite naquilo que quer acreditar. O que, presumo, seja qualquer coisa que ele queira lhe dizer. — Partiu em direção à porta, mas então se virou para mim. — Ah, a propósito, ele alguma vez mencionou que também esteve lá? Acho que não. Bem, ele esteve, Hannah! Esteve lá porque... porque... Parou para encontrar as palavras certas. Vendo a expressão de sofrimento em meu rosto, contudo, ele parou de tentar. Depois, com muita calma, disse: — Apenas acredite em minha palavra; ele também esteve lá. Com ela. Mas a deixou sem nem mesmo ter a cortesia de dizer a ela que ia embora. Isso ficou por minha conta.

Puxou-me para seus braços. Ao perscrutar meus olhos com os seus, emendou.

— Foi assim que ele a rejeitou, Hannah! Essa atitude não lhe é familiar?

Era.

Mas não queria admitir, porque não queria estar errada quanto a Louis.

Não agora. Não mais. Não depois daquelas quatro últimas semanas.

Razão pela qual Mick não poderia estar com a razão.

Diante de meu silêncio, ele percebeu que eu optara por acreditar. Acabou, a expressão em seus olhos pareceu dizer. Depois, ele se foi. Ouvi sua moto descer a rua.

Fiquei parada ali por um momento, pensando em Louis e em Samantha.

Então, Louis mentira para mim sobre ela.

E não gostava de romper pessoalmente.

Essa atitude dele era familiar a mim?

Sim, era. Acabara de ver com Tatiana. E, contudo, não queria acreditar nisso. Tinha de haver uma explicação melhor.

Eu precisava perguntar a Louis qual era.

Carreguei uns poucos itens a mais e rumei de volta para a casa de Louis, algo que o Beetle era agora capaz de fazer no piloto automático.

No momento em que cheguei lá, tanto o celular vermelho como o cinza tocavam. Na linha vermelha estava Genevieve, gritando alguma coisa sobre o nariz quebrado de Louis e que era melhor eu me mandar para o Cedars-Sinai o mais rápido que pudesse.

— Quê? O que está dizendo?

No outro celular, era alguém da revista In Touch: eu poderia comentar a informação que tinham de que Mick Bradshaw socara Louis Trollope nos estúdios da Fox?

Era verdade que eu fora o motivo da discussão?

Havia alguma notícia de quanto tempo Mick ficaria suspenso do Grupo Fox?

Louis precisaria passar por uma cirurgia plástica?

Não fiz qualquer comentário; rumei para o Beetle e comecei o trajeto de volta, descendo a colina.

## Zênite

*O ponto na esfera celeste diretamente acima de um observador; o ponto mais alto no céu alcançado por um corpo celeste.*

De acordo com o que os médicos disseram, Louis tivera sorte: seu nariz não estava quebrado.

Mesmo assim, poderiam fazer uma radiografia para confirmar isso somente depois que o inchaço cedesse, dali a uns dois dias. Nesse meio-tempo, ele precisaria de sacos de gelo para reduzir a tumefação e muito Vicodin para a dor.

E um bocado absolutamente infernal de reafirmação de confiança para seu ego ferido.

Sem qualquer ânimo para confrontar os olhares que atrairia se resolvesse sair em público com um nariz inchado, Louis passou os quatro dias seguintes em casa, ao lado da piscina. E, uma vez que não deveria beber enquanto tomava Vicodin, optou por esquecer quaisquer analgésicos e conviver com a dor. Contudo, fez isso com o uso de muito gelo — em seu copo perpetuamente cheio de Dewars.

Como era natural, a dor o deixou com um humor detestável, que ele descarregava em qualquer um que cruzasse seu caminho dentro da propriedade agora fortemente vigiada: Lourdes, que prorrompeu em lágrimas quando ele lhe gritou palavrões por tirar seu copo vazio; os jardineiros guatemaltecos, que xingaram a puta que o colocara de tão mau humor e depois tiraram a sorte na moeda para determinar quem se atreveria a aparar as buganvílias adjacentes à piscina e, assim, suportaria sua ira apenas por ter chegado tão perto; Randy, que passava diariamente com as últimas estatísticas de bilheteria de Dead End e tinha de aguentar as ameaças de Louis de se bandear para outro agente "que conseguisse me apreciar"; e, claro, eu, a quem fora delegada a tarefa de manter seu espírito elevado a qualquer custo — inclusive à custa de minha sanidade.

— Maldito irresponsável! Ele me derrubou com um soco quando eu não estava olhando! — Com o saco de gelo e a atadura no nariz, a voz de Louis tinha agora um timbre anasalado. — Ouça minha voz! Soa como a de uma garotinha! Não dá para fazer a dublagem... Saco! Pelo menos Ben não pode me culpar por isso! O pessoal da segurança da Fox nunca deveria ter deixado aquele bastardo entrar. Na verdade, se meu rosto ficar arruinado, vou processar todo aquele bando de malditos, a começar por seu namorado!

— Ele não é meu namorado, Louis — respondi, calmamente, embora pudesse sentir o rubor subindo por minhas faces. — Você é, lembra?

Aquilo o trouxe de volta à Terra por um momento. Virou-se para longe de mim.

— Desculpe, amor. Não a estou culpando... Ah, não está?

— ... é que não suporto a ideia de aquele cafajeste já a ter tocado... — Não podemos mudar o passado, Louis. Nenhum de nós pode, certo? —

retruquei, intencionalmente. Tinha ainda de perguntar sobre Samantha. Mas isso teria de esperar, por ora.

Em vez disso, peguei o telefone.

— Não se preocupe. Ben já está avançando o trabalho até que seu nariz sare. E pedi a Monique para cancelar todas as entrevistas que você tinha marcadas até a próxima semana.

Caso contrário, quaisquer oportunidades que você tivesse de emplacar Dead End seriam desperdiçadas em perguntas sobre... o incidente.

— Ah, ótimo! Como se eu fosse dar a Mick mais alguma publicidade. — Socou a cadeira de ferro batido com o punho. — Mais uma vez ele está pendurado em mim, vivendo na mamata.

— Ora, Mick escreveu o roteiro de Dead End. Quero dizer, merece crédito por isso pelo menos, certo?

— Ninguém dá a mínima para quem escreveu o maldito roteiro! Tudo com o que so importam é a performance do astro: a minha. — Seus olhos se estreitaram de suspeita. — Ei, de que lado você está, afinal?

— Por que ficou tão paranóico do repente? Eu não fiz tudo o que você me pediu?

— Ainda não acabei — retrucou. — Por exemplo, seria bom saber por que ele estava lá, em sua casa, em primeiro lugar. — Arqueou uma sobrancelha.

— Por que acha isso estranho? Antes... Bem, antes de... eu e você... Mick costumava aparecer o tempo todo.

E você nunca esteve lá, de jeito nenhum. E agora nunca irá.

— Mas como ele sabia que você estaria lá? Não gosto das coincidências disso tudo. — Louis encarou-me com frieza. — E, pelo jeito como está agindo, Hannah, começo a imaginar que realmente planejava encontrar-se com ele lá.

— Louis, por favor! Não seja ridículo!

— Não? O.k., acredito em você... eu acho. — Pegou um pedregulho e jogou-o dentro da piscina, fazendo a superfície vítrea ondular em uma sucessão de círculos concêntricos. Sem olhar para mim, perguntou: — Mick não disse nada que a faria mudar de ideia sobre nós, disse?

Ali estava: a abertura pela qual eu procurava.

Era minha chance de pedir a ele para ser honesto comigo sobre Samantha.

Eu, porém, não a aproveitei.

em vez disso, respondi, com voz trêmula: — Não, Louis. Disse apenas que... que você só sabe usar e abusar dos outros. E que finalmente tinha me usado também.

O tremor em minha voz foi um indício fatal de que as suspeitas de Louis estavam confirmadas: eu sabia sobre Samantha.

Ele se virou para mim. A sombra de um sorriso mostrava o reconhecimento de minha mentira óbvia, assim como sua satisfação de que eu estivesse disposta a isso por ele. Por nós.

Ele também se mostrava disposto a fazer sacrifícios por nós. Disse-o da seguinte maneira: — Serei o primeiro a admitir: fiz algumas coisas... para as outras mulheres que conheci... das quais não me orgulho. Mas sou diferente

com você, Hannah! É porque eu a amo mais do que amei qualquer outra mulher que tenha conhecido. Acredita nisso, não é?

Perguntou-me de uma maneira tal que percebi que seu coração se partiria se eu não acreditasse.

Sim, quero crer nisso. Realmente, verdadeiramente desejo... — Sim, Louis, Sei que você ama.

— Que ótimo, amor. Muito bom. — Gentilmente, traçou o contorno de meu rosto com o dedo.

— Mas tenho de perguntar isso e quero que seja honesta comigo, caso contrário o que temos aqui não vai dar certo: você sente o mesmo por mim, amor? Não há ninguém entre nós, há?

Claro, queria dizer Mick.

Mick, que criava os heróis cinematográficos que Louis nascera para representar.

Mick, que, por tudo o que eu sabia, partilhara as outras mulheres de Louis com ele, mas que estava proibido por Louis de me compartilhar. Razão pela qual nenhum de nós poderia agora partilhar do amor, da lealdade e da amizade de Mick.

Hesitei por uma fração de segundo.

— Não. Eu o amo mais do que qualquer um que tenha amado alguma vez também.

Serei a primeira a admitir: sou uma péssima atriz. Minha indecisão inconsciente enquanto falava fora um indício fatal, eu estava certa disso.

Mas Louis, como todos nós, só viu o que quis ver e ouviu o que seu ego precisava, como confirmação: que eu era dele. Tudo o que tinha de fazer era perguntar. — É assim, amor?

Então, prove. — Puxou-me para o colo e inclinou-se para um beijo. Seus lábios roçaram os meus por um segundo... ... e em seguida ele recuou bruscamente.

— Merda! Isso dói! Não posso... não consigo nem mesmo beijar você!

Levou a mão ao nariz e tateou-o cautelosamente. Levantei-me para sair, mas ele me segurou com firmeza.

— Tudo bem. Beijar é apenas o aperitivo, certo? Podemos seguir para o prato principal sem isso... — Louis, não acho que deveríamos fazer isso... aqui fora.

— Quem liga que estejamos na piscina? Os jardineiros estão no gramado da frente agora... Não, não se preocupe com os seguranças, estão de olho nos jardineiros!... Amor, ambos sabemos que eu não deveria ter de pedir por isso! Quero dizer, se você estiver sendo verdadeiramente honesta comigo. Certo?

Queria a prova de que não havia ninguém entre nós. Era demais pedir por isso?

Nem Mick. Nem Tatiana.

Nem Samantha.

Ninguém.

— Ah, agora está melhor!... Certo... certo... Hum, ah, isso é terapia... Droga, gostaria que você pegasse um uniforme indecente de enfermeira em

algun lugar... A despeito de meus esforços para acalmar Louis de todas as maneiras possíveis, sua reclusão o deixou mal-humorado.

Tenho de admitir que eu também apresentava um caso ruim de febre de confinamento. Na verdade, não conseguia sair para fazer a coisa mais simples sem ter um enxame de paparazzi em meu rastro conforme eu emergia da casa e serpava o Laurel Canyon Boulevard abaixo até entrai em uma das muitas ruas laterais que me levavam ao Sunset, onde, se tivesse sorte e os semáforos funcionassem a meu favor, eu conseguiria anonimato na forma de três alamedas de tráfego.

Eu estava de certa forma injuriada, contudo, por descobrir que meus novos problemas não granjeavam simpatia alguma dos outros membros da Gangue dos Quatro.

Ao aparecer atrasada para nossa pouco frequente confabulação no Denny's Central Casting, tirei minha echarpe e meus óculos escuros só depois que a garçonete — cheia de corpo, desgastada pelo tempo e estourando as bolas de chicletes alto como prova de que tinha coisas melhores a fazer do que se preocupar com quem eu era — afastou-se com meu pedido de ovos com pão de centeio.

— Ei, cadê o figurino de Mata Hari? — perguntou Freddy, ao cortar uma salsicha para a sempre presente Bette.

— A imprensa — respondi, desanimada. Então joguei algumas sacolas de brindes de Fred Segal sobre a mesa. — Vamos, abram.

Christy e Sandra saltaram, enquanto Freddy arqueou uma sobrancelha antes de abrir sua sacola e guinchar alto. Cada uma delas tinha uma coleção de produtos exclusivos daquela boutique de elite. Para as moças, perfumes, echarpes, brincos e mochilas de tecido metalizado.

E, para Freddy, loção pós-barba, um cachecol de cashmere e algumas meias de angorá.

— Eu estava na Fred Segal pegando umas camisas para Louis e, por alguma razão, a vendedora insistiu para que eu pegasse alguns itens de seu armário VIP para mim. Então imaginei que vocês poderiam não ficar tão bravos com meu atraso se eu trouxesse presentes.

— Ah, você não precisava fazer isso — murmurou Sandy.

— Bobagem. Eu, por mim, nunca teria falado nada se ela não tivesse — provocou Freddy. — Agora vamos querer esses brindes toda vez que nos encontrarmos. Portanto, diga-nos a verdade, amiguinha: por que os cavalos de Tróia?

— É apenas meu jeito humilde de dizer obrigada. Estou começando a perceber que vocês três são as únicas pessoas com cuja amizade eu posso contar. Particularmente à luz de tudo o que tem acontecido neste mês.

— Para mim, funciona — disse Freddy. — Então, como é a vida em ritmo frenético?

— Assustadora. — Suspirei. — Não posso ir a parte alguma sem um paparazzo de escolta. Só sei que dispensei o pessoal da segurança na Fred Segal.

— Bem — fungou Christy —, não devem estar muito aborrecidos com você para lhe dar todas as coisas VIP. Mesmo enquanto aplicava delicadamente a colônia atrás da orelha, era óbvio para todos à mesa que Christy tinha dificuldade em lidar com minha fama súbita.

Mas não tanta como eu.

— E você acha que gosto de viver em um aquário? Que é assim que quero passas o resto de minha vida? — perguntei,

incrédula.

— Não seja tão melodramática — disse Freddy, rindo. — Você é a prova positiva de que Warhol estava certo. Portanto, queridinha, agora que o relógio começou a marcar seus quinze minutos de fama, por que se acomodar na mesa das crianças quando a convidam para sentar com os adultos? — Bateu na banquetta. — Não se preocupe. Seu lugar estará à espera logo aqui, depois que você sofrer aquela inevitável queda em desgraça.

Bem, eu tinha de admitir, fazia tempo que os outros não me tratavam com tanta deferência. E

me ofereciam belas coisinhas. E me bajulavam como se cada palavra minha fosse de ouro.

Embora meu trabalho como assistente de Louis incluísse percorrer as lojas de Los Angeles para pegar e deixar itens que tinham atraído seu desejo (ou os que as lojas esperavam que tivesse), tais tarefas eram de negócios não de prazer. Contudo, desde minha metamorfose de Hannah, a assistente, para Hannah, a namorada de Louis, eu era mais uma vez encorajada — não, isso se tornara requisitado — a comprar.

E comprava bem. É, minhas vendedoras prediletas da Rodeo tinham sentido saudades de mim (ou, pelo menos de meu cartão American Express). Mais uma vez, eu era chamada pelo nome pelas garotas na Grove.

Agora, porém, não apenas estava de volta; estava de volta com uma vingança.

Melhor ainda, estava de volta com o tipo de cacife que só vinha por meio da celebridade.

Tal como Leo.

Tal como Louis.

— Você não tem de se sentir culpada por causa disso, Hannah — repetiu Christy, emendando: — Mas só não nos faça nos sentirmos mal se seguirmos seus passos.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que... Bem, que vou reconsiderar minha postura com Donnie.

Freddy virou-se da posição em que estava, dando uns bocados de comer a Bette, para lançar um rápido olhar especulativo a Christy.

— O quê? Ah, conte, querida! Por que essa mudança de atitude tão repentina?

— Não é exatamente repentina. — Ela ruborizou. — Tenho pensado nisso já faz algum tempo.

Além do mais, se Hannah pode... — Pode o quê? — perguntei, exasperada. A última coisa que eu queria era ser culpada por Christy fazer alguma coisa estúpida e entrar pelo cano por isso. — Me apaixonar?

— Sim, isso, exatamente. Por um astro. Se pode, então eu também posso. Isto é, se ele pelo menos deixar Bethany.. — Bateu na mesa, frustrada, fazendo Bette esconder a cabeça atrás de Freddy. — Ele é tão infeliz com aquela cadela!

— Donnie está se aproveitando de seu afeto? — perguntou Sandra, preocupada.

— É justamente isso: não está! Quero dizer... Bem, ele é meigo e gentil comigo. E, sim, admito: tentou me beijar... — Tentou? — Freddy soltou uma risada maliciosa. — Como ele pode melar a coisa quando você representa o papel de Senhorinha Pronta, Desejosa e Capaz cem por cento?

— Bem, Freddy, acredite ou não, ele tem consciência!

— Madame, acho que é mais provável que ele tenha um advogado esperto que o avisou para não ferrar com seu muito, muito generoso caminhão de dinheiro. — Freddy meneou a cabeça, com ar experiente. — E, sinto muito, mas Bethany não é simplesmente um tíquete-refeição: é um bufê completo do brunch de domingo no Polo Lounge. Enquanto você, minha doçura, é bolacha de água e sal bolorenta da Cantor's Deli, Aquele rapaz nunca esteve de dieta na vida e não vai começar agora.

— Assim que eu ficar na frente das câmeras, ele não terá necessidade disso — respondeu ela, bufando. — Colocarei nós dois "no mapa do sucesso", então isso não será mais um problema.

Olhei para Sandra, cujos olhos estavam de repente marejados de lágrimas. Dei-lhe um tapinha carinhoso no pulso.

— Sandy, você está se sentindo bem?

— Não é nada. — Ela afastou minha mão. — É que... Quando Christy falou em "colocar os dois no mapa", isso me fez pensar naquele chato esquisito que está rondando Rex ultimamente... — Puxa — Christy fez bico —, obrigada por isso! Então, agora sou algum tipo de chata?

— Não! Você, não... Aquele cara, Frarklin. Fez uns poucos comerciais e pensa que pode atuar.

Rex tem sido o "mentor" dele. Todas as horas da noite e do dia. É tão... mas tão... bem, é... tão esquisito... Christy e eu resolvemos que agora era o melhor momento para examinar nossos talheres.

Enquanto Sandra soluçava, Freddy passou o braço em torno dela.

— E tão alto. — Ela gemeu e, então, enterrou a cabeça no ombro de Freddy.

A chegada da garçonete com a comida deu tempo a Sandra para se recompor enquanto o restante de nós guardava os pensamentos. Depois de um intervalo decente, Freddy falou: — Querida, é hora de enfrentar os fatos: aquela porta do armário da personalidade de Rex não está apenas entreaberta, está escancarada.

— Freddy, acredite ou não, eu o compreendo muito bem. — Voltou-se para encará-lo. — Mas não posso simplesmente deixar sua carreira consumir-se em chamas! Ou se inflamar. Ele está envolvido com uma importante participação em um filme e doente de preocupação com isso.

Terei de fazer meu melhor para... para impedir que aquele rapaz o distraia!

— O que quer dizer? — perguntei. — Como pode impedi-lo de ser... ele mesmo?

Sandra perscrutou-me com seus enormes olhos verdes cor de jade.

— Posso fazer o que quer que seja preciso. É meu trabalho, certo? Você sabe o que eu quero dizer. Você fez o que tinha de fazer, também, por Louis. Certo?

Não, pensei, eu não fizera aquilo para salvar a ele.

Eu fizera aquilo para me salvar.

A festa que T promoveu pelos vinte e oito anos de sua esposa Takiyah, na imponente mansão em estilo inglês de trinta e dois quartos em Beverly Hills, aconteceu justamente no momento crítico — no quinto dia depois daquilo que agora chamávamos formalmente (embora de maneira eufemística) de o "incidente". Como Louis recebera um boletim médico com algumas restrições, porém certamente bom, a festa nos deu a desculpa de que precisávamos para mostrar um rosto feliz (embora, no caso de Louis, ligeiramente ferido).

Despistamos facilmente os repórteres na Ferrari F430 de Louis. No entanto, nossa euforia teve vida curta ao chegarmos a casa de T e encontrarmos um enxame de fotógrafos rondando seu portão da frente. Para que pudéssemos nos esgueirar por eles sem demasiada interferência, Louis buzinou com estridência para chamar a atenção dos porteiros de T, dois ex-guarda-costas/ jogadores de futebol em trajes de cor púrpura da grife de T com a indefectível bandana azul como lenço de bolso. (Alguns dizem que esse detalhe era uma menção à sua ex-gangue, os Crips, embora não se ouvisse falar disso pela boca de T, que, sob orientação jurídica, dissociara-se daqueles antigos companheiros mais assustadores). Os seguranças fecharam a carranca diante da tentativa óbvia de Louis de furar a fila, mas, ao verem quem ele era — e ao reconhecê-lo como um visitante frequente do palácio de T —, fizeram um gesto para que entrasse com o carro e subisse até o bolsão de estacionamento que englobava uma enorme fonte em que dez querubins rechonchudos dançavam em um jorro nevoento de água.

Outra sentinela do tamanho de um armário fez sinal a nós para que saltássemos, a fim de que pudesse estacionar o carro.

— Nem vem que não tem — exclamou Louis. — Só um traseiro ocupa o assento do motorista neste carro de duzentos mil dólares, e é o meu.

A despeito do olhar do gigante, Louis não vacilou. Nesse meio-tempo, três outros carros pararam atrás de nós. T estava no terraço com Ethan, Bennett, Ophelia e Randy, observando o movimento. Nada de Mick, é claro. Desnecessário dizer que, depois do Incidente, ele fora destituído de sua condição de membro da Patota.

Acostumado a que as coisas em sua propriedade funcionassem com o ajuste fino de um relógio suíço, T não ficou nem um pouco feliz com a recepção que Louis estava recebendo de um de seus caseiros. Berrou ao rapaz para que deixasse Louis em paz. O grandalhão deu de ombros, apontou para uma vaga no lado oposto da fonte e começou a gritar obscenidades a algum coitado que já tinha estacionado ele próprio o carro sem a permissão de T.

T cumprimentou Louis à porta, com o tipo de abraço de urso do qual só um homem que já se provara nas ruas da East Central poderia escapar sem consequências. Randy, Bennett e Ethan fizeram melhor do que abraçar; usaram o tipo de sinal codificado de mão e olhar que indicava a Louis que a festa não ocorria em algum lugar perto do foyer, mas nos recessos escuros da casa, tomada de parede a parede de jogadores, membros de gangues, especialistas em felação e aspirantes a alguém que compunham qualquer entourage de celebridade com o mínimo de auto-estima. Os cinco então sumiram para partes desconhecidas, deixando-me com Ophelia, cujo pé pequeno e delicado estava envolto em gesso, para que nos entrosássemos e encontrássemos terreno comum.

Qual poderia ser? Não a cirurgia ortopédica, na qual o dedo médio do pé esquerdo fora encurtado com uma serra para se acomodar a sua imensa coleção de sapatos, que, ela me informou, era sua marca registrada mais visível.

— O dedo pode ficar um pouco bambo a princípio, mas meu médico jurou que eu estaria de volta ao salto agulha em catorze dias — disse, despreocupadamente. — Todos temos de fazer sacrifícios na vida, não é?

Posso ter concordado com a cabeça, por simpatia, mas pequenos comentários como aquele tinham me feito evitar Ophelia como uma praga desde nosso primeiro encontro, na "Sala dos Mais Vips" — o que agora parecia ter acontecido fazia uma vida inteira. Um bocado de coisas mudara desde então — a maior delas, que eu não era mais assistente de Louis, mas sua namorada.

Em outras palavras, era igual a Ophelia.

Claro, o fato não me lisonjeava, mas, cara, ela sabia disso, de qualquer forma. Na verdade, pelo modo como praticamente se pôs de joelhos diante de mim, você teria pensado que eu era a rainha de alguma corte surreal de volta para casa, em Hollywood.

— Duzentos o dezoito metros e meio! Não é fantástico? — esgoelou Ophelia acima do som confuso de hip-hop enquanto caminhávamos (bem, ela manquitolava) pelos aposentos cavernosos da mansão. Agarrou meu braço com ar conspiratório e depois jogou a cabeça para trás de um jeito que trazia para nós a atenção das diversas dezenas de convidados que nos rodeavam.

— Hã? — Para mim, aquilo era uma incógnita. O que aquele número poderia significar? O

nome da banda que estava nos bombardeando? Uma nova marca de jeans? Alguma racionalização de desejo de Ethan sobre o tamanho de seus dotes?

— O espaço na imprensa que você ocupou nesta semana, tonta! — A despeito do pé engessado, Ophelia ondulava ao ritmo da música e, ao fazer isso, assegurava uma cota ascendente de olhares de admiração.

— Na "Mídia das Celebridades"! Você sabe, na coluna "Tab Fab" da E! Online... Meneei a cabeça, ainda confusa.

— Não leio a "Tab Fab".

Ela me encarou como se eu estivesse mentindo, ou fosse louca, ou ambas as coisas. — Bem, fofa, é melhor começar, se quiser manter seu prestígio. Imagino que Monique esteja recortando para você, certo? — Colocou o braço em torno de mim, uma clara indicação para quaisquer olhos à espreita de que éramos, com certeza, amigas íntimas.

Não.

Recortando artigos de fofoca? Sobre mim? Quase caí na gargalhada.

— Monique? Hum, não. Pelo menos, acho que não. — Diplomáticamente, tentei me desvencilhar de sua pressão de sanguessuga.

— Então Randy deveria ter uma conversa com ela.

— O quê? Randy? Por que falaria com Monique sobre mim?

— Ele agora está representando você, não está? Obviamente ela e Ethan tinham fumado alguma coisa no caminho. O que quer que fosse, certamente era mais forte do que alface brava.

— Não — exclamei, enfaticamente. — Droga, não.

— Que engraçado. Pensei, que ele e Louis tinham bolado alguma coisa. Louis não disse nada?

Entorpecida, neguei com a cabeça.

— Bem, não se preocupe. Agora que somos "BFs", estarei bem aqui a seu lado para mostrar o caminho das pedras para que você não se veja na corda bamba. O que vai fazer amanhã? Quer ir ao Grove? Estou morrendo de vontade de uma verdadeira farra... Ah, que merda! Tenho que pintar o cabelo no Canale. Ei, não quer que eu veja se Michael pode encaixar você também?

Sem querer ofender, mas algumas luzes podem esquentar um pouco sua aparência, sabia?

Aquela parasita, profissional do boquete do Sunset, minha "BF", best friend, melhor amiga?

Ah, sim, por certo, era tudo de que eu precisava: ter Ophelia a me mostrar o caminho das pedras para que eu não ficasse na corda bamba, de modo que eu pudesse me tornar seu clone.

Ou o de Sybil a.

Se fosse esse o caso, a única corda de que eu precisava seria uma bem grossa amarrada em um laço de força.

O que foi motivo para meu estômago se revirar ao pensamento. Enquanto a bile subia até minha garganta, gaguejei um pedido de desculpas e rumei para a porta do que esperava fosse um toilette.

Considerando o pó branco na ponta dos narizes do casal que saía, eu adivinhara.

— Ei, eu a conheço... O homem que agora me encarava esperava, pacientemente, que a mulher que estava vomitando no compartimento fechado do sanitário terminasse para que pudessem voltar à festa. Sem outro

lugar para mim no banheiro, só me restou despejar meu almoço no bidê, com o namorado dela como testemunha.

Camarada de sorte. Nada mais, nada menos, do que ouvir os espasmos de náusea em stereo.

Debrucei-me sobre a pia para poder lavar minha boca Sei que parecia uma idiota quando gaguejei de volta:

— É, hã, oi. Desculpe, mas eu simplesmente não podia esperar. Quando a natureza chama... Ele não disse nada, só continuou me encarando. Depois seus olhos se afastaram de meu rosto e rumaram para baixo, para meu seio.

Aquele seio agora famoso, que, para aquela festa (assim como em todos os outros eventos a que compareço, excluindo-se os encontros secretos bem conhecidos do público, nos bosques), eu tivera a decência de cobrir.

E, creia, nem toda mulher na festa poderia fazer aquela mesma proclamação. Muito menos a parceira do Mestre dos Olhos Fixos, cujo top era tão decotado que os peitos saltavam para fora a cada nova golfada de vômito.

Se você já não sabe, então acredite em mim quando lhe digo que a fama é uma experiência surreal. Mesmo tendo crescido em torno dela, eu nunca realmente me dera conta do quanto era horrível ter os outros a encarar você, examinando cada centímetro de seu ser como se fosse um objeto exposto em uma loja. Ou em um museu.

Ou, pior ainda, no zôo.

Estalei meus dedos para fazer com que seus olhos voltassem para minha face.

— Ei, você não deveria ver a moça para se certificar de que ela está bem? Ele deu de ombros.

— Está ótima. Acontece o tempo todo. Piscou para mim, como se eu devesse saber bem, já que tinha acabado de pôr para fora meu próprio almoço. Então tirou um cartão de visita de um invólucro dourado.

— Sou da área de desenvolvimento da Warner Bros. Sabe, voce realmente é muito popular neste momento. Todas as "celebutantes" são. Poderíamos formular uma séria completa de reality shows com você. O que diz?

Celebutante? Algum neologismo da mídia para uma debutante no rol das celebridades? Eu?

Ora, aquele cara estava chapado?

Ele prosseguiu:

— E, por sermos a cabo, não há problema com... hã... nudez, sabe?

Sua namorada descarregou a última golfada espasmódica e depois apertou a descarga.

— Pense com carinho. — Ele abriu um sorriso largo quando ela emergiu do sanitário, mais pálida e uns quatrocentos gramas mais leve, e não conseguiu evitar olhar com ar compungido quando tomei o lugar dela no reservado. Deveria eu manter a porta aberta? Sim. Por quê?

Para cuidar do assunto, de um jeito: rasguei seu cartão, dei descarga e saí do toilette com a cabeça erguida.

Erguida pelo menos até seguir pelo corredor e perceber que teria de confrontar Louis sobre aquilo que ele e Randy estariam armando.

Fiquei vagando pelo labirinto de salas e suítes que compunham o castelo de T. Ele o redesenhara pessoalmente, infelizmente sem a ajuda de um arquiteto. Minha caçada conduziu-me por um "corredor polonês" de olhares e murmúrios dos festeiros — atores, agentes, letristas, músicos, produtos da indústria fonográfica, todos proeminentes em sua própria condição. Suas viradas de cabeça, aparentemente indiferentes, eram um indício preciso de que me reconheciam como o novo (mais novo) penduricalho de braço de Louis.

Não tinha graça.

Quando já pensava que poderia ter de encontrar outro banheiro antes de localizar Louis, eu o vi de relance, sentado ao lado da piscina com Bennett, Randy, Ophelia e Etha. Aquela intimidade "Só os de Dentro" criava uma bolha imaginária de treze metros em torno deles, o que permitia aos outros a oportunidade de observá-los com ciúmes enquanto riam e conspiravam, mas impedia qualquer um que não estivesse já na brincadeira de se juntar a eles.

Ao me ver, Louis sorriu, piscou e me acenou para entrar na bolha. Sorri de volta, mas não estava feliz. Queria ir embora para que pudéssemos ter uma conversa em particular, mas sabia que nunca conseguiria que Louis concordasse em sair daquele momento. Assim, forcei-me a sorrir e suportar a situação. Quando estivéssemos em casa, só nós dois, longe de Randy e de todo aquele lixo glamouroso e cintilante, conversaríamos a respeito.

Depois nos aninharíamos um no outro. E, melhor ainda, faríamos amor.

— Falávamos sobre você — disse Louis, enquanto passava os braços em torno de mim. — Randy está tentando me convencer de que você pode se tornar uma força maior em Hollywood do que eu. — Soltou uma risadinha ao imaginar isso. — Bem, certamente maior do que ele. Certo, Randy?

Randy fez um ar constrangido.

— Certo, tanto faz. Outra Paris, quem sabe. Mas seu namorado aqui quer mantê-la dentro de casa. Não acredita em mim quando digo que você, agora, também é uma marca.

— Não provoque a garota, Randy — retrucou Louis. Mesmo gentilmente, aumentou a pressão sobre mim. De repente, achei difícil respirar. Aspirei fundo uns rápidos sorvos da neblina poluída da noite de Los Angeles e olhei para o céu. Só algumas poucas estrelas piscavam no firmamento. — Hannah não tem esse tipo de ego. Ora, se há uma coisa com a qual ela não se importa é toda essa bobagem de celebridade! Você vive para estar à minha disposição, ao alcance de um aceno ou de um chamado, não é, amor? — Acariciou meu braço com a ponta do dedo.

Egor eu? Claro que não. Você tem razão: eu não poderia me importar menos com isso. Só um pouco.

E, quanto a estar ao alcance de um aceno ou de chamado seu, é isso mesmo. É como eu me vejo passar o resto de minha vida: esquecendo-me de meus próprios sonhos.

Em algum lugar, à esquerda de Saturno, uma estrela cintilou.

Minha estrela?

Suspirei. Mais tarde, quando estivéssemos juntos, a sós, eu convenceria Louis de que era importante que eu continuasse meu trabalho. Por nós. Por mim.

— Olhe, cara, estou tão espantado quanto você sobre isso. Mas Monique me diz que o telefone está tocando até fora do gancho atrás de você. E dela. — Randy fez um sinal com a cabeça em minha direção. — Querem saber tudo: sobre a vida dela como a filhinha de Leo, o que usa, onde come, como

foi capaz de roubar você de Tatiana... Ei, o que temos a perder? Se isso o mantém sob os holofotes, digo que, quanto mais, mais divertido. — Olhou com ar malicioso para mim. — Você não se importaria com isso, não é, doçura?

Baixei os olhos para a piscina de T. Ele a mandara encher com gigantescas carpas douradas.

Todas nadavam em direções diferentes, a caçar as caudas umas das outras. Ophelia esgoelou com um beicinho:

— Bem, eu, por mim, não vejo como isso poderia prejudicar Louis. Não prejudicou Tom e Nicole. Epa! O.k., bem, eles não são um bom exemplo. O que diz de Brad e Jen... Ah, que seja, desculpe. Falha minha! Você tem de admitir, Madonna e Guy. E Ethan e eu adoramos ser um casal de poder, não amamos, benzinho?

Olhou para ele em busca de encorajamento. Ethan concordou, hesitante.

Ao inspecionar a piscina, notei que algumas das caudas dos peixes tinham sido devoradas.

Por outros peixes. Assustador.

— Não sei. Quero dizer, realmente não creio que nossa relação seja da conta de alguém! E, além disso, a carreira de Louis toma todo o meu tempo. E esta é a verdadeira prioridade aqui.

— Então arranje alguma ajuda, sua tonta! — comentou Ophelia, rindo. — Pode contratar uma assistente e depois delegar alguns dos abacaxis. Pô, até eu tenho uma assistente. Tive de arrumar uma porque Ethan estava recebendo muita correspondência contrária a mim. Dá para acreditar? Seus fãs gostam de me culpar quando não apreciam seus filmes. Portanto, minha assistente agora

queima essa coisa toda que nos deixa irritados. — Jogou a cabeça para que as madeixas dançassem na brisa, certamente um deleite para aqueles que observavam de fora da bolha.

— Ei, vamos lá! — acrescentou Randy. — Se você quiser, eu posso até ajudá-la a selecionar as candidatas. — Sorriu sorratamente com a ideia.

— Obrigada, mas não, grata — eu disse, com frieza. — Não sei, Hannah. Isso poderia não ser uma ideia tão má, afinal — ponderou Louis. Voltei-me para ele, incrédula por considerar a hipótese. Louis sorriu com doçura. — Amor, olhe, vou admitir. Algumas vezes exijo muito de você. E sei que a tenho desgastado ultimamente. Senti a palma de sua mão escorregar pelo meio de minhas costas. Parou logo acima da cintura de meu jeans de corte baixo. Massageou meu quadril sugestivamente. Então prosseguiu: — Além disso, se você estiver fora cumprindo tarefas, quem vai ficar a meu lado e cuidar de mim?

Tradução: entre todas as descidas até a cidade e as negociações por telefone e as reuniões do estúdio — para não mencionar ficar no set sempre que Louis estivesse lá —, eu andava caindo no sono com muita frequência quando ele queria sexo.

E agora, com as solicitações fluindo para o mais novo casal poderoso no circuito de festas, eu tinha de fazer algumas escolhas difíceis: Eu era sua assistente ou sua namorada?

Entendi a mensagem, alto e claro.

— Tudo bem, Louis. Se é o que você realmente quer, começarei as entrevistas na segunda.

— Ótimo. Então, depois da pós-produção de *Killer Instincts*, pode ser que você e eu possamos dar uma escapada. Sabe, tirar umas longas férias, ir a algum lugar onde haja uma praia deserta... Engraçado como aquilo soava familiar.

— É, e você terá tempo de sobra para fazer isso, agora que Mind Bender está fora de seu calendário — disse Ethan, casualmente.

O toque de Louis esfriou.

— Quê? O que quer dizer com isso?

Ethan franziu a testa quando a percepção de que era portador de más notícias de repente o invadiu. Randy piscou duas vezes, indicando o próprio conhecimento do fato. Ophelia, embora totalmente no escuro, captou a mudança sutil na temperatura em torno da piscina e estremeceu.

— Hã... Bem... Ora, apenas aconteceu de eu estar na Paramount outro dia, e o cara com que trato na área de desenvolvimento deixou escapar que Mick acertou com eles... Eu mal contive um arquejo. Sempre que Louis e Mick se reuniam, falavam sem parar sobre aquele projeto. Mick o escrevera com Louis em mente. E, a despeito de ter sido procurado por diversos outros atores da lista A para ver o script, Mick fora muito leal e não o apresentara a qualquer um deles. Depois da briga, contudo, Louis presumira, inocentemente (ou egoisticamente) que Mick engavetaria o script. Além do mais, Louis raciocinara, Mick nunca seria capaz de encontrar um produtor para financiar os mais de 140 milhões de dólares necessários para fazer justiça ao projeto. Louis ficou em silêncio. Depois, emendou: — Sem minha permissão?

— Bem, Randy nunca optou formalmente por um acordo de primazia para você, certo? E você e Mick na verdade não estão se falando desde... desde... — Paramount, hein? Bem, não colocarão nenhuma grana de verdade

nisso, não sem alguém de peso no projeto. A coisa vai morrer de morte natural. Então, o que mais ele disse?

Ethan, com um ar desconfortável, resmungou: — É que Mick apareceu com Cruise, que será o co-produtor. O estúdio o planeja para o fim de semana do feriado do Dia do Soldado morto em combate, um ano depois do próximo.

O nome de Cruise era tudo o que seria preciso para dar relevância ao acordo.

Randy, Bennett, Ethan e Ophelia se entreolharam, esperando para ver como Louis reagiria.

Ophelia pegou sua bolsa com a marca impressa Prada Venice e a echarpe Hermes da cadeira e manquitolou atrás dos rapazes, que já se apressavam a entrar na casa sem dizer boa-noite. Por que deveriam? Louis não os ouviria, muito menos responderia. Louis sentiu minha presença atrás de si, mas não se virou. Em vez disso, exclamou, simplesmente: — Isso é culpa sua, você sabe.

# TERCEIRA PARTE

## Resolução

*A quantidade de detalhes visíveis em uma imagem (normalmente telescópica). A baixa resolução exhibe apenas características grandes, enquanto a alta resolução mostra diversos detalhes pequenos.*

## Magnitude Absoluta

*O verdadeiro indicador da quantidade de luz emitida por uma estrela (se todas as estrelas fossem coloradas na mesma distância, suas magnitudes aparentes dependeriam apenas de sua luminosidade).*

No mundo das celebridades, eu tinha chegado lá. A prova estava preto no branco, lida por todo o globo.

A Vogue me colocou em sua capa. Para indicar que eu representava a musa para os homens em minha vida, fui fotografada por Steven Meisel em uma criação diáfana, esvoaçante e etérea de Christian Dior, com apliques de cabelo a cair em cascatas por minhas costas em cachos, tornando-me uma "deusa über-Botichel i". Quando Freddy ouviu falar disso, riu e exclamou: — Deusa? Você está mais para uma consciência... ou, melhor ainda, uma dor no pescoço!

Por outro lado, a reação de Louis foi fazer beicinho. Pela maneira como discorreu sobre a política da Vogue de usar apenas mulheres na capa, eu era capaz de dizer que ele estava mais aborrecido por não poder estar lá do que pelo fato de eu estar. Acho.

De acordo com The National Enquirer, eu exigia que Louis vestisse as roupas velhas de Leo para que eu pudesse me sentar em seu colo e chamá-lo

de "papai". (Para registro: Não. Quero dizer, já chega! Nem a Leo eu chamava de "papai"). Ah, e o Enquirer também declarava que Louis concordava com isso porque julgava que, ao agir assim, isso o ajudaria a bater as conquistas do Oscar por Leo. (Para registro, duas estatuetas). InStyle falava com arroubo de nosso "covil do amor", o qual, segundo a revista, "era decorado como o harém de um sultão marroquino, para acomodar tanto a obsessão dela por tecidos sensuais de ricas tonalidades — veludos, adamascados e sedas — quanto à predileção dele por brinquedos prazerosos..." (Correção: o arquiteto que Monique contratara para decorar o quarto antes da foto tinha gosto muito melhor do que o meu para que eu pudesse reclamar; e, infelizmente, não havíamos tido tempo para esconder a caixa do tesouro de brinquedos sexuais antes que a editora e o fotógrafo entrassem na casa). The Globe afirmava que Louis e eu fazíamos sexo como animais. (Foi exigida uma retratação. O

que obtivemos, em vez disso, foi uma reprodução daquela foto de Louis tocando meu seio nu — mas, desta vez, o instantâneo estava ampliado para mostrar um casal de corujas a observar do galho de uma árvore. A manchete da retratação: "O excêntrico reino selvagem de Louis e Hannah"). Life & Style Weekly nos concedeu o número dois em sua lista de "Os Casais Mais Bonitos". Para aquela foto, o fotógrafo sugeriu que encenássemos novamente o instantâneo do "seio nu dos bosques". Louis estava disposto a refazer a cena, mas só depois que ameacei ir embora o fotógrafo concordou em abandonar a ideia. Bem, fomos fotografados nos bosques. Mas eu não estava nua. E que fique claro: nenhuma criatura silvestre foi maltratada durante a sessão e muito menos havia animais ali, perto de quaisquer partes vulneráveis do corpo.

E a Page Six insinuava que eu estava grávida do filho de Louis.

Isso também estava errado.

Mais ou menos.

Veja, o que aconteceu foi o seguinte: minha menstruação estava seis malditos dias atrasada. E, portanto, por seis longas noites insones, enquanto Louis ressonava a meu lado, tranquilo como um bebê, eu me mantive acordada, lavada em suor e a perguntar a mim mesma por que estava tão apavorada com a ideia de estar grávida de um filho de Louis.

Eu achava que faríamos filhos bonitos? Sim, sim, claro que eu achava!

Eu seria uma boa mãe? Sem dúvida! Minha esperta e adorável cria sempre saberia o que era amor, incentivo, segurança... e felicidade.

Louis daria um bom pai? Sim... porque certamente não haveria de querer cometer os mesmos erros de seu pai.

Louis ficaria feliz em saber que eu estava grávida?

Essa era a pergunta que fazia o suor porejar em minha testa e um calafrio subir por minha espinha.

E, em seguida, eu vomitava.

Mau sinal.

Naquela sexta noite, não consegui aguentar mais. Certo, poderia esperar amanhecer e então ir ao ginecologista — e ler sobre minha consulta na Star da semana seguinte. Em vez disso, às duas da madrugada, saí da cama de mansinho para não acordar Louis, enfiei um boné de beisebol na cabeça e rumei para a Savon Pharmacy, em Wilshire, para comprar um teste de gravidez caseiro.

Fui inocente a ponto de presumir que ninguém estaria na loja. Ou que, se alguém estivesse, ele ou ela não iriam me reconhecer.

Bem, alguém estava, e esse alguém reconheceu. E a Page Sís deu a exclusiva no dia seguinte.

Para meu imenso alívio, contudo, o teste de gravidez me mostrou que eu tinha direito a uma retratação.

Em questão de uns poucos dias, minha menstruação finalmente desceu.

— Você está de molho? Outra vez? Não estava na semana passada? — perguntou o sempre ausente Louis. — Acho que está simplesmente inventando desculpas para evitar fazer amor.

— Louis, fazemos amor todas as noites! Chova ou faça sol. Não importa o meu humor ou mesmo se estou, sabe, menstruada. — Ou com cólicas. Ou inchada. Ou me sentindo usada.

Não consegui virar minha cabeça depressa o bastante. Ele viu minha expressão de desgosto e combinou-a com a sua.

— Reclamando, amor? — Seus olhos se estreitaram. — Bem, se está tão desgastada assim, então talvez finalmente encontre uma assistente que atenda às suas exigências. Porque, se não percebeu ainda, a Prioridade Número Um aqui é me fazer feliz. — Afundou-se na cama e apertou o controle remoto da TV de tela plana. — Ou, melhor ainda, quem sabe você não esteja precisando baixar seus padrões, ser menos exigente, porque Deus sabe que minha libido tem de ir para algum lugar. E nós dois sabemos que você não aceitaria a alternativa.

— A alternativa? — Senti meu coração saltar para a garganta. — O que está querendo dizer com isso? Está pedindo minha permissão para ir para a cama com outras mulheres? Ele ficou em silêncio. Então, exclamou: — Claro que não. Não seja tão melodramática. Ambos sabíamos que a única razão de

ele não pedir nada tinha a ver com o fato de sentir ou não necessidade de minha permissão, em primeiro lugar.

Desnecessário dizer, nenhum de nós desfrutou do ato de amor naquela noite.

Não tínhamos um sexo bom desde o Incidente. A verdade é que Louis se mostrava distante — tanto emocional como fisicamente — desde a noite em que descobrira sobre o projeto de Mind Bender.

Nem mesmo o anúncio formal da Associação da Imprensa Estrangeira de Hollywood de que ele era indicado pela primeira vez ao Globo de Ouro como melhor ator em drama por sua performance em Dead End mudou seu ânimo — principalmente porque, poucos instantes depois, foi também anunciada a indicação de Mick pelo roteiro do filme.

Não posso dizer com honestidade que tenhamos feito amor na noite das indicações.

Não, a menos que se possa chamar de "fazer amor" uma maratona de cópula crua, desprovida de qualquer ternura, afinal.

Sei que, naquela noite, eu não poderia.

Para capitalizar ao máximo a indicação de Louis, comparecemos a toda festa obrigatória para quem quer ser visto e a todo evento de tapete vermelho no circuito das celebridades de Hollywood.

Sim, fomos à festa de Gala da Costa Oeste da Tisch School of the Arts e à do lançamento do álbum Heavenly Bodies, de Madonna.

E não houve meio de perdermos a festa anual do pior babaca do boliche do Puffy ou o especial de Natal da MTV.

E, na mesma noite, irrompemos tanto na Festa do Pijama das Celebidades da Vanity Fair como na première do projeto de entressafra de Bennet Biolding, Cara, Cadê Meu Carma?.

Teria essa terceira incursão de Bennet ao cinema alguma chance de agradar às platéias? Pelo número de pessoas que deram o fora antes de os créditos passarem, era duvidoso. Os boatos davam conta de que a ABC cancelaria o show de Bennett em janeiro, e tenho certeza de que isso o compeliu a ficar bêbado de cair na festa seguinte, no Forbidden City.

Louis, irritado pelo fato de sua amizade com Bennett o forçara estar ali e duplamente furioso por Ethan e T não se julgarem igualmente obrigados por dever, não estava no melhor dos ânimos quando um fotógrafo teve a audácia de me pedir que virasse na direção dele para me clicar em minha túnica Elie Saab, um dos muitos brindes que tinham me oferecido durante aquela maratona de ver-e-ser-visto da qual participávamos.

Rilhando os dentes, Louis murmurou para mim: — Não se dê ao trabalho. Ele apenas está sendo educado. — E seguiu em frente.

Ah, então é assim?

A recusa de Louis — ou foi ciúme? — me deixou zangada.

E pronta a provar que ele estava errado.

Devo admitir que não sou nenhuma supermodelo. Contudo, estivera rodeada o bastante de expoentes estrelados para saber como impressionar alguém.

Para assegurar que o fotógrafo tivesse mais do que pedira, mostrei-me provocante. Cativante.

Mais quente do que Nova Orleans em julho.

E assim ficou Louis quando chegou à porta da frente do restaurante e notou que eu não estava em meu lugar costumeiro: a seu lado.

Virou-se, avançou sobre o fotógrafo, apoderou-se de sua câmera e jogou-a contra a parede.

Em seguida, agarrou meu braço e empurrou-me para frente.

O fotógrafo gritou, às nossas costas: — Ei, Hannah, admita! Louis é uma decepção depois que se cresce perto de alguém com talento de verdade como Leo, não é?

Louis deu meia-volta, pronto para surrar o homem até este se tornar uma massa ensanguentada. Agarrei-o pelo pulso e puxei-o para dentro do restaurante. Graças a Deus, a música tecno pulsava tão alto que os berros de Louis só podiam ser ouvidos por mim.

— Porra, me solte, Hannah! Não estou de brincadeira!

— Não... não se rebaixe, Louis! Ele não sabe do que está falando!

Louis respirou fundo para se acalmar. Concordou com a cabeça para indicar que não voltaria para fora, mas seus olhos soltavam faíscas.

— Ele está falando merda, você sabe.

— Sei, Louis. Eu sei.

— Ótimo. — Olhando para as placas espelhadas da parede, endireitou a camisa e o paletó. — Porque eu me sentiria no inferno se minha própria namorada não acreditasse em meu talento.

Mas é claro que você crê. — Ao captar meu olhar pelo reflexo do espelho, emendou: — Você acredita mesmo que sou mais talentoso do que Leo era, certo? Você até admitiu isso para Barnaby, está lembrada?

Ele esperou por minha resposta. E eu hesitei.

Por tempo demais.

Durante esse impasse, seus olhos não se afastaram dos meus. Ao mesmo tempo, conforme os segundos passavam, sua própria expressão registrava cada emoção na ordem em que ele a sentiu: confiança; surpresa; desapontamento; mágoa e, finalmente, desconfiança.

— Não, Louis, Barnaby nunca disse que Leo não tinha talento. Ele disse que Leo desperdiçava o talento que tinha, e eu concordei... Ou Louis não ouviu minha resposta acima do barulho estridente do restaurante, ou não se importou em ouvir o que eu tinha a dizer. Qualquer que fosse o caso, ele seguiu seu caminho para a sala VIP sem mim.

\*\*\*

Naquela noite, pela primeira vez desde que tínhamos nos entregado um ao outro no Marial Lodge, peguei Louis flertando.

Quando o confrontei, ele riu e me chamou de paranóica. Chamei-o de mentiroso e lhe disse que jamais toleraria tal atitude da parte dele.

E ele chamou a isso de um blefe meu.

— Está imaginando coisas, amor! Ah, tudo bem, posso ter dado um tapinha carinhoso na bunda daquela garçonete, mas não troquei números de telefone com a garota. Se não acredita em mim, pergunte você mesmo a ela... Se fizer isso, contudo, estará me constrangendo, portanto não se dê ao

trabalho de voltar aqui. Ou as coisas estarão terminadas entre nós... Seja boazinha, para não acabar fazendo papel de boba.

Estaria eu fazendo papel de boba? Teria brincado comigo mesma ao pensar que Louis poderia me amar e somente a mim?

De acordo com Leo — que fez uma breve aparição em meus sonhos, mais tarde, naquela noite —, eu estava iludida.

— Puxa, Hannah, não lhe ensinei nada de útil? Esse é o tipo de cara que sempre será tentado por outras mulheres. Em meu sonho, Leo e eu estávamos sentados ao lado da piscina, na Toca do Leão. Ele estava enrolado em um dos muitos roupões felpudos que viviam pendurados na cabana. O roupão era de um tom azul pálido. Por alguma razão, Leo praticava sua tacada de golfe com meu telescópio. Aquilo me incomodou mais do que sua acusação.

— Mas eu estava lá quando ele mais precisou de mim! Temos esse vínculo! Isso não conta? — Coloquei a mão na testa de modo a fazer sombra em meus olhos e, assim, protegê-los do brilho que emanava de Leo.

— Talvez conte uma vez. Uma mulher como você sempre faz aflorar o melhor em caras como nos, por um mês ou dois. E, se tivermos sorte, quem sabe até por alguns anos. Mas esse é um "talvez" muito grande... Olhe, querida, detesto ter de revelar isso a você assim, mas infelizmente, para homens como Louis e eu, seja lá o que aconteça, isso traz à tona o pior de nós pelo resto de nossas vidas.

O que ele dizia soava muito familiar. Onde fora que eu ouvira isso antes?

— Acho que está enganado, Leo.

Olhando além da piscina, ele avistou um ponto em algum lugar no infinito indistinto e então ajustou com cuidado o telescópio.

— Hannah, querida, sei que seria mais fácil simplesmente confirmar qualquer coisa em que você quisesse acreditar. Quero dizer, a maioria das mulheres age assim, só Deus sabe por quê.

Agarram-se à presunção de que o cara mudará ou de que podem reformá-lo. Depois ficam perturbadas quando ele não muda. E isso as deixa inconsoláveis, o que as faz parecer patéticas para nós. Lembro-me de uma vez em que sua mãe me pegou na cama com uma garçonete da Chasen's. Ela ficou tão transtornada que me fez ser exorcizado por um xamã inca. Haja desespero!

— Mas ele disse que me amava! E agora você está me falando que está tudo acabado entre nós? Devo ir embora, simplesmente?

— Antes que eu responda, deixe-me perguntar uma coisa: por que você se meteu nesse relacionamento, em primeiro lugar? É porque realmente o ama e quer salvá-lo de si mesmo?

Ou porque está tentando conseguir aquilo de que não foi capaz... me salvar?

Sentime em frangalhos.

— Certo, admito: sempre lamentarei o fato de não ter podido fazer mais por você. Quanto a amar Louis, claro que eu o amo. E, sim, sinto que posso salvá-lo. Seria uma tola se não tentasse.

— Querida, se for esse o caso, então preciso lhe dizer que você está iludida, porque você não pode. De jeito nenhum, de forma alguma. Só Louis pode se salvar.

Dito isso, Leo apressou-se em acertar sua próxima tacada.

Era assim? Aquele era seu sábio conselho? Ali estava eu, desesperada por sua ajuda, por suas dicas de quem está "por dentro" em como fazer Louis me amar para sempre — e tudo o que ele podia fazer era me dizer que eu estava perdendo meu tempo?

Mas, então, por que ele dera as caras em meu sonho afinal?

E, por falar nisso, por que estava arruinando meu telescópio?

— Leo... hã... Gostaria que não fizesse isso! Isso não é um brinquedo. Custa mais de quatro mil dólares!

Ele parou em meio ao giro de corpo.

— O que isso importa agora? Você desistiu de usá-lo... Ele acertara em cheio, ali.

Tenho certeza de que foi por isso que acordei chorando.

## fora de Órbita

*Órbita: a trajetória de um corpo em torno de outro devido à influência da gravidade.*

— Ficou muuuito maneiro, não acha?

Se alguém sabia o que significava maneiro, certamente era a criatura de dezessete anos atrás do balcão daquela boutique do tamanho de um buraco na parede, em Melrose, com tatuagens de borboleta, piercings de prata de lei e corpo magérrimo envolto em chiffon transparente sobre o brim quase inexistente.

O objeto de sua admiração era o traje que eu estava experimentando: um vestido reto até o chão, cor de água-marinha, preso ao alto por uma corrente de minúsculas turquesas polidas que corriam de um ombro e se entrecruzavam no decote das costas.

Era lindo, definitivamente. E eu tinha como saber disso, já que passara as últimas semanas em desfiles de moda e consultas particulares aos estilistas para encontrar o traje certo para o Globo de Ouro.

Seria esse "o" vestido? Porque eu teria de estar perfeita.

Por Louis. Por nós.

Jamais haveria de querer que ele lamentasse ter perdido a perfeita Tatiana.

Por mim.

— De quem é? — perguntei, ao virar para trás e tentar ler a etiqueta. — Aqui diz... Eixo do Mal?... Está certo?

— Sei não... Mas deve ser isso mesmo. A maioria de nossos estilistas é "meio que" anarquista, gente que trabalha fora do típico sistema capitalista. Preferem criar uma peça única e perfeita, sem precisar explorar mão-de-obra escrava do terceiro mundo. É por isso que tudo daqui some tão depressa. Bobeou, perdeu.

Tendo feito seu discurso político verdadeiramente sincero e usado um argumento convincente de vendas, minha vendedorzinha socialista voltou à leitura do último livro de David Sedaris.

Hesitei apenas por um segundo antes de olhar de novo para o espelho.

Ela tinha razão. O vestido era maravilhoso.

Na verdade, nele, eu estava maneira.

Além do mais, sempre poderia apostar minhas fichas em outro vestido. Ou em dois. Ou em três.

Finalmente começara a usufruir dos benefícios paralelos de namorar um astro de Hollywood.

— Vou levá-lo — disse, quando meu celular tocou. Com cuidado, para não rasgar a fina trama que segurava o corpete em cima, revirei minha bolsa até silenciar o culpado que impedia a vendedora de desfrutar da comicidade ácida de Dave.

Era Freddy, ligando para me lembrar que a Gangue se reuniria naquela noite no Sunset Room para celebrar o primeiro dia (no caso, noite) de Christy como atriz em um set de filmagem autêntico — se é que algum empreendimento que envolvesse Donnie Beaudry poderia ser chamado de autêntico. O Sunset Room era um restaurante caro, cujas mesas viviam sempre ocupadas por investidores e celebridades. Christy o escolhera sob a alegação de que partilhar de um coquetel de vodca e de uma salada Ceasar no local da moda poderia lhe trazer boa sorte.

Infelizmente, por alguma razão eu me esquecera do encontro. Resmunguei tão alto que a garota tirou os olhos de seu livro.

— Droga... Freddy... Eu não posso ir até lá hoje! Estou... putz... Tenho um compromisso que simplesmente não posso cancelar.

— Diga lá. — Freddy parecia não estar perturbado, mas eu sabia que era o contrário.

Estava aborrecido pelo fato de que eu os estivesse dispensando.

Outra vez.

— Sei que pode não parecer tão importante, mas tenho um último desfile particular para ir, da Dolce & Gabanna. Quero dizer, ainda não tomei a decisão final sobre o que usarei no Globo de Ouro! Sinto muito, mas ficará muito ruim se eu não aparecer por lá, depois que Monique arranhou tudo, entende? Por favor, diga a Christy que me desculpe e que tentarei compensá-la de alguma forma. Prometo.

A Garota da Loja deu uma risadinha sarcástica e meneou a cabeça. Qualquer que fosse o mérito que eu tivesse conquistado por reconhecer um gênio da tesoura naquele pardieiro em Melrose, ele se fora por conta de minha

menção à turma da haute couture reverenciada pelas mulheres chamadas de "enfeite de braço de homem rico".

— Tenho certeza de que a compensará — disse Freddy, com uma risadinha cáustica. — Sua amizade está se tornando sem preço.

Claro, o comentário maldoso de Freddy magoou. Mas em sua defesa havia o fato de que, desde que Louis e eu tínhamos nos tornado um item de consumo, eu furara alguns encontros com a Gangue. E, nas vezes em que comparecera, ou chegara muito tarde para me divertir de verdade, ou tivera de sair cedo para algum outro evento.

É verdade que eu tentara compensar Sandy, Freddy e Christy ao levar para eles algum badulaque do tipo "me perdoe". Da última vez que eu fizera isso, Sandy parecera de certa forma aborrecida comigo.

— Você não tem de sentir como se tivesse de comprar nossas desculpas com um prêmio de consolação, Hannah — disse. — Somos seus amigos por respeito e amor, não por obrigação.

Agora, era Freddy que questionava se eu me sentia do mesmo jeito.

Desejei desesperadamente que ele soubesse que eu me sentia.

— Sabe, Freddy, isso dói. Não posso sentir culpa, mais já sinto, sobre essa coisa de hoje à noite! O.k.? Quero dizer de verdade! Acha que gosto de toda essa bobagem?

— Já que está perguntando minha opinião, sim, Hannah eu acho que sim. Portanto, por que não admite isso para si mesma?

Não respondi de imediato, porque ele tinha razão em um ponto. Eu estava gostando da atenção, além de como isso me ligava irrevogavelmente a

Louis. E desfrutava da situação porque, finalmente, pela primeira vez em minha vida as pessoas prestavam atenção em mim.

— Diga-me a verdade — perguntei, baixinho. — Sou uma pessoa difícil de... bem, de gostar?

Silêncio.

Então, por fim, ele respondeu: —Não, querida, não é. Qualquer um de nós ficaria gagá com toda essa adoração. Mas, se deixar que a consuma, você acabará se transformando em uma delas.

— O que quer dizer? Em uma celebridade?

Ele riu do modo como apenas Freddy seria capaz: de um jeito cáustico, simpático e emotivo, tudo ao mesmo tempo. — Só porque você quer! Não, minha doce Hannah, celebridades têm talento para alguma coisa, mesmo que seja apenas ficar sob os holofotes. Você seria algo pior.

— Quer dizer... uma profissional do boquete do Sunset?

— Lá vem você. A propósito, como vai seu suprimento de pastilhas para o hálito?

Sem dizer mais uma palavra, desliguei o telefone.

Fiquei magoada quando li, na coluna de Ted Casablanca, na E! Online, que eu era considerada "o deleitável e cafona dragão de Trollope. Os executivos dos estúdios se encolhem quando seus assistentes os informam de que ela está na linha. Suas exigências, feitas ostensivamente em prol das excentricidades de Louis, são bizarras demais até mesmo para eles, que já viram e ouviram de tudo na vida. A solicitação mais recente, reflexo da ansiedade pela indicação ao Globo de Ouro, foi a de usar o avião particular do

Vatican Studios em uma viagem de fim de semana ao outro lado do Atlântico, para assistir ao desfile de Stel a McCartney e pegar um vestido para o Globo..."

Mentira! Aquilo era mentira! E eu que julgava ter um relacionamento bom e amigável com Ted! Se ele houvesse me ligado diretamente, eu teria lhe contado que já tinha meu vestido e que haviam prometido a Louis um jato para ele comparecer à estréia da nova versão de Rebecca, em Londres. Louis não dava muita atenção à maneira como eu era lançada às brasas.

— Amor, você não pode viver eternamente com medo de eriçar algumas penas só porque isso poderia lhe custar umas poucas linhas de dizeres negativos.

— É fácil para você falar! Afinal, é a mim que consideram um cão do inferno, não você.

— Pensei que gostasse de administrar as interferências para mim. Ora, pode fazer isso de ambas as maneiras: cuidando de minha vida e sendo apreciada por fazer isso por aqueles que vivem para tirar vantagem de mim. E, sendo minha namorada de conhecimento muito público, eles podem mirar as críticas sobre você abertamente.

Como uma concessão, roçou os lábios frios em minha testa.

— Olhe, querida, sei que teve um dia péssimo. Detesto aqueles caras da Vatican, também.

Você sabe disso! É por isso, querida, que eu realmente a aprecio por se manter firme em minha solicitação para o jato. Droga, com toda a bilheteria que proporcionei a eles, o mínimo que eu poderia esperar era que tivessem pelo menos a decência de me mandar um par de ingressos para o jogo do Manchester enquanto eu estiver lá, você não acha? — Conforme caminhava

para a porta, emendou, despreocupado: — Ah, a propósito, não se sinta obrigada a ir junto. Época ruim a dessa estreia... poucos dias antes do Globo. Você pode muito bem ficar aqui e terminar de escolher sua roupa... Por que não chama Ophelia? Ela conhece os ins e os outs dessa coisa toda. Não se preocupe, o estúdio mandará alguém para servir de babá para mim. E Genevieve a manterá informada sobre minha agenda.

Não ir com Louis significava que ficaríamos separados pela primeira vez desde o Oregon.

Quanto à "agenda"... aquilo era um sinal de que ele voltaria a ter "massagens" em seu quarto de hotel?

Na semana anterior à partida para Londres, fiquei deitada, insone, ao lado dele.

Dormir significava receber visitas de Leo, visitas nas quais me era dito aquilo que eu não queria ouvir: Que eu estava perdendo Louis.

Por outro lado, ficar acordada significava me deixar corroer de aflição de como, por que e quando isso aconteceria de fato.

O que eu fizera de errado? Por que Louis estava se cansando de mim? Eu poderia impedir isso?

Ou era inevitável?

Remoer essas questões era a razão de eu não conseguir dormir. E o motivo pelo qual círculos escuros se formavam sob meus olhos. E por que eu estava perdendo peso.

Ótimo para experimentar vestidos, ruim para minha auto-estima.

Até o dia de Louis partir, ficamos em uma espécie de limbo: de dia, eu travava minhas batalhas com todas as várias forças dentro da cidade que o puxavam. À noite, depois de comparecermos a mais um evento cheio de astros e estrelas, eu batalhava contra minhas suspeitas de que ele fosse me abandonar, assim como contra meu desejo de cair no sono.

Na manhã antes da viagem de Louis, ele acordou e deparou comigo a fitá-lo.

— Que ar tenebroso, amor! Me dá até medo! Teve um pesadelo ou algo assim?

— Ou algo assim — repeti, com voz sombria. — Dei de sonhar com Leo agora. O tempo todo.

— Droga! — Ele riu. — Então, agora estou partilhando minha cama com ele também?

— O que pretende insinuar com isso?

— Nada. Nada mesmo. — Louis parara de sorrir, correu a mão pelos cabelos, bocejou e se espreguiçou. O lençol caiu de um lado, revelando sua onipresente ereção. Esboçou um ar de riso quando eu ergui os olhos. — Iiem, já que estamos acordados... — Você tem de estar na Lion's Gate em uma hora. O projeto de Brownstein.

— Droga. Como você deixou que eu entrasse nisso? — Você insistiu, está lembrada?

Já que havia — como Ethan colocara com tanta eloquência — um buraco na agenda de Louis depois da exclusão de Mind Bender, Louis escolhera preenchê-lo com algo diferente.

Independente. Marginal. E com um orçamento baixo o suficiente (exceto por seu salário, é claro) para obter rapidamente o sinal verde.

Além disso, tal projeto com certeza superava descansar em uma ilha deserta comigo.

— Salva pelo gongo, hein? — Ele levantou-se da cama. — Você está começando a se parecer com um quati. Muito inconveniente. Acho que deveria ver o dr. Manny.

— Há-há. Creio que não.

— Porquê? Está apreciando tanto assim as visitas de Leo?

— Eu não disse isso.

— Pelo menos por uma vez, Hannah, acho que você deveria me deixar tomar conta de você.

Nunca me permitiu agir assim, com esse impulso primitivo de macho.

Louis queria tomar conta de mim? Fazia semanas desde que eu pensara se isso seria possível.

— Vá ao dr. Manny. Faça isso por mim. Por nós.

Por nós.

— Tudo bem, Louis. Irei, se o fizer se sentir melhor.

— Confie em mim. Ele a fará se sentir uma nova mulher. E, neste exato momento, eu não me importaria com uma nova.

Aposto que não se importaria mesmo.

Durante os três dias em que Louis ficou em Londres, fiz uma visita ao dr. Manolo Lipschitz, como prometido.

Enquanto eu lhe fornecia um relato bastante detalhado sobre mim, ele me ouvia atentamente, as mãos a cobrirem os olhos e a cadeira inclinada na direção da janela, às minhas costas.

Bem, pensei que ele estivesse me ouvindo. Até que o ouvi ressonando.

Quase consegui me esgueirar e ir embora quando ele acordou de repente.

— A sessão não terminou ainda — disse, sem firmeza. — Eu cochilei?

— Eu diria que sim.

— Não há razão para ser sarcástica. Tive, hã... uma sessão tarde da noite com Hef e algumas das garotas, na Mansão Playboy. — Tentou com dificuldade não sorrir diante da lembrança. — Algumas das damas estavam com problemas de ciúmes.

— Puxa, não sei por quê.

Ele me lançou um olhar desconfiado.

— Sabe, Hannah, pelo que disse, você pode partilhar alguns desses sintomas.

— Desde que seja tudo o que estivermos partilhando.

— Então, o que está dizendo é que acha difícil partilhar Louis?

— Eu já partilho Louis. Com o mundo. Ele é um astro, lembra? — Quero dizer intimamente, com outra mulher.

O quê? Ela estava brincando?

— Dr. Manny, acho que concordaria comigo que a maioria das mulheres teria um problema com isso.

— Mas você não faz parte da maioria das mulheres, faz? Você é filha de seu pai, portanto compreende melhor do que a maioria das mulheres. E Louis certamente não é como a maioria dos homens.

— É verdade, tem razão em ambas as colocações. Mas, mesmo assim, não vejo por que isso significaria carta branca para... — Hannah, admita: você e Louis precisam levar o sexo a um novo nível. Não é mais revigorante, espontâneo. Estou certo?

— Bem, sim e não. Quero dizer, certamente é frequente.

— Não estou falando de quantidade. Estou falando de qualidade.

Ah, sim. Quando todas as respostas não funcionam, sempre existe esse clichê.

— Então, o quê, exatamente, está propondo, dr. Manny?

— Nada tão drástico como você está pensando. Eu poderia sugerir uma substituição sexual... Posso apostar que poderia. Que coelhinha estaria disposta a investir nesse negócio?

— ... mas não sinto que uma substituição seja necessária... pelo menos por enquanto. Claro, só há um jeito de saber com certeza. — Ele se inclinou para a frente. Um pouco de cuspe se formou no canto de seus lábios muito grossos. — Por ora, sugeriria que você filmasse sua transa. Nada tão "cinema verdade", do tipo "câmera na mão". Um simples tripé resolveria.

Está de brincadeira comigo!

— Deixe-me entender, doutor. Em que esses tapes poderiam ajudar? O que pretende fazer com eles?

— Bem, claro, eu os examinaria. Dessa maneira, poderia acessar melhor as questões que estão bloqueando a felicidade de vocês dois.

Ah, é? E quem mais os "examinaria"? Os rapazes da gruta, durante a noite de cinema na Mansão Playboy? Creio que não. — Nem Louis nem eu concordaríamos com algo assim.

Diante dessa declaração, o dr. Manny abriu um sorriso largo e conhededor.

— Louis é muito aberto a essa abordagem. Muito aberto, realmente.

— Já perguntou isso a ele, mesmo antes desta sessão?

— Bem... Sim. Ora, discutimos isso antes de sua partida. Você sabe, Louis e eu temos uma longa história como paciente e médico. Discutimos tudo. — Um pouco de saliva acompanhou o significado subjacente de seu comentário. — Mas você já sabia disso, não é?

Não, até então.

Eu disse ao dr. Manny que pensaria no assunto.

Em vez disso, imaginei todos os outros pobres, tolos e idiotas que tinham caído em sua lábia.

E todos os filmes pornô de celebridades que ele deveria estar distribuindo por uma grana preta.

Rezei para que nenhum estrelado por Louis aparecesse.

Quanto a mim, bem, eu já tivera minha cena de sexo documentada, e uma era suficiente.

Louis chegou em casa, de Londres, um dia antes do Globo de Ouro. Era uma rapaz feliz.

Presumi que ver seus amigos e a família fora um tônico para ele.

Esperei que isso fosse tudo o que o fizesse sorrir.

Ele não me perguntou como fora com o dr. Manny. Minha impressão era de que já tivera um relatório completo, direto da boca do charlatão.

Minha visita ao dr. Manny me ensinara algo, contudo: fingir estar adormecida, mesmo que não conseguisse sequer cochilar.

Essa missão foi obstruída na própria noite do retomo de Leo, com um simples telefonema, às duas da manhã, de Christy.

— Eu fugi do set! Eu... eu estava... — soluçando descontroladamente, Christy não conseguiu terminar a frase. — Acalme-se e me conte tudo o que aconteceu! Eu estava sussurrando para não acordar Louis. A última coisa de que eu precisava era que ele ficasse mal-humorado e aborrecido antes dos preparativos para o evento do dia seguinte.

— Tudo estava bem... no começo: seguíamos umas poucas páginas do script de cada vez, porque, aparentemente estavam sempre mudando a linha narrativa, ou algo assim, acho. Pelo menos foi o que me disseram.

— Christy, vamos ao ponto.

— Estou indo! Na noite anterior eles não me deram nenhum pedaço do script para ler.

Disseram que ainda não estava redigido. — Ela engoliu os soluços. — Tudo bem, pensei, sem problemas. Vou improvisar quando chegar ao set. Então, quando cheguei lá, Donnie me apareceu com aqueles dois atores que estavam estrelando comigo. Disse como eu era bonita e como os dois estavam empolgados com... com meu talento... e falou que ainda precisava cobrir uma parte do financiamento... — Você quer me dizer que ele não tinha todo o financiamento ainda? Ele é o quê, um idiota?

— Não. Quero dizer, bem, talvez. Não sei! Mas esse não é o ponto! O que estou querendo dizer é que... eles queriam que eu ficasse nua.

— E você disse não?

— Não exatamente. Disse o.k.; tudo bem com a nudez. Mas aí ele veio com aquilo.

Senti cair a ficha.

— E?

— Donnie disse: "Você tem de fazer sexo, também. Com os rapazes".

— Com os dois?

— Eu sei! Eu sei! Eu fiquei em pânico também quando ele disse isso! E imaginei: "O que meus pais vão pensar?"... — Sim, hã, eu sei. Então, o que você disse?

— Disse não. A princípio.

A princípio.

— Mas então ele começou a forçar a barra. Disse que isso o arruinaria se eu não colaborasse.

Falou que perderia tudo. Ele me implorou, Hannah. Disse que sempre senti que poderia contar comigo! O que eu poderia ter feito?

Eu não disse nada. Tudo soava muito familiar.

— Então eu disse que tudo bem. Mas só... só com um cara.

— Oh... — Mas não foi "só um cara". Donnie... ele estava parado no sei, me orientando, sabe? E lá estava eu com o primeiro sujeito. Estávamos, meio que... de pé, fazendo a coisa. E então, senti algo... alguém... atrás de mim. E é o segundo cara! Aí me toquei: "O que é isto?". E ele era um animal! Eu nunca fizera aquilo daquele jeito, com dois caras... e você sabe... anal — balbuciou a última palavra. — Então comecei a gritar e vi Donnie todo satisfeito, fazendo sinal de positivo com o dedão! Como se fosse tudo uma atuação! Só que era de verdade! O cara, aquele nojento, me violentou! E... e Donnie não fez merda nenhuma! — Descontrolou-se novamente.

Desta vez, precisou de completos cinco minutos para voltar a falar. — Estou sangrando! E dói tudo. Nunca passei por uma humilhação como essa! Por favor, Hannah, por favor! Pode vir me pegar? Juntei minhas roupas e corri para um restaurante vinte e quatro horas. Na esquina da Roscoe com Canoga. Por favor, diga que sim!

Pegá-la significava dirigir quase uma hora e meia, no percurso de ida e volta a Chatsworth, naquela noite, entre todas as noites.

— Tudo bem. Estarei logo aí. — Levantei-me, vesti um jeans e carreguei os tênis comigo enquanto seguia para a porta. Tinha quase chegado lá quando Louis acendeu a luz. — Aonde vai uma hora dessas?

Parecia cheio de suspeitas. Ótimo, era só o que eu precisava, na noite anterior ao Globo de Ouro. Ele já estava nervoso demais como um gato

escaldado diante da possibilidade de vencer.

— Era Christy. É uma emergência. Ela se perdeu e precisa que eu a apanhe em Chatsworth.

— A assistente de Donnie, não é? Aquela peituda?

— É, a Christy. — Sentei-me na cama para calçar os tênis.

— Por que um outro daquele pessoal não pode apanhá-la?

— Louis, agora é muito tarde. Ela me telefonou. Tenho de ir.

Louis soltou uma risadinha.

— Chatsworth? Então o velho Donnie está de volta aos filmes pornô, hein? Quem poderia imaginar? — Parou, para depois emendar: — E essa sua amiga está estrelando o filme? O resto dela não deve ser nada mal, hein?

Obviamente, naquele último dia no set de Breakneck, Louis ficara tão empolgado com os seios de Christy que se esquecera de verificar o resto.

— Nunca reparei — retruquei. — Ela não é meu tipo.

— É uma pena. Por outro lado, um trio não está com essa bola toda, particularmente se as duas garotas ficarem tão excitadas a ponto de se esquecerem de mim.

Não pude evitar e o encarei. Ali estava minha chance de fazer uma pergunta que eu sempre quisera que ele respondesse.

— E quanto a dois caras e uma garota? É mais divertido? Sabe, ter um amigo ali, para compartilhar?

Ele parou de sorrir e se virou para o outro lado da cama.

— Coitada... Acho que deixará Donnie e Bethany depois desse fiasco... Ei, você ainda não contratou ninguém para ser sua assistente, certo? Por que não chama sua amiguinha?

Se ele estivesse me encarando, teria visto o sangue sumir de meu rosto. Como não estava, só consegui ouvir minha raiva, embora eu não gritasse. Na verdade, sussurrei: — Não creio que Christy vá querer outro trabalho como assistente tão cedo. Samantha não retornou à atividade tão depressa, voltou?

Deixei-o com aquilo.

Então, Leo estava com a razão, afinal.

## Retrogradação

*Rotação de um planeta, ou órbita, oposta àquela normalmente vista.*

Próxima ao Sol, a estrela mais brilhante em nosso céu é Vênus. Na verdade, se acontecer de você olhar para o céu à alvorada, notará que, a despeito do brilho crescente do Sol, apenas Vênus se mantém visível. Como dois amantes, eles se aconchegam intimamente, tão intimamente que é fácil visualizá-los como parceiros de uma existência a flutuar pelo cosmo juntos, pela eternidade.

Ao ter me afastado, efetivamente, do projeto de rastrear meu planeta, eu me consolara com a premissa de que Louis e eu éramos os equivalentes humanos de Sol e Vênus; de que nossa parceria duraria uma vida inteira.

Por essa união, eu desistira da busca, tarde da noite, ao planeta próximo a Mic.

E também desistira de Mick.

Lamentavelmente, não podia voltar atrás em uma coisa. A outra, contudo, estava ainda dentro de meu alcance. A aurora despontava quando Christy e eu finalmente saímos do pronto-socorro, onde ela realizara todos os testes do kit de estupro e de HIV. Eu a levei para meu cottage no Venice Canal, onde fiz

um pouco de chá, deitei-a em minha cama e sugeri que ficasse todo o tempo que fosse preciso até encontrar um emprego para substituir aquele antigo, com Donnie e Bethany, e conseguir um lugar só seu.

Ela ficou tão aliviada que explodiu em lágrimas.

— Fui tão idiota! Acho que pensei que ficar perto daqueles dois me daria minha grande chance. Agora sei que tudo o que fiz foi desperdiçar os últimos anos de minha vida.

— Todos nós fazemos coisas estúpidas. O que você deve fazer agora é seguir em frente e não cometer os mesmos erros outra vez.

Como se apaixonar por algum cara que é simplesmente igual ao Querido e Velho Papai.

Não, racionalizei, desesperada. Louis não era Leo. Éramos bons juntos. Amávamos um ao outro e confiávamos um no outro e... .. e eu era a única pessoa sem a qual ele não poderia viver.

Pelo menos, fora o que Louis dissera.

Parecia que fazia uma eternidade, agora.

Enfiei na cabeça que, assim que possível, encontraria a assistente de que Louis precisava para que eu pudesse estar onde deveria — a seu lado.

Isto é, contanto que ambos sentíssemos que aquele era o meu lugar.

E, definitivamente, eu faria todo o possível para assegurar que fosse esse o caso.

E, não menos importante, também acharia tempo em minha vida para todas as coisas que eram relevantes para mim. Caso contrário, estaria vivendo

minha vida através da de Louis, e a previsão de Freddy tornar-se-ia verdadeira: Eu não seria mais do que uma profissional do boquete do Sunset.

Não era preciso dizer mais nada. Precisava voltar a rastrear Mic.

Quando voltei à casa, notei que, apesar de ser começo de manhã, Louis já se encontrava de pé e em atividade, ainda no fuso horário de Greenwich. Sobre a mesa de café, em frente a ele, estava aquela matéria semanal do Entertainment Weekly — e um uísque on the rocks. Não era um bom sinal.

— Você acordou cedo — eu disse, animada. — O que é que há?

— Golfe — resmungou.

Agora eu me recordava. Louis e a Patota inaugurariam o que era para ser sua nova tradição: jogar golfe no dia de qualquer cerimônia de premiação na qual Louis estivesse concorrendo.

Para o mundo externo, isso implicava algo como não significa nada para mim quando na verdade significava, sim, embora ele não tivesse chance alguma de vencer. Poderia também ser interpretado como está no papo, quando a verdade era que a disputa estava muito equilibrada para ser declarada "uma barbada".

Considerando o quanto Louis estava tenso, eu tinha certeza de que agora, apenas onze horas antes da cerimônia, seus verdadeiros sentimentos inclinavam-se mais em direção ao último caso.

— Acho que você deveria sair, espairecer... tirar da cabeça a cerimônia desta noite. Leo gostava de fazer isso também.

— Não se preocupe — retrucou, em um tom cáustico. — Não vou jogar descalço, como o Querido Papai. A imprensa teria um dia ativo com isso.

— Jamais presumi que fosse. Louis, não sou o inimigo. Com certeza não o confundo com Leo de algum jeito, forma ou feitio... — Ah, é mesmo?

Apanhou o Entertainment Weekly e jogou-o para mim. Em uma faixa na capa, sobre uma foto de nós dois, lia-se a manchete "Sexo edipiano?". Ao lado, havia um instantâneo de Leo em ação no set. A chamada afirmava que o artigo faria um paralelo entre os papéis de Louis e de Leo no cinema, relembriaria o passado dos dois com mulheres e discutiria as chances de Louis vir a acumular tantos Globos e Oscars quantos Leo conquistara.

Ótimo, justamente o que Louis queria ouvir: que Leo, ele e eu éramos algum incestuoso ménage à trois de celebridades.

Mesmo assim, pelo olhar assassino em seu rosto, agora não era a hora de lembrá-lo da razão pela qual ele não deveria crer em seus — nossos — próprios recortes de jornal.

— Não é nada. A Variety diz que os avaliadores de chances de Vegas calculam que eu chegue a um "distante terceiro" lugar. Atrás de Sean... de novo, droga... e daquele sortudo do Prat Jude.

Outra vez. Droga, está acabado. Podemos muito bem ficar em casa hoje à noite.

— Louis, está brincando, certo?

— Não, não estou brincando. Por que brincaria? Qual a vantagem de ser humilhado em público dessa maneira? — Agarrou o copo e sorveu o resto do uísque. — É a mesma velha merda, ano após ano, como uma marmelada ou algo assim! Por que não deixam sangue novo entrar? Não paguei minhas taxas também?

Hum... não. Para ser honesta com Louis, eu teria de ponderar que ele era o cara novo na cidade.

Em uma cidade com um bocado de caras novos.

E, ao mesmo tempo, competindo com uma porção de ícones bastante preparados, bastante conhecidos, bastante reverenciados também.

Mas agora não era a hora de usar de honestidade com o homem que eu amava acima de todos os outros.

Em vez disso, eu diria aquilo que sabia que ele queria ouvir, acima de tudo, agora mais do que nunca. Portanto, sentei-me ao lado dele no sofá e, afagando-lhe a face com a palma da mão, apostei na performance de minha vida: — Mas isso é ótimo, não vê? Isso o torna o cavalo azarão! Puxa, poderíamos colocar alguma grana nessa aposta. Vamos fazer dinheiro!

A sombra de um sorriso surgiu no canto de sua boca — É — disse ele, em um resmungo —, isso seria uma zebra agora, não seria?

— Putz, é mesmo! — Agarrei o telefone. — Não estou brincando. Vamos botar para quebrar.

Daremos boas risadas no caminho para o banco.

— Ou não. — A incerteza toldou-lhe o olhar. — Que merda, Hannah, quem estou tentando enganar? Quem eu penso que sou, afinal? Todo mundo nesta cidade se importa com o tipo de bilheteria que eu consigo. E tudo o que meus chamados "fãs" querem saber é com quem estou transando, quanto estou bebendo ou quem estou socando... não o que posso fazer na tela.

Não sou um ator, sou um maldito show de circo!

— Louis — falei, muito séria —, diga-me que não acredita que Dead End não é seu melhor desempenho até hoje.

Ele ficou em silêncio. Ora, claro que acreditava. Prossegui: — Ou que você crê que qualquer um dos outros indicados chegue perto do público que você conseguiu. — Tomei suas mãos nas minhas. — Isso é o que importa. Quando tudo tiver sido dito e feito, ninguém se lembrará das colunas de fofoca ou das manchetes. As pessoas se lembrarão de como você as comoveu. Naquela tela.

Em seu olhar havia o faiscar do orgulho mais elementar. Era por ali. Louis estava de volta.

Disquei o número do auxílio à lista da operadora da companhia telefônica.

— Alô, telefonista? Sim, para Las Vegas, por favor... a central de apostas do Bal y... obrigada... — Voltei-me para Louis. — O que acha, cinco paus? Dez?

Ele abriu os dez dedos. Concordei.

Depois que a aposta estava feita, ele me envolveu nos braços e me beijou.

Um longo e demorado beijo.

Um doce, terno beijo.

Um beijo exploratório de amante.

Entre outras coisas.

E, depois disso, disse a coisa mais meiga: — Hannah, querida, por favor, nunca me deixe. Não creio que eu poderia continuar a viver nesta cidade sem

você.

Motivo pelo qual pude perdoá-lo quando acrescentou: — Claro, você pode se sentir livre para deixar a cidade se eu a dispensar. Na verdade, tenho certeza de que seria o melhor para nós dois.

Pouco tempo depois, Randy tocava a buzina, berrando que perderiam a hora da partida em Bel-Air para algum mané se não se apressasse. Conforme Louis acenava um até logo, eu me senti de repente muito feliz.

E muito cansada.

E aliviada por ter o resto da manhã para cochilar antes de me aprontar para as festividades da noite. Então, a partir do meio-dia, eu teria o mais puro prazer juvenil de me preparar para o equivalente a um baile de debutantes. (Porque a festa do Oscar já havia conquistado a comparação mais considerada — o baile de formatura do colégio). O vestido cor de água-marinha tinha vencido todos os outros como o mais belo da Terra.

Dentro de sua tonalidade rara, seu corte maravilhoso e do detalhe único, eu poderia orgulhosamente erguer minha cabeça e responder "Ora, Eixo do Mal!" quando, conforme eu deslizasse pelo tapete vermelho de braços dados com Louis, Steven Cojocarú, do Entertainment Tonight, espumando de entusiasmo, implorasse com aquele seu jeito insistente para saber qual grife da alta costura criara aquela visão celestial para mim.

Eu podia visualizar isso agora: um segundo depois que eu pronunciasse aquele nome improvável, uma avalanche de pedidos soterraria o cansado aparelho de fax de segunda mão do anárquico gênio criativo da "Eixo do Mal", que dera duro para chegar à perfeição do prêt-à-

porter, embora fizesse um vestido de cada vez. E a gratidão por tê-lo catapultado de sua toca socialista para a luz dos holofotes fascistas dos fashionistas seria qualquer traje inovador de futuras coleções que satisfizessem minha fantasia.

Bastante adequado!

Na verdade, qual seria o valor da celebridade se não fosse possível partilhá-lo com os outros, particularmente com aqueles que eram muito mais merecedores dela?

Mas, que pena, meu papel como Lady Generosa não era para ser.

Apenas minutos depois que Louis afastou-se da calçada, Ophelia entrou — junto com um batalhão de profissionais da beleza que deveriam nos preparar para nossa grande noite nos braços de dois dos mais cobiçados solteiros de Hollywood. Sua equipe da SWAT, recrutada com a aprovação de Louis, mas sem meu conhecimento, incluía o personal stylist que partilhávamos (que surgiu empurrando um guarda-roupa portátil cheio de vestidos), assim como duas manicures, uma esteticista, um maquiador e um trio de cabeleireiros do Canale que exibiam mais tatuagens do que qualquer turma de motoqueiros deste lado de Bakersfield e spray de cabelo suficiente para assegurar que nossos penteados ficariam firmes sob o jato de ar quente do tapete vermelho.

— Não é divertido? — guinchou ela, ignorando meu olhar de espanto. — Louis concordou comigo que você precisa estar muito bem hoje à noite. Quero dizer, tendo em vista o passado dele com Tatiana e tudo o mais... — Foi isso que Louis disse? — Senti meu estômago se revirar.

O sorriso de Ophelia tornou-se ainda mais largo (se isso fosse possível, considerando o fato de que suas faces tinham recebido injeções de gordura

seja lá de que tipo encontrada em seu traseiro previamente lipoaspirado) e seus olhos se toldaram com ar de desculpas, ambos sinais denunciadores de que eu poderia tomar as palavras adocicadas que saíam de sua boca com um grão de sal.

— Não! Claro que não! Falha minha! Ei, se alguém pode competir com uma... uma ex-namorada supermodelo, é você! Vagabunda!

Ai, meu Deus! Quem eu estou enganando? Estremeci conforme me sentava em uma das cadeiras portáteis de salão trazidas pelo carnaval do Canale. Imediatamente, uma mulher começou a fazer meus pés, atacando meus joanetes com a haste de alecrim e cacto que era o primeiro passo daquele processo torturante.

Apenas respire. Tudo vai ficar bem. Não pense em si mesma. Tente se lembrar de que esta é a noite de Louis, e esteja lá por ele. Louis, que já entrara em colapso e se consumira uma vez naquela manhã, a se angustiar com o fato de os outros julgarem se sua arte seria merecedora de atenção e elogios. Louis, que tinha me confidenciado todos os seus medos de fracasso e perda.

Louis, que me escolhera em lugar de Tatiana, que já era coroada como uma princesa naquela elite aristocrática conhecida como celebridade.

Tudo bem, certo, pelo bem de Louis eu poderia suprimir o sentimento de urgência avassaladora de mandar Ophelia e seu belo traseiro — junto com o personal stylist, a esteticista e o grupo de magos dos cuidados com os cabelos — para o inferno, assim como qualquer outra turma parte da pantomima que estivesse no trailer na frente da casa.

Porque eu faria qualquer coisa por Louis. — Obrigada, Ophelia. Você é uma amiga de verdade, e eu não me dera conta disso. E quer saber? Você está absolutamente certa: pelas próximas vinte quatro horas, meu papel é apenas a

de consorte de Louis; estarei maravilhosa, serena e discreta, e tão invisível como um rato.

— Está brincando, certo?

— Não, de jeito nenhum. Realmente, não quero fazer alguma coisa que possa roubar os aplausos dele. — Franzi a testa ao pensar na reação de Louis caso isso acontecesse.

Chocada, Ophelia empurrou a manicure que tirava suas cutículas para apontar uma reluzente unha lixada para mim.

— Hannah, não faça qualquer besteira naquele tapete vermelho, tipo andar como uma assistente presa por algemas, exposta à opinião pública e tentando se esconder, está me ouvindo? Você tem de ficar ao alcance da câmera, com Louis, o tempo todo!

— Por quê? Que diferença fará se eu não aparecer? Pensei que tínhamos concordado que esta é a noite dele, certo? — Era difícil expor meu caso enquanto usava um creme cujo princípio ativo era cocô processado de rouxinol, mas estava firme e determinada a fazê-lo.

— Caia na real! Não tem medo de que possa passar a impressão errada? — perguntou Ophelia.

— Para quem? Louis?

— Não, tonta, Para as outras mulheres! Se não virem alguém de braço dado com Louis hoje à noite, começarão os boatos. Todos presumirão que ele está disponível para a primeira que apareça. Outras mulheres imaginarão que elas poderiam estar lá, se você não estiver. — Estremeceu involuntariamente. — Puxa, eu ficaria apavorada de deixá-lo sozinho!

— Bem, eu não — respondi, desafiadora. — Vou lhe dizer por quê. Deixarei a critério de Louis se quiser ou não andar à frente. Imagino que dirá não, mas será opção dele.

Pelo menos, eu esperava que dissesse não. Quero dizer, não haveria de me querer a seu lado, para partilhar seu momento ao sol?

Claro que haveria,

Certo?

— Além disso, uma aliança nada significa se o sujeito está olhando para os lados, afinal — concluí.

— Nem me diga! Mas eu pessoalmente nunca seria tão estúpida a ponto de desistir de pegar essa aliança, de jeito nenhum, não tem como! Esse anel significa poder. E significa segurança financeira. — Suspirou com desalento. — Droga, estou com Ethan faz mais de um ano e ainda não consegui levantar a questão com ele. Na verdade, ontem mesmo dei um ultimato: disse que preciso de alguma demonstração real de compromisso, ou vou dar no pé. Bem, pelo menos ele concordou em fazermos uma "tesourada de Rabi".

— Uma tesourada? O que é isso? Você quis dizer um rabino em uma cerimônia com algum tipo de circuncisão?

— Não, não tem nada de judeu ou algo assim. É aquela cerimônia do povo de I-Matang, nas Ilhas Rabi. — Com uma sobrancelha arqueada, ela dispensou um vestido rosa que o personal stylist erguera para sua aprovação e apontou, em vez disso, para uma mistura incomum de cetim cobre. — Veja, um homem santo tira um pedaço do prepúcio de Ethan; depois, tira um pouco da pele de meu seio e joga os dois pedaços no fogo, onde queimam juntos. As cinzas e a fumaça se misturam como prova de nosso amor eterno.

— Puxa, que coisa! Isso, hã, não vai doer como o inferno?

— Somos anestesiados, portanto, não dói de início. Acho a cerimônia um elo muito mais espiritual do que trocar frascos de sangue, como Angelina e Billy Bob fizeram, você sabe logo antes do divórcio. Aquilo foi pavoroso, de dar calafrios! — Jogou a cabeça com a declaração, fazendo o cabeleireiro que arrumava seus cachos dourados cortar uma mecha dois dedos mais curta. Notei que o pobre homem mordida o lábio de medo de sua fúria. Felizmente, ela não percebeu o passo em falso. — Mas sentiremos dor somente por alguns dias... Mais Ethan do que eu, acho. Veja, vou fazer o homem santo cortar uma aba de pele que meu dermatologista esqueceu. Quero dizer, não valeria a pena a gente se submeter a essa porcaria se eu fosse ficar, tipo, deformada depois, certo?

Além do mais, de qualquer forma, mandarei refazer meus peitos. Vou aumentar um número. Minha operação está marcada para o fim dessa semana.

— Vocês dois não poderiam apenas cortar uma unha ou algo assim, ou quem sabe um pouco de cabelo?

— Ai, Hannah, você simplesmente não entendeu! Amor de verdade é um dar-e-receber. E

algumas vezes o dar precisa ser realmente doloroso.

Ah, é? Isso era fácil de dizer, vindo de alguém que nada mais tinha a perder do que uma aba de pele. Quanto a Ethan, bem, fiquei imaginando por que ele sentia que aquilo valia o preço de um pouco de prepúcio. Talvez tivesse sido informado por seus advogados de que, quando se tratava de apaziguar Ophelia, a tesourada Rabi era um jeito menos doloroso de lesar alguém do que um acordo pré-nupcial.

Arrancando o vestido cobre da mão do estilista, Ophelia me puxou da cadeira de salão e o ergueu diante de mim.

— O que acha deste? De cair o queixo, não?

— Bem, hum... puxa... não sei. Eu... já tinha pensado em outra coisa... Tão cuidadosamente quanto pude, com duas camadas de esmalte em minhas unhas, abri o saco do vestido cor de água-marinha pendurado no armário do saguão e puxei-o para que ela o visse.

Seus olhos imediatamente rumaram para a etiqueta. Afinal, a costura não significa coisa alguma se não conseguir arrancar aquele assobio estimulante.

— Eixo do Mal? — Ela fungou. — Isso é alguma piada? — De um jeito hesitante, como se temesse ser infectada por alguma lêmnea fora da arara de um couturier de renome, ela o jogou em um canto, onde o vestido escorregou para debaixo do carrinho de cosméticos do maquiador.

No cinema que era minha vida, meu papel como Lady Generosa agora jazia no chão.

Ophelia drapeou o vestido cobre sobre meus ombros.

— Com as luzes certas, você conseguiria. — Voltou-se para a turma dos cabelos. — Coco, diga, por favor, o que acha? Vermelho demais?

— Uma pimenta doce — ronronou a líder da SWAT, assim designada porque era a com mais tatuagens. — Pode alguma vez haver vermelho demais na vida de uma garota?

— Você é sábia! — Soprou-lhe um beijo no ar, depois espiou a etiqueta e estendeu-o para mim, triunfante.

— Preciso ter um também! Vê? D&G!

Bem, ela estava parcialmente com a razão.

\*\*\*

Naquela noite, o Wilshire Boulevard era uma via láctea virtual, iluminado por aqueles que mais brilhavam na abóbada celestial de Hollywood à medida que seguiam para o Beverly Hilton em suas carruagens terrestres para comer, beber e se divertir na noite de gala que previa (ou, alguns insistiam, "azarava") o arbítrio final do Oscar.

Para assegurar que a deles era uma festa para ser levada em conta, as corporações internacionais de imprensa providenciavam um ambiente elegante, uma comida bastante decente e bebida suficiente para lançar outra continuação de Titanic e persuadir seus convidados ilustres (poderosos da indústria, lendas reverenciadas do cinema, os mais recentes veteranos da TV, promissores de qualquer mídia e celebridades "relâmpago" de toda sorte) a soltarem a cabeleira perfeitamente penteada e serem felizes, tolos tensos ou lacrimosos — de preferência durante a transmissão ao vivo da cerimônia via satélite, ao contrário daquela com seus muitos breaks comerciais.

Quando Malcolm abriu a porta traseira da limo para nos deixar sair, Louis sorriu e acenou para os fãs que o idolatravam. Depois, inclinando-se para tão perto que todos que observavam presumiram que fazia um carinho em mim, murmurou em meu ouvido: — Querida, espero que não se importe, mas eu gostaria que, nesta noite, você caminhasse atrás de mim... no tapete vermelho? Não queremos lembrá-los de que estou competindo com Leo também, queremos? Competindo com Leo? Fiquei arrasada. Magoada.

Sentime triste por Louis ser inseguro demais para partilhar aquele momento tão importante comigo.

Mesmo assim, estava disposta a aceitar o fato. Tinha de fazê-lo, se fôssemos permanecer como casal. Já lá fora, ele seguiu, elegante em seu smoking branco Armani, caminhando em passos lentos pelo tapete vermelho com a segurança que fazia jus à adoração de seus fãs, que gritavam em delírio. E, sim, fiel à minha palavra, fiquei para trás de alguma forma, acenando para a multidão, parando para conversar com qualquer um que não parecesse alguém que os paparazzi se importassem em fotografar comigo, enquanto Louis batia papo com os efusivos repórteres dos programas de "info-entretenimento", que, um por um, em sua conversa particular com ele, matraqueavam o mantra certo para conquistar seu sorriso mais largo: "Ora, Louis, você é uma certeza para o prêmio de melhor ator em drama!".

Pelo canto de meu olho, senti alguém me observando. Era Mick, lindo em um smoking preto sobre preto. Ele também vira Louis caminhar sob os holofotes sem pensar duas vezes em me deixar para trás. O menear involuntário de sua cabeça indicava o quanto ele estava incrédulo diante daquilo que testemunhava. Ao me ver olhar para trás, Mick me enviou um aceno hesitante. Inclinei a cabeça, em resposta, e depois segui Louis, esperando que o sorriso que forcei em meus lábios não denunciasse meus próprios sentimentos de tristeza, não a respeito do fato de não estar de braços dados com Louis, mas por não estar nos de Mick. Para meu alívio, ninguém estava, também.

Conforme a noite avançava e os discursos tornavam-se monótonos, passei a ficar preocupada com Louis, que parecia engolir um uísque a cada vez que ouvia a frase "... e gostaria de agradecer à Associação dos Jornalistas Estrangeiros de Hollywood...".

A categoria de Mick vinha antes da de Louis. Quando ele venceu, subiu em um salto para o palco, agradeceu à equipe do filme, fez menção especial

aos produtores e ao diretor, expressou sua gratidão aos vários membros do elenco, mas deliberadamente se esquivou de qualquer referência a Louis. As câmeras estavam preparadas para isso, cortando para um close de Louis comigo.

E Louis estava pronto para elas. Ao recordar ao mundo que ele tomara a garota de Mick, efetivamente roubava o mérito de Mick — motivo pelo qual me puxou para perto, enviou-me um olhar emotivo e inclinou-se para um longo e demorado beijo.

Assim que seus lábios procuraram os meus, virei a cabeça. E a boca de Louis roçou minha face, em vez disso.

O efeito foi meigo — e não de todo aquilo que Louis quisera que o mundo visse.

Que pena. Mas eu estava desgostosa com seu comportamento e não ia fazer seu jogo.

Durante o resto da cerimônia, Louis me ignorou. E, já que nossa mesa estava repleta de um belo número de promissoras mulheres de Hollywood em quem ficar de olho, certamente a tarefa foi fácil para ele.

Quando a categoria de Louis finalmente foi anunciada, ele também venceu. Ao subir ao palco, recebeu seu prêmio de Renee, também agradeceu à equipe do filme, ao diretor, aos produtores e aos membros de elenco. Não foi nenhum choque que não mencionasse Mick.

O que deixou a todos perplexos foi o fato de ele também não se referir a mim.

O olhar magoado em meu rosto foi descrito mais tarde pela imprensa como "reflexivo e melancólico".

Com Renee de um lado e a portadora oficial da estatueta do outro, ele foi conduzido para fora do palco, rumo àquele covil de lobos conhecido como sala de imprensa — onde, com tapinhas nas costas, beijos no ar e apertos de mão, junto com o estourar dos flashes e as gotas de saliva lançadas pelos repórteres aos gritos, Louis teve mais uma vez confirmada sua posição como o astro mais brilhante e mais reconhecido naquela constelação social chamada Hollywood.

Quanto a mim, tive de continuar sentada à nossa mesa e sorrir serenamente enquanto Ben ou Hilary ou Julia ou Steven inclinavam a cabeça e davam de ombros em uma demonstração de simpatia diante de minha exclusão no discurso de Louis. Era inevitável que Louis fosse esquecer o nome de alguém, certo? Todos eles esquecem. Nada tão grave assim, certo?

Claro que era.

Quando Louis finalmente fez o caminho de volta à mesa, suas desculpas sem qualquer constrangimento diziam tudo.

— Meu Deus, amor, sinto muito, de verdade! Deve ter sumido de minha mente de alguma forma, simplesmente. Mas compensarei essa falha mais tarde, esta noite, certo?

Com isso, piscou com ar condescendente e, em seguida, puniu-me mais um pouco ao dedicar atenção total a duas participantes femininas do Fear Factor que proclamavam serem suas maiores fãs e explicavam como poderiam provar isso.

Juntas.

Mick levantou-se e foi embora.

Gostaria de tê-lo seguido, mas simplesmente não poderia.



## Eclipse

*Alinhamento ocasional entre o Sol e dois outros objetos celestiais, no qual um corpo bloqueia a luz do Sol do outro; redução de importância, fama ou reputação.*

Consegui preencher a vaga de assistente pessoal de Louis com a pessoa perfeita em todos os aspectos: eficiente discreta, extremamente experiente (havia trabalhado para outros dois atores de cinema do calibre de Louis) e, mais importante, dona de uma ficha limpa, verificada por um investigador particular contratado por Jasper. Acontecia também de ser um homem.

Quando expliquei isso a Louis, que flutuava na piscina, ele ergueu os óculos ray-ban em desaprovação e franziu a testa.

— Deve ser maricas, no mínimo. Ah, qual é, Hannah! Por que eu haveria de querer algum efeminado à minha volta? Passa a impressão errada... — Se o problema é esse, fique tranquilo, porque ele é tão hétero quanto você — respondi. — Olhe, Louis, se você realmente se preocupa com o que as pessoas pensam da sua equipe, por que continua com Randy? Apesar de toda aquela bobajada de macho, o cara praticamente mora em bares de transexuais, certo? Sem falar na coleção de palmatórias dele, você já viu? O

camarada admite com orgulho que vive para ser humilhado. Você nunca se perguntou qual o propósito de tudo isso? Do jeito como Randy o bajula, eu

seria capaz de apostar que você se sentiria mais confortável partilhando um sabonete no chuveiro com seu novo assistente, Jeremy, do que com seu tão estimado agente.

O menear de cabeça de Louis foi quase imperceptível, mas ainda assim era um reconhecimento. Ah, então algumas daquelas mesmas suspeitas tinham cruzado sua mente antes, hein? Com alguma sorte, Louis poderia até mesmo vir a reconsiderar seu "relacionamento" com Randy e sair em busca de outro agente: um verdadeiro homem com H, como Ari, digamos, ou Guido, ou Jeremy.

Se pelo menos tentasse... — Além do mais — continuei —, Jeremy era o candidato mais qualificado entre os que entrevistei. E também é obcecado por detalhes, tem memória fotográfica e foi o que mais demonstrou vontade de conseguir o emprego. Ah, a propósito, ele teve a chance de trabalhar para você ou para Ewan, exatamente agora. Escolheu você. Vá imaginar.

— Ah... bem, claro que ele haveria de querer. Surpresa, surpresa: eu pegara cada simples objeção em

que Louis pudesse pensar, acrescentara uma razão pela qual ele poderia se sentir superior e a devolvera a ele. Tentei suprimir com dificuldade um sorriso diante de meu triunfo. Louis abaixou seus óculos escuros e voltou ao banho de sol.

— Confio em seu julgamento, amor. Faça o que acha que é certo.

— Ótimo, então está acertado. Jeremy está esperando no saguão. Vou buscá-lo para que vocês dois possam se conhecer.

Eu já alcançava a porta quando Louis me pegou desprevenida com esta: — Pensando bem, Hannah, ter um rapaz como assistente pode ser a coisa

mais inteligente que eu já tenha feito. Um outro homem é capaz de compreender coisas sobre mim que as mulheres simplesmente não podem. Sem querer ofender, querida! Claro, você é mais para mim do que apenas "outra mulher". E certamente mais do que uma simples assistente... Mal posso esperar para conhecê-lo. Vou contratá-lo agora, passar algumas coisas com ele, como minha rotina normal... Louis e sua rotina normal.

Suas palavras me transpassaram como uma faca. Agora eu sabia como Louis gastara seu tempo em Londres.

— Durante todo este tempo, pensei que eu fosse sua "rotina normal". Bem, obrigada por esclarecer a situação, Louis. — Tentei manter minha voz calma, mas não consegui. — Estou fazendo isso só porque ambos sentimos que poderíamos salvar... fortalecer nossa relação, lembra? Se começar com Jeremy, ou qualquer outro, no que diz respeito a isso, homem ou mulher, significará que não temos relacionamento nenhum, afinal, então talvez eu não devesse contratar ninguém, ou quem sabe nós apenas devêssemos terminar... — Droga, Hannah! Por que está sempre saltando para conclusões? Quero dizer, faça-me o favor!. Você é tão insegura assim?

Chapinhou pela água até chegar aos degraus, depois os subiu e enrolou uma toalha em torno da cintura. Gotas d'água, grudadas a seus ombros untados de óleo, luziam ao sol.

— Caso você tenha esquecido, Genevieve preparou um dossiê sobre o que gosto, não gosto, minhas necessidades, minhas preferências. O fato de eu ter sugerido passá-los com Jerry... — Jeremy.

— ... tanto faz... é apenas meu jeito de tirar um pouco o fardo que sempre parece aterrissar em seus ombros frágeis e delicados. — Segurou aqueles

ombros frágeis e delicados e roçou o nariz neles, sedutoramente. — Você sabe, amor, nunca me perderá... contanto que sejamos ambos felizes.

— Então, diga-me que está feliz, Louis.

Ele parou, pensou por um momento e depois disse: — Não poderia estar mais feliz, amor... Só gostaria de que eu... nós... não ficássemos tão entediados... Entediados? Eu dissera que estava entediada?

Ou ele estava dizendo que eu era um tédio?

Naquela tarde, enquanto Louis passava seu dossiê com Jeremy, familiarizei-me com o conteúdo da caixa de brinquedos de Louis com toda aquela parafernália sexual. Estava determinada a fazer com que meu nome e a palavra tédio nunca mais viessem à boca de Louis na mesma frase outra vez.

Fiel a seu currículo, Jeremy assumiu o emprego como um peixe na água. Nada que seu patrão lhe solicitasse ficava sem ser atendido.

Na verdade, a primeiríssima coisa que fez foi mudar as senhas dos celulares — o cinza e o vermelho — e do palm top.

Em outras palavras, eu não mais tinha acesso ao correio de voz de Louis ou à sua agenda.

Jeremy entregou-me, contudo, um telefone e um palm top que seriam para uso meu — segundo ordens de Louis.

— Ele quer que lhe passe a cópia de todas as reuniões importantes — explicou Jeremy naquela voz calma, racional, feliz e cantante que eu já estava aprendendo a desprezar.

— Para ser sincera, eu gostaria de ter cópia de todas as reuniões. Como um sistema de checagem dupla, o.k.?

— Isso já foi providenciado. Com Genevieve.

— Mas não é necessário, se eu tiver... — Louis prefere assim.

Eu estava começando a detestar quando ele falava desse jeito. Talvez porque o fizesse muito freqüentemente, em resposta a cada pergunta que eu tinha sobre as "rotinas" de Louis.

— Louis sente que você está muito sobrecarregada com detalhes bobos. Ele quer que você se concentre no quadro maior... Seu quadro maior. —... porque isso a deixa livre para estar com ele a maior parte do tempo.

— Mais tempo com ele? Não de acordo com isto. — Apontei para meu palm top, de que só constavam meus compromissos para entrevistas de imprensa, interrompidas intermitentemente por algum "tempo de recreação" (pelo menos era o que Jeremy tinha escrito) com Ophelia: um dia de fazer mãos e pés, spa, venda especial na Barney's... É, eu estava começando a ver o "quadro maior", tudo bem... — Obrigada por sua consideração, Jeremy — respondi, friamente. — Vou discutir isso com Louis hoje à noite — Certo, faça como quiser, Hannah — concordou ele. — Ah, a propósito, só para você saber, voltaremos tarde esta noite, depois da meia-noite. Randy agendou um... um jantar. Com o Brownstein.

— Que ótimo. Onde vai ser? — Eu realmente não tenho liberdade para dizer. Eu o encarei. A Hollywood Reporter já percebera o pendor de Brownstein por lugares mal-afamados onde os filés eram servidos mornos, mas as dançarinas eram apimentadas. Eu só podia imaginar que o destino de Louis naquela noite fosse um desses buracos, talvez a Ilha da Fantasia.

Podia imaginar as tatuagens que veria, e onde. Lá pelo oitavo minuto de nossa briga de olhares, uma gota de suor porejou na testa de Jeremy. Mesmo assim, ele não fraquejou.

Rapaz, ele é bom. Eu realmente sei escolher, não sei?

Se fosse para eu sofrer de ansiedade pela separação de Louis, então pelo menos algo bom poderia resultar disso. Devotei minha noite a olhar as estrelas. Depois de dizer a Jeremy para informar a Louis que eu estaria no observatório naquela noite, telefonei a Christy para ver se ela queria jantar cedo comigo.

Infelizmente, Christy não poderia se encontrar comigo: estava trabalhando em turno dobrado na Dublin's. Embora desfrutasse de um local cobiçado no Sunset, o bar atendia a uma multidão menos do que desejável, principalmente rapazes membros de fraternidades e neanderthals de macacão que preferiam confusão a uma marca premium e garçonetes com seios generosos a profissionais do boquete do Sunset com serviços de cobrança no cartão de crédito programados em seus telefones.

— Sinto muito, Hannah. Recomecei minhas aulas de atuação, e por isso meus patrões aqui estão me deixando substituir qualquer um que telefone dizendo que está doente — Parecia ofegante, porém feliz.

— Compreendo, querida. A propósito, conseguiu pegar alguma de suas coisas da casa de Donnie e Bethany?

— Eles mandaram Manuel, o jardineiro, trazer minhas roupas. — Eu podia ouvi-la a se mover com pressa. — Ele também deixou um bilhete do advogado deles. Bethany está ameaçando me processar se eu disser alguma coisa a alguém sobre Donnie e o estupro.

— Como se ela pudesse fazer você calar a boca! Acho que deveria ir à polícia, agora mesmo... — Não posso, Hannah!

— Por quê não? — perguntei, indignada. — Aqueles porcos precisam entender que não podem simplesmente fazer uma coisa dessas! Se você for à

polícia, eles cuidarão para que Donnie e aqueles... aqueles "atores" não se safem disso.

— Hannah, não! Não vou à polícia, e ponto final! — Embora Christy murmurasse, estava decidida. — Em primeiro lugar, não quero que as pessoas pensem em mim como "aquela garota que fez o filme pornô para o marido de Bethany, Donnie Beaudry", Isso não vai adiantar em nada e ainda vai impedir os produtores, que morrem de medo de deixar Bethany brava, de trabalharem comigo... isso se não me aparecerem mais ofertas para fazer pornografia! Seu suspiro ecoou pelo celular. Ela tinha razão.

— Tudo bem, Christy. Compreendo. Mas não me conformo com a ideia de que eles vão se safar dessa.

— Vão. Mas eu simplesmente não posso me permitir vingar meu orgulho neste exato momento.

Mic, minha pequena estrela vermelha anã, estava feliz em me ver de novo.

Eu sabia disso porque, em quatro horas de observação — à 00h43min, para ser exata —, ela me permitiu conhecer seu segredinho: nenhuma poeira era visível em torno de dezessete unidades astronômicas, dentro do anel de fragmentos que envolvia Mic.

Aquele era o sinal de que eu precisava para afirmar que um planeta a estava orbitando.

Fiz as anotações necessárias e, em seguida, guardei meu telescópio.

Como a maioria das realidades, não acreditamos verdadeiramente nelas até que se comprovem para nós com o tempo. Eu precisaria voltar toda noite, nas próximas semanas, para verificar aqueles achados.

Pela primeira vez em semanas, dormi a noite toda, sem uma visita de Leo.

Também dormi demais. Quando acordei, Louis e Jeremy já tinham saído para os estúdios da Lion's Gate, onde aconteceria uma leitura do novo projeto de Brownstein, na ocasião ainda sem título ("em deferência a Woody Al en", Jeremy me informou, muito sério).

Quando meu novo celular cor de água-marinha tocou, saltei para pegá-lo. Esperava ansiosa que fosse Louis ligando para me dizer o quanto sentira minha falta na noite anterior. Quando eu chegara do observatório, ele já estava dormindo.

— Droga, garota! Você se meteu em algum buraco? E quem é o babaca que arranjou para fazer as Vinte Perguntas a seus amigos favoritos?

Era Freddy, aparentemente aborrecido. Nos últimos dois dias, ele telefonara para o número do celular cinza para falar comigo. Só nos últimos poucos minutos Jeremy havia considerado seu telefonema importante o bastante para ter retorno e julgara Freddy um amigo, não inimigo ou a imprensa, e, conseqüentemente, digno de ter meu novo número particular.

— É Jeremy. O novo assistente de Louis.

— Sorte de Louis. Ou eu deveria dizer sorte de Jeremy?

— Calma, rapaz. Além disso, você já tem seu trabalho — Não como quarenta e uma horas atrás, docinho. — Houve uma longa pausa. — Simone morreu. — Ele estava tentando ser irreverente, mas eu podia afirmar que estava arrasado.

— Está brincando! Era... esperado?

— Diabos, não! Mas, por outro lado, quando você conta ao mundo que tem apenas sessenta e três quando na verdade está com oitenta e um... — Está brincando! Oitenta e um? Quem pode se dar bem com algo assim?

— Uma tremenda de uma atriz, absolutamente notável, eis quem! — Ele começou a soluçar.

Eu podia ouvir Bette a uivar dolorosamente por perto. — Calma, menina! Papai só está... só está um pouco nervoso... — Puxa, sinto muito, Freddy. Realmente, sinto. Olhe, existe algo que eu possa fazer? Você está... sem lugar para morar?

— Não, acredite ou não. Pelo menos, ainda não. O advogado dela me disse para eu aguentar firme. Devo ficar aqui, com Bette, até que o testamento seja lido.

— Ele não quer que você faça alguma coisa? Empacotar as coisas dela... — Nadinha, isso foi feito anos atrás... Ah! Aquela diva me mandava fazer isso em meu tempo ocioso. — Ele deu uma risadinha sem graça. — Pelo menos agora eu posso me esparramar naquela velha piscina arreventada dela e fingir que o lugar é meu por uns poucos dias. Falando nisso preciso correr doçura, e procurar a mangueira do jardim. Ela mentia sobre a idade, portanto talvez estivesse brincando quando disse que a piscina vazava também.

— Eu não colocaria isso como indigno dela. — Fingi uma risada, para agradar a Freddy. — Ei, falando de Bette, o que vai acontecer a ela?

— Perguntei ao advogado se eu poderia ficar com ela. Acho que me acostumei com aquela cara feia. Simone não tinha parentes, e Bette não duraria um dia no canil da prefeitura. Meu nenê tem um temperamento muito delicado. — Fez alguns sons ronronantes, obviamente dirigidos à cadela e não a mim. — Telefonarei de volta assim que eu descobrir o que vai acontecer

a Bette, o.k.? Fico contente de que a Gestapo tenha me considerado digno o bastante de ter seu novo número particular. Com esse novo assistente, acho que isso quer dizer que você e Louis poderão ter uma relação normal, certo?

Uma relação normal? Haveria uma coisa dessas em Hollywood?

Passsei as dez noites seguintes a confirmar o que eu havia suspeitado: a sombra de Mic era de fato um companheiro tridimensional, um planeta que poderia ser chamado assim.

Era hora de celebrar. Embora Louis e sua sombra, Jeremy, estivessem trabalhando até tarde todas as noites, ainda davam um jeito de chegar antes de mim em casa. Bem, por uma noite pelo menos, eu estava resolvida e determinada a chegar antes de Louis. Queria esperar por ele de braços abertos e uma garrafa também aberta de Château Lynch-Bages 2000 Pauil ac.

Cheguei em casa antes dele.

Por outro lado, não importasse a que horas eu tivesse chegado antes das sete e meia da manhã seguinte, eu teria vencido aquele prêmio bobo.

Ou talvez eu fosse a boba por não sair atrás dele antes que finalmente chegasse.

Eu o agredi com palavras: a respeito de tudo o que eu fizera por ele e com relação à sua falta de respeito por mim. Sobre como eu me sentia abusada e como não assumiria qualquer porcaria a mais por ele.

— Não sei por que está tão aborrecida — resmungou um Louis muito embriagado e horrivelmente amarfanhado. Eu é que deveria estar berrando e esgoelando. Em vez disso, preferi celebrar. Sem você.

— Celebrar? Celebrar o quê, pode me dizer?

— Ah, é, eu esqueci. Você realmente não está mais afinada com minha vida, não é? Ocupada demais brincando de diva, ou mergulhando no cosmo, ou alguma outra idiotice. — Seus olhos faiscavam conforme ele falava. — Bem, minha doçura, aqui no Planeta Terra organizamos um pequeno evento que chamam de Oscar... O Oscar!

Tinham anunciado os indicados na manhã do dia anterior.

Eu dormira demais porque ficara no observatório durante a noite toda.

Louis recebera a notícia naquela manhã. Fora indicado.

Naturalmente, tinha presumido que eu ouviria falar disso também, pelo menos em algum momento durante o dia, e que passasse no set para estar com ele, para partilhar de sua alegria e empolgação.

Eu perdera a chance.

— ... portanto, quando você não apareceu, fui celebrar por conta própria.

— Eu teria aparecido lá se soubesse. Além disso, você poderia ter me ligado.

— Liguei. Verifique seu correio de voz. Hannah, desta vez você não tem ninguém a quem culpar, a não ser a si mesma.

Peguei o telefone água-marinha de minha bolsa. Nenhuma ligação recebida estava marcada.

— Onde está seu outro telefone? — perguntou ele. — Não anda mais com o vermelho?

— Não, é Jeremy quem o usa agora. — Então, era por isso que eu não soubera nada dele.

Claro, na verdade, saber meu número de telefone era um detalhe insignificante para Louis, mas, mesmo assim, eu não o deixaria sair daquela tão facilmente. — Então, aonde você foi e com quem?

— Saí. Com amigos. — Esperou para ver se eu insistiria mais.

Será que eu realmente queria saber?

Antes que eu pudesse admitir para mim mesma que não queria, ele emendou: — Duvido que sua noite tenha sido uma perda total sem mim.

— Não, não foi. Na verdade, foi uma noite e tanto para mim também...

Eu queria participar minha empolgação a respeito de Mic, mas ele me interrompeu.

— Posso apostar. Tenho certeza de que Mick mal podia esperar para ver você. — Observou minha reação como um falcão.

Mic? Ele já sabia sobre Mic? Então caiu a ficha.

— Do que está falando? Mick Bradshaw? Me ver? Louis esboçou um sorriso insolente.

— Para lhe contar em pessoa. Sobre a indicação dele. Apontou para a garrafa de vinho aberta sobre a mesa.

— Não tem de bancar a envergonhada, Hannah. Acha que eu acredito que você tem saído nas últimas dez noites para fazer essa besteira de "observação astronômica"? — Começou a arrancar as roupas conforme rumava para o banheiro. — Você age de forma tão pudica, protestando por eu "partilhar" mulheres com meus amigos, mas não se importa que eu compartilhe você com Mick... só que não ao mesmo tempo. Bem, tudo bem, se Mick quer minhas sobras, bom proveito.

Que coragem!

— Eu não sou suas sobras. Deixei Mick por você, lembra? Porque, de acordo com você, ele estava sendo desleal comigo. — Eu estava tão perto dele que ficamos de pé, frente a frente, nariz a nariz.

Ótimo. Eu queria que ele me olhasse no olho por uma vez.

— E, agora que tocamos no assunto, diga-me a verdade: como você sabia que ele e Samantha estavam no Bel-Air? Quem Samantha foi ver lá, você ou Mick?

Ele pestanejou?

Não.

Sentiu alguma compulsão para me assegurar que eu não tinha nada do que suspeitar?

Difícilmente.

Em vez disso, ele sorriu, fitou-me diretamente nos olhos e me deu o que eu pedira: A verdade.

— Você viu a ela e a Mick com seus próprios olhos, de maneira que esta é uma peça do quebra-cabeça. Ela esteve comigo também? Sim, Hannah, admito, ela e eu fizemos amor naquele dia. Mas você já sabia disso, não sabia, amor? E escolheu ficar a meu lado, de qualquer jeito.

Enquanto Louis tomava seu banho, derramei o Château Lynch-Bages 2000 Pauil ac na pia da cozinha. Não tenho dúvida alguma de que poderia facilmente ter entornado eu mesma a garrafa inteira, mas não sentia que ainda tivesse algo a comemorar.

## Meteoro

*Também chamado de "estrela fugaz" ou "estrela cadente". é um fecho brilhante de luz no céu, causado por fragmentes do espaço conforme queimam na atmosfera da Terra.*

*"É um pequeno passo para um homem, mas um salto gigantesco para a humanidade..."*

*Neil Armstrong, astronauta, durante o primeiro pouso na Lua, em 21 de julho de 1969*

As notícias de minha pesquisa viajaram depressa. Virei o centro das atenções no departamento de astronomia na UCLA; graças à confirmação da existência do planeta, Paul Kalas, da Universidade da Califórnia em Berkeley, e seus colegas no telescópio James Clerk Maxwell, em Mauna Kea, no Havaí, poderiam agora anunciar seus achados ao mundo.

Fui convidada para o banquete em honra à nomeação do planeta, a ser chamado de "Azkaban", que ocorreria em Berkeley, muito em breve.

Em breve demais.

Na verdade, a cerimônia estava agendada para acontecer meras setenta e duas horas antes de outro pequeno evento de barulhenta repercussão: aquele

organizado pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas e carinhosamente apelidado de "Cerimônia do Oscar" por sua Legião de fãs.

Foi então que me dei conta de que timing era tudo. Pelo menos, para Louis, cuja reação foi menos entusiasmada do que eu esperava quando perguntei se ele iria comigo. — O quê, enlouqueceu? Não sabe o quanto estaremos ocupados? Hannah, não seja estúpida! Além disso, jantar de premiação de algum "gênio cabeça de ovo" não é minha atividade predileta.

Não conte comigo. — Tomou fôlego, mas só para se agarrar a um segundo rodeio no qual fundamentar seu caso. — E, francamente, amor, não sei por que você sente que pode simplesmente ficar se exibindo com esse evento ridículo. Na verdade, faço questão de que você fique aqui.

— Você está brincando... Você "faz questão" de que eu fique? O que vem a ser tudo isso?

— Isso é sobre nossas prioridades. E a Prioridade Número Um sou eu. Lembra?

Sempre. Sem falha.

— Louis, quando alguma coisa que eu fizer terá importância para você? — perguntei, em voz baixa.

A pergunta pareceu intrigá-lo. Mas apenas por um instante.

— Ora, querida, tudo o que você faz por mim me importa imensamente. É por isso que mantenho você comigo.

— Você "me mantém"? Ah... Entendi. E quando eu parar de fazer as coisas que importam a você... — É isso, amor. Você entendeu... mesmo. — Não havia qualquer calor em seu sorriso largo, apenas um falso brilho frígido.

— O que aliás me faz lembrar que eu gostaria que você fizesse um telefonema para Jon, na Lion's Gate. Aquele garoto, o Brownstein, é muito amador para este projeto. Seria melhor com Mann no leme. Ou, melhor ainda, com Tarantino. Deixe isso claro a ele.

— Louis, não acredito, de jeito nenhum, que vamos dar o cano em Brownstein agora! Isso estouraria o orçamento, porque a pré-produção já começou. Além disso, teriam de gastar os tubos para conseguir um desses caras e teriam de pagar Brownstein também, visto que ele detém os direitos da história, em primeiro lugar... — Claro que farão a mudança. Se eu insistir.

— Ajudaria se eu soubesse se Randy colocou ou não uma cláusula de aprovação de diretor em seu contrato. Conhecendo Randy, no entanto, se o acordo foi feito em algum lugar dentro da distância do cheiro de uma dançarina só com um tapa-sexo, eu não ficaria muito surpresa se esse pequeno detalhe tivesse passado batido... — E por que você não sabe? É sua tarefa assegurar que ele não ferre os detalhes, não é?

— É? Pensei que minha prioridade fosse ser sua namorada, lembra?

Seus olhos se estreitaram conforme o sorriso se desvanecia.

— Como posso esquecer? Se você não me lembrar, alguma porra de uma capa de revista de merda o fará.

Nas semanas que antecederam o banquete de Azkaban, nenhum de nós desistiu das respectivas posições em relação a comparecer ao evento. Mesmo assim, fomos civilizados um com o outro. Na verdade, por nossa performance como pombinhos apaixonados pelo circuito de festas pré-Oscar, a Academia deveria nos ter agraciado com uma estatueta especial.

Lamentavelmente, essas exhibiçõs bastante públicas de afeiçãõ eram inevitavelmente compensadas pela paquera nada discreta de Louis.

Muitas vezes, até no mesmo evento. Como a vez em que estávamos na festa da piscina da cobertura da Standard, no centro da cidade, para celebrar o último lançamento de T. Usando a multidão compacta como salvaguarda, Louis desapareceu em uma daquelas cabanas com camas d'água que pareciam um casulo, vermelhas cor de batom, com a mais recente aquisição da gravadora de T. Possuía uma voz sensual, era menor de idade e ágil o bastante para que seu clip tivesse sido proibido após uma exibição na TV.

Tomei o elevador de volta para o lobby e chamei um táxi. Louis não voltou para casa na ocasião. Naquela noite memorável, não consegui dormir; apenas chorei de forma descontrolada até amanhecer. Quando ele finalmente entrou pela porta proclamando que tinha dormido no bangalô do estúdio, cheirando a uma fragrância mais pungente do que meu próprio perfume de grife, chamei-o de mentiroso, arremessei algo caro e insubstituível nele e tranquei-o fora do quarto.

Essa foi toda a desculpa de que ele precisava para ficar fora uma segunda noite. Antes que uma terceira acontecesse, nosso negociador, Jeremy, assegurou-me de forma solene que eu poderia, como ele tão delicadamente colocou, "agir de forma mais humana na presença de Louis". Agir de forma mais humana?

Como eu poderia fazer isso se Louis não permitia que eu me sentisse humana em sua presença, em primeiro lugar?

Com minha estúpida permissão, Louis voltou para o quarto, mas estávamos ainda tão emocionalmente distantes um do outro como dois cavalos de madeira do mesmo carrossel: poderíamos nos mover na mesma direção,

mas sempre mantínhamos nossa distância — e nunca nos tocávamos. A menos que fosse por sexo.

Um tipo de sexo cru, rude, desapaixonado, do tipo "se não for por isso, então por que este relacionamento vale o sacrifício?".

Ironicamente, não éramos os únicos que questionavam se valia a pena: mais adiante, naquela semana, a coluna "Page Six", no New York Post, previa "Problemas no Trópico de Trollope".

Quando aconteceu de Freddy me telefonar pedindo que eu me encontrasse com ele e o restante da Gangue na mansão de Simone, em Beverly Hills, para uns coquetéis, não pensei duas vezes para sair correndo dali. A essas alturas qualquer desculpa para dar o fora do ambiente de pavor que dominava a propriedade de Louis era bem-vinda. Pelo jeito como educadamente ignorávamos um ao outro quando ocupávamos o mesmo espaço, poderíamos muito bem ser dois fantasmas cuja única conexão fosse partilhar um lugar assombrado.

Não que a casa de Simone fosse menos do outro mundo, graças à sua decoração retrô repleta de aparadores e poltronas provençais. Freddy, trajando uma jaqueta de talhe amplo e com uma gravata presa por um broche, a agitar martinis na coqueteleira, parecia bastante à vontade.

— Tome, pegue um hors d'oeuvre — disse Sandy, fazendo um sinal a um mordomo que tinha uma bandeja

de petiscos como rolinho chinês cozido no vapor, bolinho de caranguejo de Dungeness, espetinho de frango com abacaxi e folhado de cogumelo shitake.

— Mordomo? Hors d'oeuvres? Putz! Qual é a ocasião?

— Me deixou muda. Pela primeira vez em sua Freddy na verdade está sendo discreto. — Ela engoliu seu martíni e pegou outro da bandeja do mordomo antes de colocar um bolinho de caranguejo na boca. Quando uma migalha lhe escapou, foi de imediato abocanhada pela sempre atenta Bette, que esperava a nossos pés por uma ocasião como aquela.

Foi então que Christy passou pela porta, ofegante e animada.

— Sinto muitíssimo por estar atrasada, mas valeu a pena!

— Seus olhos faiscavam, brilhantes. — Meu professor de atuação parou para conversar comigo depois da aula. Ele disse que eu tenho potencial! Na verdade, ele até se ofereceu para me treinar em sessões particulares!... Freddy suspirou fundo.

— Garota, precisamos manter você em uma rédea muito curta. Não aprendeu nada a essas alturas do campeonato?

Fazia um longo tempo que não ouvíamos a risadinha doce de Christy, mas lá estava ela, plenamente restaurada no eco de sua mais recente conquista.

— É justamente esse o ponto, Freddy. Estou aprendendo. E só imagine o que saberei quando acabar com ele. De graça! Não, Christy, eu pensei, há sempre um preço a pagar pelas lições mais importantes que aprendemos na vida.

Pelas caras, tanto de Sandy como de Freddy, eles tinham pensado a mesma coisa, mas nada disseram — o que era incomum em se tratando de Freddy. Será que de repente ele se dera conta de que discrição era realmente a melhor parte da coragem? Dificilmente. Estava apenas ansioso para manter a bola rolando, o que fez ao acenar ao mordomo para que saísse e ao fechar a porta atrás dele.

— Bem, minhas queridas amiguinhas, tenho certeza de que ouvirei mais sobre essa saga conforme se desenrolar. Nesse meio-tempo, tenho boas notícias também. E fico contente por vocês todas terem aberto mão de uns poucos minutos de seus dias muitos ocupados para comemorar isso comigo.

— Já chega, Freddy! — Sandy suspirou, a boca cheia de folhado de cogumelo. — Se não chegar logo ao "finalmente", vou explodir!

— Ora, ora, não podemos ter você regurgitando todos esses petiscos finos sobre este antigo tapete persa — disse ele. Em seguida, fechou os olhos, respirou fundo e continuou: — Porque, como diretor executivo da Fundação Bette Cavanaugh, eu teria de chamar o mordomo aqui para limpar a sujeira, antes que Bette decidisse fazer disso a sobremesa.

— Uma fundação? Para... para a cadela? — Como o restante de nós, Sandy estava absolutamente atônita.

— Você entendeu. De acordo com aquilo que eu soube nesta manhã na leitura do testamento da senhorita Simone, a pequena senhorita Cadela aqui está riquíssima.

— Riquíssima? Não estou entendendo. — Eu precisava sentar. Atrapalhada, achei caminho até uma das muitas cadeiras douradas Luís XVI espalhadas pela sala. — Nunca ouvi falar de alguém que segurasse tanto o próprio dinheiro como Simone.

— Eu também não! — ecoou Christy. Freddy concordou.

— Não há o que discutir quanto a isso. Aparentemente aquela velha diva poupou cada dólar que fez depois da Segunda Guerra Mundial... e colocou-o em coisinhas como ações de telecomunicações, de bancos e da Microsoft. Quem haveria de imaginar, certo?

Christy piscou duas vezes.

— Deixe-me entender direito. Todo esse dinheiro agora vai para a cadela?

— Pode apostar. E, como diretor executivo da fundação de Bette, estarei encarregado de certificar-me de que minha belezinha seja mantida no estilo a que nunca teve o luxo de ser acostumada. É questão de tempo, também, hein, nenê?

— Apanhou Bette em uma das mãos e acariciou-a sob o pescoço com a outra. — Além de me certificar de que ela viva luxuosamente pelo resto da vida, terei o encargo de administrar outra missão da fundação, que é assegurar que cinco por cento de seus dividendos sejam distribuídos a abrigos de animais em necessidade. Recebendo um salário substancial por todo o meu trabalho. Muito bom, hein?

Sorri.

— É, eu diria que sim. Mas, Freddy, essa cadela não vai viver para sempre. O que vai acontecer depois que ela... hã... se juntar a Simone?

— Senhorita Simone pensou em tudo. Meu trabalho é pela vida toda, ou enquanto eu o quiser.

E quem não haveria de querer? — Ele piscou. — Depois de quinze anos com ela, acho que provei que poderia ser tão cheio de recursos como ela era. E certamente amo de verdade esta cadelinha. Essa foi a maneira que Simone achou de tomar conta de nós dois.

Christy ainda estava confusa.

— Mas, se é esse o caso, por que colocar a coisa no nome do bicho? Por que não deixar tudo isso diretamente para você?

— Quem se importa com isso, doçura? Diabos, minha diva podia não demonstrar isso enquanto estava viva, mas me amava, à sua maneira. E certamente também sabia reconhecer o que eram amor e devoção. Talvez imaginasse que seu público, ou seja lá o que restasse dele, não compreenderia o que ela compartilhava com um preto efeminado com pouca poeira de estrelas nos olhos. Mas certamente não sou aquele que vai olhar os dentes de cavalo dado.

Christy e eu rimos, mas Sandy, não. Quando Christy propôs que erguêssemos nossas taças uma última vez em honra de Simone, duas grandes lágrimas rolaram pelas faces de Sandy, não pela homenagem à amada patroa de Freddy, mas por alguma coisa que ela obviamente guardava dentro de si.

Captei o olhar de Freddy e fiz menção com a cabeça a ele, para que mantivesse Christy ocupada. O sempre astuto Freddy sabia que daria conta do recado.

— Ei, o que acham de um tour pelos quarenta e oito aposentos desta tapera? — Aquilo era isca para Christy. Saíram os dois.

Assim que saíram do alcance dos ouvidos, peguei as mãos de Sandy nas minhas e puxei-a para a poltrona de seda em frente à lareira do salão, que queimava reluzente. Sentamo-nos lá e permanecemos em silêncio pelo que pareceu uma eternidade, apenas ouvindo o crepitar do fogo.

Até que ela se sentiu pronta para abrir o coração. Finalmente, engolindo a angústia junto com outro folhado de cogumelo, começou: — Rex foi passado para trás naquele projeto do Grazer. — Conforme ela encheu as mãos de

farelos, Bette lançou-se a seus pés. — Mas está tudo bem. Foi convidado a estrelar a mais nova das séries Law & Order. — Esvaziou o copo outra vez.

Ambas sabíamos que TV era um passo para trás na carreira de Rex.

— Ele vai aceitar?

— Terá de aceitar — murmurou, com tristeza —, agora que tem uma família para sustentar.

— O quê? — Para imensa alegria de Bette, o rolinho que eu segurava caiu no chão.

— É. Você está sabendo em primeira mão o que toda a cidade saberá em vinte quatro horas.

Rex casou-se com a assistente de seu agente na noite passada. — Seus joelhos fraquejaram, talvez em consequência das emoções agitadas, mas tive a sensação de que a falta de equilíbrio era provocada pela vodca. Segurei-a gentilmente pelo braço para firmá-la.

— É... uma mulher?

— Não apenas "uma" mulher. Uma mulher muito, muito grávida.

— Puxa. — Agora eu estava embasbacada. — Ele é... o pai?

— Cai na real! — A venda nos olhos de Sandy finalmente havia sido arrancada, mas, pelo jeito como ela apanhou outro espetinho na bandeja do mordomo, preocupei-me com que a gordura viesse a ocupar seu lugar. Não que eu pudesse culpá-la por se entupir de comida por estar sofrendo. — É um casamento de conveniência. O pai do bebê é o próprio agente de Rex, que é casado e nunca deixará a mulher. E a assistente, a mãe da criança, diz que nunca fará um aborto. Razões religiosas. — Enfiou um cubo de abacaxi na

boca e lambeu o dedo. — Mas sua religião não a proíbe de casar com ator de cinema gay que precisa desesperadamente de um barbudo. — Uma lágrima escorreu por sua face. — O agente pagou pelo casamento e pela lua-de-mel. Na verdade, foi a esposa dele, completamente inocente, quem planejou tudo! Dá para imaginar?

E esse agente, que agora tem uma dívida eterna para com Rex por ele tê-lo tirado dessa roubada, está se mexendo para que Rex apareça em toda e qualquer coisa. Não pode deixar que o bastardo passe fome, não é? Estou me referindo ao bebê... Foi assim que Rex aterrissou nesse trabalho para a TV. Ou seja, o cenário é positivo para todo mundo. Menos para mim.

Estou fora.

— O quê? Por quê? Você é tudo para Rex!

— Não tudo o bastante. — Ela jogou o espetinho em uma urna antiga. Na mosca.

— Parece que o namorado de Rex... o ator promissor, está lembrada? Bem, ele tinha alguns talentos que eu obviamente não poderia mensurar. E, como o agente incluiu um salário de assistente no contrato de TV de Rex, Rex me pediu para me "aposentar", a fim de que ele pudesse colocar o Rapaz Bonito na folha de pagamento sem fazer muitas sobranças se erguerem.

— E você vai deixar o emprego que ocupou nos últimos nove anos? Isso é uma injustiça! Sandy concordou com a cabeça.

— Sim, uma injustiça. Principalmente porque... — fez uma pausa para limpar a garganta — ... eu ainda o amo. Mesmo depois de tudo aquilo.

A caminho de casa, pensei em como Louis e eu tínhamos perdido nossa perspectiva e em como isso estava afetando nosso amor um pelo outro.

Imaginei o quanto fora maravilhoso estarmos juntos no Oregon, onde tínhamos partilhado confiança e paixão e o tipo de segredo que você só conta para a pessoa que ama com todo o seu coração. Eu vira Louis em seu pior, e o amara de qualquer jeito. Mesmo quando ele mentira para mim. Eu sempre acreditara que ele poderia ser uma boa pessoa — uma pessoa maravilhosa — se apenas percebesse que não tinha de mentir para poder ser amado.

Mas ele não era capaz de compreender isso naquele momento — e, certamente, não ali, em Hollywood, onde mentiras eram a moeda de troca para o sucesso. Pelo menos para aqueles sem talento.

Mas Louis tinha talento, motivo pelo qual não precisava de mentiras.

Eu poderia convencê-lo disso.

Claro, seria mais fácil se estivéssemos a sós, apenas nós dois. Talvez sob um céu noturno sem nuvens, como em Oregon.

Mais precisamente, teríamos de fazer as coisas entrarem nos eixos assim que fosse possível.

Tínhamos de fazer isso agora. E eu sabia onde.

— Estamos no deserto, Hannah!

— Sim, querido, sei que estamos. É Palm Springs, lembra?

As duas pontas da echarpe Emilio Pucci que eu amarrara em torno de minha cabeça bateram em meus lábios quando me volvei para encará-lo.

— Mas Palm Springs é lá atrás. Acabamos de passar pelo retorno. Isso parece o meio do nada.

— As palavras de Louis se perdiam no vento conforme a Ferrari sob meu comando zunia pela rodovia 10 e, depois, pela rodovia 62, mais desolada. Ele olhava diretamente para a frente, tentando imaginar como a terra calcinada, os cactos espinhudos espalhados e os tufo de moitas levados pelo vento haviam se transformado em aveludados campos verdejantes de golfe, majestosas palmeiras reais e ondulantes piscinas em forma de rim com superfícies espelhadas que imitavam perfeitamente o infindável e claro céu anil acima de nós.

— Parece mesmo, não é? Mas não se preocupe. Vamos para um lugar um pouco fora do caminho, mas ainda perto o bastante para se chegar à cidade... se isso for o que você quiser fazer. Mas acho que preferirá ficar no lugar. — Enviei-lhe um enorme sorriso, que o deixou ainda mais perplexo.

Na verdade, nosso destino final era mais adiante do que a cidade de Twentynine Palms — renomada como a sede da maior base da Marinha no país — e além, inclusive, do Desert Hot Springs, um resort construído em torno de um rio subterrâneo natural, onde a água quente, mineral, fluía para a terra a escaudantes noventa e sete graus.

Rumávamos para ainda mais longe do que Pioneertown, uma remota locação de cinema construído nos anos 1940 para acomodar os inúmeros faroestes que Hollywood filmava na época, incluindo qualquer coisa estrelada por Gene Autry, Hopalong Cassidy, Cisco Kid e Roy Rogers. Conforme passávamos por esse tributo ao Velho Oeste, pensei que era mesmo apropriado que ficássemos a poucos quilômetros do local de muitos tiroteios decisivos de Hollywood, já que Louis e eu também enfrentaríamos os demônios que estavam matando nossa relação.

Rumei para uma estrada de terra que corria adjacente à entrada para o místico Joshua Tree National Park, de oitocentos mil acres. Entramos nele e,

três quilômetros e meio depois, chegamos a um portão que abria via controle remoto. Tínhamos chegado a nosso destino: "Le Shack", o "imponente castelo de adobe do deserto" de Leo. Pelo menos, era como estava descrito na brochura de oito páginas e quatro cores disponibilizada pelo corretor de imóveis.

Embora a propriedade de vinte e oito acres tivesse sido colocada à venda quando o patrimônio de Leo fora finalmente objeto de acordo, seu preço de 8,2 milhões de dólares, somado ao fato de a casa estar quarenta minutos além dos enclaves fechados similares dentro dos limites da cidade de Palm Springs, tornava-a difícil de ser vendida.

Foi por essa mesma razão que Sybil a nunca a usara. Assim, graças a Deus, estava livre de qualquer de seu carma negativo.

A casa em si era uma daquelas monstruosidades modernas do meio do século, de dois mil metros quadrados: branco sobre branco e angular, com um teto plano, uma imensa varanda ao redor que separava um salão enorme e uma suíte "master" de duas suítes adicionais para hóspedes, e um oásis de um playground que incluía uma pira para aquecer o ambiente, quadras de tênis, seu próprio campo de golfe de nove buracos e uma piscina infinita de cinquenta metros que se projetava sobre a formação geológica em mesa sobre a qual a propriedade se assentava.

Algumas de minhas lembranças de infância com valor de um tesouro haviam se formado quando eu visitava Leo ali: ele me ensinara a nadar naquela piscina, e, ao perambular pela vegetação rasteira que rodeava as margens da propriedade, eu pegara um grupo exótico de lagartos, aos quais na ocasião dera apelidos ridículos, como Esther, Horácio e Geraldine.

E fora lá que, sob a fria abóbada da noite sem nuvens, eu aprendera por conta própria os nomes e origens de várias estrelas.

Ali estava eu, mais uma vez, concentrada em uma estrela em particular: Louis.

Conseguir que ele se juntasse a mim em um miniferiado em Le Shack não fora tão difícil. Para Louis, a indicação ao Oscar criara um pêndulo emocional, pendendo de um lado para a euforia e do outro para inseguranças infundadas. No deserto, a centenas de quilômetros de Los Angeles, poderíamos trocar uma muito ouriçada Patota de Louis, os caçadores de furos e o "info-orgasmo" da mídia pré-Oscar por relaxantes jogos de golfe intercalados com banhos de sol e mergulhos revigorantes, seguidos por massagens à beira da piscina que (assegurei a ele) inevitavelmente culminariam em alguma transa apaixonada e sem qualquer freio.

Dera ordens estritas a Jeremy para não nos telefonar, de maneira alguma.

E deixara meu celular para trás, a fim de assegurar que ele também não quebrasse essa única e exclusiva regra.

Tinha jurado a mim mesma que em algum momento dentro das trinta e seis horas que passaríamos ali, em Le Shack, Louis e eu resgataríamos a atração que sentíamos um pelo outro naquela tarde no Soho. E, embora aquelas preciosas poucas horas certamente não pudessem rivalizar com as do Oregon, onde, pela primeira vez, professáramos nosso amor recíproco e vivêramos sem segredos e mentiras, eu tinha toda a confiança do mundo de que isso poderia nos permitir redescobrir por que nos amávamos.

Conforme seguíamos a sentinela de palmeiras até o reposteiro que fronteava a entrada de portas duplas de vidro fosco da casa, vi que Louis fazia um quase imperceptível meneio de aprovação com a cabeça. O corretor, ao

compreender plenamente a vantagem adicional de dizer "Louis Trollope dormiu aqui", havia seguido minha orientação para a tacada inicial do jogo a ser levado a efeito na casa. Uma garrafa de Château Lynch-Bages 2000 Pauil ac fora trazida da adega e desarrolhada. Uma lata de caviar descansava em uma cama de gelo, ao lado de uma travessa com fatias de pão fresco de Tassajara e frutas orgânicas. Vasos com flores perfumadas estavam espalhados pela sala de estar, adornada com cadeiras clássicas de Eames, sofás Le Corbusier e janelas sem cortinas do chão ao teto que ostentavam vistas panorâmicas do vale de tirar o fôlego.

Fascinado, Louis caminhou até a beira da piscina, respirou fundo e depois seguiu pelas portas que conduziam à suíte "master", onde o ventilador de rotação lenta ao alto empurrava gentilmente a brisa de início de tarde sobre a grande cama tamanho king. A colcha branca já estava puxada, e os lençóis macios, cheirando a lavanda, imploravam para serem amarfanhados no calor da paixão.

— Você pensou em tudo — disse ele, por fim.

— Espero que sim. — Saltei na cama, puxando-o para baixo comigo.

Ele não precisou de outro convite.

Desnudamo-nos, lentamente a princípio, depois com desespero, como se pudéssemos explodir caso não conseguíssemos sentir a pele um do outro.

Como se pudéssemos morrer se não consumíssemos um ao outro: corpo, mente e alma.

O primeiro orgasmo, uma combustão magnífica, espontânea, foi seguido por uma exploração mútua e atenta dos anseios e desejos de cada um. Hesitante e, ah, tão terno a princípio, nosso jogo amoroso tornou-se mais

faminto conforme as sombras da tarde se estendiam, mais longas; e, finalmente, ficou voraz, recrudescendo para uma paixão úmida e palpitante que nos deixou a ambos exaustos, quando desabamos lado a lado.

Depois disso, nenhum de nós dois conseguiu falar. Quando finalmente recuperou o fôlego, Louis murmurou:

— Senti sua falta.

Uma lágrima rolou por minha face. Solucei e depois respondi: — Senti a sua também.

Caímos adormecidos nos braços um do outro.

Quando acordamos, o sol já descera no horizonte, e o frio da noite do deserto se instalara.

Vestimos roupões felpudos, pegamos o vinho e a bandeja de caviar e rumamos para a piscina.

— Sou um idiota cruel, não sou? — Louis olhou para as colinas sombrias, mas, pela rouquidão em sua voz, eu sabia que seus pensamentos estavam comigo, não fora dali ou de volta a Los Angeles.

— Inconsequente, talvez... Sim, tudo bem, e cruel. Sem dúvida, você é as duas coisas. — Enlacei-o com os braços.

— Você não pode dizer que eu não a esquentei, hein? — Um sorriso enviesado torceu-lhe os lábios.

— Sim, estou devidamente aquecida. — Voltei-me para encará-lo. — Acho que sei das coisas.

— Fico contente em ouvir isso. Porque ter de começar a me entender com uma nova namorada a cada poucos meses é um pé no saco.

— Ah, coitadinho, sinto tanta pena de você... — disse, brincando. Então tirei o roupão e mergulhei na piscina. Quando voltei à superfície, ele se juntou a mim. Beijamo-nos debaixo d'água. Depois, ofegantes por ar, emergimos mais uma vez.

Ele saiu primeiro. — Bolas!

Com os pés escaldados pelas quentes pedras mexicanas que circundavam a piscina, ele pegou o roupão antes de me oferecer a mão. Ao me puxar para cima, a seu lado, estendeu o roupão aberto para que eu pudesse partilhar do calor. Seu calor.

Sentamo-nos juntos em uma espreguiçadeira conforme Vênus aparecia para se juntar à Lua em seu dueto noturno. Em pouco tempo, ambas estavam rodeadas por outras luzes amistosas.

Aquela trilha estrelada ficou dançando acima de nossas cabeças enquanto conversávamos pela noite afora.

Escutei enquanto ele se abria: a preocupação acerca de como o projeto de Brownstein ia mal; o medo de que, se fosse uma bomba, isso pudesse causar danos irreparáveis à sua carreira; a percepção de que sua reputação era frágil e que qualquer movimento destrutivo poderia fazê-

la desabar como um castelo de cartas; a inevitável inquietação sobre se aquela estatueta do Oscar viria verdadeiramente a ser sua na noite do próximo domingo.

Ao amanhecer, preparei para ele o desjejum favorito de salsichas e batatas amassadas. Eu não mais me restringia à dieta zone. Isso agora era tarefa de

Jeremy, e Jeremy não estava ali.

Graças a Deus.

E, claro, fizemos amor outra vez, como se nada mais importasse.

Nem suas crueldades, inseguranças ou infidelidades passadas.

Nem meus medos de abandono ou minha raiva por suas traições.

Quase como se tudo fosse esquecido. Talvez até perdoado.

Depois ficamos simplesmente deitados ali, na cama, seu corpo amoldado em concha contra o meu. Cochilando, percebi que ele murmurava algo em meu ouvido, mas não consegui entender.

— O quê? — perguntei. — Não escutei.

— Eu disse "não vá". Dispense. Suspirei e me virei para fitá-lo.

— Já conversamos sobre isso. É importante para mim. Por que é tão difícil para você entender?

Seu rosto estava iluminado por um raio do sol da manhã que agora se infiltrava pelas cortinas.

Louis me encarava com ar inexpressivo. Naquele momento, ficou claramente registrado naquela sua face, que era como uma tela em movimento, um fato definitivo: pela primeira vez desde que confessara seu amor por mim, Louis compreendia que havia algo que poderia ser tão importante para mim quanto ele.

Ele teria de me partilhar com a galáxia.

Contudo, não conseguiria.

Na mente de Louis, só poderia haver um astro em minha vida.

Ele.

E ali, naquele mesmo lugar, ao perceber que aquele nunca seria o caso, Louis suspirou, meneou a cabeça com tristeza e voltou as costas para mim. Foi minha vez de suspirar.

Toda a Hollywood tinha a febre do Oscar, inclusive eu. E, desta vez, era eu quem organizava minha transformação de patinho feio em cisne. Seria algo assim: Oscar Blandi viria para fazer meu cabelo. Não usava quaisquer tatuagens, graças a Deus.

Qualquer uma visível, pelo menos.

Diana Ayala estaria lá para a maquiagem. Nada de caca de rouxinol, muitíssimo obrigada.

Ophelia não estaria em lugar algum perto da casa de Louis. Na verdade, se aparecesse, eu ordenaria aos guardas agora onipresentes que atirassem e fizessem perguntas depois.

A despeito de sofrer um dilúvio de telefonemas de cada ateliê de costura do planeta implorando-me para pegar algo de seus showrooms para minha caminhada pelo tapete vermelho, eu já tinha feito minha cabeça acerca do que usaria. Mais uma vez, o vestido cor de água-marinha etéreo e elegante da Eixo do Mal teria sua chance de chegar ao estrelato. E, não obstante quaisquer traumas que Louis pudesse sofrer antes do evento, eu estaria ostentando um sorriso em meu rosto também.

E, sim, eu estaria ao lado dele quando adentrasse o Teatro Kodak e a história cinematográfica.

Ei, não que eu fosse contrária a todos os que ofereciam coisas: a Casa de Harry Winston tinha um par perfeito de brincos de diamante e um bracelete para combinar com meu vestido. Na verdade, agora que meu fundo de ações fora restaurado, eu poderia até mesmo considerar aquelas jóias

caras dignas de um gasto extravagante depois da grande noite.

No dia do jantar de Azkaban, Malcolm me apanhou às duas horas da tarde para me levar ao aeroporto.

Louis estava em casa, mas ficou à beira da piscina durante toda a manhã enquanto eu reunia as poucas coisas de que precisaria para minha estada fora por uma noite. Eu sabia que ele estava aborrecido com minha decisão de ir, porque nem mesmo se levantou para me ver sair quando Malcolm tocou a campainha. Fiquei postada ali por três ou quatro minutos, na esperança de que ele não tornasse aquilo tão difícil para mim, mas ele não se moveu. Eu não poderia sequer afirmar se viu quando lhe mandei um beijo no ar de adeus, porque aqueles seus duros olhos cor de turquesa estavam ocultos pelos óculos ray-ban. Mas posso apostar que viu.

A viagem toda durou menos de vinte quatro horas. Meu nome foi chamado, e o pequeno papel que eu representara em tornar a localização de Azkaban conhecida foi aclamado com algazarra, gritos e palmas de uma sala cheia de cientistas "cabeças de ovo" em delírio pela recém-descoberta notoriedade e pelo fluxo adicional de concessão de fundos. Enquanto caminhava para o palanque do mestre-de-cerimônias para pegar minha placa, eu apenas pensava no fato de que ninguém que eu amava estava ali para celebrar a conquista comigo.

Gostaria que Leo estivesse vivo. Gostaria que Louis não fosse tão egoísta. Gostaria que Mick ainda estivesse em minha vida.

Na Hollywood que você conhece, eis como termina a história de amor: Enquanto ela desce do avião, lá está ele, a esperar por ela, contrito, com um buquê de rosas nos braços e um sorriso enviesado no rosto.

Ela sorri com ar beatífico, corre para os braços dele e o beija com anseio saudoso.

A câmera recua, a tomada escurece para o preto e a lista de créditos rola, convalidando aquilo em que a platéia foi condicionada a crer: Todos os finais são felizes.

Na Hollywood que eu conheço, eis como termina minha história de amor: Meu avião é recebido por Jeremy, não Louis. E ele não está carregando um buquê de rosas. Em vez disso, traz nas mãos uma cópia da coluna de Liz Smith, cuja manchete é "Reconciliados: Louis e Tatiana dão uma nova chance ao amor". Ao lado, uma foto de arquivo dos dois, enlaçados nos braços um do outro.

— Louis acha que é melhor cada um seguir seu caminho. Não sente mais que você seja leal a ele, ou que se importe com ele e sua carreira. — Seu tom, embora tingido com o grau certo de sinceridade, era firme o bastante para indicar que ele não toleraria nenhuma forma de explosão emocional.

De qualquer maneira, eu estava atônita demais para demonstrar qualquer emoção.

Ao perceber isso, Jeremy imediatamente desatou seu discurso ensaiado — algo que, eu tinha certeza, ele teria inúmeras oportunidades de praticar no futuro.

— Suas últimas atitudes têm deixado muito claro que você não coloca Louis mais em primeiro lugar em sua vida. Embora esteja muito magoado, ele

vai superar isso e seguir com sua vida da melhor forma que puder.

Ele estava muito magoado?

Ele estava seguindo com sua vida... sem mim? — Tomei a liberdade de empacotar suas coisas e mandá-las para sua casa em Venice — continuou Jeremy.

Fiquei postada ali, olhando para a capa da revista, e Jeremy deu o fora o mais depressa que pôde.

Eis onde aprendi que nem todos os finais de Hollywood são felizes.

Razão pela qual tive de pegar minha tralha e sumir de Hollywood naquele exato minuto!

Não obstante seja o lar da esparramada iúca, também chamada de "a árvore de Josué", cujo nome deriva da referência bíblica, o deserto de Mojave, de vinte e dois mil acres, certamente não é nenhuma terra prometida. Não apenas não existe nenhum Ritz Carlton no qual desabar e pedir serviço de quarto como também não há nem mesmo uma pousada econômica — isto é, a menos que seu destino seja aterrissar na Base Edwards de Lançamento da Força Aérea ou no Cânion Red Rock, amistoso aos turistas.

E qualquer um que procurasse por mim certamente não teria me encontrado ali.

Outro fato pouco conhecido: embora as temperaturas ali possam alcançar os trinta e cinco graus, podem também despencar para gelados cinco graus, portanto é aconselhável levar roupa térmica e um saco de dormir bem-feito para pernoitar sob as estrelas.

Era o que eu planejava fazer, pelo menos por um mês ou dois — ou quanto tempo demorasse para que eu lambesse as feridas pela perda de Louis e por ter estragado o resto de minha vida.

E, por último, mas certamente não menos importante, caso você decida dormir ao ar livre, saiba que partilhara desses amplos espaços abertos com coiotes famintos, serpentes venenosas e tarântulas — ainda que dificilmente mortais, com certeza nada tímidas.

Claro, Mick não sabia nada disso quando entrou em meu acampamento, gelado, esfaimado, quase sem gasolina, mortalmente apavorado de que estivesse perdido para sempre e não fosse encontrado até que tudo o que restasse dele fosse algo que nem mesmo os coiotes haveriam de querer tocar.

Quando o vi, admito, eu poderia tê-lo assassinado eu mesma. E ninguém ficaria sabendo.

Minha única tristeza era que não tivesse trazido Christy junto, para que eu pudesse torcer seu pescoço também, a traidora! Eu sabia que fora ela quem lhe dera meu paradeiro, porque só ela tinha as coordenadas GPS exatas de minha localização.

— E eu pensei que estivesse sozinha. O que você quer?

— Levá-la para casa, idiota. — Ao ouvir o uivo de um coiote, ele se encolheu. — E, quanto mais cedo, melhor.

— Sinta-se livre para dar meia-volta. De minha parte, tenho planos para a noite.

— Posso ver. — Ele rumou para meu telescópio, já apontado para cima em seu tripé, e deu uma espiada pela ocular. — Puxa! Olhe o que você já pode ver, e ainda nem escureceu completamente!

Empurrei-lhe a mão para longe.

— Olhe, Mick, estou aqui porque quero estar aqui... e não lá. — Olhei-o diretamente nos olhos. — Estou cheia de viver a mentira de Hollywood. Já esgotei minha cota de atores e tipos da Indústria, incluindo roteiristas, o.k.? Vocês todos são muito envolvidos em seus egos! — Para tirar com um gesto brusco a mão que ele pousou em meu ombro dei um passo atrás. — Los Angeles é uma miserável picada de pulga no traseiro do mundo, e existe um universo inteiro e grandioso fora de lá, ou nenhum de vocês percebeu? — E eu estava apenas começando a esquentar: — Além disso não preferiria pegar Samantha?

— Samantha não estava lá por mim. Estava por causa de Louis. Os dois reataram em Londres.

— Eu sei. Eu os vi juntos, lá. Mas pensei que Louis a tivesse encontrado para romper com ela.

— Bem, fizeram amor naquela noite em Londres. — Ele parou, constrangido. — E ela ficou grávida. Voou pra cá e marcou o encontro no Bel-Air porque achou que ele deveria saber.

— Eu nunca soube disso... sobre a gravidez! Mick concordou.

— Justamente o que imaginei. Não pensei que Louis teria peito para lhe contar. E certamente não senti que fosse esse meu dever. Além do mais, uma vez que você já tinha a cabeça feita... a respeito dele... eu, na verdade, não sabia se isso faria alguma diferença para você, afinal.

Foi minha vez de dar a mão à palmatória.

— Também não sei se faria — murmurei. Mick pestanejou diante disso.

— Bem, você conhece Louis: acionou aquele infame charme Trollope e convenceu-a de que um bebê arruinaria sua carreira... e arrumaria qualquer possível reconciliação entre os dois.

Consegui que ela concordasse em fazer um aborto. Até ligou para Genevieve, na frente dela, e arranjou tudo, inclusive mandar Malcolm apanhá-la e levá-la ao consultório do médico naquela tarde. Belo sujeito, hã? Então, depois de fazerem amor, ele falou que precisava sair porque tinha de dar um telefonema para o estúdio. E simplesmente a abandonou... Tive de me sentar. Ele sentou-se a meu lado, sem afastar seus olhos dos meus.

— Foi para mim o telefonema que Louis fez. Pediu-me para ir até lá e ficar com ela até que Malcolm chegasse. Falou que aquele encontro tinha sido a "transa de misericórdia" para acalmá-la para o que viria e para impedi-la de abordar você. Claro, na hora em que cheguei lá, ela estava histérica. Ameaçava cometer suicídio. Então telefonei para Louis. Ele estava com Randy e se recusou a falar com ela. Apenas disse para mim que, se eu não cumprisse com o combinado, jamais permitiria que ela o visse outra vez. — Mick fez uma pausa. — Acho que foi quando você me viu abraçando-a.

Fiquei calada por um momento. Então murmurei a pergunta que eu precisava fazer: — Mick, alguma vez transou com ela, junto com Louis? Seu horror me fez recuar.

— Lógico que não! Meu Deus, Hannah! Foi... foi o Randy! — Calou-se, meneando a cabeça, incrédulo. — Foi nisso que você pensou?

— Eu não sabia o que pensar! Principalmente depois que vi vocês dois abraçados... Mick avançou para mim e me puxou para dentro de seus braços.

— Não me recordo de ser qualquer coisa como isto... Segurando-me como se jamais fosse me deixar ir embora, ele me beijou.

Não. Eu agora sabia que nada fora como aquilo... Quando ele finalmente se afastou, voltou-se para me fitar.

— Olhe, Hannah, você e eu sabemos que só nos filmes alguém como Louis tem bom senso e fica com a garota. Droga, sei disso porque escrevi muitas dessas cenas. E isto aqui não é nenhum filme. É a vida real. É a sua vida. — Levantou-se, puxando-me junto com ele. — Esse tipo de sujeito não merece você. Eu mereço você. E, acredite ou não, Hannah, você me merece também.

Bem, claro que eu merecia Mick. Toda garota merece um Mick.

E uma noite no deserto, fazendo amor e olhando as estrelas.

Quando acordei, de manhã, ele já estava desperto, simplesmente a me fitar, com um sorriso no rosto.

Não era em nada parecido com o jeito predatório e calculista com que Louis me observara no dia em que nos conhecemos.

Muito objetivamente, Mick me perguntou: — Quer casar comigo?

Respondi:

— Talvez.

— Tomarei isso como um sim... Ah, a propósito, você tem mesmo um vestido para o Oscar de hoje à noite, certo?

Fizemos amor novamente.

Posso lhe dizer em primeira mão que é ótimo estar com alguém quando esse alguém conquista seu prêmio da Academia.

É também ótimo quando o cara que você ama ergue esse prêmio e agradece a você — sua noiva — por surgir em sua vida... mesmo que você não estivesse usando sapatos na ocasião.

E, acredite ou não, Mick agradeceu a Louis também, por ser, como colocou, "o único ator vivo que poderia corporificar nosso herói". Considerando o fato de que Louis protagonizara o papel de um verdadeiro bastardo, tive de concordar com ele.

Louis, que (contente, tenho certeza) caminhou pelo tapete vermelho sozinho — já que Tatiana estava em alguma passarela em Roma —, não mexeu um músculo diante do reconhecimento de Mick, mas acho que ficou lisonjeado. Por outro lado, ele não entenderia a piada.

É também maravilhoso quando o homem de sua vida partilha algo que você nunca soube a respeito dele —, e conseqüentemente, nunca soube acerca de si mesma. Por exemplo, em meu caso, eu nunca soube que Mick tinha escrito roteiro originalmente com Leo em mente, quando viera pela primeira vez a Hollywood, uns doze anos antes. Mas Leo descartara o papel!

Depois de ouvir isso, compreendi de repente que, a despeito de todo o meu amor e adoração por ele, Leo nunca fora perfeito.

Não fora um pai perfeito e, aparentemente, tomara algumas decisões de negócios pouco inteligentes também. E sabe de uma coisa? Foi do jeito como tinha de ser. Nada que eu pudesse fazer mudaria Leo: seus defeitos tinham sido os seus próprios, e, a despeito deles, eu não deveria sentir vergonha alguma por amá-lo — simplesmente do jeito que Mick me amava, com defeitos e tudo.

De Mick, eu finalmente obtive o que eu sempre quis. Aprovação. Confiança. Lealdade. E

Absolvição.

A essas alturas do campeonato, você deve estar imaginando: Louis ganhou seu Oscar?

Não. Foi para Adrian outra vez.

Senhoras, façam biquinho.

Pobre Louis. Estava aturdido, mas era um verdadeiro profissional e manteve um sorriso no rosto.

Acredite se quiser, senti pena dele. Queria lhe dizer para não se preocupar, que ele tinha talento para chegar lá outra vez, algum dia.

Se optasse por se concentrar em sua arte em vez de em sua libido.

Se não, bem, caso Leo tenha me ensinado alguma coisa, é que você tem de viver — e morrer — com as escolhas que fez em vida.

Puxa! Pense só: se Leo tivesse concordado em fazer o papel que Mick escrevera para ele, eu poderia ter conhecido Mick muito antes em minha vida! Ora, como teria sido isso?

Não que importe. De um jeito ou de outro, estávamos destinados a ficar juntos.

Suponho que você poderia dizer que estava escrito nas estrelas.

Fim